

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY
RIBEIRO (UENF)
PROGRAMA E PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
(PPGSP)**

GUSTAVO CLAYTON ALVES SANTANA

**A SOCIOLOGIA DA FAVELA NO RIO DE JANEIRO: CÍRCULOS
E CONFIGURAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DE LICIA DO PRADO
VALLADARES**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
SETEMBRO DE 2019**

GUSTAVO CLAYTON ALVES SANTANA

**A Sociologia da favela no Rio de Janeiro: círculos e configurações
sociais a partir de Licia do Prado Valladares**

**Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em
Sociologia Política do Centro de
Ciências do Homem da
Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro,
como requisito final para
obtenção do título de Doutor em
Sociologia Política
Orientadora: Wania Amélia
Belchior Mesquita
Coorientadora: Juliana Blasi
Cunha**

CAMPOS DOS GOYTACAZES

SETEMBRO DE 2019

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pelo autor.

S232

Santana, Gustavo Clayton Alves.

A SOCIOLOGIA DA FAVELA NO RIO DE JANEIRO : CÍRCULOS E CONFIGURAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DE LÍCIA DO PRADO VALLADARES / Gustavo Clayton Alves Santana. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2019.

203 f.

Bibliografia: 174 - 183.

Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2019.
Orientadora: Wania Amelia Belchior Mesquita.

1. sociologia da favela. 2. favelas do Rio de Janeiro. 3. Rio de Janeiro. 4. Licia do Prado Valladares. 5. círculos sociais. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD - 320

GUSTAVO CLAYTON ALVES SANTANA

**A Sociologia da favela no Rio de Janeiro: círculos e configurações
sociais a partir de Licia do Prado Valladares**

**Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Sociologia
Política do Centro de Ciências do
Homem da Universidade Estadual
do Norte Fluminense Darcy Ribeiro,
como requisito final para obtenção
do título de Doutor em Sociologia
Política**

**Orientadora: Wania Amélia Belchior
Mesquita
Co-orientadora: Juliana Blasi Cunha**

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

SETEMBRO DE 2019

A SOCIOLOGIA DA FAVELA NO RIO DE JANEIRO: CÍRCULOS E CONFIGURAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DE LICIA DO PRADO VALLADARES

GUSTAVO CLAYTON ALVES SANTANA

Tese apresentada ao Centro de Ciências do Homem da
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro,
como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em
Sociologia Política.

Aprovada: 13/09/2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Adélia Maria Miglievich Ribeiro (Sociologia – UFES)
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Prof^a. Dr^a. Luciane Soares da Silva (Sociologia Política – UENF) Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

Prof. Dr. Marcelo Tadeu Baumann Burgos (Ciências Sociais – PUC/RJ) Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello (Antropologia – UFF) Universidade Federal
Fluminense

Prof^a. Dr^a. Juliana Blasi Cunha (Sociologia Política – UENF) Universidade Estadual
do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF (Coorientadora)

Prof^a. Dr^a. Wania Amélia Belchior Mesquita Sociologia Política – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF (Orientadora)

Para dona Bazinha, minha árvore.

AGRADECIMENTOS

Em agosto de 1986, com um filho de quatro anos e uma recém nascida de três meses minha mãe, Sebastiana Alves de Santana, embarcou em um ônibus a caminho do Rio de Janeiro para reencontrar meu pai que já estava na cidade trabalhando e preparando a ida da família. Iniciava ali, sem saber, um caminho difícil, cheio de percalços. Caminho que trilhou com uma dedicação ímpar que as mães nordestinas tanto têm, dando aos seus três filhos: minhas irmãs Gisele e Jeovana (nascida no Rio) e eu tudo o que tinha de melhor em si, todos os dias em que viveu. Dezoito dias depois da defesa desta tese ela se foi e nós, que ficamos aqui, esperamos poder sempre honrar sua história. Obrigado por ser nossa árvore, Dona Bazinha.

Agradeço de igual modo ao meu pai, Severino Vicente Santana, parceiro de minha mãe nesta jornada de estabelecer uma família, lutador incansável pela segurança e sustento de todos nós.

Às minhas irmãs Gisele e Jeovana, meus sobrinhos Marina, Lucas e Felipe agradeço por toda motivação de seguir que suas existências me trazem.

Um obrigado do tamanho do mundo aos meus cinco irmãos nascidos em outras famílias, que hoje são parte da minha, Marcos Affonso, Daniel Fernandes, Renata Salles, Rodrigo Mondego e Igor Aragão. Vocês que me aturam e dão cerveja são a inspiração, proteção, tranquilidade e alegrias que gosto de ter por perto.

Obrigado à Luciana Ribas, interlocutora de novos desejos de pesquisa, inspiração e sempre a pessoa dos rolês certos em São Paulo.

Nessa trajetória de acessos que os estudos me proporcionaram não posso deixar de agradecer aos professores e professoras das escolas públicas onde estudei a vida inteira, Maria Inês Cresci, Margareth, Helena, Perolina, Miro e Marcelo Miragaya. Pessoas que me mostraram que havia um outro mundo e que eu poderia alcançá-lo.

À Rita Cachado e Graça Índias Cordeiro agradeço pela recepção e interlocução durante o período sanduiche do doutorado no Instituto Universitário de Lisboa - Iscte.

Aos professores membros da banca de avaliação: Marcelo Tadeu Baumann Burgos e Marco Antonio da Silva Mello, agradeço pela leitura e contribuições dadas ao texto.

À professora Adélia Maria Miglievich Ribeiro sempre serei grato pela maneira gentil com a qual ofereceu suas valiosas arguições e contribuições desde a qualificação, apontamentos que deram um rumo seguro para a escrita do texto final.

Sou grato à Luciane Soares da Silva, quem primeiro me acolheu no Programa de Pós-Graduação e Sociologia Política, que não apenas foi minha professora durante as disciplinas do doutorado, mas se tornou uma interlocutora atenta desde as primeiras ideias de pesquisa. Que possamos continuar combatendo juntos na sociologia e na sociedade. Obrigado, Luciane.

Agradeço à professora Licia Valladares que desde o primeiro contato esteve disponível não apenas para contar um pouco de sua trajetória profissional, mas também ofertando sua colaboração com dicas de leituras e “salvamentos” bibliográficos.

À Juliana Blasi Cunha, coorientadora desta tese, agradeço por sua leitura fina, apontamentos diretos e cordialidade que foram cruciais para a finalização do texto. Me sinto honrado de ter sido seu primeiro orientando, Juliana.

Agradeço à Wania Mesquita, orientadora, docente incansável, sempre solícita, acolhedora, com quem ao longo destes anos aprendi não apenas como escrever uma tese, mas sobre a importância de nós negros e negras vindos das periferias darmos nosso melhor e ocuparmos os espaços da universidade pública brasileira.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Blackbird singing in the dead of night
Take these broken wings and learn to fly.
All your life
You were only waiting for this moment to
arise”

Blackbird – Lennon e McCartney, 1968.

RESUMO

SANTANA, Gustavo Clayton Alves. **A SOCIOLOGIA DA FAVELA NO RIO DE JANEIRO: CÍRCULOS E CONFIGURAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DE LÍCIA DO PRADO VALLADARES**. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes – RJ, 2019.

Esta tese se propõe a analisar como, dentro de círculos sociais (acadêmicos de estudos urbanos do Rio de Janeiro) formados por um grupo de pesquisadores pioneiros, configurou-se uma agenda de estudos e pesquisas sobre as favelas da cidade do Rio de Janeiro. Esta área de estudos e pesquisas começou no início da década de 1960 e perdura até hoje, sendo reconhecida como “sociologia da favela”. O caminho escolhido foi de se contrapor à perspectiva dualista de fazer sociologia, separando os indivíduos da sociedade. Por isto, percebe-se aqui que a agenda de estudos e pesquisas sobre as favelas é multifacetária. Como disciplina, a sociologia da favela do Rio de Janeiro vem sendo definida conforme se apresentam determinados interesses de entendimento das realidades dos territórios. As pesquisas produzidas a partir das favelas, enquanto ambientes geográfico e político de moradia, relacionam diversos objetos empíricos (habitação, pobreza, modo de vida, cultura, empregabilidade). Observados em conjunto, demonstram ser um retrato da área de estudos e pesquisas.

Dentre todos os pesquisadores do tema das favelas do Rio de Janeiro, Licia do Prado Valladares, reconhecida como a pesquisadora com mais completo conhecimento sociológico das favelas tem sido uma das pessoas mais presente nos vários círculos sociais que configuram esta área de estudos e pesquisas.

Licia Valladares, em conjunto com seus interlocutores dos anos iniciais das pesquisas sobre favelas, são exemplos de pessoas que ocuparam, e ainda ocupam, lugares concretamente importantes na rede institucional, no arranjo dos grupos e, até mesmo na escolha sobre as parcerias científicas que serão geradas. Esta autoridade refletiu na repercussão e recepção das obras e proposições sobre as favelas por ela apresentadas. Leitura obrigatória, sua produção teórica e seus engajamentos profissionais, como parte do processo histórico das transformações às quais a categoria vem passando, influem na configuração do fazer sociológico relacionado à temática.

A análise conceitual sobre a vida profissional de Licia Valladares, antes de se pautar apenas por ela individualmente isolada, para não cair na ilusão biográfica, meramente retrospectiva finalista, atribuidora de causalidades, que poderiam não corresponder ao percurso real dela como sujeito social; considerou quais as expectativas normativas e os comportamentos implícitos nos círculos sociais dos quais participou e participa (pessoais, profissionais, teóricos). Em vista disso, a análise dos círculos sociais e das configurações nas quais Licia Valladares vem se entrelaçando priorizou o reconhecimento da integração dela como indivíduo nas diversas redes sociais, as relações pessoa-pessoa que estabeleceu com vários interlocutores, em diferentes contextos relacionais de seu percurso de vida/atuação profissional, para destacar referências chave que seu empenho intelectual, no interior dessas redes, trouxe à área de estudos e pesquisas.

Palavras-chave: sociologia da favela; favelas do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro; Licia do Prado Valladares; círculos sociais.

ABSTRACT

SANTANA, Gustavo Clayton Alves. **THE SOCIOLOGY OF THE FAVELA (SLUM) IN RIO DE JANEIRO: CIRCLES AND SOCIAL CONFIGURATIONS FROM LICIA DO PRADO VALLADARES**. Tesis (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes – RJ, 2019.

This thesis proposes to analyze how within the social circles (academic, urban studies from Rio de Janeiro) formed by a group of pioneering researchers, an agenda of studies and research on the favelas of the city of Rio de Janeiro was set up. This field of studies and researches has began in the 1960s and lasts until today, being recognized today as "favela's sociology". The path chosen was one of opposition to the dualistic perspective of doing sociology that separates individuals from society. For this reason, it can be seen here that the agenda of studies and research on the Rio's favelas is multifaceted. As a discipline, the sociology of the favela has been defined as certain interests of understanding the realities of the territories are presented. The researches produced from the Rio's favelas, as a geographical and political environment for housing, relate several empirical objects (housing, poverty, way of life, culture, employability). Taken together, they prove to be a portrait of the area of studies and research.

Licia do Prado Valladares, the researcher with the most complete sociological knowledge of the favelas in Rio de Janeiro, has been one of the people most present in the various social circles that make up this area of study and research. Licia Valladares, together with her interlocutors from the early years of research on favelas, are examples of people who have occupied, and still occupy, concretely important places in the institutional network, in the arrangement of groups and even in the choice of scientific partnerships that will be generated. This authority reflected on the repercussion and reception of the works and proposals on the favelas presented by it. Mandatory reading, her theoretical production and her professional engagements, as part of the historical process of transformations that the category has been going through, influence the configuration of sociological making related to the theme.

The conceptual analysis about the professional life of Licia Valladares, before being guided only by her individually isolated, in order not to fall into the biographical illusion, merely retrospective finalist, attribute of causalities, which might not correspond to the real path of her as a social subject, considered what the normative expectations and behaviors implicit in social circles in which she participated and participates (personal, professional, theoretical). In view of this, the analysis of social circles and configurations in which Licia Valladares has been intertwining prioritized the recognition of the integration of her as an individual in the various social networks, the person-person relationships she established with various interlocutors, in different relational contexts of her life course/professional action, to highlight key references that her intellectual commitment, within these networks, brought to the area of studies and research.

Keywords: favela's sociology; favelas of Rio de Janeiro; Rio de Janeiro; Licia do Prado Valladares; social circles.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
BEMDOC	Brasil Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade
BIB	Boletim Informativo e Bibliográfico das Ciências Sociais
BNH	Banco Nacional de Habitação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENPHA	Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais
CENPHA	Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais
CERIS	Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
CLAPCS	Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
CODESCO	Companhia de Desenvolvimento de Comunidades
COFECUB	<i>Comité Français d'Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil</i>
COHAB	Cooperativa de Habitação do Estado da Guanabara
DOC	Desenvolvimento e Organização de Comunidade
EAU	Escola da Arquitetura e Urbanismo
ELPS	Escola Livre de Sociologia e Política
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FNFi	Faculdade Nacional de Filosofia
IESAE	Instituto de Estudos Avançados em Educação
IESP	Instituto de Estudos Sociais e Políticos
IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
LEMETRO	Laboratório de Etnografia Metropolitana
PC	Partido Comunista
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional
PPGSP	Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
PUC/RJ	
SAGMACS	Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais
SERFHA	Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

Introdução	15
1. Configuração do pensamento social-urbanístico na cidade do Rio de Janeiro - a favela como problema (1900 a 1960)	31
1.1.O Favella, as favelas - Um mito de origem	32
1.2.O mito social-urbanístico da favela na imprensa carioca.....	36
1.3. A batalha de Mattos Pimenta contra as favelas e os reflexos nas propostas urbanísticas do plano de Alfred Agache.....	42
1.4 O pensamento social-urbanístico entre os anos 1930 a 1950 - a favela “de facto, mas não de jure”	46
1.5. A batalha do Rio de Janeiro - A política urbana proposta por Carlos Lacerda (a favor?) contra as favelas.....	50
1.6. Conclusão do capítulo.....	52
2. Uma ruptura epistemológica? Personagens e tramas no início da sociologia da favela do Rio de Janeiro (1960 - 1979)	55
2.1. Sobre a retomada dos personagens e obras.....	59
2.2. Pe. Lebrete e a SAGMACS.....	64
2.2.1. SAGMACS no RJ - Aspectos humanos da favela	70
2.3. José Arthur Rios	77
2.4. Carlos Alberto de Medina - a demagogia na favela	82
2.5. Anthony Leeds - a sociologia do Brasil urbano.....	85
2.5.1. Os Peace Corps, de voluntários a assistentes de pesquisa	87
2.5.2. Experiências de trabalho de Anthony Leeds no Brasil.....	91
2.5.3. Contribuições de Leeds para a sociologia da favela carioca.....	93
2.6. Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) e Revista América Latina.....	94
2.7. Luiz Antonio Machado da Silva.....	99

2.8. Carlos Nelson Ferreira dos Santos e o grupo Quadra	106
2.8.1. Brás de Pina - experiência aplicada	109
2.9. Conclusão do capítulo	113
3. Licia do Prado Valladares - círculos pioneiros, tramas e obras: a constituição de uma pesquisadora	118
3.1. Primeiros círculos sociais	120
3.2. Início da carreira como pesquisadora e as lições da Rocinha	128
3.3. Primeira experiência internacional	140
3.4. Primeiras experiências de trabalho	144
3.5. UrbanData - Sistematizando a pesquisa urbana no Brasil	144
3.6. Convênio Capes-Cofecub e Experiência internacional	150
3.7. O caminho de uma agenda de pesquisa	152
3.7.1. Passa-se uma casa	153
3.7.2. A Invenção da favela: do mito de origem à favela.com	156
3.8. Sobre a influência da Escola de Chicago	165
Considerações finais	169
Referências	174
APÊNDICE A - Entrevista com Licia Valladares	184
APÊNDICE B - Publicações de Licia do Prado Valladares	195
ANEXO A - Documento em defesa dos Direitos Humanos no Brasil elaborado por Licia Valladares e Pietro Ferrua	202
ANEXO B - Fragmento da carta entregue a Licia Valladares por Auriete, uma de suas principais interlocutoras na Rocinha e amiga por mais de vinte anos. Lida por Licia em abril de 2016, durante o seminário no PPGSP/UENF.	203

Introdução

Surgidas da necessidade de moradia das camadas populares urbanas, após cem anos de seu aparecimento, as favelas da cidade do Rio de Janeiro continuam ocupando lugar constante em debates e estudos (acadêmicos ou não). Tal fato evidencia a existência de uma área de pesquisa consolidada a seu respeito, que conta com contribuições acadêmicas, além de projetos de intervenção produzidos por agentes governamentais.

Ao longo do tempo, o interesse pelas favelas cariocas vem tornando estes lugares como um arquétipo do que seriam ou deveriam ser o modo de moradia e sociabilidade de grande parte dos pobres da cidade, onde poderiam ser encontrados, de maneira quase que inconteste, toda a sorte de adversidades, violências e também de manifestações culturais tidas como exóticas.

Para além do Rio de Janeiro, sabemos que as classes populares de outras cidades encontraram, a seu modo, soluções para a escassez de moradias nos diferentes processos de urbanização dos grandes centros brasileiros. Desde o início do século XX temos relatos do surgimento de ocupações semelhantes, todas com a marca do desenvolvimento urbano desigual e repentino vivido nas grandes cidades do país, mas chamadas por outros nomes: em Recife, de mocambos, em Salvador, de alagados, em Belém, de baixadas e em Belo Horizonte, de cafuas. (VALLADARES, 1991).

O que diferencia as favelas do Rio de Janeiro e faz com que seja a partir delas que se estabeleça toda uma área de estudos e pesquisas é que estas surgem e se estabelecem vertiginosamente em consonância com a expansão da cidade do centro para as periferias e áreas da zona sul. E nesse trajeto histórico-geográfico-político carregam consigo as distinções de raça e classe tão presentes na sociabilidade carioca. (ABREU, 1994; 2008).

No Rio de Janeiro, a crise habitacional vivida no século XIX, as seguidas crises políticas, a conjuntura econômica e o arrasamento dos cortiços da região central, acentuaram as questões relacionadas à ocupação do solo urbano. Sabemos que junto à especialização funcional da cidade, na origem da favela estão presentes as mesmas ações da exclusão sócio-espacial que determinaram a associação direta da pobreza de seus moradores com a delinquência e doenças.

Mas como um fenômeno de moradia, inicialmente, de parte dos pobres da cidade do Rio de Janeiro se tornou, primeiro um assunto discutido no senso comum da sociedade carioca, para, posteriormente, configurar como tema mobilizador do debate urbanístico da cidade?

Um tema, diz Bakhtin (2009), e sua forma de enunciação, são a junção de todas as palavras que as pessoas mobilizam para a constituição de sua fala na sociedade. Da maneira como é feita esta construção o tema possui não apenas uma significação no sentido objetivo de seu conteúdo, mas principalmente, um acento de valor ou apreciativo.

O tema se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que dá origem à enunciação. A natureza da enunciação, por sua vez, é social, produzida através da interação, logo, socialmente organizada entre os indivíduos. O tema, assentado no contexto sócio-histórico-ideológico das sociedades é, diz o autor, “tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence [...] O tema é um sistema de signos dinâmicos e complexos, que procura adaptar-se às condições de um dado momento da evolução”. (BAKHTIN, 2009, p. 134).

No nosso caso, as discussões acerca das favelas do Rio alocam-se, exatamente, na zona fronteira entre o rigor exigido pela objetividade da investigação científica e a riqueza das interações subjetivas evidenciadas pela enunciação da palavra favela no imaginário carioca.

A observação do processo político-social de elaboração de sentidos sobre as favelas, bem como das transformações sociais e políticas, que marcaram a relação da cidade com estes locais desde seu surgimento, serão o ponto de partida da análise apresentada.

Acredito que, as transformações da palavra favela em nome próprio do local de moradia de parte dos pobres do Rio traz todas as implicações que as tornaram, no primeiro período de seu aparecimento, em “problema” da cidade, modulador do pensamento urbanístico dos primeiros anos, repleto de estigmas contra os moradores.

De início, uma ressalva importante a ser feita é em relação aos termos abandonados e aos utilizados nesta tese para fazer referência às favelas do Rio de Janeiro. Aqui as favelas não serão chamadas de *comunidades*, mas sim de *localidades* ou *territórios*.

Anthony Leeds (1978) foi um dos primeiros pesquisadores a chamar atenção para os equívocos de utilizar aleatoriamente o termo comunidade para se referir aos locais de moradia das classes populares.

Segundo o autor, a incorporação automática de um termo difundido pela antropologia em seus estudos sobre entidades socioculturais muito específicas como eram as tribos, para descrever sociedades complexas, atrapalharia o entendimento das dinâmicas encontradas.

Esta simples transferência do termo, contaminou, segundo Leeds os “estudos de comunidades” gerando “grandes falácias” quando estas foram consideradas, pela maioria das definições e usos comuns, como uma espécie de microcosmo – presente internamente a um macrocosmo considerado uma sociedade total – através do qual a observação poderia explicar a totalidade. (Leeds, 1978).

A solução proposta por Anthony Leeds para não homogeneizar as identidades locais é, ao invés de usarmos o termo *comunidade* para tratar dos espaços territoriais de moradia das classes populares, chamarmos estes espaços de *localidades*, diante das confusões que podem ser geradas pelo primeiro termo. Para ele, a identificação do lugar de residência dos sujeitos não pode ser considerada como exemplificação de qualquer pertença identitária ao meio ou mesmo homogeneização.

A partir disto, aciono aqui a proposta de pensar as favelas reconhecendo suas complexidades, diversidades e conflitos como componentes efetivos da história da cidade. Este exercício não é inovador e já vem sendo feito pelos pioneiros da área de estudos e pesquisa sobre favelas, SAGMACS (1960); Machado da Silva (1967, 2002); Parisse (1969); Leeds (1969); Leeds e Leeds (1979); Valladares (1969, 2005); dentre tantos, e mais recentemente por “doutores da favela”¹ como Barbosa e Souza e Silva (2013).

Como *território usado* pelas camadas populares urbanas, as favelas condicionam a complexa trama de relações existentes entre o lugar geograficamente identificável e “os sujeitos sociais em suas práticas de construção do mundo da vida, do território como morada dos afetos, dos trajetos, dos saberes, (...) dos fazeres de homens e de mulheres concreto(a)s.” (BARBOSA e SOUZA E SILVA, 2013, p. 118).

¹Diferentemente dos “doutores *em* favelas”, membros da classe média, moradores do “asfalto” que decidem por estudar as favelas, se tornando alguns meros reprodutores e outros importantes questionadores de dogmas e estigmas contra os territórios. Os “doutores *da* favela” são aquelas e aqueles oriundos das favelas que conseguiram romper a bolha da exclusão ao entrar no ambiente universitário e começar a contar eles próprios as histórias de seus locais de origem. (SOUZA E SILVA, 1999); (VALLADARES, 2005); (IGNÁCIO, 2011).

Importa, portanto, a produção de sentidos que as relações estabelecidas dentro e a partir das favelas mobiliza na interação destes territórios com o conjunto da cidade. Operativamente atribuir este papel às relações sociais significa evitar, tanto o individualismo metodológico, quanto qualquer procedimento analítico em que componentes sejam tomados isoladamente.

Perceber os indivíduos postos em relação, não como unidades estáticas influenciadas por estruturas superiores ajuda a avançar para além das dualidades indivíduo – sociedade; agência – estrutura. Afinal, seja qual for a análise que se faça da vida social, ela deve partir da compreensão dos relacionamentos mais simples estabelecidos entre os indivíduos (SIMMEL, 1986).

Como objeto da realidade urbana carioca, as favelas possuem uma validade política e social inquestionável, assim como também é inquestionável a contribuição que toda a produção de conhecimento a seu respeito tem trazido para a compreensão dos modos de vida da sociedade do Rio de Janeiro.

Historicamente, no momento de seu surgimento na paisagem da cidade, a representação social das favelas foi construída por membros da elite local ao propagar a narrativa que apresenta estes territórios como uma antítese do ideal europeizado e asséptico de cidade.

Até o final do século XIX a favela não existia como uma questão concreta a respeito da qual as elites da cidade elaborassem qualquer avaliação. Não há referência a elas nos documentos governamentais. Nos jornais são encontradas poucas menções até o início do século XX e, quando aparecem, são quase sempre nas colunas policiais.

Licia Valladares, ao analisar as transformações na compreensão da pobreza urbana no Brasil (1991) e a produção sobre as favelas anterior à entrada das ciências sociais nos debates (2000), demonstra que esses territórios, apesar de serem, desde seu surgimento, espaços importantes na cidade, ocupavam lugar secundário nos textos legais.

É assim que, na primeira metade do século XX, até por volta dos anos 1960: “manuseada pelos interpretes oficiais da época, a categoria favela serve muito bem para afirmar um ideal de cidade (excludente), que deixa de fora um amplo segmento da população urbana, boa parte dela oriunda de famílias de escravos”. (BURGOS, 2009, p. 52).

Algumas das análises iniciais sobre as favelas cariocas, ao associar os territórios com questões como a pobreza, a atuação política, religiosa e cultural para tentar interpretar momentos específicos de sua história ou muitas vezes prever cenários futuros tendencialmente acabaram por enfatizar estruturas e processos que descaracterizam as sociabilidades locais.

Racismo, segregação e controle atrelados ao higienismo procuravam relacionar as camadas pobres da população e seus locais de moradia a grupos socialmente perigosos, apontando que sua condição social reforçaria fatores naturais de contaminação e foram as ferramentas usadas para tecer a trama histórico-política das favelas na metrópole carioca do início do século XX.

O pensamento social urbanístico sobre as favelas, do início do século XX até o final da década de 1950 daquele século, foi impregnado pelos estigmas que as elites cariocas acionavam a respeito dos territórios. Por conta disto, as propostas de ação do poder público para com as favelas tiveram, todas elas, durante estes anos iniciais, o interesse de destruir as sociabilidades locais, seja com a erradicação, seja com as remoções, sempre com violência.

Durante este período até a chegada das ciências sociais no debate, não se elabora sobre a favela como única opção de moradia de uma parcela significativa da população pobre da cidade, mas sobre a favela como “livres acampamentos da miséria”, “centros preferidos do vício e do crime”, “lepra da *esthetica*”, e tantas outras adjetivações desumanizantes.

Do final do século XIX até hoje, essas distinções se firmaram pela homogeneização dos moradores e dos territórios favelados como se ambos tivessem dois destinos comuns, o da ausência – de cidadania, de educação, capital cultural, qualificação profissional, cuidados com a higiene, moral – e o da privação – de serviços públicos, infraestrutura, arruamento, arquitetura, segurança.

Lá atrás havia uma intensa necessidade de entender a reordenação dos pobres no espaço urbano, “na origem desse conhecimento impunha-se uma finalidade prática: conhecer para denunciar e intervir, conhecer para propor soluções, para melhor administrar e gerir a pobreza e seus personagens”. (VALLADARES, 2000, p. 7).

A transformação de uma palavra (favela) em tema de pesquisa e sua posterior consolidação como disciplina não se deram somente como consequência dos interesses do saber acadêmico, mas no vaivém dinâmico das relações intelectuais e

personais praticadas entre si, por jovens pesquisadores da nascente sociologia dos anos 1960, com sujeitos de fora do ambiente acadêmico, possuidores de um saber empírico.

Ocorre, portanto, de 1960 em diante, um “corte epistemológico”, na medida em que o tema passa a ser pensado com o aporte teórico-metodológico das ciências sociais.

Uma lista variada de assuntos empíricos, desde então estudados, passaram a ser postos em interseção com as dinâmicas vivenciadas conjuntamente pela sociedade carioca. Exemplos disso são os estudos sobre tudo que pudesse ser relacionado à pobreza/marginalidade dos favelados nos anos 1960 e a ênfase dada à habitação e às remoções nos anos 1970. (VALLADARES e FIGUEIREDO, 1981).

É o momento da “favela das ciências sociais”, marcado pelo “reconhecimento da favela como um tema que as ciências sociais devem estudar”, por interesses de conceitualização do objeto de pesquisa através das teorizações sobre a pobreza urbana e do debate público sobre moradia e, também, pela “consolidação e generalização de dogmas, resultantes especialmente de estudos e conclusões de pesquisas universitárias”. (VALLADARES, 2005, p. 119).

Em âmbito geral começa a haver o desenvolvimento dos estudos e pós-graduação na universidade brasileira, até que, na década de 1970, a produção sociológica sobre as favelas torna-se parte de uma agenda científica que estimula, as pesquisas a respeito da pobreza urbana e demais temas relacionados.

Como um tema bastante explorado nas ciências sociais do Rio de Janeiro a produção acadêmica sobre as favelas influenciou um intenso diálogo entre as várias áreas das ciências sociais, legitimando assim, o surgimento de questões derivadas que organizam, desde então, uma agenda de estudos e pesquisa, a “sociologia da favela do Rio de Janeiro”. (VALLADARES, 2005).

Como disciplina, a sociologia da favela do Rio de Janeiro vem sendo definida conforme se apresentam determinados interesses de entendimento das realidades dos territórios.

Surgida junto com a história sociopolítica das favelas, esta agenda de estudos e pesquisas é histórica, atravessada pelas mesmas modificações que seu tema de interesse vem enfrentando ao longo dos anos. Absorve em seu interior um domínio específico sobre os objetos de análise (as diversas sociabilidades) verificados dentro das favelas e apresenta diversas proposições.

A esta agenda de estudos e pesquisa cada vez mais investigadores têm se associado e passado a elaborar seus trabalhos, sustentados nas configurações sociais produzidas em rede pelos primeiros pesquisadores².

A incorporação de novos métodos e teorias, por sua vez, mobiliza alianças ou embates entre os indivíduos. Assim, a dinâmica desta agenda de estudos e pesquisas faz com que ela seja construída e reconstruída constantemente por diálogos e oposições interdisciplinares. O que vemos é uma densa e complexa rede humana criada pelos primeiros pesquisadores. Suas práticas de pesquisa, escolhas teóricas e, principalmente, as obras realizadas são, certamente, peças inseparáveis da constituição da agenda de estudos sobre as favelas.

As instituições nas quais estiveram inseridos formam, por sua vez, um outro círculo/rede institucional (universidades, institutos de pesquisa, grupos de pesquisa, editorias de livros e revistas científicas e tantas outras formas de parcerias e associações) que contêm e estão contidas pelos pesquisadores, moldando um sistema que articuladamente foi definindo o lugar de cada um.

Sendo assim, a constituição dos significados da categoria "favela", ao serem partilhados por um conjunto de pesquisadores que se formou desde os anos de 1960, consolidou uma área de estudos e pesquisas na sociologia urbana do Rio de Janeiro.

Para fazer a análise da constituição do tema favela como área de estudos da sociologia carioca, esta tese começa pela busca de indícios da favela como assunto presente no pensamento do senso comum e no pensamento urbanístico exposto por sujeitos "autorizados", no mesmo momento em que as favelas surgem na paisagem do Rio de Janeiro.

Considerando o vasto tempo em que o tema das favelas foi atravessado por estigmas difundidos por interpretes de fora das ciências sociais, pode-se supor o quanto isto influenciou nas imagens preconceituosas que se fixaram no senso comum, combatidas pelos primeiros pesquisadores.

As pesquisas produzidas a partir das favelas relacionam diversas temáticas: habitação, pobreza, modo de vida, cultura, empregabilidade. Observados em conjunto, demonstram ser um retrato da área de estudos e pesquisas sobre favelas, que passou a se consolidar após a publicação da pesquisa "Aspectos Humanos da

² Ao redigir o livro "A Invenção da Favela", Licia Valladares identificou a existência de 838 textos sobre as favelas do Rio de Janeiro, catalogados na base de dados do Urbandata-Brasil, produzidos de 1900 até 2002. Cf. VALLADARES, 2005, p. 136-137.

Favela Carioca”, no ano de 1960. (LEEDS e LEEDS, 1978), (VALLADARES, 2005; 2012), (MACHADO DA SILVA 2012),

Estabelecidos pelo trânsito de ideias e pelas possíveis escolhas dos pesquisadores dentro dos círculos sociais dos quais participaram, as pesquisas sobre favelas revelam as relações que o conhecimento acadêmico passou a ter com os territórios a partir da década de 1960.

Explorar os meandros da formação de uma área de estudos e pesquisas tão presente no cotidiano das pessoas de todas as classes sociais e grupos intelectuais da cidade do Rio de Janeiro, seria um exercício estéril se a atenção fosse depositada apenas na natureza estrutural do fenômeno, por meio da simples resenha de textos exemplares ou da historiografia esquemática das instituições e/ou pesquisadores dedicados ao tema.

Tendo tal pensamento como ponto de partida esta é uma tese sobre como dentro dos círculos sociais (acadêmicos, de estudos urbanos cariocas), vivenciados por um grupo de pesquisadores pioneiros, se configurou uma agenda de estudos e pesquisas sobre as favelas da cidade. O caminho escolhido foi da contraposição a qualquer jeito dualista de fazer sociologia que separe os indivíduos da sociedade.

As relações que firmam a agenda de estudos e pesquisas sobre as favelas se constituem de muitas faces. Há a favela espaço geográfico, situação habitacional de parcela significativa das classes populares urbanas, mas também a que se apresenta como tema de pesquisa mobilizador de interesses, tensões e disputas entre inúmeros pesquisadores que a ele se dedicam.

A exemplo de Elias (1993, 1994, 2000) que articula suas compreensões teóricas em estudos de caso concretos, opto por ver o conhecimento sobre as favelas cariocas como objeto sociológico inserido no interior de um processo sócio-histórico (relacional), diante do qual incidem figurações sociais.

Esta opção teórico-metodológica, a meu ver, ajudará a evidenciar “não apenas as formas, as feições adquiridas [pelo “objeto”], mas principalmente que existe um infundável processo tecido pelas ações individuais em conjunto”. (RIBEIRO, 2010, p. 106), além de me servir para apresentar uma conceituação ontológica, não substantiva das elaborações sobre o tema favela no interior do mundo social das pesquisas da sociologia urbana do Rio de Janeiro.

Espelhada nos conceitos de círculos sociais (SIMMEL, 2013) e figurações (ELIAS, 2008), esta abordagem relacional promoverá padrões de análise nos quais o

envolvimento de um indivíduo em uma ou poucas relações, os círculos sociais dos quais participa, bem como as figurações que os conformam serão descritos pelas relações, conexões, trocas, coesões (as vezes não muito claras) nas quais estão envolvidos.

Os indivíduos serão focalizados pelas suas interações, não como agentes singulares. Agência e estrutura serão postas de lado em benefício da análise do fluxo relacional entre os indivíduos. Importa conhecer como as figurações sociais, os círculos sociais, as redes que se constroem e são construídas, se atam e se desatam através das relações postas em curso pelos indivíduos participantes da área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro.

As transações vivenciadas entre os primeiros pesquisadores desta área de estudos e pesquisas e o espaço social favela, lhes possibilitou conduzir estudos empíricos sobre os processos sociais dos quais este fenômeno é composto. Contudo, seu trabalho inicial não esgotou o tema, ao contrário, graças à complexidade dos acontecimentos sociais, estimulou toda uma rede consolidada ao longo de quase sessenta anos de pesquisas da sociologia da favela do Rio de Janeiro (VALLADARES, 2011).

Em diferentes momentos históricos, os sucessivos interesses de pesquisa, contando com o envolvimento de instituições, rotinas e relacionamentos entre os pesquisadores, guardam uma estreita relação com o desenvolvimento da sociologia sobre as favelas do Rio de Janeiro, em termos de modalidades, práticas, gramáticas, alcances políticos da disciplina.

É certo que as ideias científicas são recebidas pela sociedade geral de muitas maneiras, conforme quem fale, esteja neste ou naquele lugar institucional ou simbólico no ambiente acadêmico.

Dentre todos os pesquisadores do tema favelas do Rio de Janeiro, Licia do Prado Valladares “talvez a pesquisadora com mais completo conhecimento sociológico das favelas” (SILVA, 2016, p. 7), tem sido, uma das pessoas mais presentes nos vários círculos sociais que configuram esta área de estudos e pesquisas.

Licia Valladares, junto com seus interlocutores dos anos iniciais das pesquisas sobre favelas, são exemplos de pessoas que ocuparam lugares concretamente importantes na rede institucional, no arranjo dos grupos e, até mesmo na escolha sobre as parcerias científicas que serão geradas. Esta autoridade refletiu na

repercussão e recepção de suas obras e proposições sobre as favelas por ela apresentadas.

Foi durante as pesquisas preliminares para identificar os círculos sociais (SIMMEL, 2013) e repertórios de estudos e pesquisas na área da sociologia dedicada às favelas cariocas, presentes nos estudos urbanos do Rio de Janeiro, que a autora surgiu como membro relevante deste grupo e se constituiu como um dos temas desta tese.

Ao acionar a história/trajetória profissional de Licia Valladares uma ressalva à questão de gênero no campo intelectual, ambiente ainda hoje predominantemente masculino e que era muito mais na época em que ela inicia sua carreira é importante de ser feita.

Notadamente, não se pode compreender o porquê da desvalorização do trabalho científico feminino deixando de levar em conta as diversas dinâmicas de socialização de gênero, presentes na sociedade geral, que acabam por serem repetidas no mundo universitário.

As mulheres sempre estiveram presentes nas ciências sociais do Brasil, embora tenham sua existência invisibilizada durante algum tempo. Foi o que constatou Miglievich-Ribeiro (2016) ao recontar as trajetórias de Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcelos, pioneiras na formação das ciências sociais do Rio de Janeiro.

Miglievich-Ribeiro (2016) relembra o quanto esta invisibilização do papel feminino é evidente na inexistência de teses sobre mulheres no campo científico brasileiro até o ano de 1990. Quando falavam de personagens femininas intelectualizadas presentes no “mundo dos homens”, os estudos encontrados por Miglievich-Ribeiro priorizavam basicamente a atuação destas mulheres nas artes e literatura.

A ocultação do papel das mulheres acaba por ser uma forma de reprodução das desigualdades de gênero presentes na sociedade para dentro do mundo das ciências sociais e impacta bastante a produção e propagação do conhecimento científico.

Cabe no momento atual das ciências sociais brasileiras construir interpretações sobre quem são estas mulheres que conseguiram fazer parte dos círculos intelectuais com as características possíveis para exercer autoridade administrativa em um campo específico de atividades.

Ao observar a trajetória pessoal e profissional de Licia vamos identificar suas “marcas de origem”, os atributos que lhe possibilitaram, a exemplo de Marina e Heloisa, exercer suas funções desde muito jovem em um ambiente ainda muito mais masculino como eram as ciências sociais.

Não apenas Licia Valladares aparecerá neste texto como figura feminina relevante para a formação e consolidação da área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro, outras tantas pesquisadoras terão seus nomes e contribuições lembradas, seja quando citadas como bibliografia usada no texto, ou por seus ex-alunos, como é o caso de Ana Judith de Carvalho responsável por introduzir Luiz Antonio Machado da Silva em sua primeira experiência dentro de uma favela.

Ao focalizar a trajetória de vida e profissional de Licia Valladares nesta tese pretendo contribuir para ampliar a visibilidade de tantas outras importantes pesquisadoras não corretamente nomeadas ao longo dos anos.

Evidentemente não se trata de “qualquer pessoa”, Licia é, por conta de sua origem familiar, lugar de classe e teia de relações (conforme veremos adiante), uma mulher com atributos sociológicos que lhe colocaram nos lugares a partir dos quais foram possíveis encontros pessoais privilegiados intelectual e profissionalmente.

Licia, como as pioneiras da formação das ciências sociais no Rio de Janeiro, Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcelos, é protagonista da área de estudos à qual está vinculada. É uma mulher presente hoje com certo “poder de mando” em um ambiente eminentemente masculino.

Leitura obrigatória, sua produção teórica e seus engajamentos profissionais, como parte do processo histórico das transformações às quais a categoria vem passando, influem na configuração do fazer sociológico relacionado à temática.

A pesquisadora não criou uma vertente teórica nova na sociologia urbana carioca, mas na medida em que seus estudos sistematizam, publicizam e identificam os atores envolvidos com o que vem sendo produzido a respeito da temática das favelas do Rio de Janeiro, Licia Valladares conseguiu ao longo de sua trajetória acadêmica contribuir para a rotinização desta área de estudos e pesquisas.

Ficou evidente que seria possível relacionar o percurso de Licia Valladares, seu profundo engajamento com os estudos do tema das favelas do Rio de Janeiro, com a formulação desta área de estudos e pesquisas desde sua experiência pioneira de trabalho de campo na favela da Rocinha, entre 1967-1968.

Quando indagada sobre seu percurso profissional³ Licia recupera a memória de fatos, encontros e personagens que foram ao longo dos anos moldando sua agenda de pesquisas. Sistematizar estes encontros, e as contribuições resultantes deles ajuda a perceber o quanto o caminho percorrido pelos indivíduos em sua trajetória profissional é composto pelo acontecimento de variados eventos, em grande parte imprevisíveis, mas agregados entre si.

A análise conceitual sobre a vida profissional de Licia Valladares, antes de se pautar apenas por ela individualmente isolada, para não cair na “ilusão biográfica”, meramente retrospectiva finalista, atribuidora de causalidades, nem sempre correspondentes ao percurso real dela como sujeito social (BOURDIEU, 2006); irá considerar quais as expectativas normativas e os comportamentos implícitos nos círculos sociais dos quais participou e participa (pessoais, profissionais, teóricos).

Em vista disso, a análise prioriza o reconhecimento da integração dela como indivíduo nas diversas redes sociais, as relações pessoa-pessoa que ela estabeleceu com vários interlocutores em diferentes contextos relacionais de sua vida/trajetória, para destacar referências chave que seu empenho intelectual, no interior dessas redes, trouxe à área de estudos e pesquisas.

Qualquer tentativa de demarcação temporal de onde se iniciou uma área de estudos e pesquisas pode receber questionamentos vários, quaisquer que sejam os precursores indicados. No caso específico da sociologia da favela do Rio de Janeiro Licia Valladares (2000; 2005) identifica dois períodos bem demarcados: as favelas pensadas antes e depois das ciências sociais.

O marco histórico-teórico da entrada das ciências sociais no tratamento dado ao tema das favelas asseverado pela pesquisadora e outros importantes conhecedores dos estudos sobre favelas (VALLADARES, 2012); (RIOS, 2012); (MACHADO DA SILVA 2012), seria a publicação da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca (SAGMACS, 1960), obra fundante desta nova agenda de estudos e pesquisas.

A partir desta publicação identificarei sujeitos e obras importantes para o estabelecimento da área de estudos e pesquisas, dentre eles o padre Louis-Joseph

³ Nas entrevistas concedidas a Américo Freire e Lucia Lippi (VALLADARES, 2008), para Helena Bomeny e Bianca Freire-Medeiros (VALLADARES, 2013), para esta tese em 2018 e na conferência que proferiu no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (PPGSP/UENF), em abril de 2016.

Lebret e seus dois colaboradores no estudo, José Arthur Rios e Carlos Alberto de Medina.

Da leitura de *Aspectos Humanos da Favela Carioca* e da observação de todo contexto institucional, com a criação de centros de pesquisas e fortalecimento do debate sobre o urbano, que começou a se estabelecer nas ciências sociais do Rio após sua publicação foram aparecendo outros “personagens” e obras da área de estudos e pesquisas sobre as favelas.

Um obstáculo que encontrei foi o fato de que alguns destes personagens e obras, apesar de sua relevância, até bem pouco tempo estavam, se não esquecidos, ocultados para a história dos estudos sobre favelas do Rio de Janeiro. Situação que começa a ser rompida com o esforço de Licia Valladares em ‘*A Invenção da Favela: do mito de origem à favela.com*’ (2005) e a republicação do texto integral da pesquisa *Aspectos Humanos da Favela Carioca* no livro *Favelas Cariocas: ontem e hoje* (MELLO, MACHADO DA SILVA, *et al.*, 2012).

Em igual medida outras iniciativas de recuperação da memória da sociologia urbana praticada no Rio de Janeiro me auxiliaram na compreensão dos círculos sociais vivenciados pelos primeiros pesquisadores das favelas, dentre as quais ressalto o importante trabalho de guarda dos arquivos de pesquisadores feito pela Casa de Oswaldo Cruz, onde estão os acervos de Carlos Alberto de Medina e Anthony Leeds.

Do primeiro acesso a estes materiais até iniciar a redação da tese, meu interesse sobre as tramas e personagens envolvidos na consolidação da área de estudos e pesquisas sobre as favelas tomou novo rumo ao ouvir a conferência inédita proferida por Licia Valladares, em abril de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense (PPGSP/UENF).

Convidada pela coordenadora do PPGSP/UENF, Prof^a. Dr^a. Wania Mesquita, a pesquisadora indicou como tema: “Repensando minha experiência de observação participante: Rocinha 1968”. Momento em que apresentou para a audiência um relato inédito sobre as situações vivenciadas e as considerações metodológicas que ela chamou de *lições*⁴ aprendidas sobre trabalho de campo, as quais traz consigo ainda hoje, 50 anos depois.

⁴ Parte da conferência e estas lições relatadas por Licia Valladares foram detalhadas no artigo “Encontros com Licia do Prado Valladares: biografia, trajetória acadêmica e reflexões metodológicas sobre o seu trabalho de campo na Rocinha em 1967-1968”. (BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018).

Ademais, ao falar sobre sua experiência de trabalho de campo na favela da Rocinha em 1967-1968, Licia Valladares apresenta um traçado das relações que estavam se desenrolando à época de seu estudo. Percebi ali que seria importante aprofundar o que Licia estava expondo, trazer à cena os personagens e tramas que ela citava.

Para seguir esta tarefa foram cruciais as duas entrevistas gravadas que fiz com Luiz Antônio Machado da Silva, em 2017 e 2019, a conversa por telefone que era para marcar uma entrevista, mas virou a entrevista em si com Marco Antonio da Silva Mello, em 2019, e os encontros que tive com Licia Valladares ao longo de suas estadias no Rio de Janeiro, nos verões de 2018 e 2019.

Com foco na retomada das histórias em torno da produção de conhecimento sobre as favelas do Rio de Janeiro estas entrevistas demonstraram a participação destacada tida pelos sujeitos que distingo no capítulo 2, na configuração desta área de estudos e pesquisas.

As entrevistas concedidas por Luiz Antonio Machado da Silva (2010, 2011) e Licia Valladares (2008, 2013) para revistas científicas e projetos de resgate da memória dos estudos urbanos no Rio de Janeiro, foram relevantes para que pudesse reconstruir cenas e tramas vivenciadas por eles e seus interlocutores quando do início da área de estudos e pesquisa sobre as favelas cariocas.

Em igual medida, os seminários de homenagem a Anthony Leeds, em 2015, Luiz Antonio Machado da Silva, em 2018 e a Licia Valladares, em 2019, momentos em que os mais variados pesquisadores e pesquisadoras, interlocutores destes três ao logo dos anos, que têm alguma relação com a temática expuseram suas impressões sobre a área de estudos, serviram de subsídio para a redação da tese.

Estas falas junto com as entrevistas que fiz são depoimentos pessoais, narrativas de quem viveu esse momento, através das quais busco ligar os fios das relações entre eles e analisá-las.

Nas bibliotecas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (no Instituto de Estudos Sociais e Políticos e no nono andar do campus Maracanã), e na biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/UFRJ), recentemente destruída por um lamentável incêndio, consegui encontrar grande parte do material produzido sobre a temática, exceto uma.

Percebendo a importância do número especial, sobre favelas da Revista América Latina, publicada em 1969 pelo Centro Latino Americano de Pesquisa em

Ciências Sociais (Clapcs), não conseguia encontrar um exemplar da revista em nenhuma biblioteca da cidade ou mesmo em outros locais do país. Com o desmonte do Clapcs ainda na década de 1970 sua biblioteca desapareceu. Qual foi a minha surpresa quando, ao expor a desesperança de ler os artigos publicados na revista para Licia Valladares durante um encontro em sua casa quando ela, após alguns segundos pensando, foi diretamente a uma prateleira de sua estante de livros e me emprestou um exemplar cuidadosamente encadernado.

A pesquisadora, além de ser figura central para a redação desta tese, foi quem me “salvou” de um entrave bibliográfico difícil de ser resolvido até mesmo nos tempos atuais em que encontramos de tudo na rede mundial de computadores.

Para nossas conversas Licia Valladares me recebeu sempre em seu apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro. O primeiro encontro ocorreu durante uma tarde de maio de 2018 para a entrevista gravada em áudio, transcrita e apresentada ao final desta tese (Apêndice A).

Após este primeiro encontro mais formal, tivemos outros três momentos não gravados, um deles em companhia das professoras Wania Mesquita e Juliana Blasi, orientadora e coorientadora desta tese, ocasiões onde pude, em conversas itinerantes por suas estantes de livros, que eram apontados a cada vez que ela me fazia alguma indicação de leitura, aprofundar as várias informações sobre sua trajetória de vida intelectual e profissional que vinham surgindo ao longo da pesquisa. O último desses momentos em sua casa foi quando, a seu convite, pude participar do almoço de domingo que ela promove todos os anos para os amigos que fez na Rocinha.

Para analisar as configurações em torno do tema das favelas do Rio de Janeiro esta tese está dividida em três capítulos. No primeiro recuperei a história da evolução do tema das favelas em sua íntima relação com as mudanças no cenário político e urbano da cidade metrópole carioca do início do século XX até o final de sua primeira metade.

Interpreto como a relação entre os territórios favelados e a maneira como foram tratados pelas elites da cidade pode ter causado grande influência nas interpretações do senso comum sobre as favelas presentes até hoje. Questionados ou repetidos de alguma maneira quando, tanto pensamento sociológico, quanto senso comum se referem aos territórios.

O segundo capítulo, moldado pelo entendimento indiscutível de que as ideias não existem independentes no mundo social, mas apenas porque os sujeitos, em

conjunto com as instituições e organizações, das quais fazem parte, as perpetuam, recuperará os personagens e as tramas relacionadas à formulação da área de estudos e pesquisa sobre as favelas do Rio de Janeiro. Procurarei, neste capítulo, analisar os círculos sociais, bem como as figurações que conformam sujeitos e instituições pelas relações, conexões, trocas, coesões (as vezes não muito claras) nas quais se envolveram.

Retomar estas referências históricas das configurações da área de estudos e pesquisas de um ponto de vista mais minucioso e realista ajudará a descrever a trajetória do pensamento intelectual sobre as favelas cariocas e visualizar a relação intrínseca que existe entre configurações e círculos sociais estabelecidos pelos intelectuais (acadêmicos ou não) dedicados ao tema.

No terceiro capítulo focalizo os percursos de vida e profissional de Licia do Prado Valladares, vendo-a como alguém de dentro da área de estudos e pesquisas sobre as favelas, participante dos primeiros movimentos desta área, formada por alguns dos que a iniciaram.

Assim, demonstro como, conforme foram se desenrolando as trocas relacionais dentro dos círculos sociais aos quais estive e ainda está inserida, sua vida pessoal se entrelaça com a profissional, orientando condutas, anseios, guinadas na agenda de pesquisas que vem desenvolvendo.

1. Configuração do pensamento social-urbanístico na cidade do Rio de Janeiro – a favela como problema (1900 a 1960).

Este capítulo vai analisar como a evolução do tema das favelas tem íntima relação com as mudanças no cenário político e urbano da cidade do Rio de Janeiro. Esta relação ocasionou grande influência nos arcos teóricos que se fizeram presentes nos primeiros estudos os quais são, até hoje, questionados ou repetidos de alguma maneira quando, tanto pensamento sociológico, quanto senso comum se referem aos territórios.

Nos primeiros anos de existência das favelas a pesquisa acadêmica não era uma prática comum no Brasil e antes de se tornar um tema das ciências sociais a pobreza urbana e as favelas já eram observadas e narradas por profissionais das mais diversas áreas. (VALLADARES, 1991), (VALLADARES, MEDEIROS e CHINELLI, 2003).

Como os intérpretes autorizados da época, apresentando esses territórios e seus moradores como uma antítese da cidade ideal; jornalistas, romancistas, padres, políticos, engenheiros e médicos sanitaristas efetivamente foram os que primeiro dedicaram sua atenção para as favelas. “O que fazia cada especialista, em sua prática de observação, era uma leitura da realidade à luz do seu campo disciplinar e das representações sobre a pobreza com as quais comungava”. (VALLADARES, 2000, p. 18).

Advirto que meu interesse não é recontar a história da favela na cidade do Rio de Janeiro ou de sua descoberta pelos mais diversos atores sociais, tarefa que já foi bem empreendida por muitos autores, entre eles: Victor Vincent Valla (1986); Mauricio de Almeida Abreu (1994); Maria Lais Pereira da Silva (2005); Adrelino Campos (2010); Rafael Soares Gonçalves (2013) e Licia Valladares (2000 e 2011). O que será feito neste capítulo é uma digressão onde “a história da reflexão sobre a favela – a sua história intelectual – não pode ser [e não será] confundida com a sua história propriamente dita, baseada em datas, eventos e conjunturas” (VALLADARES, 2011, p. 23).

O objetivo será de encaminhar uma espécie de “segunda leitura” das transformações vivenciadas pela palavra favela no imaginário da cidade, nestes primeiros anos de existência dos territórios. Para verificar como estas transformações serviram para arrumar, dentro de um conjunto de categorias de significações, o

conteúdo manifesto, presente nas notícias de jornal, nas falas públicas das elites, no jeito de lidar com os pobres.

Durante o período escravocrata, na sociedade brasileira, o controle e disciplinamento dos pobres e negros ocorria, de um lado, no interior da propriedade rural, exercido pelo senhor de terras e seus funcionários (capatazes e capitães do mato). Do outro, nos centros urbanos, atuava a força policial, em uma espécie de desdobramento deste controle. (NEDER, 1997).

Com o fim da escravidão, enquanto modelo formal de acumulação capitalista, há a migração dos libertos das fazendas para as zonas urbanas em busca de sustento, esta massa de ex-escravos é jogada nas ruas das grandes cidades brasileiras, sem formação educacional ou capacidade técnica para se inserir nos nascentes parques industriais.

Estas mudanças, associadas às transformações econômicas das últimas décadas do século XIX trouxeram uma nova configuração à sociedade brasileira, principalmente no arranjo político institucional. O Estado brasileiro, por sua vez, estimulado pelas elites brancas, incentiva a migração de cidadãos europeus que tem a dupla função de servir para a formação de um exército industrial de reserva capacitado e, auxiliar no embranquecimento da população.

Com estas duas migrações da pobreza: ex-escravos e europeus sem posses, estava posta a fórmula que fez crescer exponencialmente a população da cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX. Lessa (2001), calcula que em 1890, a cidade possuía uma população de 522 mil habitantes, destes cerca de 106.461 eram de origem europeia. Aproximadamente 24% da população era constituída de imigrantes estrangeiros e 22% brasileiros de outras regiões, entre estes a grande maioria era de negros retirados das senzalas.

Na nova demografia vivida no Rio de Janeiro o direito à moradia não era universal. Enquanto a população da cidade cresceu quase 90%, o número de moradias aumentou em apenas 62%, o déficit habitacional não ajudava a fechar a conta. (LESSA, 2001).

1.1. O Favella, as favelas – Um mito de origem

Dentro do que, como território geográfico significam as favelas há uma variedade de temas interconectados que suscitam análises a partir de seu cotidiano.

Não é possível explicar a designação “favela” ou “favelado” – o termo atribuído a seus moradores – apenas por determinações teóricas ou técnicas, da mesma maneira como simplesmente associar estas categorias à condição de pobreza e a uma relação de subordinação de moradores e territórios na estrutura social da cidade não esgota a sua compreensão.

O nome próprio favela pertence a historiografia da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de exportado, se tornou um adjetivo particular que diante exatamente da proporção social e política que tomou, foi expandido para nomear outras formações territoriais com as mesmas características no Brasil e hoje pelo mundo a fora.

No início da década de 1900 a 1909, o morro da Providência, localizado no centro da cidade, começa a ser chamado pela imprensa carioca também de morro da *Favella*. Em momentos, há referência à uma localidade chamada de *Alto do Favella* como sendo parte do morro da Providência, em outros como sendo uma localidade específica vizinha ao morro da Providência.

Ocorre que, os soldados mandados para combater o movimento liderado pelo líder religioso Antonio Conselheiro, no sertão da Bahia, conheceram uma planta muito comum, de nome *Favella*⁵ (*Jatropha phyllaconcha*), que recobria a vegetação de um morro. Estes soldados ao retornarem ao Rio não tiveram as promessas de pagamento e moradia feitas pelo Estado cumpridas, iniciando a ocupação do entorno do Ministério da Guerra. Em referência à campanha militar de Canudos e seus soldados o morro por eles ocupado passou a ser conhecido como “Morro da *Favella*”. (VALLADARES, 2005), (GONÇALVES, 2013).

É possível que estas primeiras chamadas, ao serem difundidas na imprensa local, tenham solidificado o mito de origem mais conhecido do nome favela narrado pelo Jornal do Brasil edição de 05 de julho de 1901:

Uma diligencia que devia ser feita no morro da Providencia, no ponto denominado Favella, não se effectuou devido ao máo tempo. Quando nos fallaram em Favella ficámos um tanto confusos, pois suppunhamos que tal nome só existisse para os lados de Canudos, nos sertões da Bahia. Mas o inspetor Pontes nos deu a seguinte explicação: - tendo chegado da Bahia um batalhão do exercito, que fez toda a campana de Canudos, diversos soldados fixaram residência naquele ponto do morro, e como se parecesse com o logar denominado Favella, naquele Estado, deram-lhe este nome. Actualmente, na redondeza, ninguém conhece aquelle logar senão por Favela.

⁵ A grafia da palavra, até o ano de 1942, quando houve uma reforma ortográfica no Brasil, era favella. Sempre que for feita menção ao período até 1942 ou quando forem utilizados textos desta época, será mantida a grafia original.

Contudo, mesmo tendo dado nome os territórios todos, não se pode afirmar que o “morro da Favella” tenha sido o originador das favelas cariocas. Outras ocupações como a do Morro de Santo Antônio eram relatadas. Valladares (2011) aponta que territórios como a Quinta do Caju, o Morro da Mangueira e a Serra Morena, onde encontravam-se majoritariamente imigrantes europeus, também se encontravam ocupadas desde 1881 por incentivo do poder público.

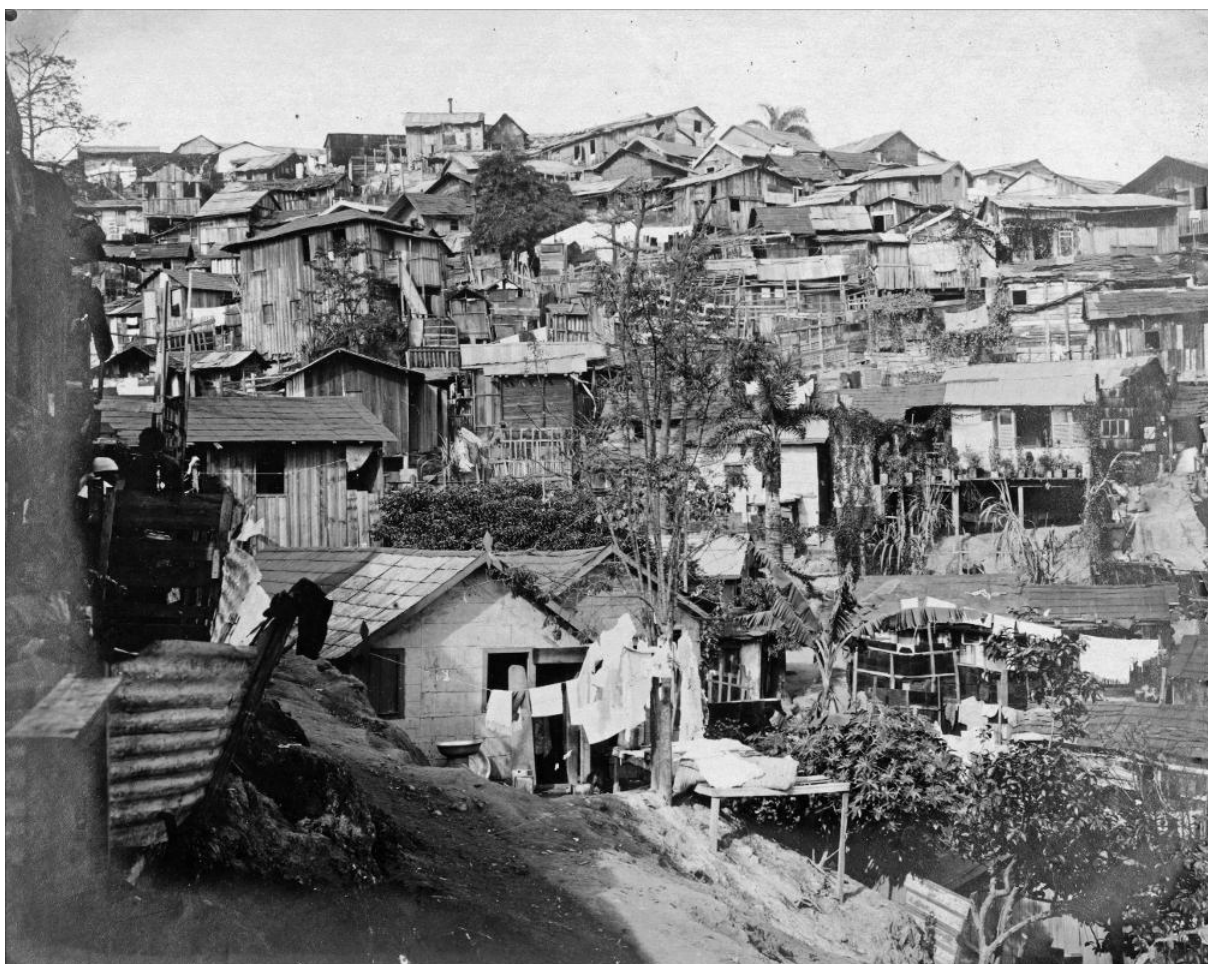


Figura 1 Rua João Rodrigues no Morro de Santo Antônio, centro do Rio de Janeiro, 1916. Acervo Fiocruz

Outro autor, Campos (2010), defende a tese de que algumas favelas se desenvolveram a partir de antigos quilombo periurbanos que sem espalharam pela capital do Império em meados do século XIX. Tese que é perfeitamente aceitável se pensarmos nas características do Rio de Janeiro: capital de um regime escravocrata por mais de 300 anos, último país independente das Américas a abolir esta odiosa prática.

Esta tese também é defendida por Lessa (2001), para quem, a organização de cunho quilombola urbana do Rio de Janeiro estaria presente na arqueologia da favela.

Ele recorda que, alguns quilombos fronteiriços à cidade, como o da Serrinha, possibilitavam que seus moradores adentrassem a cidade para obter renda como faziam os escravos libertos.

Até meados do século XIX, quando enfim começa a passar por uma transformação urbana que irá lhe dar uma “estrutura espacial estratificada em termos de classes sociais” (ABREU, 2008, p. 35), o Rio era uma cidade pouco desenvolvida geograficamente, limitada pela ocupação do centro, local de concentração dos bens e serviços.

A ausência de meios de transportes que levassem a população para outras áreas fazia com que pobres e ricos habitassem o mesmo espaço de modo que “a elite local diferenciando-se do restante da população mais pela forma-aparência de suas residências do que pela localização das mesmas”. (ABREU, 2008, p. 35).

Diferenciação igualmente presente quando as favelas, no seu surgimento, foram vistas como um prolongamento dos cortiços⁶ que desregulavam a paisagem do centro da cidade e impediam a entrada do Rio de Janeiro na “modernidade”. Os cortiços foram quase que completamente destruídos durante a Reforma Urbana promovida pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), uma remodelagem estética que materializou ainda mais as distinções de classe e a maneira diferenciada como pobres e ricos se apropriariam da cidade.

A Reforma Pereira Passos não apenas abriu ruas (Avenida Central, atual Rio Branco), ou foi positivamente responsável pela construção de uma arquitetura europeizada presente até hoje no cenário carioca. Arrasou com centenas de cortiços usados como moradia por pelas famílias de trabalhadores pobres do comércio da região central da cidade, da indústria nascente e do escoamento de produtos da região portuária (São Cristóvão, Caju e Praça XI).

Seu sentido principal era o de sanear e higienizar a cidade, retirando os pobres do centro econômico. O “aburguesamento” da Reforma exigiu das instituições estatais mais iniciativas de controle sobre os não detentores da cidadania formal, notadamente os negros, pobres, moradores das nascentes favelas.

A associação entre a derrubada dos cortiços e o crescimento das favelas tem sido desde então muito comum, mas não se pode afirmar que a situação tenha se dado de maneira automatizada, tese refutada por Abreu (2008, p. 67) quando

⁶ Muitas outras designações eram usadas para identificar este tipo de construções (casas de cômodo, estalagens), contudo chama-las de “cortiços” era a opção mais recorrente usada pela imprensa e pela população da época.

apresenta dados que indicam o aumento demográfico considerável nessa época de áreas já servidas pelos serviços de bondes e trens, o que ser indício da migração de muitos ex-moradores de cortiços para lá, ao invés de terem subido os morros. O bairro da Gávea na região da zona sul cresceu em 171% sua população e os bairros do Engenho Velho e Engenho Novo que cresceram 147% e 126%, respectivamente.

Chama atenção o tratamento autoritário recebido pelos moradores dos cortiços quando de sua expulsão, alguns sendo derrubados ainda com famílias dentro, atitude que, em certa medida, era consentida pela falta de reconhecimento dos pobres como uma categoria de sujeitos despossuídos dos direitos mais elementares, sem cidadania, com uma gênese e um destino comum. Estigma que seria transferido pelo senso comum aos favelados. Estimulado através da imprensa e das falas autorizadas dos mais diversos atores como: cronistas, políticos, padres, médicos e engenheiros.

1.2. O mito social-urbanístico da favela na imprensa carioca.

Exemplos dos estigmas produzidos sobre as favelas são encontrados nas muitas notícias dos jornais da época e nas crônicas de escritores importantes da literatura nacional.

Olavo Bilac, na crônica “Fora da vida” publicada em 25 de setembro de 1907, narra a visita que havia feito ao Morro da Conceição e o encontro que teve com uma lavadeira que há mais de trinta anos não saía do morro para ir ao centro da cidade, mesmo sendo muito perto. No texto, Bilac se refere aos moradores do lugar como “criaturas apagadas e tristes, apáticas e inexpressivas, que vive fora da vida (...)”.

Já o romancista Benjamim Costallat diz na crônica “A favela que eu vi...”: “Na Favela, a lei é a do mais forte e a do mais valente. A navalha liquida os casos. E a coragem dirime todas as contendas. Há muito crime, muita morte porque são essas as soluções para todos os gêneros de negócios”. (COSTALLAT, 1990, p. 37).

E João do Rio, o grande cronista da cidade, conta como foi sua ida ao morro de Santo Antônio na crônica “Livres acampamentos da miséria”, publicada originalmente no jornal Gazeta de Notícias, de 3 de novembro de 1908. No texto mesmo chamando os pobres de “povo vigoroso”, João do Rio não abre mão da narrativa estigmatizante para com os favelados:

E quando de novo cheguei ao alto do morro, dando outra vez com os olhos na cidade, que embaixo dormia iluminada, imaginei chegar de uma longa viagem a um outro ponto da terra, de uma corrida pelo arraial da sordidez alegre, pelo horror inconsciente da miséria cantadeira, com a visão dos

casinhotos e das caras daquele povo vigoroso, refestelado na indigência em vez de trabalhar, conseguindo bem no centro de uma grande cidade a construção inédita de um acampamento de indolência, livre de todas as leis. (RIO, 2006, p. 140)

Nestes três exemplos de textos literários publicados pela imprensa carioca vemos como eram comuns os temas da desagregação e violência de seus moradores sempre marcados por uma visão higienista, importada da Europa, onde a cidade deveria ser asséptica e moderna.

Usado frequentemente pelos interpretes e gestores públicos daquele momento, o pensamento higienista era fundamentado por argumentos biológicos, raciais e econômicos liberais. Tornou-se uma ciência social e rapidamente foi empregado como instrumento de planejamento urbano e integrado com a Estatística, a Geografia e o Urbanismo para a gestão das cidades.

No Brasil o pensamento chega na transição do século XIX para o XX e é reinterpretado pelos profissionais dedicados a modernização do país que logo entenderam que desorganização social presente nos locais de moradia dos pobres era causa das doenças sofridas por todos da cidade e assim “acusadas de atrasadas, inferiores e pestilentas, essas populações seriam perseguidas na ocupação que faziam das ruas, mas sobretudo ficariam fustigadas em suas habitações”. (MARINS, 1998).

Este pensamento não deixava de ser reproduzido pelas elites e tinha grande influência sobre a administração da prefeitura, basicamente controlada por engenheiros e médicos sanitaristas, os “profissionais da cidade” responsáveis por reorganizar a questão urbana.

Levar a cidade para a modernidade não significava apenas abrir avenidas e construir prédios imponentes, esta remodelagem estética materializava ainda mais as distinções de classe e a maneira diferenciada como os sujeitos se apropriavam da cidade. A existência das favelas servia de entreve e estas, e seus moradores, deveriam sofrer uma firme reformar nos seus costumes, aliando o controle e o redesenho da paisagem da cidade.

Com a extinção das favelas as elites poderiam se apropriar ainda mais dos capitais econômicos e culturais que lhes distinguiam em relação a toda uma outra classe de indivíduos, privados, não apenas destes capitais, mas substancialmente das condições que lhes permitissem acumulá-los.

Isto, via de regra, apontava para um saber arquetípico sobre as favelas onde a pobreza urbana era assinalada como desregulada e, por isso, deveria sofrer uma necessária intervenção policial ou era celebrada por esta mesma desregulação e tida como dispositivo de superação e liberdade dos pobres. Isto fica evidente no trecho de um artigo do deputado federal Costa Rego publicado mais de uma década depois, no jornal Correio da Manhã de 20 de março de 1920⁷:

Que é, porém, que vemos? A exceção de Santa Thereza e da Tijuca, os morros do Rio estão cheios de choupanas, são focos de malandragem, centros preferidos do vício e do crime, e, sítios onde a polícia tem que desenvolver uma vigilância extenuante⁸.

As crônicas literárias de Bilac, Costallat e João do Rio e a fala de Costa Rego demonstram como a descoberta da favela, enquanto fenômeno social no início do século XX ocorre por conta da situação incômoda que sua presença causava na paisagem da cidade.

A associação entre pobreza e violência, tida como característica das classes perigosas que habitavam as favelas da cidade é largamente repetida pelo noticiário policial a respeito da época.

Em trabalho onde analisa os discursos estigmatizantes sobre a favela no noticiário policial do ano de 1905, Mattos (2009) identifica que os atos violentos narrados nas reportagens são tratados como características naturais da vivência dos moradores destes territórios que promovendo atos de violência gratuita, agiriam por instinto. Assim, considerados como não totalmente humanos estes moradores eram enquadrados em estigmas que se perpetuam até hoje.

A consolidação desses estigmas que entende os moradores de favelas como “classe perigosa” e “marginal” obteve nos anos iniciais do século XX atenção quase que diária nas páginas do noticiário policial. Apresentando reportagens e charges onde os moradores são vistos com traços desumanos e a favela é chamada de truculenta e retratada como uma figura grotesca armada de punhal ensanguentado sendo olhada por policiais com cara de medo.

⁷ Ambas as citações tiveram a grafia da época respeitada.

⁸Correio da Manhã edição de 20 de março de 1920. Disponível em: Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1920_07690.pdf



Figura 2 Jornal do Brasil edição de 11 de junho de 1909

Muitas são as adjetivações encontradas no Jornal do Commercio chamando o morro da Providência de “perigoso morro”, “ponto já celebre pelas desordens e pelas cenas constantes de vandalismo a que se entregam *indivíduos da pior espécie*”⁹; “verdadeiro antro, quase inacessível a constante vigília das autoridades policiais, onde têm prada, [...] *homens e mulheres – conhecidos nas rodas de assassinos, ladrões, turbulentos e vagabundos*”¹⁰.

Já o Jornal do Brasil, durante toda a primeira década (1900-1910), dedica espaço em sua coluna policial para notícias que fazem referência a “sanguinários assassinatos”, tentativas de assassinatos, espancamentos, golpes, roubos, facadas, desavenças, crimes passionais, agressões a crianças. Fatos narrados de maneira romanesca onde os moradores dos morros (principalmente o da Providência que era próximo a redação do jornal) personificavam e espalhavam o mal pela cidade.

Em uma reportagem de 1903: “Os crimes do Favella”¹¹ o jornal diz que “o noticiário policial tem ali largo campo de exploração” e que o morro parece estar muito distante do ideal de cidade dada a ausência de ruas, casas edificadas, luz e higiene e mesmo sendo muito habitado o é “por uma população desclassificada, um misto de

⁹ Edição de 4 de julho de 1904

¹⁰ Edição de 2 de outubro de 1904. Foi mantida a grafia da época.

¹¹ Edição de 23 de novembro de 1903

vagabundos, de facínoras, de desordeiros”, além de “soldados e mulheres da mais baixa esfera”. Em 1907 o jornal publica a incursão de um de seus jornalistas ao morro da favela com a seguinte chamada:



Figura 3 Chamada de reportagem - Jornal do Brasil

A imagem negativa da favela é sempre ilustrada por charges preconceituosas publicadas no Jornal do Brasil, como uma apresentada na primeira página da edição de 11 de abril de 1909, onde se vê a cena de uma briga generalizada que é chamada na manchete como o “prato do dia” da favela, sendo reprimida por policiais que atacam as pessoas com cassetetes.

Os símbolos negativos das favelas presentes nas primeiras notícias da imprensa carioca, difundidos por pronunciamentos e documentos legais e absorvidas pelas elites, não impossibilitaram que as favelas se firmassem na paisagem da cidade, tornando o Rio, já no início do século passado, uma cidade entre favelas.

Se estabelecer geograficamente não significou consolidação na cidade para as favelas, muito menos uma existência pacificamente aceita pelas elites. O desconforto causado às classes dominantes por estas aglomerações originou inúmeras iniciativas estatais que buscaram conter e até mesmo eliminar a presença das favelas da topografia da cidade.

O pensamento urbanístico de então absorveu uma concepção organizativa de cidade pautada pelos interesses do crescente mercado imobiliário, cuja orientação era

regular a divisão espacial da cidade segundo suas necessidades de acumulação de capital. Há uma valorização financeira de muitos terrenos ocupados por favelas nas zonas sul e central da cidade. (ABREU, 1994 e 2008).

Nesta conjuntura, já está fortalecido no conjunto da sociedade carioca o pensamento característico que compreende o meio social como instrumento condicionador do comportamento dos sujeitos, no mesmo sentido da dicotomia indivíduo x sociedade tratada na introdução, “dando a perceber que o debate sobre a pobreza e o habitat popular (...) fará emergir um pensamento específico sobre a favela do Rio”. (VALLADARES, 2011, p. 28).

Como podemos ler nos relatórios da época sobre as favelas, elaborados pelos órgãos públicos, havia um posicionamento evidentemente preconceituoso. Um deles, apresentado pelo diretor do Albergue da Boa Vontade, Vitor Tavares de Moura ao Secretário-Geral da Saúde, é como um enunciado do pensamento recorrente das elites sobre as favelas, naquele caso específico o Morro da Favela:

“A vida lá em cima é tudo quanto há de mais pernicioso. Imperam os jogos de baralho, de chapinha, durante todo o dia, e o samba é a diversão irrigada a álcool. Os barracões, às vezes com um só compartimento abrigam, cada um, mais de uma dezena de indivíduos, homens, mulheres e crianças, em perigosa promiscuidade. Há pessoas que vivendo lá em cima, passam anos sem vir à cidade e sem trabalhar. E este morro está situado no coração da cidade, junto ao centro de trabalho intenso que são o porto, os moinhos Fluminense e Inglês, as Usinas Nacionais”. (VALLA, 1986, p. 35).

Esta tentativa de controle pode ser percebida em alguns momentos importantes, quando as elites da cidade expõem seus preconceitos para com as favelas. Especialmente vou me deter aqui em dois momentos que são bem caricaturais. O primeiro é a “guerra” empreendida por Augusto de Mattos Pimenta contra as favelas, que influenciou o plano diretor produzido pelo engenheiro francês Alfred Agache em 1930. O outro é a “batalha do Rio” de Carlos contra as favelas.

Os artigos de Mattos Pimenta e de Carlos Lacerda, mesmo com uma distância de quase trinta anos entre suas publicações, em um roteiro bem parecido indicam a remoção ou o controle como solução para “problema da favela” e são mais exemplos de como essas opiniões “qualificadas” firmaram as imagens que transformaram a favela em “problema”, territórios da desordem e de todo tipo de sujeitos indesejáveis.

1.3. A batalha de Mattos Pimenta contra as favelas e os reflexos nas propostas urbanísticas do plano de Alfred Agache.

Augusto de Mattos Pimenta promoveu uma campanha para o remodelamento da cidade com a extinção das favelas. Durante cerca de dois anos da década de 1920, publicou em diversos jornais, artigos e seus discursos proferidos nas reuniões do Rotary Club e chegou até mesmo a realizar um filme, que provavelmente foi o primeiro documentário feito sobre as favelas.

A campanha de Mattos Pimenta foi estudada por Licia Valladares (2000; 2005) que detalha como em sua atuação ele articulou as lógicas de racionalidade técnica e regulação da cidade dos discursos médico-higienista e do pensamento urbanístico em ascensão. Apontando para as favelas como uma “lepra da *esthetica*”, um dos entraves para a construção de cidade ideal, asséptica, a campanha de Mattos Pimenta é uma das primeiras que indica sua erradicação.

Mattos Pimenta era formado em medicina e especializado em psiquiatria e em alguns momentos apontado como engenheiro pelos jornais, mas, sem dúvida, foi sua atuação como corretor de imóveis que moveu seus interesses e ações. Além disso, ele fazia parte do Rotary Club do Rio de Janeiro (entidade que reúne até hoje membros das elites profissionais e do empresariado carioca) através da qual financiou e propagou as ideias de remodelamento da cidade e contra as favelas.

Na reunião do Rotary de 29 de outubro de 1926 possivelmente Mattos Pimenta inicia sua campanha proferindo o discurso “Sobre o remodelamento do Rio de Janeiro”¹², direcionado ao novo prefeito Antonio Prado Junior onde enumera os problemas que identificava como impedimentos ao progresso do Rio (ocupação irregular dos bairros da zona sul, ruas estreitas e de traçado irregular no centro), e a compara com cidades brasileiras (Belo Horizonte e São Paulo), da África, com Buenos Aires e Montevideo e com Paris “rainha das cidades do mundo” e outras cidades europeias para demonstrar o quanto a capital da República estava parada no tempo.

Ao fim do discurso Mattos Pimenta conclama o novo prefeito a elaborar, com o auxílio de urbanistas estrangeiros e brasileiros, um plano de remodelamento para a cidade e solicita ao Rotary Club que nomeie uma comissão, da qual passa a fazer parte, para levar a ele estas ideias. O Correio da Manhã conta que esta comissão foi recebida em 22 de novembro e no dia XX de novembro é a vez do prefeito ir a um dos

¹² Publicado em 31 de outubro de 1926 no jornal Correio da Manhã (Edição 9749).

almoços do Rotary onde mais uma vez escuta as teses de Mattos Pimenta sobre a necessidade do remodelamento do Rio de Janeiro.

Alguns dias antes da audiência da comissão e da ida do prefeito ao almoço do Rotary, Mattos Pimenta dá publicidade a sua campanha contra as favelas nos jornais *Correio da Manhã* (*Acabemos com as Favellas*) e *O Jornal* (*Para o remodelamento do Rio de Janeiro*).

Na edição do *Correio da Manhã* o texto é ilustrado com fotografias da “Favella do morro de Copacabana” na qual a legenda apresenta “habitantes seminus desta favela apanhando água na bica”; da “Favela da Gávea” chamada de “aglomerado imundo” e da “Favella do aterro da Guanabara” adjetivada como “ignara toca entre um barranco e um muro de pedra” e “sórdida habitação com grande horta, plantação de milho e cana”. Em “*O Jornal*” são mostradas apenas duas fotografias legendadas de maneira mais isenta.

Ambas a edições expõem a dureza do discurso de Mattos Pimenta contra as favelas:

(...) é mister que se ponha um paradeiro imediato, se levante uma barreira profilática contra a infestação avassaladora das lindas montanhas do Rio de Janeiro pelo flagelo das favelas – lepra da estética que surgiu ali no morro entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Avenida do cais do Porto e foi se derramando por toda a parte, enchendo de sujeira e de miséria.

As favelas (...) não constituem puramente impiedoso crime contra a estética: elas são particularmente uma grave e permanente ameaça a tranquilidade e a salubridade públicas.

Erigidas contra todos os preceitos de higiene: sem agua, sem esgotos, sem a mínima parcela de limpeza pública, sem remoção de lixo; são como largas sentinas cobertas de dejetos e dos demais resíduos da existência humana, amontoados de imundícies e podridões repastando nuvens de moscas, infiltrando nos quarteirões da cidade toda a sorte de moléstias e impurezas.

Não bastava apenas elencar as características anti-higiênicas das favelas, para justificar o extermínio das favelas Mattos Pimenta também recorre a associação já comum entre o local de moradia dos pobres com a delinquência:

Desprovidas de qualquer espécie de policiamento, construídas livremente de latas e frangalhos em terrenos gratuitos do Patrimônio Nacional, libertadas de todos os impostos, alheias a toda ação fiscal; são excelente estímulo à indolência, atraente chamariz de vagabundos, reduto de capoeiras, valhacouto de larápios que que levam a insegurança e a intranquilidade aos quatro cantos da cidade”.

Ao longo dos textos Mattos Pimenta também exhibe fotografias de muitas das favelas existentes, seguidas de comentários que sustentavam sua argumentação de que a situação de miséria das favelas tinha relação direta com a as doenças sofridas

pelos moradores destes locais, a edição de O Jornal é mais detalhista e apresenta uma listagem das favelas exibidas nas fotografias e os comentários feitos por Mattos Pimenta.

Para terminar o discurso Mattos Pimenta recorre a uma imagem apelativa que justificaria seu empenho por exterminar as favelas como um serviço prestado à sociedade carioca:

O espetáculo dantesco que presenciei na perambulação pelas novas favelas do Rio, o extremo grau de miséria que se me deparou atingiu meu coração de um modo doloroso e paradoxal: encheu-me de ânimo para a que me proponho de não dar mais trégua no combate aquelas deprimentes infelicidades de nossos irmãos.

Este discurso de Mattos Pimenta contra as favelas permeado de ideias higienistas e preconceituosas é uma imagem bastante emblemática do ambiente vivido pelas elites cariocas, mas é em outro texto publicado na edição de 19 de dezembro de 1926 de O Jornal que parecem ficar evidentes os reais interesses econômicos que estavam por traz da campanha. Lembremos que Mattos Pimenta era corretor de imóveis e o Rotary Club era composto por muitos empresários. As indicações dos seus interesses no mercado imobiliário ficam óbvias quando diz:

A crise de casas populares, no entanto, não me preocupa de hoje. Há dois anos e meio, ajudado pela prática de construções que adquiri no meu trabalho, estimulado pelo desejo sincero de ver sanada a deprimente situação da gente pobre do Rio, dispus-me a solucionar o caso.

Após reproduzir um trecho de entrevista dada pelo prefeito ao jornal Correio da Manhã onde ele indica ter acatado a proposta de contratar profissionais estrangeiros que trabalhariam com o auxílio de brasileiros para elaborar o plano de remodelamento da cidade, Mattos Pimenta parabeniza o Rotary Club pelo empenho e financiamento da campanha diz que está animado em sua “luta empreendida contra as favelas e em prol da construção de casas populares” e cumpre a promessa que havia feito no discurso contra as favelas de apresentar seu plano de construção de casas populares.

No detalhamento do projeto são mostrados croquis do que seriam estas “cidades jardins” construídas nos terrenos das favelas (erradicadas) doados pelo governo às empresas. Matos Pimenta propunha que o financiamento para a construção das casas fosse feito por uma operação de crédito executada pelo Banco do Brasil em benefício de empresas privadas de construção.

Segundo Mattos Pimenta os empreendimentos trariam vantagens para quem adquirisse as casas já que “crescendo seu patrimônio sem esforço ou sacrifício” ficariam livres “de senhorio e de qualquer aumento de aluguel”. Para o Banco do Brasil

que financiando os empreendimentos faria “operações de crédito seguras, cômodas e vantajosas”. Para o governo federal que estimulando o projeto resolveria “sem riscos ou sacrifícios, sem concessão de privilégios ou isenção de impostos, o problema da habitação popular na cidade do Rio de Janeiro”. Em suma, seguindo a proposta de Mattos Pimenta todos sairiam ganhando, pois, diz ele que: “os dinheiros empregados nestas construções de casas proletárias não representam um gasto, uma perda. Eles são, como demonstrei, bom emprego de capital, a juros compensadores e sólidas garantias”.

As casas populares nunca foram construídas e as favelas também não foram exterminadas, mesmo assim uma das vitórias de Mattos Pimenta e do Rotary Club foi a concordância do prefeito de contratar uma equipe de profissionais estrangeiros para a elaboração do plano de remodelamento do Rio, o que tomou forma com a chegada de Alfred Agache em 1927.

Após três anos de trabalho, Agache apresentou um relatório urbanístico em 1930 onde junto a temas como o planejamento dos transportes de massas, abastecimento hídrico, zoneamento e delimitação de áreas verdes a questão habitacional propõe a eliminação das favelas.

Agache acreditava que o problema do crescimento das favelas no Rio de Janeiro estava ligado à indiferença do poder público em relação ao problema da habitação dos mais pobres e do descaso em utilizar os subúrbios da cidade para isso. Estimando a população das favelas em 200.000 moradores que segundo ele se alojavam em um “conjunto de habitações precárias” construídas “contra todos os preceitos de higiene” que “constituem um perigo permanente de incêndio” por conta dos materiais utilizados e de onde “a sua lepra suja a vizinhança das praias (...) despe os morros de seu enfeite verdejante” Agache propõe a eliminação total das favelas. (AGACHE, 1930, p. 189-190).

Após o extermínio das favelas a proposta de Agache era a remoção de seus moradores para vilas operárias que seriam construídas no subúrbio e na Baixada Fluminense para onde o arquiteto também propunha que fossem direcionadas as indústrias que estavam instaladas no centro e nos bairros de residência das elites.

Ao passo que o plano de Agache visava organizar as funções político-administrativas e econômicas, pensando no embelezamento do Rio de Janeiro como a capital do país, e embora estimulasse uma política de habitação com a construção de vilas operárias equipadas com serviços públicos, transporte e saneamento. Este

zoneamento que afasta os pobres do centro financeiro e dos bairros considerados nobres, na verdade expunha a marca já comum de estratificação social do espaço urbano.

No mesmo momento em que o plano urbanístico de Agache recomendando a erradicação das favelas era publicado estas ocupações se tornam mais visíveis em áreas da cidade mais afastadas do centro. Entre os anos de 1928 e 1930 já podem ser vistos núcleos de casebres nas regiões sul e suburbana norte e favelas que já existiam aumentam e se consolidam.

1.4 O pensamento social-urbanístico entre os anos 1930 a 1950 – a favela “de facto, mas não de jure”.

No plano da política nacional, o Brasil estava em meio a Revolução de 1930, no comando do governo central estava Getúlio Vargas que havia deposto o presidente Washington Luiz e posto fim a República Velha com a revogação da constituição de 1891. Na cidade, em 1931, é nomeado como interventor Pedro Ernesto Baptista, alinhado com os ideais revolucionários e com setores tenentistas responsáveis pela vitória de Vargas.

A administração de Pedro Ernesto como interventor foi marcada por realizações nas áreas da educação e da saúde que podem ter atingido de perto as demandas dos moradores de favelas. Em 1933, Pedro Ernesto nomeou Anísio Teixeira para a direção do Departamento de Educação, partidário da adoção de um sistema educacional público, gratuito, obrigatório e leigo seu plano administrativo levou a prefeitura a construir cerca de 30 escolas, grande parte delas localizadas áreas pobres da cidade.

Já para a direção do Departamento de Saúde foi nomeado Gastão Guimarães que em conjunto com Pedro Ernesto elaborou um programa de saúde nos moldes do plano de educação equipando a rede hospitalar com a construção dos hospitais Getúlio Vargas, Carlos Chagas e Miguel Couto, além de centros de saúde em regiões pobres.

Nas duas administrações de Pedro Ernesto há uma efetiva mudança do significado político das favelas elas “passam a integrar o quadro de referência política local e mesmo nacional” (SILVA, 2005, p. 117).

Para Abreu (1994), do início do século, até a década de 1930, quando são oficialmente citadas no relatório de Alfred Agache, as favelas do Rio de Janeiro

existiam “de facto, mas não de jure”, estavam presentes e se espalhavam por todo o território carioca, recebiam atenção constante do senso comum que lhes identificava como causa dos males da cidade e clamava por sua erradicação, mas não eram mencionada oficialmente pelo poder público, para quem elas simplesmente não existiam do ponto de vista jurídico por serem consideradas provisórias. (ABREU, 1994)

Dos anos de 1930 em diante começam a ganhar mais força a associação das representações sociais que destacam aspectos da exclusão social com os ilegalismos referentes à posse da terra. Conforme aponta Gonçalves (2013) há desde então uma organização do poder público no sentido de impedir qualquer regularização fundiária destes territórios.

Em 1937 foi promulgado o Decreto Municipal nº. 6.000, de 1º. De julho de 1937, chamado de Código de Obras que estabeleceu, pela primeira vez em seu artigo 349, um conceito jurídico oficial para tipificar as favelas, além de tratar das demais questões relacionadas à postura urbana como construções, loteamentos, altura dos prédios e zoneamento. Suas especificações vigoraram até 1970 e influenciaram toda a expansão urbana do Rio de Janeiro e outros municípios que o tomaram como exemplo.

Em relação às favelas o Código repetia em seu texto as já conhecidas exigências de contingenciamento de construção e determinação de que fossem eliminadas para a construção de habitações proletárias que seriam vendidas aos mais pobres. Isto é lembrado por Valla (1986) quando questiona a importância do reconhecimento dado à existência das favelas pelo Código de Obras, pois ele à medida que trouxe esse reconhecimento, na maneira como se refere a elas, assinalaria, legalmente o interesse do poder público de erradicá-las.

Legislativamente o status de ocupações ilegais determinado pelo Código de Obras de 1937 foi reforçado pelo Decreto 8.938, de 26 de janeiro de 1946, que em seu artigo 29 reafirma a proibição de se construir novos barracos nas favelas existentes, além de indicar a destruição dos que já estivessem construídos.

Na década de 1940 mais uma vez como tentativa de reordenar a cidade e por fim às favelas foi apresentada a proposta da construção de habitações populares que removeriam os moradores dos territórios favelados para zonas afastadas dos locais de moradia das classes médias da cidade, surgem assim os Parques Proletários. (VALLA, 1986). No relatório de Vitor Tavares de Moura, citado por Valla (1986), é

possível perceber qual era a orientação para a construção destas moradias, diz o relatório:

Casas provisórias, pelo menos do tipo mínimo permitido pela lei, serão imediatamente construídas e para elas transferidos os moradores dos casebres, tendo em vista as suas condições de saúde, de trabalho e de defesa contra a varíola, difteria, doenças do grupo coli-tífico, além da inspeção torácica e apurações de conduta social (VALLA 1986, p.38).

Por meio de incentivos fiscais e da participação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões, foram construídos, no ano de 1942, três conjuntos nos bairros da Gávea, Caju e Leblon, para onde se mudaram cerca de 4.000 pessoas. Para serem selecionados e receberem uma moradia nos parques, os indivíduos deveriam obedecer a inúmeros critérios, entre eles, ter trabalho comprovado na Zona Sul do Rio de Janeiro e possuir atestado de bons antecedentes. Além disso, a vida nos parques proletários significava a obediência a severas regras de controle social. Esta atmosfera nos parques acabou gerando muitas resistências entre os moradores (VALLA 1986).

É curioso notar que, em contraste com seu autoritarismo a experiência dos parques proletários ajudou a criar um movimento de articulação interna que está na origem da organização das associações de moradores das favelas. A preocupação com a remoção de seus locais de vínculo afetivo e redes sociais, com a qualidade das habitações oferecidas e com o intenso controle sofrido, suscitou nos moradores a necessidade de ação política para impedir que o estado agisse sem sequer consultá-los (BURGOS, 2006).

Uma nota política importante sobre este período é que o contexto nacional era de saída de uma ditadura¹³. O Partido Comunista (PC), que até então atuava de maneira clandestina, passou a intensificar sua ação junto aos favelados, o que foi percebido em sua grande vitória para a Câmara de Vereadores, quando elegeu 36% dos representantes, nas eleições de 1947.

É bem possível que esta vitória tenha se dado porque a trajetória de luta dos comunistas contra o fascismo e todo seu ideário de construção de uma sociedade igualitária tenha encontrado reflexo nos anseios dos moradores dos parques proletários e favelas da cidade, tão envolvidos com um cotidiano de estigmatização, repressão e ausência estatal.

¹³ O Estado Novo, período ditatorial que marcou o segundo governo de Getúlio Vargas (1937-1945).

O PC instalou centenas de comitês populares pela cidade e nas favelas que duraram até o fim de seu curto período institucional, mas mesmo com a revogação da autorização de funcionamento do partido, em 7 de maio de 1947, as bases para a organização política dos moradores de favelas já estavam lançadas. No entanto é de se imaginar que organizar politicamente, à esquerda, os favelados era algo que desagradava muitos membros da elite carioca.

Do outro lado, a atuação da Igreja Católica passa a ser intensificada no trabalho começado pela Fundação Leão XIII. O documento de origem da Fundação dizia ser sua finalidade “dar assistência material e moral aos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro”. Por outro, lado era visível que a função política do organismo consistiria em resolver o problema do controle político e da formação de bases eleitorais no seio de uma população com forte potencial para organização e luta como era, já naquele momento, a população favelada carioca (BURGOS, 2006, p. 29).

Da parte do Estado e da Igreja Católica estava estruturada a política assistencialista do momento com o intuito de arrefecer os conflitos. O que originou outros instrumentos como a Cruzada São Sebastião, ligada a própria Igreja e o Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas (Serfha), órgão do poder público. Ambos tinham como norte organizador minimizar a intensidade das pautas dos pobres por meio de intervenções que iam do remocionismo ao estímulo à criação de associações de moradores “docilizadas” segundo um código de condutas.

Liderada por Dom Helder Câmara, bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que depois viria a se tornar um dos grandes ícones da Igreja Católica na luta em favor dos menos favorecidos, a Cruzada São Sebastião iniciou sua atuação em 1955 com Dom Helder pregando que o problema das favelas deveria ser solucionado no prazo de 12 anos, quando – até as comemorações do 4º. centenário da cidade – todas as favelas estariam urbanizadas.

No entanto, a primeira ação conduzida pela Igreja Católica foi a remoção da favela da Praia do Pinto de onde foram transferidos os moradores para um conjunto habitacional no Leblon¹⁴. Nos anos que se seguiram Dom Helder, em nome da Cruzada São Sebastião, atuou intensamente junto às questões que envolviam as

¹⁴ O conjunto construído no Leblon recebeu o nome do órgão da Igreja e é conhecido até hoje como Cruzada São Sebastião. Para lá foram transferidos cerca de 171 moradores da favela da Praia do Pinto. Nos tempos atuais, os moradores da Cruzada continuam a conviver contiguamente com a classe média alta da cidade e sua presença é vista como a principal causadora dos problemas de segurança no bairro. (OLIVEIRA, 2012).

favelas da cidade, reunindo-se com autoridades e moradores. A Cruzada recebeu doações de terras da União e, com a venda de alguns destes terrenos, angariou fundos para suas ações (RODRIGUES, 2103).

1.5. A batalha do Rio de Janeiro – A política urbana proposta por Carlos Lacerda (a favor?) contra as favelas.

As representações que evidenciavam os aspectos da exclusão social dos favelados e os entendiam como causa dos ilegalismos cometidos sobre a posse da terra nos territórios permaneciam firmes no imaginário urbanístico da cidade.

Vinte oito anos após os ataques de Mattos Pimenta contra as favelas e exatamente quando o PC estava em franca atuação política junto aos favelados. Entre maio e junho de 1948, foi a vez de Carlos Lacerda, político carioca ex-comunista, direcionar suas baterias contra os territórios na campanha que promoveu no rádio e no jornal Correio da Manhã.

Conhecida como a “Batalha do Rio de Janeiro”, a ação de Lacerda foi um movimento eminentemente político que tentou forçar o poder estatal a “encarar as favelas como um complexo conjuntos de problemas nacionais mais do que como um problema localizado e unilateral”. (LEEDS e LEEDS, 1978, p. 202).

Segundo Lacerda:

A Favela era uma parte humilde e pitoresca da cidadã, envolta em violões e pandeiros, estimável pela crônica policial e pala poesia popular. Mas o gigantismo da inflação e a crise em todos os setores desenvolveu, no Rio, 119 favelas nas quais se abrigam quase 400 mil criaturas. Deixou de ser uma arte da cidade. Tornou-se a “favela” uma excrescência, um desafio ao valor dos brasileiros, á inércia dos governos, á iniciativa dos cidadãos¹⁵.

O programa político da “batalha” foi publicado pelo jornal Tribuna da Imprensa e republicado pelo Correio da Manhã na edição da quarta-feira, 19 de maio de 1948.

Através de uma prosa liberal, Lacerda, no mesmo documento, tece críticas a inércia do governo “habitado a toda sorte de cambalachos visando vantagens pessoais e políticas”, defende uma estratégia para a erradicação das favelas e pede

¹⁵ Este texto é apresentado na primeira página da edição do domingo 16 de maio de 1948, a baixo de uma foto aérea da favela da Praia do Pinto que estava crescendo nas franjas da Lagoa Rodrigo de Freitas, área nobre da cidade. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&PagFis=41505&Pesq=favela.

cargo público¹⁶ no governo que ataca. O texto começa dizendo que, a consolidação da democracia depende da ação individual, para a melhoria das condições de vida. E que, se dedicando a esta tarefa, o povo vai compreender sua força e aprender que não se deve “entregar ao Estado todos os encargos”.

O programa da “batalha” propunha, dentre tantas ações, resolver os problemas de habitação, higiene, educação, organização familiar e necessidades de trabalho para, pelo menos 30 mil pessoas em um ano de atuação, por meio da formulação/encaminhamento de medidas legislativas e administrativas para o controle das favelas.

Lacerda repete a mesma cantilena preconceituosa já presente na imprensa carioca, segundo a qual as favelas eram uma mácula na geografia da cidade, resultado dos desequilíbrios sociais. Um problema local que estava se tornando nacional e requeria uma ação administrativa mais enérgica, diferente da que estava sendo conduzida pelos gestores do momento.

Usando-a como instrumento político de luta Lacerda mirava o foco da “batalha” nas favelas para acertar seus adversários. O crescimento do PCB entre os eleitores da favela encarnava o fantasma do comunismo, além disso, Lacerda era opositor de do presidente Getúlio Vargas, que anos mais tarde seria acusado de mandante de um atentado contra o jornalista. Por conta destas desavenças alguns pesquisadores que estudam o período entendem a “batalha” como a contraposição de um projeto liberal-católico a uma matriz getulista e comunista. Valla (1986) identifica conjuntamente um reforço às ações já promovidas pela Fundação Leão XIII¹⁷ para o controle político-ideológico das classes pobres.

¹⁶ É bem verdade que ele frisa que este cargo seria não remunerado, contudo seu interesse não era em receber dinheiro pelo trabalho, mas sim a projeção política que ele daria junto a eleitores antes cooptados pelo PCB.

¹⁷ A atuação política dos moradores de favela junto ao PCB deu impulso a metáfora segundo a qual, era preciso, para o poder público “subir o morro antes que dele desçam os comunistas”. Partidária deste medo, a Igreja Católica, em acordo com o Estado e servindo aos seus interesses, intensifica naquele momento o trabalho começado junto a estas populações pela Fundação Leão XIII. O documento de origem da Fundação dizia ser sua finalidade “dar assistência material e moral aos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro”. Por outro lado, era visível que a função política de tal organismo consistiria em resolver o problema do controle político e da formação de bases eleitorais no seio de uma população com forte potencial para organização e luta como era já naquele momento a população favelada carioca (BURGOS, 2006, p. 29).

1.6. Conclusão do capítulo

Ao longo da década de 1950, a mídia permanece sendo o principal canal de propagação do pensamento sobre as favelas. No início de 1952 o jornal O Globo publica uma série de reportagens que em seu título já é um indicativo dos estigmas mobilizados contra as populações dos territórios: “Fui a outro inferno”.

No mês de fevereiro do mesmo ano o jornal se dedica, em outra reportagem, a apresentar uma “reflexão sobre a favela e plano de ação para acabar com ela”, onde afirma o saber preconceituoso do senso comum como mecanismo para explicação dos males que significam uma favela: “não é preciso ser sociólogo para perceber os perigos que representa para a cidade este agudo conflito entre opulência e miséria, entre os palácios e os barracos.”¹⁸

O conhecimento oficial sobre as favelas no Rio de Janeiro começa a se configurar a partir década de 1950 com a publicação do documento “As favelas do distrito federal e o censo demográfico de 1950”, mas este documento reconhece que, antes de 1950, outros estudos parciais e gerais foram realizados sobre as favelas da cidade. Cita um estudo promovido pela Fundação Leão XIII e outro pelo Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do Distrito Federal. O primeiro mais voltado para os aspectos sociais do modo de vida nas favelas, como alimentação, saúde e nível de instrução dos moradores e o segundo realizado de maneira mais estatística. (GUIMARÃES, 1953).

Além dos estudos da Fundação Leão XIII e do Departamento de Geografia e Estatística do Distrito Federal citados, há a partir da década de 1940 a produção de algumas monografias de conclusão de curso no Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). (KNAUSS e BRUM, 2012).

Valladares (2000; 2005) assinala que, deste período até o final da década de 1960, acontece uma transição em relação ao modo de produção das representações sociais sobre a favela no Rio de Janeiro com a efetiva entrada das ciências sociais com seus métodos e técnicas de pesquisa e a consequente valorização da favela na qualidade de “comunidade” local o que, por sua vez, gera um reconhecimento do trabalho de campo nestes territórios.

¹⁸ O Globo edição de 12/02/1952.

De fato, esta década tem grande importância nos vários aspectos de consolidação da favela como tema de interesse não apenas das ciências sociais, mas bastante do poder público no Rio de Janeiro, no incessante movimento de influência política, social e intelectual que as favelas geram desde seu surgimento.

No plano político, as políticas públicas, guiadas pelo pensamento urbanístico da década de 1960, fizeram deste um período de grandes remoções de favelas das zonas central e sul para os cantos mais afastados da cidade.

O Serviço Especial de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas (Serfha)¹⁹, criado quatro anos antes, em 1956 na gestão de Negrão de Lima à frente da prefeitura do Distrito Federal, passa a ser comandado por José Arthur Rios, na época um jovem sociólogo que havia acabado de participar do primeiro estudo sociológico sobre a realidade das favelas do Rio de Janeiro²⁰.

Após certo esvaziamento, ainda na década de 1960, o Serfha teve suas funções incorporadas pelo Serviço Social das Favelas e pelo Departamento de Recuperação de Favelas, e foi criada a Cooperativa de Habitação do Estado da Guanabara (COHAB), apresentada como uma instituição com fins de dar assistência às favelas para melhorá-las com a construção de casas e urbanização. (VALLA, 1986).

Ao que vimos nesta breve história do pensamento social-urbanístico sobre as favelas, a interpretação sociológica destes territórios, embora não formulada em termos teórico-metodológicos, precedeu a institucionalização da sociologia, disciplina científica geral da sociedade no Rio de Janeiro.

Desde o nascimento das favelas no Rio de Janeiro, as representações sociais estruturadas a respeito de si se encarregaram de constituir um saber que se firma na interface entre o ambientes da produção de conhecimento científico e do pensamento nativo. A exposição da maneira como a favela foi “descoberta” pelos mais diversos

¹⁹ No documento de criação cabia ao Serfha, dentre outras coisas, criar “centros de acolhida na periferia do Distrito Federal” que serviriam para o “controle e orientação das populações migrantes”, além do “estudo e acordos para a criação de colônias agrícolas na região geo-econômica em que se situa o Distrito Federal” (Decreto n°. 13304, de 28 de agosto de 1956). Ademais, o Serfha deveria ser também responsável por iniciativas de urbanização e assistência médica, social e policial nas favelas. Um mês após a criação do Serfha o presidente Juscelino Kubitschek promulgou a chamada Lei 2875, de 19 setembro de 1956, chamada de “Lei das favelas”. Através desta lei a União destinou uma verba de 50 milhões de cruzeiros à Cruzada São Sebastião para promover a ‘urbanização’ das favelas do Distrito federal, assim como verbas com o mesmo fim, para as cidades de Recife, Vitória e São Paulo. (RODRIGUES, 2103).

²⁰ “Aspectos Humanos das Favelas Cariocas”, conduzida pelos técnicos da SAGMACS, liderados pelo padre Leuret, tida como a pesquisa que inaugurou o trabalho de campo de estudos sociológicos sobre o fenômeno das favelas do Rio de Janeiro.

atores e pelas ciências sociais, nos auxiliam a notar a “evolução das categorias “favela” e “favelado” e das noções por elas expressadas, além de seus sinônimos, associações e oposições”. (VALLADARES, 2005, p. 13).

Se politicamente, ao longo das primeiras décadas do século passado, as favelas foram alvos de ações que se respaldavam pelo pensamento urbanístico preconceituoso. Após os anos de 1960, no ambiente acadêmico há a chegada de novos sujeitos que, ao final de seus cursos de graduação, influenciados pelas transformações da cidade ocorrendo diante de seus olhos, subsidiados por novas teorias e práticas metodológicas da nascente pós-graduação, decidem se dedicar a este tema.

É o momento da transição da favela, mero problema urbano, para a favela problema de pesquisa das ciências sociais. A universidade passa a produzir saber e, ao invés das primeiras narrativas idílicas ou mistificadoras, ganham lugar diversas reflexões teóricas sobre o desenvolvimento urbano e o conseqüente impacto na vida da população pobre moradora das favelas.

2. Uma ruptura epistemológica? Personagens e tramas no início da sociologia da favela do Rio de Janeiro (1960 – 1979).

Em sua última passagem pelo Brasil, Howard Becker (1996, p. 177), ao abordar a história daquela que, ao transformar a cidade de Chicago em seu grande laboratório, uniu métodos sociológicos dos mais variados legando as bases da pesquisa empírica moderna; disse aos que lhe ouviam que há duas histórias da sociologia, que precisam ser contadas, em simultaneidade com a história das ideias nas sociedades.

Para ele, a primeira história da sociologia, na qualidade de ciência, é a história da sua prática efetiva, dos métodos empregados para realizar esta prática e das pesquisas que surgem daí. Esta história é relevante, diz Becker, porque devemos levar em consideração que não é tão óbvio que apenas as ideias, em estado puro, possam ser a energia catalizadora ou o principal produto de uma escola sociológica.

Ele defende, com firmeza, como deixa exposto, que a história da sociologia, enquanto prática científica, não seria a história de grandes teorias, mas a dos grandes estudos, pesquisas que esta realiza sobre a sociedade. Ao apresentar isto, Becker inclui o que ele chama de uma terceira história da sociologia, a qual não havia se referido no início. Esta seria a história da sociologia dentro, entre, em conjunto com a história das instituições e organizações onde o trabalho sociológico é realizado.

A conclusão a que chega é que pensar a história da sociologia dentro destes três espectros é necessário porque as ideias, nenhuma delas, podem existir independentes, por si mesmas, em um vácuo, como ele diz; ao contrário as ideias, só existem e permanecem porque em conjunto sujeitos, instituições e organizações, as perpetuam e fazem transitar.

Antes de falarmos da ruptura epistemológica trazida pelos primeiros pesquisadores sobre favelas ao tema, precisamos entender um pouco da trajetória de institucionalização acadêmica das ciências sociais (sociologia) nos principais polos intelectuais brasileiros dos primeiros anos do século XX, São Paulo e Rio de Janeiro.

A rota seguida pela sociologia no Brasil está, desde seu início, demarcada pela análise de problemáticas concretas vivenciadas, assim como pelo interesse dos primeiros intelectuais do pensamento social, de forte tradição ensaística. Destacam-se nesta geração de ensaístas dedicados aos problemas nacionais a participação de Joaquim Nabuco, Manuel Bomfim, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Alberto Torres e Oliveira Viana. Suas discussões apontam para a necessidade da construção de uma

identidade nacional, forjando, no primeiro momento, um campo intelectual sociológico, mas ainda não com os cânones de uma disciplina acadêmica. (VILLAS BÔAS, 2007).

Embora já fizesse parte dos currículos escolares da Escola Militar e como auxiliar da pedagogia nas escolas de formação de professores, foi só no ano de 1925, através do decreto Rocha Vaz que a disciplina foi introduzida como obrigatória em todos os currículos escolares do curso ginásial. (SILVA, 2007).

A partir daí institucionalização sociologia brasileira começa a tomar corpo, quando, já na década de 1930, se “inaugura a difícil metamorfose das Ciências Sociais de “ponto de vista” em disciplina acadêmica, com aspiração à ciência. De visão impressionista em conhecimento organizado sobre a sociedade”. (ALMEIDA, 1987, p. 41).

Mais precisamente no ano de 1933, em São Paulo há a criação da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), seguida da fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1935. Estas duas iniciativas possibilitaram a vinda de intelectuais franceses para o Brasil, no que ficou conhecido como Missão Francesa, na USP, além do estabelecimento de Donald Pierson²¹, que trouxe seus conhecimentos da Escola de Chicago para a ELSP. (LIMONGI, 1989).

No Rio de Janeiro, a institucionalização da sociologia no meio universitário ocorre de modo diverso. A Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil era controlada por docentes participantes do Centro Dom Vital, uma associação conservadora de católicos leigos criada Alceu Amoroso Lima e por Jackson de Figueiredo. A atuação destes intelectuais faz com seja recrutada uma outra Missão Francesa, mais ligada ao catolicismo, diferente da que foi para a USP. (ALMEIDA, 1987), (TRINDADE, 2018).

Em contraposição ao círculo fechado entre USP e ELSP de São Paulo, há no Rio de Janeiro uma certa dispersão das ciências sociais, instituições com perspectivas disciplinares diferentes foram criadas após o primeiro movimento pela institucionalização das ciências sociais, já na década de 1950. Dentre elas, o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (1953), renomeado como Instituto Superior de Estudos Brasileiros (1955), defensor do pensamento nacional-desenvolvimentista. Na década, em 1958, surgem o Instituto de Ciências Sociais da

²¹ É a presença de Donald Pierson que nos interessa mais no assunto discutido nesta tese. Sob a influência das metodologias que ele traz da Escola de Chicago, uma série de estudos de comunidade são realizados na ELSP, os quais podem ser entendidos como o prenúncio de um programa de pesquisa para a sociologia brasileira. (LIEDKE FILLHO, 2005).

Universidade do Brasil, e o Curso de Sociologia e Política na PUC- RJ. (ALMEIDA, 1987).

Um ano antes, em 1957 houve a experiência pioneira promovida pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) que cria, no Rio de Janeiro o Centro Latino-americano de Pesquisa em Ciências Sociais (CLAPCS), instituição de pesquisas com uma biblioteca especializada em ciências sociais, responsável pelo primeiro boletim regional de ciências sociais.

Nestes ambientes, a nascente sociologia carioca assistia e começava a se inteirar do “problema das favelas” na cidade. Os primeiros sociólogos e sociólogas formados, vendo as mudanças acontecerem, não ficariam apenas no plano teórico de interpretação da realidade.

Antes da publicação do estudo da Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS), consagrado como a introdução das metodologias acadêmicas na interpretação das realidades das favelas, houve outras publicações universitárias sobre o tema, produzidas, principalmente, por assistentes sociais nas conclusões de seus cursos de graduação.

Parisse (1969a) e Valladares (2000; 2005) identificam que o primeiro estudo etnográfico produzido por uma estudante universitária sobre as favelas, foi a monografia de conclusão de curso da assistente social Maria Hortência do Nascimento e Silva, “Impressões de uma assistente social sobre o trabalho na favela”, de 1941, publicada no ano de 1942 como livro.

A descrição realista feita por Maria Hortência do Nascimento e Silva, utilizando-se de tabelas onde apresenta a população local por sexo, cor da pele e estado civil, condição no mundo do trabalho e salários, plantas dos tipos de habitações existentes na favela, histórias de vidas e falas dos moradores, tornou seu trabalho fonte de consulta para outros textos importantes como os de Parisse (1969b), Leeds e Leeds (1978) e Valla (1986).

Mesmo obtendo esta relevância, Valladares (2005) ressalta que o lugar de classe de Maria Hortência do Nascimento e Silva, filha de uma família da elite carioca, formada no ensino secundário por freiras francesas no Colégio Sion, repercute, na sua monografia, na presença das mesmas representações da pobreza urbana acionadas contra os moradores de favelas, além de se pautar por uma visão moralizante de suas identidades.

Em 1945, é apresentada outra monografia sobre o tema das favelas, “As populações das favelas”, tratando sobre a favela do Campo Ipiranga, na cidade de Niterói, produzida por Fernanda Augusta Vieira Ferreira Barcellos para a conclusão de seu curso na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ).

Fernanda Barcellos atuava na Fundação Lar Operário Fluminense, organização filantrópica, estimulada pela esposa do presidente Getúlio Vargas, com objetivos de: “desenvolver ação social contra as favelas”, para elevar “o nível das populações pobres que vivem à margem da sociedade”, utilizando-se para isso de “contínua assistência preventiva, curativa e construtiva” por meio de “trabalho de catequese”. Conforme é apresentada em artigo do jornal Correio da Manhã de 30 de dezembro de 1942.

Na monografia os mesmos axiomas sobre a favela e seus moradores já presentes no pensamento urbanístico da época são repetidos à exaustão, com a inclusão agora de um pecado histórico. Para ela “a favela vive fora do século em que estamos, [sendo povoada por] populações marginais”. (BARCELLOS, 1945, p. 44-45).

Anos mais tarde, Barcellos publica sua tese de livre-docência “As favelas: estudo sociológico”, sobre os centros sociais presentes em duas favelas da cidade de Niterói. Da mesma forma do texto de sua monografia, apesar de se propor a fazer um “estudo sociológico”, a autora repete preconceitos.

As favelas onde desenvolveu o estudo (Campo do Ipiranga e Morro do Estado), são apresentadas como lugares absurdamente perigosos onde “o crime de morte e o criminoso não são olhados com o horror como nós o olhamos” e aonde o punhal e o facão são “as armas prediletas dos moradores do morro, já por serem mais baratas, já por serem silenciosas”. (BARCELLOS, 1951, p. 68).

A função tuteladora dos centros sociais não é esquecida, estes poderiam servir para a “transposição da população marginal das “favelas” para a classe mais próxima – a operária”. (BARCELLOS, 1951, p. 117).

Preocupando-se, com os homens, as mulheres e crianças, que ela chama de “três indivíduos ideais”, o “Centro Social deverá promover a solidariedade sob diversos aspectos dando com isso, a cada indivíduo a consciência de que alguém zela por ele, de que há uma *solidariedade vinda do alto*”. (BARCELLOS, 1951, p. 118, grifo da autora).

Obviamente que não cabe fazer qualquer crítica aos trabalhos das autoras sem deixarmos de levar em consideração seu lugar de classe, ambas filhas da elite, além do momento histórico dentro do qual foram elaborados. Como temos visto, na história de como se formulou o pensamento urbanístico sobre as favelas, controle, estigmas, higienismo e preconceito são os pensamentos que sustentam a relação das elites com a população mais pobre.

Julgo importante expor o preconceito presente nestes trabalhos acadêmicos para questionar, exatamente, o papel que pode ser desempenhado pelos pesquisadores, se de meros reprodutores da apartação entre pobres e elites, ou, de efetivos cientistas sociais que denunciam essa visão redutora. O que me parece ter sido a opção feita pelos pesquisadores que se engajam nesses estudos, desde a publicação da pesquisa “Aspectos Humanos da Favela Carioca”.

2.1. Sobre a retomada dos personagens e obras

Com o passar dos anos, o volume de pesquisas, livros, teses, dissertações, artigos e tudo mais publicado sobre as favelas do Rio de Janeiro solidificou esta área de estudos e pesquisas, mas, no movimento contínuo de agregação de mais e mais material sobre o assunto, acabou por embaçar a história dos primeiros pesquisadores do tema, bem como das redes em que estavam entrelaçados.

Tal situação se seguiu até a publicação por Licia do Prado Valladares, em 2005, da primeira edição do livro “A Invenção da favela: do mito de origem à favela.com”, instante em que há uma retomada do interesse por se saber quem foram os responsáveis pela transição do tema das favelas para as ciências sociais. Uma recuperação dos personagens e tramas envolvidos na inauguração da área de estudos e pesquisas sobre as favelas cariocas.

Assim, figuras como o Pe. Louis-Joseph Lebret²², os sociólogos José Arthur Rios e Carlos Alberto de Medina, o antropólogo estadunidense Anthony Leeds, vêm tendo suas contribuições retomadas para pensar de onde vem a sociologia da favela. (VALLADARES, 2011).

²² O trabalho mais geral do Pe. Lebret e a da SAGMACS em iniciativas de planejamento urbano no país é analisado no livro Louis-Joseph Lebret e a SAGMACS: a formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil, da arquiteta Michelly Ramos de Angelo. (ANGELO, 2013).

Desde o ano de 2010 vêm sendo realizados colóquios, seminários e publicações com este intuito de retomada da história da área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio. Foi neste ano, inclusive, quando Aspectos Humanos da Favela Carioca completava 50 anos, que o Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro), realizou um colóquio para celebrar a data.

No evento, que originou o livro “Favelas cariocas: ontem e hoje” (MELLO, MACHADO DA SILVA, *et al.*, 2012), foi possível recuperar a história desta importante pesquisa, mas mais do que isso, depois de muito tempo foi possível ouvir pessoalmente as avaliações de um de seus coordenadores, José Arthur Rios.

Junto com Rios, ao ser retomada a importância da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca, o outro coordenador da pesquisa Carlos Alberto de Medina, já falecido em 2010, acaba por ser lembrado também.

A passagem do antropólogo Anthony Leeds pelo Brasil foi uma outra história que ficou bastante tempo esquecida, até mesmo pelos que estudam a questão urbana. Não fossem os compartilhamentos na rede mundial de computadores, não seria possível ter acesso à única edição até então do livro *A Sociologia do Brasil Urbano*, publicado em parceria com sua esposa Elizabeth Leeds, esgotado há muito tempo, republicado em 2015.

Felizmente, desde a doação de parte do seu arquivo de trabalho no Brasil feita por sua esposa à Casa de Oswaldo Cruz, a história de Leeds no Brasil vem sendo recontada pelos que com ele conviveram e aprenderam sobre pesquisa urbana.

Para celebrar a doação do acervo, junto com a publicação da segunda edição do livro do casal Leeds, organizada por Elizabeth Leeds e Nísia Trindade Lima, foi promovido, nos dias 22 e 23 de setembro de 2015, o seminário “O Rio que se queria negar: as favelas do Rio de Janeiro no acervo de Anthony Leeds”²³, seguido de uma exposição de parte das 770 fotos tiradas pelo antropólogo nos trabalhos de campo.

Também afetado pelo esquecimento foi a edição da Revista *América Latina*, de 1969, dedicada exclusivamente às favelas do Rio de Janeiro. Material tão raro nos dias atuais que não é possível encontrar nas bibliotecas ou mesmo virtualmente, ao qual só tive acesso graças ao zelo de Licia Valladares que tem um exemplar cuidadosamente guardado.

²³As mesas do seminário podem ser assistidas em: <https://portal.fiocruz.br/video/seminario-o-rio-que-se-queria-negar-abertura-22092015>.

Luiz Antonio Machado da Silva, o urbanista Carlos Nelson Ferreira dos Santos (falecido em 1989) e Licia Valladares, alunos de José Arthur Rios, Carlos Alberto de Medina e Anthony Leeds que começaram a pesquisar as favelas quando ainda eram estudantes de graduação, têm tido suas trajetórias profissionais recuperadas como exemplos da continuação e solidificação das propostas dos pioneiros.

Junto com as homenagens recebidas Machado da Silva teve seus textos mais significativos republicados, em 2016 e em 2018, nas coletâneas “Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas” (SILVA, 2016) e “O mundo popular: trabalho e condições de vida” (SILVA, 2018).

A obra de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, por sua vez, vem sendo objeto de seminários e discussões desde 2002, quando foi lembrada por Maria Laís Pereira da Silva, Isabel Cristina Eiras e Diogo Lordello de Mello no capítulo “O arquiteto que virou antropólogo: Carlos Nelson Ferreira dos Santos”, publicado no livro Capítulos da Memória do Urbanismo Carioca (FREIRE e OLIVEIRA, 2002).

Na Universidade Federal Fluminense a Escola da Arquitetura e Urbanismo (EAU/UFF), instituição onde lecionou, desde 2010 tem buscado resgatar e divulgar sua obra promovendo diversos seminários e uma pesquisa sobre a contribuição do intelectual nas áreas do urbanismo, da habitação e da urbanização de favelas.

Em 2014, a obra de Carlos Nelson foi tema de um colóquio na Universidade de Lisboa e em 2016 da sessão especial de debate “A Cidade como Direito: Pensamento e Obra de Carlos Nelson Ferreira dos Santos” durante o II Seminário Nacional sobre Urbanização e Favelas, na UERJ. Alguns de seus textos foram reeditados na coleção “Sementes Urbanas”. (SANTOS, 2017a, 2017b, 2017c).

Em junho de 2018, no lançamento da coletânea, como homenagem pelo trabalho desenvolvido, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (CAU/RJ) exibiu outra obra sua, o documentário “Quando a rua vida casa”²⁴, produzido por ele em parceria com os antropólogos Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello com base na pesquisa de mesmo nome realizada pelos dois antropólogos no bairro do Catumbi.

Licia Valladares teve sua vida e percurso profissional celebrados publicamente no dia 05 de junho de 2019 quando o auditório do Programa de Pós-Graduação em

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F6oxjTOMenA> (1ª. parte) e <https://www.youtube.com/watch?v=fRhafd41tU0> (2ª. parte).

Ciências Sociais da UERJ ficou cheio para uma homenagem. Sentada na primeira fila, Licia ouviu atentamente cada um dos participantes das mesas.

Colegas de trabalho que se tornaram amigos e a acompanham desde o início, nos anos de 1960. Interlocutores de campo, profissionais que ela formou e outros tantos que nem seus alunos foram, mas encontram na sua obra referencial imprescindível; se revezaram ao longo do dia no exercício de rememorar a carreira de uma das pioneiras da área de estudos e pesquisas sobre as favelas.

O dia foi tomado por uma homenagem onde a análise rigorosa da produção de Licia Valladares foi acompanhada da afetividade demonstrada pelos que falavam da Licia pesquisadora rigorosa com teoria e método, mas também atenta aos interlocutores, cordial, acessível e preocupada com a formação dos jovens a circundam.



celebrando
Licia do Prado
Valladares

SAVE
THE
DATE ! 05 de junho
9h30 às 18h

UrbanDataBrasil
CEM/USP

CIDADES

UERJ – Maracanã
auditório 9031
Bloco F 9o. andar

Figura 4 - Cartaz da homenagem a Licia do Prado Valladares.

A mensagem deixada pelas falas dos participantes deixou claro o entendimento de que não há a possibilidade de entender Licia Valladares apenas pela interpretação de sua extensa obra intelectual. Licia, como relatou uma das expositoras, é em si encontro, troca, estímulo para os mais novos e entre seus pares.

Licia Valladares demonstra em seu percurso intelectual a percepção de Georg Simmel sobre os processos sociais, enquanto circunstâncias móveis, que passam a existir e deixam de existir, onde alguma coisa só “é” em relação a outra coisa, que também só existe em outra teia de relação ilimitada. No que pode ser identificada como a natureza sincrônica da sociedade ou a “infinitude da atividade relacional dos indivíduos”. (SIMMEL, 2004).

O percurso de Licia e seus estudos são exemplares porque têm início quase que concomitantemente ao momento onde a tensão entre favela e cidade – que sempre apontou para uma existência indesejável dessas moradias – começa a ser tratada de outra maneira: entendendo a sociabilidade multifacetada e se contrapondo ao senso comum conservador que insistia (ainda insiste) em associá-las à desregulação e marginalidade.

Os círculos e figurações sociais em torno dos estudos sobre as favelas do Rio de Janeiro, com todas as especificidades dos indivíduos que os compõem, se estabelecem exatamente junto e por meio das relações estabelecidas pelos primeiros pesquisadores sobre favelas, grupo do qual Licia é parte.

No jogo da interação dos indivíduos se consolida a socialização, ou seja, a circunstância que sintetiza os indivíduos isolados em conjuntos mais amplos, carregados de cooperação e colaboração que movimentam interesses e dissipam a dicotomia entre indivíduo e sociedade, os quais deixam de ser vistos como instâncias apartadas.

O processo de interação é importante porque os fins que mobilizam os indivíduos correspondem diretamente aos conteúdos da vida social, mesmo que não possuam uma natureza estritamente social.

É através da interação que se forma a unidade, ou seja, o ajuntamento de indivíduos ao redor de um empreendimento conjunto, que pode ser entendido como a formação de círculos sociais. Desta maneira, é por meio da interação que a sociologia pode observar os círculos sociais, a articulação entre indivíduos oriundos de grupos sociais distintos e dentro de um mesmo grupo.

Georg Simmel (2004), estabelece que o primeiro círculo social ao qual todo indivíduo está ligado é o familiar, primeiro o fundado por seus pais e depois o que ele mesmo forma. Neste círculo as ligações são mais íntimas. No ambiente familiar o indivíduo fortalece os laços necessários à sua constituição inicial. No percurso da vida os indivíduos vão criando ligações com outros indivíduos de fora do seu círculo inicial de agregação. Através das interações profissionais, da tomada de consciência de sua cidadania e da entrada em uma camada social.

Neste movimento, estabelecem uma infinidade de contatos e assim mais círculos são movimentados, constituindo “como que um sistema de coordenadas. De tal maneira que cada novo grupo determina os indivíduos de modo mais preciso e inequívoco”. (SIMMEL, 2013, p. 574-575).

Nesta abordagem das interações proposta por Simmel, a circularidade da vida social, ao contrário do que poderia parecer, não possui causalidade. Ele entende, na verdade que as interações não ocorrem uma após a outra, um indivíduo não espera o outro agir para dar sua resposta, mas ambos agem simultaneamente e, por isso, estão circularmente conectados.

Neste capítulo e no próximo, alguns dos personagens envolvidos com a formulação e consolidação da sociologia da favela carioca, as tramas nas quais estavam envolvidos e o quanto isto significou para o estabelecimento da área de estudos e pesquisas serão examinados.

2.2. Pe. Lebret e a SAGMACS

No contexto do catolicismo francês, logo após a Segunda Guerra Mundial, sindicalistas, ativistas religiosos, e profissionais debatiam alternativas de desenvolvimento que reconciliassem o humano com o econômico. Essas reflexões deram origem ao grupo *Économie et Humanisme*, fundado em 1941 por padres dominicanos, tendo Louis-Joseph Lebret como principal articulador.

Como um movimento cuja pretensão era instituir um novo projeto para renovar a doutrina social da Igreja Católica Romana, *Économie et Humanisme* se fundamentava na doutrina do “bem comum” e da “economia humana”. Seus principais meios de divulgação foram uma revista criada por Lebret, em 1942, livros por ele escritos, e, principalmente uma enorme rede de pessoas interligadas dentro e fora da França, formada nos cursos promovidos no convento de La Tourette, nos arredores de Lyon. (PELLETIER, 1996).

A natureza interativa do método de Lebret, promotora do trânsito entre pesquisa científica e ação prática, pode ser encontrada nas proposições do movimento *Économie et Humanisme* de Lebret, elencadas por Astier & Laé (1991) no texto que analisam as pesquisas sociais do grupo, citadas por Valladares (2005). Segundo os autores, o movimento *Économie et Humanisme* era pautado por quatro etapas:

“primeiro, a “elaboração de um conhecimento científico da economia humana a partir da cidade, do bairro e das associações; segundo, a construção de instrumentos de pesquisa ao mesmo tempo monográficos e estatísticos, apoiados em uma nomenclatura dos fatos sociais; terceiro, a afirmação de uma ética fundamentada em uma comunidade de base: a família, o grupo profissional, a vizinhança, o bairro; e quarto, a intenção de despertar o papel de “intermediário” entre um Estado burocrático e uma população sem representantes”. (ISABELLE e JEAN-FRANÇOIS, 1991, p. 83). *Apud* (VALLADARES, 2005, p. 84).

A desenvoltura do padre Lebret tornou rapidamente movimento em programa de pesquisas sociais o que significou sua nacionalização após o reconhecimento e algum patrocínio do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). As equipes de pesquisadores formados passaram a fazer parte de uma organização formal chamada por Lebret de *Société d'analyse Graphique et Mécánographique des Agglomerations* (SAGMA), vindo a atuar nos esforços de reconstrução do governo francês pós Segunda Guerra, nas cidades de Lyon, Saint Etienne, Nantes e Marselha, onde estavam sendo construídos conjuntos habitacionais planejados pelo arquiteto Le Corbusier. (LEME, 2010).

Durante as reuniões do movimento *Économie et Humanisme*, em 1941, Lebret conhece o frei brasileiro Romeu Dale para quem declara seu interesse de fazer uma viagem de estudos à América Latina. Lebret convida Dale para trabalhar com ele em Marselha e os dois passam a se corresponder, chegando a discutir, em algumas cartas, os apontamentos que dariam origem ao primeiro material de formação do movimento.

Os interesses de Lebret em sair da França não vinham apenas de seu espírito empreendedor. Uma sucessão de crises internas sobre filiação política, se marxista ou liberal, e de gestão econômica no movimento *Économie et Humanisme* fazia Lebret expor o desejo pela constituição de uma “terceira via”, nem liberal, nem socialista.



Figura 5 - Pe. Louis Joseph Lebret, autor e data desconhecidos (fonte: Internet)

Afora isto, o reconhecimento inicial do CNRS esbarrava nas desconfianças do Centro sobre quais seriam as reais interferências das ideias do catolicismo nos trabalhos de Lebret e seus pesquisadores. O Centro não chegou a retirar as subvenções, mas não as entregava diretamente à instituição de Lebret, tampouco a reconhecia cientificamente. (ANGELO, 2013).

Providencialmente para Lebret, o frei Dale, que estava de volta ao Brasil, tinha estabelecido moradia em São Paulo, as correspondências dele com Lebret continuaram até que, em 1946, o frei brasileiro intermediou o contato do diretor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), Cyro

Berlinck com o francês. Surgia assim, o primeiro convite para que Lebret viesse, no primeiro semestre de 1947, ministrar um curso de Política Econômica na ELSP. Era a oportunidade esperada por Lebret de expandir seu trabalho para além do solo francês e voltar-se para o desenvolvimento da economia humana no Terceiro Mundo. (LEME, 2010) (ANGELO, 2013).

Por certo, a vinda de Lebret para o Brasil lhe possibilitou colocar em prática mais do que conseguia fazer na França. Sua capacidade de sempre estabelecer contatos que ampliassem a rede de pessoas interessadas nas ideias de *Économie et Humanisme* obteve ressonância em parte da elite dirigente brasileira e nas proposições urbanísticas dos anos de 1950.

Durante a estadia na ELSP, seu curso, segundo Valladares (2005), foi frequentado por funcionários da alta administração pública de São Paulo, engenheiros, médicos e católicos membros da elite da cidade.

Graças ao aporte considerável dos dominicanos na divulgação de suas ideias, Lebret cria o primeiro escritório da SAGMACS no Brasil, em São Paulo. Logo expandido para outras capitais.

Ao todo a SAGMACS chegou a desenvolver catorze pesquisas e projetos produzidos pelos escritórios, durante seus anos de funcionamento. Estes trabalhos foram realizados nos estados de São Paulo (capital e cidades do interior), Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais (Belo Horizonte), Rio de Janeiro (Aspetos Humanos das Favelas Cariocas) e Mato Grosso

Outra relação importante neste período é a que Lebret estabelece, no primeiro ano de sua estadia no Brasil, com Dom Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro empenhado em resolver o “problema” das favelas cariocas com sua urbanização, por meio da Cruzada São Sebastião. Dom Helder solicitou a Lebret que fizesse uma pesquisa sobre o habitat operário e logo identificou no padre as competências de pesquisador.

Valladares (2011) vê na relação entre Lebret e Dom Helder o auxílio que o padre precisava para romper as resistências do alto clero brasileiro, que o via como militante, na verdade “as orientações teórico-políticas do Padre Lebret eram totalmente compatíveis com as de Dom Helder (...). Uma preocupação com a “terceira via” aproximava os dois personagens”. (VALLADARES, 2005, p. 84).

Angelo (2013), sinaliza que é possível perceber, em Lebret, a junção de uma dupla identidade, de sociólogo com a de religioso católico. Estas duas raízes influenciaram seus caminhos teórico-metodológicos, as práticas de pesquisa urbana, do mesmo modo que possibilitaram seus contatos profissionais.

A identidade religiosa lhe fez chegar ao Brasil. A vertente sociológica se manifesta graças a sua capacidade de estabelecer laços. Como não tinha as ciências sociais na sua formação original (era oficial naval), Lebret arquitetou seu pensamento sociológico por meio das reflexões teóricas e metodológicas absorvidas dos sociólogos Frédéric Le Play, Tourville, Jacques Maritain, do encontro com o sociólogo urbano Chombart de Lauwe, do estudo das obras de Marx; da formação em pesquisa recebida do geógrafo Pierre Monbeig das afinidades construídas no Brasil com o sociólogo Josué de Castro. (VALLADARES, 2006; 2005), (ANGELO, 2013).

Sobre esses interlocutores vale destacar a atuação de Le Play, criador de um método de pesquisa social onde congregava observação direta com tratamento

estatístico de dados que reuniu sobre famílias operárias francesas, citado como referência bibliográfica do curso de Economia Humana de Lebret.

Sistematicamente, o método continha três etapas interligadas: observava particularidades de apenas uma família ou um conjunto pequeno de famílias, disto, indutivamente, indicava proposições gerais que eram submetidas, para debate, a um grupo identificado por ele como “notáveis” (prefeito, juristas, médicos) da localidade onde o estudo estava sendo realizado.

Do encontro com o sociólogo urbano francês Chombart de Lauwe é possível extrair mais algumas orientações metodológicas de Lebret. Introdutor do pensamento da Escola de Chicago na França, Chombart foi um dos precursores dos estudos urbanos na sociologia daquele país. Utilizava conhecimentos de psicologia, etnografia e fotografias aéreas em suas pesquisas.

Esta ideia de olhar a cidade de cima está presente na maneira como Lebret via os conjuntos urbanos que estudava e pode ser percebida na importância que ele dá a apresentação de mapas e diagramas nos relatórios de pesquisa.

Tal empirismo não era interessante para os generalistas da Universidade de São Paulo (USP), ainda muito influenciados pela sociologia canônica francesa, da qual Durkheim era patrono, trazida pelas missões intelectuais dos primeiros anos. Este preconceito reverberou também em Lebret, mas foi proveitoso, de certa forma, pois lhe possibilitou abrigo na ELSP, mais empírica, voltada para a formação de profissionais de pesquisa com capacidade administrativa, ao contrário da generalista USP. (VALLADARES, 2005).

Desde a primeira viagem ao Brasil, Lebret se empenhou em formar os profissionais com quem trabalhava, através do curso de economia humana que dava, assim como da atração de universitários, estudantes e recém-formados, membros da juventude católica. Causava-lhe preocupação perceber as deficiências técnico-científicas de muitos deles, tanto para a execução de pesquisas sociais, quanto para compor a gestão dos órgãos governamentais que aplicariam as propostas destas pesquisas. Estes sujeitos formaram a base de pesquisadores espalhados pelo país nos escritórios da SAGMACS. (ANGELO, 2013).

Angelo (2013) constata um rico compilado de orientações metodológicas expostas no *Guide pratique de l'enquête sociale* escrito por Lebret em 1952. Neste manual, o padre indica como as equipes de pesquisadores deveriam ser organizadas,

como tinham que estruturar suas enquetes, desde a coleta exploratória de dados, passando pela sistematização, análise e representação gráfica nos relatórios finais.

Um dos caminhos para atingir a humanização pregada pelo movimento de Lebret era a produção de conhecimento empírico sobre as localidades onde se pretendia intervir. A coleta de dados que esmiuçassem as realidades econômicas, as informações obtidas nos trabalhos de campo, as discussões realizadas pelos pesquisadores quando da execução das pesquisas deveriam ser apresentadas em relatórios claros, facilmente entendíveis por todos.

Lebret vai para além do urbanismo estritamente funcional e técnico para entender, na sua metodologia, a cidade, suas localidades, como uma trama histórica, social e econômica, por onde os sujeitos se deslocam no fazer cotidiano.

A conjugação de pesquisa de campo com ação prática cativou os jovens pesquisadores “interessados numa nova forma de ação, engajados em manter um diálogo com o marxismo na busca de uma terceira via para o desenvolvimento”. (ANGELO, 2013, p. 52).

Nas palavras de Antônio Bezerra Baltar, coordenador de um estudo da SAGMACS de Recife sobre a economia de Pernambuco, a expertise do padre Lebret estava na sua defesa de:

“um método minucioso de análise do território e da sociedade, através de dossiês que englobavam diversos dados sociais, econômicos e geográficos com o objetivo de montar uma síntese de dinâmica urbana, procurando, assim, associar o aspecto econômico ao desenvolvimento humano. Era preciso, primeiro entender, por meio dos aspectos econômicos, geográficos e sociais, a lógica e a coesão daquele território ou região. Logo após era necessário definir a localização dos equipamentos com o intuito de valorizar e aproveitar as oportunidades do território. Esta definição seria feita através de alguns condicionantes econômicos, como disponibilidade de energia, transporte, água, e também de imperativos sociais, procurando diminuir custos e melhorar as condições humanas”. (BALTAR, 1954).

Em entrevista concedida para Michelly Ramos de Angelo (2013), o arquiteto Antônio Claudio Moreira, colaborador no escritório da SAGMACS de São Paulo, indica a marcante influência de Lebret no pensamento urbanístico brasileiro dos anos 1950 em diante. Dos escritórios da SAGMACS saíram uma boa quantidade dos que se tornaram técnicos, gestores e mesmo militantes da questão urbana.

No Rio de Janeiro, os ideais do padre Lebret aplicados na primeira pesquisa sobre favelas, significaram a arrancada para o trabalho de campo dentro dos territórios, referencial para as novas construções sociais que originariam a área de estudos e pesquisas sobre favelas.

2.2.1. SAGMACS no RJ – Aspectos humanos da favela

O pioneirismo de “Aspectos Humanos da Favela Carioca” lhe confere o certificado de ser o ponto de partida para toda a área de estudos e pesquisas sobre as favelas cariocas. Ao definir uma agenda seguida pelas gerações seguintes, os diversos temas abordados no estudo podem ser encontrados nos trabalhos dos que a seguiram. (VALLADARES, 2005).

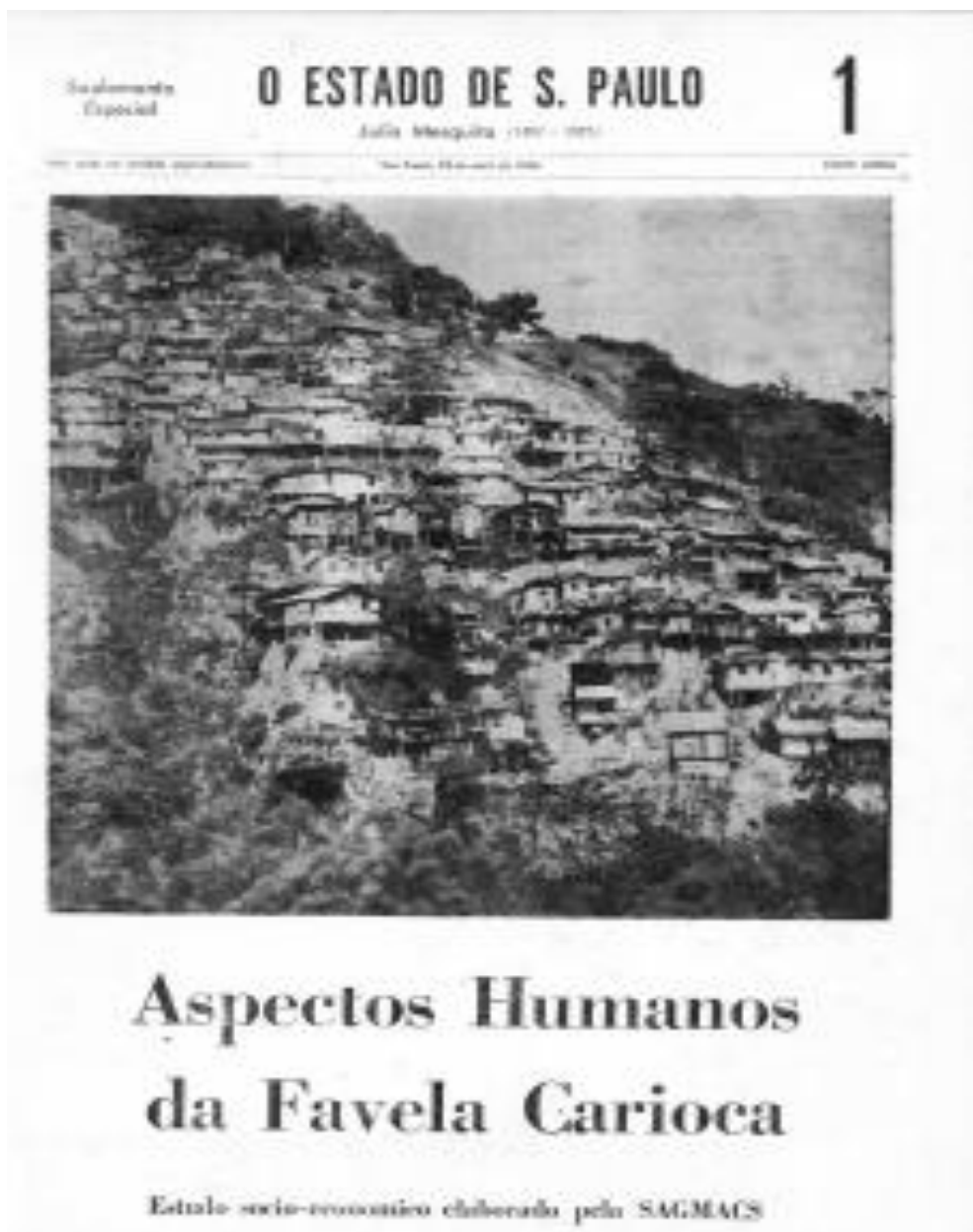


Figura 6 - Capa do primeiro caderno da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca. Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, 13 de abril de 1960.

A pesquisa foi contratada pelo jornal O Estado de São Paulo e realizada no âmbito dos estudos desenvolvidos pela SAGMACS no Rio de Janeiro, em um

momento de mudanças históricas de relevo. A cidade perdia o posto de capital da Federação para a nascente Brasília construída pelo presidente Juscelino Kubitschek. Isto significou a mudança administrativa, o Rio passa a ser uma cidade estado autônoma, o Estado da Guanabara, governado por Carlos Lacerda, o da batalha contra as favelas, opositor de Juscelino.

O contexto político mais geral do país indica algumas das motivações que levaram o dono do jornal paulista O Estado de São Paulo, Julio Mesquita a financiar uma pesquisa sobre as favelas do Rio de Janeiro. Valladares (2005), relembra as tensões existentes entre o ideal desenvolvimentista do presidente que queria fazer o Brasil avançar 50 anos em 5, e o conservadorismo dos políticos da União Democrática Nacional (UDN) que tentava desestabilizar Juscelino, e tinha em O Estado de São Paulo o principal veículo de propaganda política.

O jornal, dedicava-se a publicar editoriais, artigos e reportagens questionando o volume de dinheiro investido na construção de Brasília, o qual poderia, segundo sua defesa, ser usado para minorar os efeitos da pobreza vivida nas novas favelas que cresciam para todos os lados na ex-capital.

Na apresentação da publicação a seus leitores os editores do jornal indicam os objetivos:

Ao encomendar à SAGMACS (Sociedade) uma pesquisa Uma pesquisa sobre as favelas do Rio, o “Estado” teve o objetivo de chamar a atenção dos governantes, administradores, legisladores, políticos e estudiosos das questões sociais para esse fenômeno tão característico dos grandes centros urbanos no Brasil, que se manifesta de forma mais evidente no Distrito Federal. E teve também a preocupação de oferecer a esses destinatários um trabalho o mais completo possível sobre as favelas, que trouxesse a chamada de notórios pesquisadores e estivesse isento de Paixões políticas e ideológicas. (SAGMACS, 1960, p. 2).

Segundo aponta Machado da Silva (2012), há a probabilidade de a pesquisa, que não custou barato, mesmo não tendo sofrido interferência direta dos financiadores, fazer parte dos interesses do jornal no jogo da dominação das elites, já que “naquele contexto era quase inevitável que qualquer análise “objetiva” da “realidade” das favelas, como propunha o estudo, tivesse tons críticos, afetando os interesses políticos dominantes no Rio de Janeiro, opostos aos daquele jornal. (MACHADO DA SILVA, 2012, p. 53, grifo do autor).

Sobre as origens da pesquisa o coordenador José Arthur Rios recordou com detalhes o encontro com Julio Mesquita, em uma fala proferida na Fiocruz, no ano de 2015:

“Eu recebi uma encomenda curiosa, eu tinha um escritório de pesquisas e fui chamado pelo então diretor do grande jornal Estado de São Paulo, o nosso Estadão, que me encomendou uma pesquisa sobre as favelas do Rio de Janeiro. Achei estranho porque o Estadão era o baluarte do conservadorismo paulista, e não é dizer pouco... Pediu-me então, que fizesse uma pesquisa. Eu procurei saber qual era o motivo, porque seu Julinho tinha se interessado pelo problema das favelas. Era o seguinte: porque seu Julinho estava na oposição, já na época Juscelino. E então, ele achava um absurdo que Juscelino estivesse construindo Brasília, enquanto a até então capital federal, o Rio de Janeiro, estivesse cheia de favelas. Então, ele queria demonstrar que havia urgência em resolver o problema das favelas do Rio, em primeiro lugar, e depois construir lá a capital que se quisesse.

Bem, em nome da verdade eu devo dizer que, daí em diante, seu Julinho não interferiu em uma vírgula na favela. Porque eu esclareci a ele que meu propósito não seria político. Eu queria apenas fazer uma pesquisa de favelas, era um sonho que eu tinha. Que eu trouxe até quando voltei dos Estados Unidos. Quem sabe um dia eu farei uma pesquisa das favelas do Rio, e foi o que eu fiz. E jamais seu Julinho, a bem da verdade, interferiu, por telefone, carta, de qualquer forma em que eu torcesse as descobertas da minha pesquisa. (RIOS, 2015).²⁵

Acertadas as questões operacionais, o padre Lebret, responsável legal pela SAGMACS, assinou o contrato com o jornal e Arthur Rios seguiu com a montagem da equipe de pesquisadores. Dirigida por ele, “Aspectos Humanos da Favela Carioca” teve ainda a participação do também sociólogo Carlos Alberto de Medina e de Ailza Barbosa de Araújo como coordenadores, além do urbanista Hélio Modesto e da arquiteta Maria Cândida Pedrosa Campos.

Dos membros da equipe de coordenação, apenas Arthur Rios era familiarizado com o pensamento do movimento Economia e Humanismo do padre Lebret. Para conseguir os pesquisadores de campo, Arthur Rios chega a dizer em entrevista a Valladares (2005) que recorreu à ajuda de Donald Pierson, que estava formando toda uma geração de pesquisadores empíricos segundo os ensinamentos da Escola de Chicago, na ELSP. Mas a preferência ficou mesmo para profissionais do serviço social conhecedoras qualificadas do ambiente das favelas cariocas, devido a seu trabalho junto a essa população. Escolhidos porque, segundo Rios

na época não havia o tipo de pesquisador que nós desejávamos para entrevistar os moradores de favelas. Fomos buscá-los, a maioria deles, no serviço social. Porque os nossos departamentos de sociologia, na época, estavam preocupados com problemas altamente teóricos. (...) E não havia propriamente entrevistadores, que fomos buscar nas escolas de serviço social. (RIOS, 2015)²⁶.

²⁵ Fala proferida durante sua participação na mesa “A contribuição da pesquisa de Anthony Leeds para as ciências sociais no Brasil, durante o Seminário “O Rio que se queria negar”, em homenagem a Anthony Leeds realizado pela Casa de Oswaldo Cruz em setembro de 2015. Os debates da mesa estão disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=B_nu81_Ur5w.

²⁶ Idem.

A explicação de Arthur Rios para a escolha de assistentes sociais como pesquisadores de campo está ligada à maneira como o saber/poder se firmou desde o relacionamento constante que estes profissionais detinham com os pobres da cidade, “pela sua experiência e vivência nas favelas do Rio, pela sua prática de aplicar questionários e fazer entrevistas e sua resistência em subir morros”. (RIOS, 2012, p. 39).

Surgido, no Brasil, da prática de filantropia da Igreja Católica, o serviço social “afirma-se como profissão, estreitamente integrado ao setor público em especial diante da progressiva ampliação do controle e do âmbito da ação do Estado junto à sociedade civil.” (IAMAMOTO e CARVALHO, 2008, p. 79). Isto o faz se institucionalizar e legitimar, desde os anos de 1930, como suporte do Estado e das elites para a regulação das diversas manifestações da questão social brasileira, notadamente, o problema dos pobres e, em especial no Rio, dos pobres moradores de favelas²⁷.

A ação educativa das assistentes sociais, junto aos moradores de favelas, tendencialmente inclinada ao pensamento higienista, considerava esta população como inapta, dependente de uma intervenção superior à sua realidade. Situação que não contribuía para a real emancipação destes sujeitos, mas para sua manutenção à margem do acesso a moradias dignas.

Atuantes junto à Legião Brasileira de Assistência, à Fundação Leão XII, à Cruzada São Sebastião, em cadastramentos da prefeitura, em campanhas de saúde, viabilização do acesso a serviços públicos e nas inúmeras ações de filantropia católica, as profissionais do serviço social tinham livre trânsito nas favelas, conheciam as pessoas, entravam sem suas casas e, principalmente, sabiam como abordá-las para extrair informações. Expertise que a coordenação da pesquisa muito precisava, da qual careciam os sociólogos teóricos recém-formados no Rio.

Definidas as equipes tem início o trabalho de campo, ocorrido durante três anos seguidos (1957-1959). Arthur Rios (2012) nos conta que primeiro os pesquisadores de campo se dedicaram à aplicação de questionários socioeconômicos desenvolvidos pelo Pe. Leuret em 12 favelas. Estes questionários tratavam sobre assuntos ligados à saúde, situação da habitação, características demográficas e econômicas das famílias.

²⁷ Sobre o significado sócio-histórico da profissão de serviço social no Brasil, ver IAMAMOTO e CARVALHO, 2008 e YAZBEK, 2009.

Ao serem sistematizados os dados deram origem a diagramas elaborados pela desenhista da equipe Maria Cândida Pedrosa de Campos, utilizados para comparar e visualizar espacialmente os resultados obtidos, numa clara inspiração dos métodos herdados pelo Pe. Lebret de seus interlocutores.

Após a análise sociológica dos dados quantitativos a equipe de Arthur Rios e Medina decidiu utilizar-se das técnicas de entrevista em profundidade e história de vida para fazer, em duas favelas: Barreira do Vasco e Parque Proletário da Gávea, um aprofundamento dos tópicos sobre a relação da favela com a estruturação urbana, família, situação educacional, delinquência, cotidiano político e demagogia, discussões que se tornariam posteriormente do livro “A favela e o demagogo” publicado por Carlos Alberto de Medina em 1964.

Rios (2012) reconhece a ausência de um estudo específico sobre a questão econômica nas favelas ao que credita a falta de economistas que compreendessem algo sobre os territórios no momento de montagem da equipe, porque os poucos que existiam estavam mais interessados nas discussões em torno do desenvolvimento do país junto aos órgãos públicos.

Apesar desta lacuna, o estudo demonstra claramente como a precariedade dos salários dos trabalhadores pobres implicou diretamente no estabelecimento das favelas como alternativa de moradia. Comparando a renda dos trabalhadores com o valor das moradias na cidade, comprova o quanto a moradia não é custeada pelos baixos salários recebidos.

A pesquisa da SAGMACS inaugura o trabalho de campo como um expediente sistemático nos estudos sobre as favelas do Rio de Janeiro. Outra característica relevante é que em seu desenvolvimento se pode identificar a junção das ideias do movimento *Économie et Humanisme* com as concepções de pesquisa da Primeira Escola de Chicago, base da sociologia empírica produzida nos Estados Unidos da América. (VALLADARES, 2012).

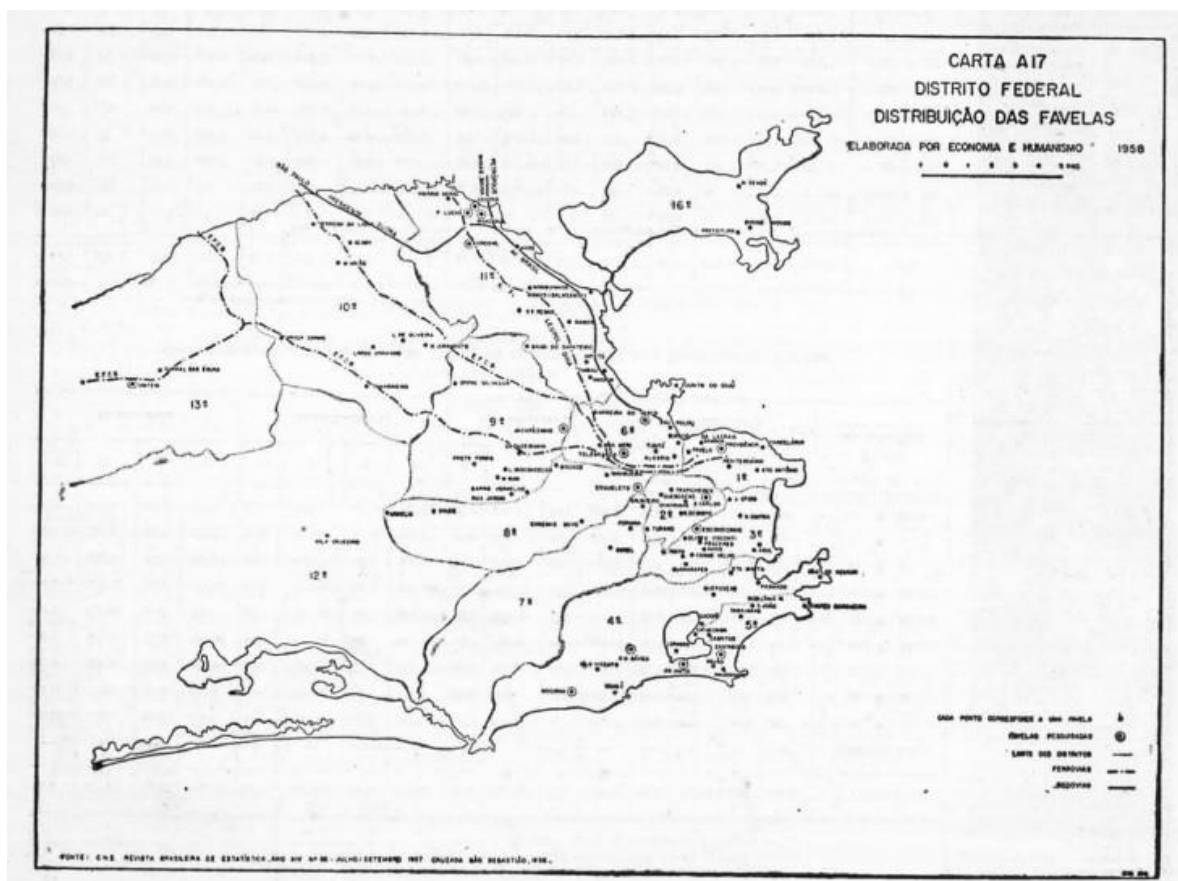


Figura 7 Mapa de distribuição das favelas elaborado pela equipe SAGMACS

Em uma abordagem minuciosa dos métodos de pesquisa utilizados pelo padre Lebret e sua equipe Valladares (2011; 2012) identifica, na pesquisa, uma recusa a oposição cartesiana entre estudos qualitativos e quantitativos, além da afirmação do “caráter heurístico das duas abordagens, propalando a combinação de dados e de práticas de pesquisa de origens diversas”. (VALLADARES, 2012, p. 85).

Mesmo que Lebret diretamente não tenha tido contato com o empirismo estadunidense, suas orientações sobre como fazer pesquisa deixam evidente que ele não separava a pesquisa sociológica da prática social, assim como não deixava de levar em consideração as especificidades, sociabilidades e memórias das populações que estudava.

Estas características já estavam nas orientações metodológicas do movimento *Économie et Humanisme*, mas revelam uma influência, se não direta, conjunta, do que podem ser percebidos como traços equivalentes com os princípios metodológicos da Escola de Chicago, entre eles: a relevância da observação para o entendimento dos processos sociais; o emprego concomitante de dados do trabalho de campo e de fontes secundárias; a importância dada a representação gráfica; a premência ocupada

pelo bairro (local) nas pesquisas e a relação desse espaço com a intervenção social. (VALLADARES, 2012, p. 84-90).

Rios (2012) lembra também o contato dos sociólogos da pesquisa com Jacques Lambert, professor francês com bom trânsito entre os americanos que lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Largo do Machado, no Rio, segundo ele isto lhes fez colher duas lições fundamentais “a necessidade da pesquisa como alimento obrigatório da teoria e a interdisciplinaridade”. (RIOS, 2012, p. 39).

Os autores do estudo deixam claro logo na apresentação a pluralidade de seus interesses quando focalizam que:

(...) o mais importante numa pesquisa desta natureza não é tanto esgotar as unidades do universo pesquisado ou os aspectos analisados, mas dar ao leitor interessado as linhas dominantes dos fatos e processos sociais. (...) Desejamos que outros estudos se sigam ao nosso, aprofundando os aspectos já abordados ou analisando novas faces da vida dos favelados. (SAGMACS, 1960, p. 03).

O caráter multidisciplinar de “Aspectos humanos da favela carioca” foi seguido, desde então, por inúmeros outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Os três autores principais de Aspectos Humanos tornam públicas, no texto, suas críticas ao desastre que era a urbanização carioca e como isso desembocava na indignidade que forçadamente recaía sobre os moradores de favelas. Para eles as entidades em franca atividade nas favelas, Fundação Leão XIII e Cruzada São Sebastião, não seriam capazes de solucionar as questões suscitadas pelos territórios. Indicam que as ações desenvolvidas até então para solucionar o problema das favelas foram executadas de modo isolado, sem levar em consideração o crescimento urbano.

Sobre isto o urbanista Hélio Modesto no texto critica a pouca atenção dada pelo urbanismo para a questão das favelas, a não ser quando se transformavam em entraves para a organização da cidade em termos do seu desenvolvimento físico, prédios, ruas, parques e jardins.

O relatório da pesquisa se encerra defendendo a necessidade de ação estatal nos territórios e nas habitações, mas que esta respeitasse a autonomia dos favelados nas decisões para a recuperação das melhorias de suas condições de vida.

Após a publicação da SAGMACS, um conjunto de pesquisadores identificados com o tema das favelas dá início ao que pode hoje ser chamada de sociologia da favela. (VALLADARES, 2005).

Sem dúvida a significância de Aspectos Humanos da Favela Carioca no que diz respeito a introdução do trabalho de campo sistemático nos e favelas do Rio já foi

provada pelos estudos que o seguiram, pelo enorme volume de citações, na repetição de sua metodologia.

A realização de Aspectos Humanos não apenas serviu para combater os dogmas construídos sobre as favelas ao demonstrar a enorme heterogeneidade destes territórios. Outro desdobramento excepcional da pesquisa diz respeito à formação profissional e aos destinos políticos-profissionais de dois de seus coordenadores, José Arthur Rios e Carlos Alberto de Medina.

O primeiro viveu os meandros da política quando foi convidado pelo governador Carlos Lacerda para conduzir a secretaria estadual que cuidava das favelas. O segundo por meio de suas pesquisas permaneceu se questionando sobre como se dava a relação entre política e favelas no Rio de Janeiro.

2.3. José Arthur Rios

José Arthur Rios, antes de conhecer o Pe. Lebret cursou Direito no Rio, indo fazer seu mestrado em sociologia na Universidade de Louisiana, nos Estados Unidos da América, em 1940.

Membro do Centro Dom Vital e genro Jackson Figueiredo, um dos fundadores, Arthur Rios movimentava-se bem pelos círculos intelectuais ligados à Igreja Católica que posteriormente o levariam a travar contato com Lebret. Ele mesmo tinha também forte ligação com os dominicanos e aderiu ao movimento *Économie et Humanisme*, no Rio de Janeiro, por intermédio do frei Romeu Dale, antes de encontrar com o padre pesquisador.

Quando retornou ao Brasil, nos anos de 1950, após obter o título de mestrado, segundo ele mesmo conta em relato feito no seminário de comemoração dos 50 anos de Aspectos Humanos, não obteve espaço na Universidade do Brasil (atual UFRJ), indo dar aulas nos cursos de serviço social da PUC/RJ. Rios (2012).

Em 1951 engajou-se na Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) (promovida para capacitar professores que atuavam nas zonas rurais do país, segundo as orientações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO), quando pela primeira vez trabalhou com Carlos Alberto de Medina, seu companheiro na pesquisa da SAGMACS.

Rios relata em entrevista ter sido durante a CNER a primeira vez que associa as técnicas de pesquisa empírica aprendidas nos EUA com a metodologia proposta

pelo Pe. Lebret, diz ele: “eu introduzo, através da campanha, as técnicas de pesquisa do padre Lebret; fiz uma costura entre as técnicas de pesquisa do sociólogo e o método de pesquisa do padre Lebret”. (RIOS, 2006 *apud* LIMA e MAIO, 2010, p. 515).

Após essa passagem pela CNER, Arthur Rios levou sua experiência com o meio rural para o Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp) sendo responsável, em 1953, pela criação da Seção de Pesquisas Sociais do Sesp, atuação que contribuiu para a introduzir as ciências sociais no debate da saúde pública brasileira. (MAIO e LIMA, 2009).

Na chefia da Seção de Pesquisas Sociais do Sesp, Arthur Rios colaborou na formação e capacitação dos agentes que atuavam junto à promoção da saúde das populações rurais. Elaborou cursos, materiais didáticos, deu palestras sobre educação sanitária.

No interior do país, Rios, com o auxílio de Carlos Alberto de Medina, dirigiu a aplicação de *surveys*, que subsidiaram a promoção da educação sanitária das populações. Momento em que, possivelmente, ambos aprimoraram seus conhecimentos em pesquisa de campo, influenciados que foram pelo empirismo estadunidense, cujo principal interlocutor de então no Brasil era o sociólogo rural T. Lynn Smith, já conhecido de Rios dos tempos em que passou na Universidade de Louisiana. (VALLADARES, 2005).

De fato, Lynn Smith, formado em Sociologia Rural, professor da Universidade de Louisiana, era mais um dos sociólogos estrangeiros que tomavam o Brasil como laboratório, tecendo uma ampla rede de cooperação com os jovens pesquisadores brasileiros, naqueles primeiros anos de institucionalização das ciências sociais por aqui.

Interessado pela América Latina, foi designado, em 1942, para a função de analista agrícola da Embaixada Estadunidense no Rio de Janeiro, na década de 1950 empreendeu atividades de pesquisa e revisão técnica. Suas abordagens sociológicas dos problemas rurais no Brasil têm forte convergência com o modo como Arthur Rios apresenta seus estudos de comunidade. (LOPES, 2016).

Estas experiências de pesquisa em meio rural capacitaram Rios para o trabalho executado na pesquisa da SAGMACS. No texto do relatório, inclusive, é possível encontrar muitas referências a uma visão ruralizada das favelas.

Publicado o relatório da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca estava concluída a atuação de Arthur Rios na SAGMACS. Inicia então sua vida política

quando convidado por Carlos Lacerda recém-eleito governador do Estado da Guanabara para dirigir o Serviço Especial de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas (Serfha).

Criado anos antes, em 1956, na gestão de Negrão de Lima na prefeitura do Distrito Federal. Ao Serfha cabia, segundo seu decreto de criação (Decreto nº. 13304, de 28 de agosto de 1956), dentre outras coisas, criar “centros de acolhida na periferia do Distrito Federal” que serviriam para o “controle e orientação das populações migrantes”, além do “estudo e acordos para a criação de colônias agrícolas na região geo-econômica em que se situa o Distrito Federal”.

Um mês após a criação do Serfha o presidente Juscelino Kubitschek promulgou a Lei 2875, de 19 setembro de 1956 chamada de “Lei das favelas”. Através desta lei a União destinou uma verba de 50 milhões de cruzeiros à Cruzada São Sebastião para promover a ‘urbanização’ das favelas do Distrito federal, assim como verbas com o mesmo fim, para as cidades de Recife, Vitória e São Paulo. (RODRIGUES, 2013)

As razões para o convite de Lacerda a Arthur Rios podem estar ligadas ao resultado político da pesquisa Aspectos Humanos que, mesmo sem que isto fosse interesse dos moradores, utilizou os resultados como elemento da disputa entre os grupos de interesses. Independentemente de ter recebido qualquer interferência dos patrocinadores, seria muito difícil para qualquer relatório de pesquisa feita em territórios de favelas do Rio de Janeiro, deixar de trazer críticas contundentes aos mandatários da cidade e do país, os quais eram adversários de Lacerda.

A divulgação da pesquisa também aumentou o destaque dado a Arthur Rios como conhecedor da questão das favelas e Lacerda, que anos antes tinha patrocinado uma campanha contra as favelas, precisava de alguém que melhorasse sua imagem junto aos favelados, potenciais eleitores de sua candidatura futura a presidente. Com o auxílio de Rios abrindo interlocução com os moradores, Lacerda teria acesso às lideranças comunitárias e poderia formar uma base de sustentação popular.

Luiz Antonio Machado da Silva (2012) acredita ter sido esta a tarefa implícita dada por Lacerda a Rios, com a qual o sociólogo pareceu concordar, já que desde o relatório da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca defendia a criação de um aparato institucional para melhorar, respeitando a autonomia local, a articulação das reivindicações dos favelados.

Sob o comando de Arthur Rios, o Serfha atuou para uma proximidade maior do Estado com a população favelada, para isso, estimulou a organização de associações de moradores nestes territórios.

O que parecia um idealismo democratizante, pois estimulava a participação política, a organização dos favelados em instituições representativas de sua realidade, tinha, na verdade, um objetivo muito próprio que era o do controle político das associações pelo Estado e a contenção do crescimento das favelas.

A subordinação política era a moeda de troca por serviços públicos e urbanização do território. (BURGOS, 2006). Como demonstra o texto de um dos acordos assinados entre associações de moradores e o Serfha (no local da assinatura se pode ver o nome de Arthur Rios, possivelmente foi ele o redator), ao qual Leeds e Leeds (1978) tiveram acesso.

Eram compromissos das associações:

- i.Cooperar com a Coordenação de Serviços Sociais na realização de programas educacionais e de bem-estar.
 - ii.Cooperar na urbanização da favela, recolhendo quaisquer contribuições dos residentes para a melhoria local, responsabilizando-se pela utilização de tais contribuições e submetendo-se a supervisão da coordenação.
 - iii.Contribuir para a substituição progressiva dos barracos por construções mais adequadas e cooperar através da mobilização do trabalho para a realização de outras obras de emergência na favela.
 - iv.Cuidar das construções e melhorias feitas na favela.
 - v.Solicitar a autorização da Coordenação para a melhoria das casas, especificando a necessidade de reparo e manutenção.
 - vi.Impedir a construção de novos barracos, vindo, quando necessário, a esta coordenação para apoio policial.
 - vii.Cooperar com a Coordenação para realocar os moradores removidos das favelas.
 - viii.Encaminhar à coordenação as necessidades e reivindicações da favela relativas a serviços públicos, manutenção, saneamento, polícia e higiene.
 - ix.Na favela, manter a ordem, o respeito pela lei e, de um modo geral, garantir o cumprimento das determinações da Coordenação e do Governo.
 - x.Dirigir todos os pedidos de assistência médica, hospitalar e educacional para a Coordenação.
- Em contrapartida a Coordenação, representando o Estado, se comprometia a:
- i.Fortalecer a associações da favela e nada fazer nas favelas ou vilas operárias sem anúncio ou acordo prévio.
 - ii.Desenvolver um plano permanente de bem-estar para a favela com relação a melhorias no local, suas habitações e a situação de seus habitantes.
 - iii.Supervisionar a utilização dos recursos recolhidos pela associação e aplicados para melhorias na favela;
 - iv.Substituir progressivamente os barracos por construções mais adequadas, com a ajuda dos próprios favelados;
 - v.Autorizar a melhoria dos barracos existentes, tendo sido os reparos aprovados pela associação.
 - vi.Dar assistência às necessidades e reivindicações da favela, procurando a ajuda de outros organismos, mas sempre com cooperação com as associações.
 - vii.Impedir qualquer violência da parte dos detentores de falsos títulos de propriedade contra os favelados.

- viii. Impedir a exploração dos favelados sob qualquer forma, especialmente com relação ao aluguel de barracos e ao fornecimento de eletricidade.
 - ix. Estimular a criação de cooperativas pela Associação, de modo a combater a exploração dos favelados por intermediários.
- Atender aos pedidos de assistência médica, hospitalar educacional sempre que associação levá-los à Coordenação, dentro dos limites dos recursos existentes. (LEEDS e LEEDS, 1978, p. 248-250).

Do outro lado da trincheira, os favelados permaneciam recebendo formação política de figuras ligadas aos adversários de Lacerda e do clandestino PCB, através de entidades organizadoras dos favelados, para o combate das quais o Serfha fora criado.

No morro do Borel atuava, por intermédio do advogado Magarino Torres, já desde 1954, a União do Trabalhadores Favelados (UTF), cooperativa dos moradores criada para arcar com os custos do processo de manutenção da posse do terreno onde estavam instalados. A presença de sindicalistas das fabricas da região onde se localiza o morro era expressiva na UTF, o próprio nome da entidade dá indícios da influência do discurso getulista ao recordar a condição de trabalhadores dos favelados. (GOMES, 1980).

Outra entidade que atuava junto aos favelados no momento em que Arthur Rios assume o controle do Serfha é a Coligação dos Trabalhadores Favelados da Cidade do Rio de Janeiro (CTFRJ)²⁸, fundada em 1959 com a presença de moradores das favelas com maior expressão social.

É possível que, no plano de atuação proposto por Lacerda para Rios, estivesse a disputa por representatividade com estas entidades junto aos favelados. O fato que se pode comprovar é que em sua rápida passagem pelo Serfha (ficou até 1962) Arthur Rios de fato estabeleceu franca interlocução com os favelados, defendeu sua autonomia em relação aos governos e contribuiu para o aumento significativo das associações de moradores nas favelas, deixando cerca de setenta e cinco constituídas até sua saída em maio de 1962. (PERLMAN, 1970).

Arthur Rios voltou para a vida de professor universitários e, após certo esvaziamento, ainda na década de 1960, o Serfha teve suas funções incorporadas pelo Serviço Social das Favelas e pelo Departamento de Recuperação de Favelas, e foi criada a Cooperativa de Habitação do Estado da Guanabara (COHAB),

²⁸ A CTFRJ deu origem a Federação das Associações de Moradores do Estado da Guanabara, criada em 1963, após a saída de Arthur Rios do Serfha.

apresentada como uma instituição com fins de dar assistência às favelas para melhorá-las com a construção de casas e urbanização. (VALLA, 1986).

Na prática ocorre o oposto, a atuação da COHAB marca o início de um período de remoção sumária das favelas, corroborando com a política de remoção executa a construção dos conjuntos habitacionais de Vila Esperança, Vila Kennedy, Vila Aliança e Cidade de Deus, removendo cerca de 42.000 pessoas e destruindo mais de 8.000 barracos.

2.4. Carlos Alberto de Medina – a demagogia na favela

O sociólogo Carlos Alberto de Medina, contemporâneo de graduação Arthur Rios, também teve formação jurídica, mas não saiu do país para fazer estudos de mestrado. Na Faculdade de Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil foi aluno de Luiz de Aguiar Costa Pinto, pesquisador designado pela UNESCO como primeiro diretor do CLAPCS, anos mais tarde.

Na década de 1950, Medina participou da Divisão de Educação Sanitária da Sesp, momento em que, em conjunto com outros sociólogos, se envolve nos esforços para a sensibilização da importância das ciências sociais na compreensão das questões de saúde da população mais pobre, principalmente a rural.

Em carta redigida com Luiz Fernando Raposo Fontenelle, outro sociólogo da Divisão, Medina dirige suas preocupações ao superintendente da Sesp quanto a pouca formação dos profissionais de saúde sobre as condições socioeconômicas das populações que atendiam, fato que gerava, segundo eles uma incompatibilidade entre o saber científico dos profissionais frente às noções de saúde dos mais pobres. (MAIO e LIMA, 2009).

Com a criação da Seção de Pesquisa Social no interior da Divisão, em 1953, Medina acentua sua interlocução com cientistas sociais brasileiros formados pelo empirismo estadunidense, com outros vindos da ELSP e do Instituto de Antropologia Social vinculado ao *Smithsonian Institution*. (MAIO e LIMA, 2009).

É neste tempo que conhece Karlevo Oberg, antropólogo canadense que estava no Brasil a convite de Donald Pierson, com quem aprende técnicas de pesquisa empírica, observação em profundidade da realidade, trabalho de campo e de etnologia. (VALLADARES, 2005).

As pesquisas desenvolvidas no âmbito da Seção de Pesquisa Social tinham o mundo rural brasileiro como campo de atuação. Medina, Orberg e os demais cientistas sociais realizaram inúmeras viagens ao interior do país nas quais puderam conectar a pesquisa sociológica com a produção de indicadores que enfatizavam o desenvolvimento das comunidades rurais e os processos de mudança social. (MAIO e LIMA, 2009).

Marca de atuação engajada, na qual o conhecimento das questões socioculturais, das identidades locais antecede e orienta qualquer proposta de intervenção, que Medina vai repetir em seu trabalho na pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca, mas não apenas nela, em toda sua carreira como sociólogo.

Após a publicação de Aspectos Humanos, Medina é recrutado como pesquisador do CLAPCS, dirigido por seu ex-professor Costa Pinto. Como membro do CLAPCS promoveu a formação metodológica de jovens sociólogos em colaboração do Centro Latino-Americano com o Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas (IDPCP)²⁹. (TABAK, 1971).

A partir de então continua sua carreira de sociólogo, torna-se diretor do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), entidade ligada à burocracia da Igreja Católica, e segue debatendo as questões sociais, os problemas urbanos do país, a integração das favelas do Rio de Janeiro no ambiente da cidade e a vida política eleitoral nestes territórios.

O cotidiano político nas favelas foi um assunto que chamou a atenção de Medina e sobre o qual ele escreveu em dois momentos, no capítulo “Os processos da demagogia na favela” (MEDINA, 1960), presente no relatório da pesquisa Aspectos Humanos e no livro “A favela e o demagogo”, editado em 1964.

Nos dois textos, Medina identifica três personagens para descrever e analisar o que ele chama dos processos da demagogia na favela. A heterogeneidade do ambiente político da favela é expressa, por ele, nas figuras do eleitor, dos cabos eleitorais e do político profissional.

A descrição de Medina, principalmente no relatório da pesquisa Aspectos Humanos, expõe as cenas de um dos poucos momentos da presença das favelas na

²⁹ Além de receber alunos como seus estagiários no CLAPCS, Medina orientou alguns na elaboração de seus trabalhos finais e ofereceu o seminário “Diversidade sociológica e investigação empírica”. Neste mesmo curso de formação metodológica Arthur Rios deu aula sobre “Problemas da sociologia urbana no Brasil”. (TABAK, 1971).

cidade onde seus moradores, sempre tidos como inadaptados aos melhores parâmetros do que deveria ser um cidadão, obtêm grande relevância - o tempo da política eleitoral.

O eleitor, primeiro personagem descrito por Medina é a figura mais importante. Detém o poder do voto e negocia com fato deste ser um ato secreto, demonstrando não ser tão ingênuo ou manipulável quanto o pensam os cabos eleitorais e os políticos profissionais.

O eleitor, aponta Medina, identifica no candidato um intermediário para obtenção de serviços que deveriam normalmente ser oferecidos pela administração estatal, mas que lhes são negados, diante da condição de marginalidade dos seus territórios de moradia.

Para o eleitor favelado o vereador é um político central na sua relação com os órgãos públicos. Os partidos políticos, à exceção do PTB e do PCB, indica Medina (1960), não atuavam organicamente dentro das favelas, apenas por meio da contratação de cabos eleitorais, oferecendo favores em troca da permissão de entrada dos candidatos e dos votos depositados na urna para esses candidatos. Isto gerava uma visão extremamente cética do eleitor favelado em relação a cabos eleitorais e políticos profissionais.

Os cabos eleitorais são descritos como o elo necessário entre o candidato e o eleitorado, obtendo sua importância graças ao pouco nível educacional dos favelados. Mas a condição do eleitor não seria algo suficiente para o sucesso do cabo eleitoral, ele precisaria também ter uma série de características como conhecer bem as pessoas, ser querido, já ter feito algum favor, além de executar diversas funções: Ajudar a legalizar títulos de propriedade, convencer os eleitores da importância da eleição, de que vale a pena votar, da importância do político, principalmente do vereador. (MEDINA, 1960,1964).

Já o político é descrito como aquele que detém o poder sobre os serviços públicos e precisa, a todo tempo, demonstrar este poder de intervenção aos favelados, por meio de ações concretas. Um exemplo dado por Medina (1960) é o caso do candidato S. J., baseado eleitoralmente no Parque Proletário da Gávea.

Cerca de 4 meses antes do processo eleitoral S. J. já se empenhava em conseguir "internações em hospitais, vagas em colégios e providenciava a construção de novas unidades residenciais no Parque. Suas atitudes calculadas tinham como

alvo as desconfianças do eleitor, já que “ só depois de fazer alguma coisa é que o eleitor se decide votar”. (MEDINA, 1960, p. 31).

Esta forma de agir dos candidatos os torna, segundo Medina (1964), demagogos da política, “na favela, o político tem como instrumento demagógico sua irresponsabilidade política, seu desejo de alcançar postos eletivos de qualquer maneira (...)” (MEDINA, 1964, p. 79), a ele não cabe e sequer interessa resolver efetivamente os problemas dos favelados, até porque, se os resolver não terá mais com o que negociar o valor do voto nas favelas.

Em ambos os textos, assim como em todo o relatório de Aspectos Humanos que ele possivelmente revisou o texto, está presente a influência que os trabalhos em meio rural geraram no pensamento sociológico de Medina. Além do mais, há certo pessimismo sobre a relação que a escassez econômica dos favelados estabelece, no entendimento dele, as deficiências de sua participação qualificada no jogo eleitoral. O voto do favelado é entendido por Medina como uma atitude utilitária, “por baixo do que seja o nível político do favelado, refletindo-se na sua conduta eleitoral, às vezes tortuosa e dúplice, exprime uma consciência política ainda embrionária” (MEDINA, 1960, p. 35).

2.5. Anthony Leeds – a sociologia do Brasil urbano

Anthony Leeds formou-se na Universidade de Columbia, instituição onde passou dez anos (1947-1957), mesclando sua formação entre as aulas teóricas e a participação em grupos de estudos, inclusive sobre marxismo, formação que influenciou toda sua carreira, ainda que procurasse sempre fugir de análises esquemáticas das sociedades e das classes sociais. (LIMA e VIANA, 2018a).

A Primeira visita que fez ao Brasil ocorreu em 1950, graças ao convênio estabelecido entre a Universidade de Columbia e o governo do estado da Bahia, coordenado por Charles Wagley (por Columbia) e Thales de Azevedo e Costa Pinto (no lado brasileiro)³⁰. O objetivo de Leeds foi estudar *plantation*. Com foco na

³⁰ Este convênio idealizado por Anísio Teixeira, quando era secretário de Educação e Saúde do estado da Bahia envolveu governo estadual e a Universidade de Columbia no intento de compreender a realidade social de três localidades rurais das cercanias de Salvador para, a partir de então, propor políticas públicas que seriam implementadas para as populações destas comunidades.

Wagley tinha contato com o novo diretor recém empossado diretor do Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, o antropólogo Alfred Métraux, que havia acabado de aprovar um grande projeto de pesquisa sobre as relações raciais no Brasil, sabendo disto Wagley aproveitou sua presença no país, lhe contou sobre o convênio que estava coordenando e se propôs a

economia do cacau ele examinou os aspectos da mudança social gerada pela inserção de novas tecnologias nas produções locais da cidade de Uruçuca, região sul do estado. Desta estadia (junho de 1951 a agosto de 1952) surgiu sua tese de doutorado apresentada na Universidade de Columbia, nos EUA. (LIMA e VIANA, 2018a).

Após o trabalho de campo na Bahia, Leeds permaneceu na América Latina, indo fazer pesquisa na Venezuela, em 1958, junto a um grupo indígena ribeirinho que vivia na região dos rios Cinaruco e Cunaviche-Arauca, no sudoeste do país. Material que anos mais tarde, em 1970, utilizaria como referência para um curso sobre métodos de campo na universidade de Boston, onde também foi professor. (DONAHUE, 2018).

Durante a década de 1960 Leeds intensifica suas relações com o Brasil retornando ao país algumas vezes, quando estava na chefia do Programa de Desenvolvimento Urbano do Departamento de Relações Sociais da União Pan-americana (*Panamerican Union* – PAU), como pesquisador com financiamento da *Social Science Research Council*, até que se fixa por um tempo, em 1965, como professor com bolsa da Fundação Ford. (VALLADARES, 2011), (LIMA e VIANA, 2018b).

Em 1962, Leeds publica seu segundo estudo sobre a realidade brasileira, “Carreiras brasileiras e estrutura social: um estudo de caso e um modelo”³¹. Neste texto, agora com foco no ambiente urbano, Leeds procura analisar o sistema de oportunidades sociais gestado em sociedades em transição do modelo agrário para o urbano. O caso brasileiro analisado por Leeds, era parte de um estudo maior financiado pela Organização dos Estados Americanos em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), contando ainda com a colaboração do CLAPCS, dirigido por Costa Pinto. (LIMA e VIANA, 2018b).

No texto sobre carreiras brasileiras é notável a influência de Tales de Azevedo. Além de ser entrevistado para o artigo, compartilha com Leeds observações informais importantes para o esboço que o estadunidense faz sobre formação dos grupos no processo de profissionalização (deficitário) para a ocupação de posições importantes

fazer os trabalhos em conjunto, para isto indicou Thales de Azevedo, um de seus parceiros no convênio Columbia/Estado da Bahia, como o responsável pela investigação em Salvador. (MAIO, 1999).

³¹ O estudo foi apresentado na Sociedade Antropológica de Washington, em 1962 e republicado, como capítulo de seu livro clássico “A sociologia do Brasil Urbano”, organizado em parceria com sua esposa Elizabeth Leeds, em 1978.

na estrutura administrativa do país. Termos como “cabide de empregos”, “panelinhas”, “igrejinhas”, são utilizados para demonstrar os mecanismos de reprodução das estruturas de poder. (LIMA e VIANA, 2018b).

Outro cientista social brasileiro com quem Leeds estabeleceu contato desde sua primeira viagem à Bahia e que tem bastante influência na composição de seu pensamento sobre o Brasil foi Anísio Teixeira. A interlocução com o pensamento de Teixeira aparece em “Carreiras brasileiras” quando Leeds percebe o ordenamento dualista que sustenta a sociedade brasileira, estruturada em classes sociais bem distintas, mas que, segundo ele entendia, conseguiam se beneficiar, mesmo que injustamente, da estrutura de oportunidades. (LIMA e VIANA, 2018b).

O acúmulo de Leeds sobre estas expressões da questão social brasileira lhe rendeu o adjetivo de brasilianista com olhar acurado as dinâmicas entre as classes sociais do país e as estruturas de poder. Passado a ser reconhecido e procurado por seus colegas estadunidenses para falar sobre o Brasil. (VALLADARES, 2005).

2.5.1. Os Peace Corps, de voluntários a assistentes de pesquisa

Foi este reconhecimento como brasilianista que o transformou em ponte entre os jovens voluntários do *Peace Corps* e os moradores das favelas para onde foram designados.

Os *Peace Corps Volunteers* é uma agência do governo federal estadunidense, criada no ano de 1961 pelo então presidente John F. Kennedy. Parte dos esforços de fixação dos EUA na América Latina em meio a Guerra Fria, a proposta do *Peace Corps* era auxiliar os países onde agiam, prestando serviços essenciais, sem deixar de lado, mesmo que subjetivamente, a tentativa de promover a divulgação da cultura estadunidense junto aos povos assistidos.

Elizabeth Leeds³², esposa e companheira intelectual de Anthony Leeds, fez parte do *Peace Corps* e conta em entrevista³³ como funcionava o programa. Segundo ela o trabalho era voluntário, mas havia um pagamento mensal para os jovens. A

³² Elizabeth, uma jovem cientista política estadunidense do Peace Corps morava no morro do Tuiuti quando conheceu Anthony Leeds, a convivência entre os dois virou namoro, casamento, em 1967 no EUA, e uma parceria intelectual que durou toda a vida de Anthony e se estende até os dias atuais. Elizabeth Leeds construiu seus estudos sobre organização política nas favelas do Rio de Janeiro, políticas públicas, segurança e violência. Tendo atuado na Fundação Ford é atualmente presidenta de honra do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

³³ Entrevista dada a Nísia Trindade Lima e Rachel de Almeida Viana, em 6 e 8 de novembro de 2017. Publicada em (LIMA e VIANA, 2018a, p. 743-754).

formação destes jovens incluía cursos de línguas, cultura, estrutura social dos países assistidos, bem como formação básica em técnicas de saúde.

Os grupos de Peace Corps eram formados por jovens com formações diversas, mas grande parte possuía algum conhecimento de sociologia e antropologia adquirido nas universidades.

O grupo de Elizabeth, designado para as favelas do Rio de Janeiro chegara na cidade em janeiro de 1965, contudo, sem perceber muito sentido em seu trabalho que se resumia à aplicação de injeções e aulas de alfabetização. É neste momento que se dá seu encontro com o professor Leeds que estava de volta para o Brasil para estudar as favelas cariocas. (VALLADARES, 2005) (LIMA e VIANA, 2018a).

Estes jovens estadunidenses, embora tivessem recebido formação técnica em seu país, foram jogados nas favelas do Rio de Janeiro sem ter ideia de como se organizavam os territórios.

Saídos do conforto de suas casas no primeiro mundo, eram deixados sob a tutela de alguma família nas favelas onde atuariam, o choque cultural entre estas duas realidades era inevitável e ainda acrescido da desconfiança que sua presença gerava nos moradores, ainda não acostumados, como hoje em dia, com o trânsito intenso de estrangeiros nas favelas.

O trabalho dos *Peace Corps* nas favelas do Rio consistia na aplicação do Desenvolvimento de Comunidade, uma metodologia de desenvolvimento local implementada pela ONU, empenhada em estimular os ideais socialdemocratas em contraposição ao crescimento da influência do bloco socialista nos países do terceiro mundo, no contexto de deflagração da Guerra Fria. (AMMANN, 2013).

O Desenvolvimento de Comunidades, presente no país antes mesmo da vinda dos *Peace Corps*, deduzia ser a pobreza o principal travamento e uma para o progresso das populações pobres ou ricas. Os moradores de regiões da pobreza seriam, em alguma medida, mais suscetíveis à máquina de propaganda socialista. Portanto, auxiliá-los a se desenvolver seria uma maneira de combater o crescimento do bloco soviético. (AMMANN, 2013).

Nas favelas do Rio para onde foram mandados os Peace Corps desempenharam atividades especialmente na área da saúde, segundo conta Elizabeth Leeds sobre sua experiência como membro do grupo:

(...) uma metade do programa estava voltada para a saúde pública e a outra para o desenvolvimento de comunidade – que podia ser qualquer coisa –, todos estavam ligados a algum posto de saúde. Cada região administrativa tinha um tipo de clínica que servia às favelas no entorno – um centro de

saúde, mas com outro nome. Estava localizado bem em frente ao Campo de São Cristóvão. Eu trabalhava de manhã. Fizemos campanha contra tuberculose indo de casa em casa verificar se as pessoas haviam feito o teste no posto de saúde e ministrávamos vacina contra pólio, dentro da favela. O Peace Corps tinha um convênio com o governo do estado da Guanabara para atuação em campanhas de saúde, e isso esbarrava no desenvolvimento de comunidade, que no fim das contas podia ser qualquer coisa. (LIMA e VIANA, 2018a, p. 746).

Isto de o Desenvolvimento de Comunidade poder ser qualquer coisa indicado por Elizabeth Leeds era um complicador para a atuação dos voluntários que ficavam sem saber exatamente o que fazer para além dos cuidados com a saúde das populações faveladas.

Anthony Leeds, já havia treinado turmas de Peace Corps no Texas, se deparou com este cenário ao chegar no Rio de Janeiro em 1965. Diante da pouca orientação dos jovens, ele procura a administração local do programa que promove um encontro para o professor orientar os jovens sobre as complexidades das favelas e do ambiente urbano do Rio de Janeiro.

Nesse encontro Leeds identificou que os jovens voluntários da paz, mesmo sem a formação adequada que os fizesse transitar no campo sem causar muitas tensões e até tomados de algum deslumbramento já estavam acostumados com a geografia e com as histórias de algumas famílias das favelas onde residiam. Percebendo nestes jovens interessantes observadores das realidades locais, logo os recrutou para o trabalho de pesquisa que começava a desenvolver. (VALLADARES, 2005).

Na pesquisa iniciada em 1965, Leeds contou com a interlocução de Arthur Rios, já então um especialista em favelas e com a ajuda dos voluntários do *Peace Corps*. Seu objetivo, comenta Valladares (2011; 2018), era arrojado. Apesar de pesquisar e morar no Tuiuti e no Jacarezinho, duas favelas do Rio, Leeds queria apresentar uma explicação universalizante do fenômeno das favelas, tendo o cuidado de não se limitar a estudos de caso isolados.

Sobre as pretensões de Leeds nesta pesquisa Licia Valladares diz que ele queria explicar o aparecimento, desenvolvimento e natureza dos territórios através de variáveis primárias, secundárias e terciárias.

As primárias seriam as que compreendessem em seu escopo as explicações de como a posse da terra e da habitação na sociedade capitalista obtém valor sobre os fatores que organizam a estrutura sócio-político-administrativa das sociedades – variáveis primárias.

As variáveis secundárias que lhe interessavam tinham a ver com a história das cidades e da formação de seus mercados econômicos (de trabalho e habitação), organização institucional e políticas públicas de habitação em curso.

Já as variáveis terciárias, eram os aspectos mais específicos dos territórios (chamados por ele de “*squatter settlements*”)³⁴. Nesta etapa da análise, interessavam a geografia local, o clima, os dados sóciodemográficos dos moradores e as relações que estabeleciam com as organizações supralocais. (VALLADARES, 2018).

Dado este caráter amplo da pesquisa, para o trabalho de campo no Rio havia a necessidade de contar com o auxílio do maior número possível de assistentes de pesquisa espalhados pelos territórios e quem melhor do que seus compatriotas? Assim, ele formou os *Peace Corps* com técnicas de pesquisa à maneira da Escola de Chicago e os visitava em seus locais de moradia para acompanhar o levantamento de informações.

Também como havia aprendido com a Escola de Chicago, Leeds passou a organizar em sua casa, uma série de seminários de pesquisa nos quais seus assistentes do *Peace Corps* relatavam e discutiam entre si o andamento de suas pesquisas.

A estes encontros logo se incorporaram moradores de favelas interessados nas discussões e outros jovens pesquisadores brasileiros, dentre os quais Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Licia Valladares e Luiz Antonio Machado da Silva. Outros estadunidenses que não eram dos *Peace Corps*, mas também estavam fazendo estudos sobre as favelas passaram pelos seminários de Leeds, dentre as quais Valladares (2005) destaca Janice Perlman, que anos mais tarde publicaria “O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro”.

Luiz Antonio Machado da Silva em entrevista³⁵ sobre sua relação com Leeds relembra que estes seminários não tinham uma sistemática de organização, ocorriam em diversos lugares e as pessoas oscilavam na participação. Sem que isso significasse perda de qualidade nas discussões, as pessoas apresentavam o que estavam produzindo e Leeds reagia fazendo avaliações e anotava o que julgava interessante.

³⁴ Nota da autora: “A expressão *squatter settlements* ou assentamentos não controlados foi usada por Leeds como melhor tradução para a língua inglesa do fenômeno favela, comumente traduzido como *slums*”. (VALLADARES, 2018, p. 1052).

³⁵ Entrevista concedida a Nísia Trindade Lima e Rachel de Almeida Viana, disponível em (LIMA e VIANA, 2018a, p. 755-763).

Machado da Silva (SILVA, 2015), ainda recorda que nestes encontros a relação não era unilateral. Leeds demonstrava a todo tempo extremamente dedicado a ouvir e orientar cada discussão proposta pelos participantes do grupo, sem pretensão de influenciar a direção dos interesses dos jovens pesquisadores, mas também sem abrir mão de contribuir com críticas precisas

A profusão de questões surgidas nos seminários deu origem a textos que foram apresentados por alguns dos participantes no 37^o. Congresso Internacional de Americanistas, em 1966 na cidade de Mar del Plata, na Argentina.

2.5.2. Experiências de trabalho de Anthony Leeds no Brasil

Esta estadia no Brasil foi especialmente intensa para o trabalho de Leeds sobre as favelas. Além do envolvimento com os *Peace Corps*, de 1965 até 1969 ele atua como consultor de outras iniciativas de cooperação internacional e torna-se professor do primeiro curso de Antropologia Social do país, no Museu Nacional da UFRJ.

Uma dessas atividades foi como consultor do projeto Brasil Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade, o BEMDOC, quando Leeds dava uma consultoria técnica orientando o diretor do projeto, a Secretaria de Serviços Sociais e a Fundação Leão XIII, entidades condutoras das ações de construção de centros de formação profissional em favelas. (VIANA, 2014).

Intelectualmente, sua experiência era utilizada para auxiliar as entidades promotoras na organização do projeto por meio de avaliações sobre a qualidade da metodologia do BEMDOC e se esta teria aplicabilidade em outras favelas para onde o projeto poderia ser estendido. No plano administrativo, Leeds era responsável por conduzir uma avaliação mais interna, nas áreas de financeira e organizacional. (VIANA, 2014).

Viana (2014, p.119), identifica mais duas atividades desenvolvidas por Leeds em paralelo ao trabalho de consultoria no BEMDOC. Uma aula sobre aula de Desenvolvimento e Organização de Comunidade – DOC, dada em 20 de maio de 1966, na Escola de Serviço Social da PUC/RJ e uma assessoria técnica para assistentes sociais da Divisão de Serviço Social da COHAB/RJ, concedida no mês de julho deste ano.

Em 1968, Leeds se envolve em nova pesquisa, desta vez junto ao Cenpha em coligação com o Instituto de Ambiente Urbano da Universidade de Columbia. Pensada

para acontecer para além do Rio de Janeiro, com o envolvimento de pesquisadores de campo e mapeamentos feitos nas favelas de Brasília, Recife, Belém e Fortaleza, diante dos entreves encontrados a pesquisa acabou sendo realizada apenas no Rio, ficando muito aquém do planejado por Leeds. (VIANA, 2014).

Ao estudar as correspondências de Leeds com os membros da pesquisa e seus contratantes, Viana (2014) ressalta o rigor dele ao elaborar o planejamento desta pesquisa, seu cuidado ao estimar o número de questionários a serem aplicados nas favelas, dividindo entre os estados e as do Rio de Janeiro entre favelas onde já tinha entrada de campo; os recursos necessários para a aplicação dos questionários, cartões IBM para arquivar os dados também não foram esquecidos.

Contudo, o que chama mais atenção é o cuidado de Leeds em elaborar a versão final dos questionários só após debater com os pesquisadores de campo que fariam os pré-testes, junto a isso está presente sua preocupação com a formação dos que fariam parte da equipe, dando prioridade para estudantes universitários e indicando que a equipe carioca deveria se locomover para as cidades nordestinas a fim de auxiliar os pesquisadores locais e conhecer uma realidade social diversa da sua. (VIANA, 2014).

Outra contribuição tem a ver com sua essência de docente engajado na formação dos alunos de mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional PPGAS/UFRJ. Valendo-se de seu prestígio como brasileiro, Leeds chegou ao PPGAS/UFRJ através da parceria entre uma instituição estadunidense e a universidade brasileira, desta vez a Fundação Ford foi a financiadora. Convidado formalmente pelo coordenador do programa, Roberto Cardoso de Oliveira ofereceu o primeiro curso de Antropologia Urbana do programa de pós-graduação, em 1969.

Gilberto Velho (2011) destaca a participação de Anthony Leeds como docente. Como aluno de Leeds, Velho (2011) afirmou a influência recebida para desenvolver trabalhos empíricos sobre os diferentes modos de viver na cidade, marcado que se fez presente desde então em sua prática antropológica.

O estímulo ao trabalho empírico também é lembrado por Machado da Silva, que não foi aluno de Leeds, mas teve intenso contato com ele nesta época, na entrevista que concede sobre o professor ele lembra:

Tony estimulava muito o trabalho empírico. Ele insistia na fundamentação empírica do que era afirmado – no meu caso, que sou meio sociólogo, meio antropólogo, isso foi muito importante. Nós não discutíamos os sistemas analíticos, e sim as superações empíricas. Era uma insistência velada,

porque a discussão analítica não era exatamente proibida, mas a ênfase estava nos desafios empíricos da pesquisa, do campo. (LIMA e VIANA, 2018a, p. 761).

2.5.3. Contribuições de Leeds para a sociologia da favela carioca

O privilegiamento do trabalho empírico na orientação dada por Leeds aos participantes dos seminários de pesquisa que promoveu, nas experiências de pesquisa em que privilegiou a contratação de jovens estudantes e nas aulas dadas no Museu Nacional, contribuíram para que os trabalhos elaborados por estes jovens subsidiassem o questionamento que ele próprio já vinha fazendo desde sua tese de doutorado em relação aos estudos de comunidade.

Para ele, definição de comunidade limitava a compreensão dos arranjos sociais, pois os reduziria a uma unidade socioestrutural, deixando de lado a diversidade das sociabilidades acionadas fora destes ambientes específicos. Entrave que Leeds resolve com sua noção de localidade, a qual traz a vantagem perceber a diversidade de relações, abrangendo complexidade que os locais estudados possuem. (LIMA e VIANA, 2018b).

Esta categoria de “localidade”, para Leeds “pontos nodais de interação”, caracterizadas, “mesmo as mais simples, por uma rede altamente complexa de diversos tipos de relações” (LEEDS e LEEDS, 1978, p. 32-33), incorporada da compreensão de como essas relações de sociabilidade e poder são acionadas entre os “de dentro” dos territórios com as estruturas que Leeds chama de supralocais, torna-se uma das proposições teóricas mais importantes que o pesquisador deixou de legado para a área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro, segundo Licia Valladares:

Essa categoria parte de uma perspectiva relacional do lugar com a cidade, não adotando a perspectiva isolacionista do conceito de comunidade. Para ele, as favelas enquanto localidades inserem-se na cidade, constituindo-se por relações urbanas, integrando-se ao mercado e à economia capitalistas. Não há nada demais em se falar em “favela”. Favela é simplesmente um qualificativo de lugar e uma forma de moradia, constituindo-se em uma resposta aos problemas enfrentados pelos trabalhadores de baixa renda. (VALLADARES, 2018, p. 1031).

Estudando as favelas do ângulo das relações estabelecidas entre estruturas locais e supralocais as favelas, Leeds contribui para questionar os estigmas de marginalidade e desagregação destes territórios do conjunto da cidade formal.

A proposição de Leeds corrobora com a forma de pensar as favelas, (trazida pela pesquisa da SAGMACS), como localidades com uma sociabilidade própria, com

vidas política e econômica pujantes e não meros ajuntamentos de pobres como propagavam senso comum e elites cariocas. Teoricamente esta foi, sem dúvida uma das contribuições de Leeds para a área de estudos e pesquisas sobre favelas.

Licia Valladares (2018), destaca a influência de Leeds na formação de pesquisadores que fizeram e fazem suas pesquisas tendo as sociabilidades encontradas no Rio de Janeiro como objeto de análise, Luiz Antonio Machado da Silva, Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Gilberto Velho, Yvonne Maggie, Janice Perlman e ela própria, Licia, estão entre os mais conhecidos signatários de Leeds.

Licia Valladares (2018), também reconhece ter sido Leeds quem lhe apresentou a obra de John Turner, urbanista que era seu amigo. Pensando neste relato de Licia, é possível supor que Carlos Nelson, tão influenciado que foi pelo pensamento do urbanista em seu trabalho nas favelas, também tenham chegado a Turner por intermédio de Leeds.

Anthony Leeds, segundo Licia Valladares (2018), lhe ensinou principalmente o valor do trabalho intelectual em equipe e a importância da troca constante entre os pesquisadores.

Segundo a pesquisadora, a exemplo do que Robert Park fazia na escola de Chicago reunindo seus alunos para relatar os cotidianos de seus campos de pesquisa, fazendo com que cada um aprendesse com a experiência do outro. Leeds fazia o mesmo em seus seminários.

Outro ensinamento que Valladares lega a Leeds e que está presente na obra dela é a percepção da heterogeneidade das favelas, modo de ver os territórios que para ela “foi fundamental na minha formação ao chamar a atenção para a necessidade de comparar favela com periferia, problematizando, assim, a noção da favela como “caso único”. (VALLADARES, 2018, p. 1032).

2.6. Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) e Revista América Latina.

O Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, ou apenas Centro, como era chamado, citado algumas vezes neste capítulo, foi um dos espaços imprescindíveis para a formação de jovens pesquisadores da área de estudos e pesquisas sobre favelas do Rio de Janeiro.

Criado em 1957, por iniciativa da UNESCO como parte de sua política de promoção das ciências sociais na América Latina, aprovada em 1954, na Conferência Regional de Ciências Sociais para América Central para as Antilhas. O Centro era a parte especializada em pesquisas sociais da FLACSO, cuja sede era em Santiago do Chile. Ficou baseado no Rio de Janeiro e teve como seu primeiro diretor o sociólogo Luiz de Aguiar Costa Pinto.

Além de estimular investigações sobre questão agrária na América Latina, o Centro agiu enquanto indutor de pesquisas de ciências sociais aplicadas aos temas da desigualdade e das mudanças culturais e sociais no contexto urbano local, servindo como espaço de interlocução entre os diversos círculos acadêmicos, fazendo da cidade do Rio de Janeiro uma arena de trocas e articulações entre o Brasil e outros Estados membros, como México e Argentina. (GRISENDI, 2014).

Dois anos após sua criação, o Centro, sob a direção de Costa Pinto, realizou um importante seminário internacional no Museu Nacional, com o título “Resistências à mudança: fatores que impedem ou dificultam o desenvolvimento”, do qual participaram proeminentes pesquisadores internacionais dedicados à sociologia do desenvolvimento, dentre os quais C. Wright Mills, Jacques Lambert y Metraux, assim como os cientistas sociais brasileiros Florestan Fernandes e seu aluno Fernando Henrique Cardoso, além de Darcy Ribeiro. (GRISENDI, 2014).

Sendo o evento de inauguração do Centro para o mundo acadêmico internacional, os debates trazidos por pelos participantes deste seminário, desde os estudos demográficos, até os de análise das instituições locais, tinham como foco a compreensão sobre os obstáculos impostos ao desenvolvimento nos países periféricos. (GRISENDI, 2014).

Sob o comando de Costa Pinto o Centro desenvolveu uma agenda de pesquisas voltadas para as temáticas do desenvolvimento atrelado às mudanças e mobilidade sociais na América Latina. Agenda que permaneceu viva quando da assunção de Manuel Diegues Junior ao cargo de diretor.

Caracterizados, em sua grande parte, pelo método comparativo, os trabalhos promovidos pelo Centro buscavam combinar as agendas política e econômica local, a exemplo do que já vinha sendo feito na grande agenda da UNESCO para as ciências sociais, desde quando o brasileiro Arthur Ramos assumiu o departamento de área. As ações do Centro ajudavam a identificar as especificidades locais, analisando os meandros da transição de uma sociedade tradicional, marcada pela segregação entre

as classes e pelo racismo, para a modernidade do capitalismo com seus novos valores culturais.

A vocação para local de circulação de ideias fez do Centro local privilegiado pelos jovens pesquisadores ligados aos estudos sobre favelas. Licia Valladares e Luiz Antonio Machado da Silva sempre que indagados sobre ambiente intelectual da década de 1960, quando ainda estavam na graduação e logo após ingressarem na carreira de pesquisadores, apontam o Centro como instituição fundamental para sua formação. Licia chegou, a convite do velho amigo de seu pai Manuel Diegues Junior, junto com a filha dele, a fazer estágio na biblioteca do Centro.

O ano de 1969 é especialmente importante para as intervenções e os estudos sobre as favelas do Rio. Valladares e Medeiros (2003) ao fazerem uma cronologia dos estudos das ciências sociais sobre o tema das favelas do Rio de Janeiro identificam que o que foi feito/publicado neste ano, simboliza a consolidação da descoberta do tema pelas ciências sociais. Isto se deve, em parte, pela edição de um número da revista América Latina do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), órgão da UNESCO baseado no Rio de Janeiro, do qual participam jovens pesquisadores cariocas.

Na apresentação da publicação, o diretor do CLAPCS, Manuel Diegues Junior começa lembrando as previsões que indicavam o possível desaparecimento das favelas, por conta da política habitacional (remoções, construção de conjuntos habitacionais distantes) em curso no país, mesmo que as causas de sua existência (pobreza desigualdade, déficit habitacional) permanecessem firmes na sociedade brasileira.

As favelas, apontadas por Diegues Junior como “uma forma de subcultura” localizada dentro da sociedade urbana deveriam logo ser estudadas, antes de seu desaparecimento, com o auxílio da “metodologia e da observação das ciências sociais”. Seriam, campos qualificados para sociólogos, economistas ou demógrafos encontrarem material rico para analisa a vida das populações locais e produzirem conhecimento real sobre estes sujeitos. (DIEGUES JÚNIOR, 1969, p. 3).

Segundo o diretor do CLAPCS, ao reunir aqueles sete estudos sobre as favelas, elaborados por diversas perspectivas, a Revista América Latina serviria de contribuição para administradores públicos, observadores ou outros estudiosos que começavam a se interessar pelas favelas.

Consolidadas as previsões de desaparecimento das favelas, dizia Diegues Júnior, os artigos publicados na revista seriam relevantes depoimentos cientificamente elaborados sobre os territórios e suas populações.

Permanecendo as favelas na paisagem da cidade, o que seria mais provável, para Diegues Júnior, os estudos passariam para a história como contribuidores do conhecimento real que estava se gestando naqueles anos iniciais dos estudos sobre as favelas. (DIEGUES JÚNIOR, 1969).

O primeiro artigo é assinado por Lucien Parisse, em *“Las Favelas em la Expansión Urbana de Río de Janeiro: Estudio Geográfico”*. Através da recuperação da história da implantação e crescimento das favelas desde a década de 1940, o autor apresenta uma análise da difusão das favelas como parte da expansão urbana da cidade. Seu argumento defende que as favelas do Rio de Janeiro são resultantes do funcionamento da cidade, são consequência da realidade local, contribuem para o crescimento populacional da cidade, ao mesmo tempo que exprimem um modo de apropriação específico do espaço urbano.

Anthony Leeds assina o artigo *“The significant variables determining the character of squatter settlements”* (p. 44-86), tido por Licia Valladares (2018) como fundamental na sua formação como pesquisadora da favela carioca, pois lhe abriu os olhos para a importância de comparar as periferias com as favelas, de modo que, desde então, passou a considerar não apenas a diversidade das favelas em relação ao seu tamanho (geográfico), mas toda a heterogeneidade das populações, política interna, dinâmica econômica e demais características.

No texto, Leeds se empenha em analisar as circunstâncias que podem ou não estar presentes na origem e desenvolvimento dos territórios, para isto debate as múltiplas dinâmicas presentes nas favelas que as fazem ser relacionar com o sistema urbano geral. Como Licia Valladares lembra ao se referir ao artigo, Leeds vê as favelas como parte do modo de organização urbana das sociedades onde as discrepâncias do mundo do trabalho e a consequente incapacidade deste de absorver a mão de obra, gera pobreza.

Não se detendo apenas no cenário das favelas do Rio de Janeiro, Juan A. Casasco, no terceiro artigo, faz um exame genérico do panorama latino-americano dos direitos acessados pelos pobres.

Carlos Alberto de Medina, membro do quadro de técnicos do Centro, no artigo *“A Favela como uma Estrutura Atomística: Elementos Descritivos e Constitutivos”*,

retoma suas discussões já conhecidas sobre a estrutura de relações existente entre os moradores de favelas e o conjunto da cidade. Sua análise do ambiente político das favelas merece também atenção.

O quinto artigo é assinado pelo sociólogo francês Jean Pierre Bombart, estudioso radicado no Rio de Janeiro, colaborador do Centro, financiado pelo *Coopération Technique Française*. Bombart, que já havia estudado favelas em outra cidade do país, traz no texto suas impressões sobre os atravessamentos entre igrejas tradicionais e seitas da prática religiosa protestante em uma favela do Rio.

Luiz Antonio Machado da Silva, que em 1969 já estava bastante conhecido graças ao artigo sobre a política na favela, de 1964, em “O Significado do Botequim” nos apresenta outro artigo que passaria para a posteridade. O texto focaliza os aspectos da convivência entre os frequentadores para analisar o funcionamento de um bar.

Produzido no período de exceção da Ditadura Civil-Militar, quando apenas estar parado em um botequim poderia significar ser preso para averiguação, o artigo de Machado da Silva chama atenção para o valor atribuído pelos frequentadores às suas carteiras de trabalho com registro de emprego assinado. Os aspectos da masculinidade são realçados pelas formas de tratamento e grupos, “rodinhas”, de conversa formadas entre os frequentadores, verdadeiros padrões e organização social e hierarquização interna do botequim.

O sétimo e último artigo científico é escrito por um membro dos *Peace Corps* e discípulo de Anthony Leeds, Paul Silberstein. Em um texto onde analisa as implicações geradas pela “cultura da pobreza” com sua conseqüente marginalização dos moradores de favelas no estabelecimento de relações com o “ambiente exterior”, Silberstein é fortemente influenciado pelas ideias do sociólogo Oscar Lewis, para quem esta cultura estaria presente nas sociedades atingidas pelo colonialismo e pelo imperialismo, cujo desenvolvimento do capitalismo se deu de maneira acelerada. Perpetuando a pobreza por causa do despreparo das novas gerações, que permaneciam absorvendo as características de suas subculturas, ao invés de absorverem os benefícios trazidos pela modernidade do capitalismo.

Valendo-se de sua condição de *Peace Corps*, que lhe permitiu transitar e conhecer de dentro as favelas, Silberstein aponta, o que a seu ver, seriam características possíveis para conhecer como é o cotidiano dos moradores de favelas.

Por fim, esta edição especial da Revista América Latina sobre as favelas nos lega uma minuciosa bibliografia cronológica (a partir do ano de 1940), sobre os territórios elaborada por Lucien Parisse. Listando de artigos publicados na imprensa, legislações, documentos técnicos governamentais até os primeiros estudos acadêmicos.

2.7. Luiz Antonio Machado da Silva

No ano de 1960, no mesmo momento em que vinha a público a pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca, Luiz Antonio Machado da Silva, um jovem jogador de vôlei da praia do Leme encontrava-se em um dilema sobre o que fazer após o ensino médio.

Anos mais tarde, quando já estava se aposentando, chamado a falar sobre sua trajetória ele frisou a não linearidade que percebe ao olhar para si:

Creio que minha trajetória pessoal, assim como qualquer outra, pode ser pensada a partir do conceito fenomenológico de “projeto”: independente da avaliação quanto à qualidade do conteúdo (que, obviamente, não é de minha alçada decidir), tenho produzido uma prática relativamente linear, ou orgânica, que expressa uma direção geral razoavelmente homogênea. Por outro lado, já mencionei e com certeza terei oportunidade de reiterar, o enorme peso das contingências e casualidades no desenrolar de minha vida profissional. Quero deixar registrado que considero meu “caso” uma evidência indiscutível de que um “projeto” não deve ser identificado com uma sequência de decisões racionais, livres e independentes do contexto. (SILVA, 2010, p. 143).

Aluno da modalidade chamada “científico” no ensino médio, leitor de história e das obras de Jean-Paul Sartre e Kierkegaard, Luiz Antonio Machado da Silva chegou a prestar vestibular para engenharia. Reprovado, percebeu que as ciências exatas não eram o seu forte, pensou em cursar Direito, opção descartada já no pré-vestibular considerado tedioso. (SILVA, 2011).

A decisão sobre qual graduação fazer viria pela influência do amigo Otavio Velho³⁶ que lhe contou sobre a existência do curso de Sociologia e Política da

³⁶ Graduado em Sociologia e Política na PUC/RJ, Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho foi assistente de pesquisa de Roberto Cardoso de Oliveira antes da criação do mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, ajudando o professor nas reuniões preparatórias do Programa de Pós-Graduação junto à Fundação Ford. Com a criação do Programa foi o primeiro mestre em Antropologia Social formado, em 1970. Obteve o doutorado em Sociologia na Universidade de Manchester, na Inglaterra em 1973. É professor titular em Antropologia Social no Museu Nacional, desde 1993, e professor emérito de antropologia social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 2005. (VELHO, 2010).

PUC/RJ³⁷, para onde estava fazendo a inscrição para o vestibular. Sem saber muito a respeito, Machado da Silva o acompanhou e se inscreveu também, dando início à dedicação de toda uma vida às ciências sociais:

Na época do vestibular, soube da existência do curso de sociologia da PUC/RJ por intermédio de Otávio Velho, amigo de muitos anos que estava prestando vestibular para lá. Não sabia com muita clareza do que se tratava, mas achei que podia ser uma boa solução. Fiz o vestibular, fui aprovado e, na medida em que me socializava no novo ambiente, mais aprofundava e consolidava meu interesse intelectual e profissional. (SILVA, 2010, p. 142).

Iniciado o curso em Sociologia e Política na PUC/RJ, Machado da Silva teve como colegas seu incentivador Otávio Velho, além de Sergio Lemos e Moacir Palmeira. Dentre os professores estavam o Pe. Fernando Bastos de Ávila³⁸, José Arthur Rios e Geraldo Semenzato, de quem Machado da Silva e seus colegas se aproximaram.

Após a mudança de Geraldo Semenzato para a Universidade Federal da Bahia em 1962, o professor convidou este grupo de estudantes para cursar uma especialização em ciências sociais que estava sendo montada por ele e Thales de Azevedo e Maria de Azevedo Brandão, filha de Thales.

Machado da Silva conta (2010; 2011) que Otávio Velho não fez o curso, mas Moacir Palmeira e Sergio Lemos e ele se mudaram para a capital baiana, ainda durante o segundo ano da graduação, cursando os dois graduação e especialização concomitantemente.

Cursei o segundo ano da faculdade nessa especialização e fazia as provas em um regime de segunda época, que não existe mais. Fiz, então, a especialização ao mesmo tempo que a graduação. Meu Curriculum Lattes é algo bastante estranho, porque os prazos se sobrepõem. Mas o curso foi ótimo. (SILVA, 2011, p. 667).

Em Salvador, os estudantes residiram por aproximadamente um ano, os três primeiros meses na casa do professor Geraldo Semenzato, vivendo o que Machado

³⁷ O curso da PUC/RJ foi o segundo do estado dedicado às ciências sociais, tendo sido antecedido pelo da Universidade do Brasil. Rapidamente a Escola de Sociologia e Política se tornou um influente organismo de produção de conhecimento e atraiu muitos jovens interessados em sociologia, muitos dos quais ocupam hoje em dia lugar relevante nos debates nacional e internacional das ciências sociais.

³⁸ Pe. Ávila, como era conhecido, jesuíta desde 1935, cursou doutorado em ciências políticas e sociais, na Universidade de Louvain, na Bélgica, defendendo uma tese onde discute como a imigração pode se tornar uma experiência de exílio para que a vive. Após regressar dos estudos de doutorado, fundou, em 1954, do Instituto de Estudos Políticos e Sociais, depois transformado na Escola de Sociologia e Política da PUC/RJ, sendo diretor até o ano de 1967. Foi vice-reitor da PUC/RJ, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Academia Brasileira de Letras (ABL) e lecionou na universidade até o ano de 2010. (<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/70anos/perfis/figuras-inesqueciveis/padre-fernando-bastos-avila-sj-1918-2010.html>).

da Silva considera ter sido uma completa imersão em ciências sociais, momento basilar para sua formação.

(...) durante um ano respirei ciência social por 24 horas diárias (sim, eu cheguei a sonhar com Parsons, que era o grande scholar da época e cujo pensamento tive bastante dificuldade de compreender). Posso dizer, sem medo de errar, que este período foi absolutamente decisivo na consolidação de meus interesses intelectuais e no estabelecimento das bases de minha formação. (SILVA, 2010, p. 143).

A gente lia desesperadamente. E discutia, tomava cerveja com o Semenzato, que era um professor muito bom, discutindo Parsons. Então, juntava-se o lazer e o estudo, era praticamente 24 horas por dia, uma imersão. (SILVA, 2011, p. 667)

Ao retornar para o Rio de Janeiro, em companhia de Moacir Palmeira, procurou o Pe. Ávila para quem expuseram seu interesse de fazer pesquisa. Com o auxílio do Pe. Ávila organizaram uma pesquisa sobre *remigração* em Alagoas. Interessava-lhes saber as motivações dos alagoanos que estavam voltando para casa após uma temporada vivendo no Sudeste.

A escolha de Alagoas como campo empírico, segundo Machado relatou, se deu pelo fato de o pai de Moacir Palmeira ser, além de usineiro, Senador da república por pelo estado, isto lhes facilitou o acesso às prefeituras e na obtenção de auxílio para transporte entre os municípios. Ideia que se mostrou correta, facilitando a visita a todos os municípios de Alagoas.

Nesta viagem pelos municípios alagoanos, ao entrar nas casas das pessoas para aplicar os questionários, Machado recorda ter tido a chance de, pela primeira vez, conhecer de perto a realidade das classes populares.

Concluída experiência de pesquisa, ainda aluno de graduação na PUC/RJ, Machado se tornou, ao lado de Otávio Velho, assistente de José Arthur Rios. O professor, diante de seu conhecimento da realidade do Rio de Janeiro havia sido convidado pelo governador Carlos Lacerda para compor seu secretariado e coube aos dois dar aulas em seu lugar. (SILVA, 2011).

Após concluir a graduação em 1964, até 1969 quando inicia o Mestrado em Antropologia no Museu Nacional, Machado teve atuação profissional intensa em pesquisas com foco na realidade vivenciada pelas classes populares do Rio de Janeiro, principalmente nas favelas cariocas.

Sobre esta época, o pesquisador se orgulha ao dizer talvez tenha sido uma das primeiras pessoas a ter o registro de sociólogo na carteira profissional e que se pode

pensar que ele é uma “espécie de “reliquia” dos estudos acadêmicos sobre inúmeros aspectos das favelas”. (SILVA, 2010, p. 144).

A duas primeiras dessas vivências aconteceram a convite da professora Ana Judith de Carvalho. Inicialmente Machado foi assistente de pesquisa de Ana Judith, após isto ela o indicou para trabalhar na avaliação de quais favelas receberiam os recursos do projeto Brasil-Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade (Bemdoc), o ano era 1965 e ele conta:

(...) quando entrei para o Bemdoc e fiz uma pesquisa de comunidade: me chamaram na Secretaria de Economia do Estado da Guanabara para fazer uma pesquisa no Mangue, que estava em vias de ser desativado. A pesquisa durou vários meses, eu passava o dia inteiro lá (...). (LIMA e VIANA, 2018a, p. 756).

Este acabou sendo o primeiro contato profissional de Machado com as favelas cariocas, embora já conhecesse algumas da zona sul, pois as frequentava pelas relações de amizade que tinha com moradores. (SILVA, 2010).

Da avaliação do projeto-piloto de Desenvolvimento de Comunidades Machado vai trabalhar na Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (CODESCO), estreitando sua amizade intelectual com Carlos Nelson Ferreira dos Santos.

Em conjunto com o grupo de urbanistas do escritório Quadra, Carlos Nelson, Sílvia Wanderley e Rogério Aroeira, Machado acredita ter percorrido mais de cem favelas da cidade para escolherem quais receberiam urbanização. (SILVA, 2011).

Os critérios por eles estabelecidos consistiam em primeiro determinar se o território visitado seria uma favela, para identificar existência de condições físicas das que possibilitassem a urbanização e se faria sentido prover uma intervenção drástica no ambiente. Recentemente Machado explicou o porquê destes critérios:

Porque nas favelas mais antigas não tinha sentido fazer uma intervenção desse tipo, pois seria preciso derrubar casas, e a maioria delas já era então de alvenaria, já se havia investido tamanho esforço humano nelas que seria contraproducente fazer uma intervenção. E na dimensão política era preciso entender se, internamente, se tratava de uma favela. Na época havia muitas associações de moradores, que eram uma força social muito grande. E com disputas entre elas. Às vezes eram duas associações, às vezes a mesma associação tinha uma projeção enorme. Não se permitia um planejamento participativo, que era a ideia. (LIMA e VIANA, 2018a, p. 760)

No trânsito entre as favelas Machado da Silva passa a encontrar frequentemente Anthony Leeds, a quem já conhecia de vista do trabalho com o Bemdoc. A relação com Leeds começa a se estreitar a ponto do pesquisador hoje em dia reconhecer o antropólogo estadunidense como seu “pai” intelectual, de quem se tornou um “filhote ligeiramente rebelde”. (SILVA, 2015).

A importância desta relação intelectual entre os dois foi abordada recentemente por Machado da Silva em uma entrevista e na apresentação da segunda edição de “A Sociologia do Brasil Urbano”. Nestes dois Machado da Silva revela, como diz: “o Tony que incorporei como pessoa de referência, modelo de intelectual e fonte questionamentos teóricos”. (SILVA, 2015, p. 17).

Com Leeds, Machado da Silva diz ter, de fato, aprendido a fazer pesquisa, o que considerava não saber até então, mesmo já tendo percorrido várias favelas no trabalho do BEMDOC, apesar disso, afirma ele: “minha imersão profissional definitiva se deu por meio do Tony e, por extensão, do grupo Peace Corps”. (SILVA, 2015, p. 24).

Aprendeu, segundo ele, bastante teoria sociológica, embora não concordasse com todas as proposições teóricas do professor. Decorrendo daí esse qualificativo que se dá de “filhote ligeiramente rebelde”. (SILVA, 2011; 2015).

Os ensinamentos de Leeds firmaram o pressuposto sobre as favelas trazido por Machado da Silva em seus estudos. Ele conta que de Leeds veio a compreensão das favelas como “realidade fisicamente objetiva”, com base no qual o pesquisador tem analisado “o significado social das favelas e seu lugar na ordem urbana”. (SILVA, 2015, p. 26).

A presença intelectual de Leeds pode ser encontrada no primeiro artigo escrito por Machado da Silva, “A política na favela” (SILVA, 1967; 2011; 2016), publicado na revista Cadernos Brasileiros em 1967, republicado em 2011 na revista Dilemas e em 2016 na coletânea “Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as classes populares urbanas, que traz outros textos do pesquisador.

No artigo Machado da Silva entende que as favelas e a atuação prática dos favelados na arena política não seriam organizadas de modo causal. Seu interesse se fixa em considerar as orientações valorativas organizadas pelos favelados no desenrolar do ambiente político. Assim, o autor tem em conta o espaço territorial da favela, tal e qual um objeto empírico interessante de ser pensado globalmente, dentro do qual a ação prática dos favelados deveria ser tomada em sua dimensão ético-política, enquanto “algo mais do que um simples conjunto de reações adaptativas às restrições de contextos diferenciados de distribuição dos recursos de poder que submetiam os trabalhadores em geral”. (SILVA, 2015, p. 32).

Machado da Silva demonstra como se desenrolava a ação política dos favelados não era um movimento trivial de reação à condição de subalternidade imposta, mas possuía parâmetros bem organizados internamente de disputa e relações de poder.

Desde o início de sua trajetória acadêmica os diversos círculos sociais vivenciados vêm influenciando seu trabalho intelectual. A própria questão social das classes populares urbanas da maneira como aborda em suas pesquisas, nas mais diversas temáticas, não se organiza de modo estático, mas como debates em constante movimento. Assim é que o pesquisador transita entre assuntos dos mais diversos.

O pesquisador disse sobre si certa vez que é um “maria-vai-com-as-outras” (SILVA, 2011, p. 676) quando se trata de ter um programa específico de pesquisa. Acompanhando as várias tematizações dos períodos da sociologia urbana do Rio de Janeiro, sobre isto ele afirma:

Nunca tive um programa de pesquisa. Acredito que tenho consistência em termos de interesses existenciais racionalizados, como disse no começo. E há consistência na relação com o objeto empírico, que eu não consigo abandonar. Não consigo abandonar, obviamente, porque gosto do que ele significa em termos humanos. (SILVA, 2011, p. 698).

Fui levado a produzir os textos que escrevi influenciado a produzir os textos que escrevi pelos diferentes quadros do conflito social e pelos estágios da compreensão coletivamente construída no debate político e acadêmico. (SILVA, 2016, p. 28).

Machado da Silva constrói uma trajetória intelectual sempre relacionada aos caminhos percorridos pela “questão social” na cidade, na interface entre a sociologia urbana no que ela trata dos dilemas de integração social dos sujeitos ao produzirem a cidade como arena pública, e a sociologia política, usada por ele enquanto um “enquadramento geral do tema da integração social a partir de uma compreensão “nativa” territorializada do conflito social”. (SILVA, 2016, p. 17, grifos do autor).

Desde a primeira atividade como sociólogo quando foi assistente da professora Maria de Azevedo Brandão no trabalho de conclusão do curso de metodologia em ciências sociais na Bahia, Machado da Silva segue em franca atividade até o momento atual.

Como docente/pesquisador do antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj)³⁹ e da UFRJ desenvolveu pesquisas significativas para a área

³⁹ O Iuperj é um centro de pesquisas ligado à Universidade Candido Mendes do Rio de Janeiro fundado em 1969. Oferecendo os cursos de mestrado e doutorado em Sociologia e Ciência Política o Iuperj se consolidou como uma das instituições mais importantes para as Ciências Sociais do Brasil. Após um período de crise financeira da universidade os docentes, alunos e funcionários migraram para a

da sociologia urbana, dando origem a artigos e coletâneas tidos como clássicos, leitura inicial de qualquer curso sobre o fenômeno urbano, principalmente o vivenciado no Rio de Janeiro, seu campo empírico principal.

Na mesma medida de trabalho intenso Machado da Silva orientou pesquisadores que também se tornaram expoentes da área, hoje atuantes no Brasil e no exterior, formando uma rede de filiação intelectual identificada pela “Plataforma Acácia Genealogia Acadêmica do Brasil”⁴⁰ como uma das maiores árvores genealógicas da pesquisa acadêmica nacional, contando com 1.301 pesquisadores como descendentes acadêmicos diretos e indiretos.

Mesmo que o grande número de orientações chame atenção, o impacto de sua trajetória pessoal/profissional não pode ser quantificado, a presença de Machado da Silva na área de estudos urbanos do Rio de Janeiro pode ser sentida no rigor da incorporação da teoria sociológica para análise do fenômeno urbano. Esta é uma de suas contribuições mais presentes.

O trânsito de Machado da Silva pelas ciências sociais pode ser percebido nos contatos que vem estabelecendo com diversos pesquisadores brasileiros e estrangeiros desde seu doutorado defendido nos EUA, passando pela participação em congressos internacionais onde apresentou as temáticas da sociologia urbana que estuda. Assim como em suas duas experiências de pós-doutoramento em Portugal (2006-2007; 2011), quando ampliou a interlocução com os pesquisadores daquele país.

Após sua aposentadoria na UFRJ segue como professor visitante no IESP/UERJ, onde lidera o grupo de pesquisa CEVIS (Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade). Em 2016 a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) concedeu a Machado da Silva o Prêmio de Excelência Acadêmica em Sociologia Antonio Flavio Pierucci, pela sua contribuição à pesquisa em ciências sociais no Brasil.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) dando origem ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp).

⁴⁰ A Plataforma Acácia vem sendo elaborada por um grupo de pesquisadores atuantes na área de Cientometria da Universidade Federal do ABC (UFABC), com o intuito de documentar as relações formais de orientação no contexto dos programas de pós-graduação nacionais. Para isto utiliza dados disponibilizados pela Plataforma Lattes. A documentação é feita sob a forma de grafos de genealogia acadêmica, em que cada vértice representa um pesquisador e cada aresta uma relação de orientação concluída entre dois pesquisadores (orientador e orientado). Mais sobre a Plataforma e o perfil de Luiz Antonio Machado da Silva pode ser consultado em: <http://plataforma-acacia.org/profile/luiz-antonio-machado-da-silva/>.

Neste mesmo ano de 2016, o pesquisador iniciou a sistematização de sua obra bibliográfica, até então dispersa nas inúmeras revistas científicas, livros e tantas publicações das quais participou como colaborador ou organizou.

Na coletânea “Fazendo a cidade: Trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas”, foi retomado um conjunto de 19 dos principais textos de sua “Sociologia Política” que focalizam o tema das favelas, direta ou indiretamente abordado por Machado da Silva “como objeto de um tratamento empírico de inspiração etnográfica”. (SILVA, 2016, p. 9-10).

Dividida em duas seções: “Habitação, cotidiano e política nas camadas populares urbanas” e “Favelas, polícia e crime”, a coletânea ajuda a perceber as mudanças e acúmulos nas ideias de Machado da Silva ao longo de seu percurso como pesquisador.

A “Sociologia Econômica do mercado de trabalho” de Machado da Silva não foi abordada neste volume, lacuna solucionada em 2018 com a publicação da segunda coletânea: “O mundo popular. Trabalho e condições de vida”. (SILVA, 2018).

Os dez textos recuperados pelo autor exploram analiticamente as modalidades de mobilização do trabalho pelas classes populares urbanas no exercício diário para conseguir, em meio aos obstáculos das regulações da economia, do direito e da política burgueses, levar algum dinheiro para casa, que lhes garanta o sustento.

Expressões de sua “sociologia econômica”, os textos reunidos nesta segunda coletânea permanecem focalizando as favelas como campo empírico de onde Machado da Silva retira os elementos de análise, definidas pelo pesquisador como “um tropo, uma metáfora”, “mais do que uma área física contendo questões e processos específicos”, cujo “significado social varia segundo os problemas integrativos dominantes da conjuntura” (SILVA, 2018, p. 13-14).

Os mais de 50 anos dedicados aos estudos das mais variadas expressões da questão social vivenciada pelas classes populares urbanas no Rio de Janeiro inscrevem Luiz Antonio Machado da Silva na história dos estudos urbanos cariocas.

2.8. Carlos Nelson Ferreira dos Santos e o grupo Quadra

Outro personagem importante, dentre os primeiros pesquisadores das favelas do Rio de Janeiro, foi o arquiteto Carlos Nelson Ferreira dos Santos. Embora não tenha se envolvido na formulação de discussões estritamente acadêmicas no início

dos estudos sobre favelas, Carlos Nelson, junto com um grupo de amigos de faculdade, atuou diretamente na aplicação de teorias urbanísticas e sociológicas junto a algumas favelas do Rio.

Arquiteto e urbanista de formação, tendo cursado o mestrado em antropologia social do Museu Nacional, publicado vários artigos sobre as favelas e promovido cursos sobre a temática no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos da América, Carlos Nelson se autodenominava um profissional de dupla orientação: urbanista e antropólogo social (SANTOS, 1981).

Declarava não ser um teórico por vocação, nem que havia se interessado pelas favelas, seus moradores de uma perspectiva acadêmica. Mas, ao contrário, fazia o possível para usar as teorias acadêmicas à medida que elas eram solicitadas para fazer autocrítica, rever ou aperfeiçoar sua prática profissional. (SANTOS, 2017a).

Os registros etnográficos dos trabalhos que realizou, prática possivelmente influenciada pelos cientistas sociais com os quais teve contato, dos quais destacam-se entre os interlocutores: Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello, Luiz Antonio Machado da Silva, Maria Laís Pereira da Silva e Licia Valladares são material importantíssimo para compreender a relação estabelecida entre moradores das favelas, técnicos, pesquisadores e Estado naqueles anos⁴¹.

À esta prática devemos, inclusive, o detalhamento da importante situação vivenciada pelos moradores da favela de Brás de Pina, que resistiram ao governo e organizaram eles mesmos, com o auxílio de Carlos Nelson e sua equipe, um plano de urbanização para a fixação da favela como bairro.

Carlos Nelson começou a lidar profissionalmente com as favelas antes mesmo de se formar na faculdade de arquitetura da antiga Universidade do Brasil (atual UFRJ) em 1966. Nestes anos a situação do país era emblemática do ponto de político. O Brasil estava às portas da ditadura civil-militar que jogaria o país em um período de obscurantismo, sentido pelos favelados nos ataques violentos das remoções que se estenderam por uma década, tendo ápice entre 1968 e 1971. (SANTOS, 2017a).

Reunido com outros estudantes, Carlos Nelson parte em busca da realidade brasileira que tanto debatiam na universidade (SANTOS, 1981), isso o leva a participar de ações promovidas pelos acadêmicos de medicina nas favelas do Catumbi e São Carlos, em 1964. Quando conhece os militantes da Federação de Favelas do Estado

⁴¹ Recentemente muitos dos textos escritos por Carlos Nelson ao longo de sua carreira foram publicados na coleção Sementes Urbanas (Eduff), sob a organização de Maria de Lourdes Pinto Machado Costa e Maria Laís Pereira da Silva.

da Guanabara (FAFEG) e passa a questionar os interesses imobiliários envolvidos na formulação dos relatórios técnicos sobre as favelas, alguns dos quais se concentravam em repetir os velhos dogmas para indicar a remoção como solução para o “problema”.

O trabalho nas duas favelas reorienta seu foco de atenção, dos dilemas técnicos do ambiente urbano (arruamento, saneamento precário, construções mal planejadas), parte para a observação da diversidade das sociabilidades existentes nos territórios, como ele diz:

Fui descobrindo que havia muitos mundos dentro do que, simplesmente, eu designava por um só nome. Fui vendo que algumas ações e maneiras de ser ou de ver as coisas que eu classificaria, com rapidez, de “alienadas”, tinham sentido dentro dos códigos particulares a que estavam referidas, frente as quais, por não saber como me comportar, o alienado era eu. De observador de padrões e arranjos dos espaços públicos e privados, fui me transmutando em observador das inter-relações sociais e das redes de significados que, como ia percebendo, era o que, de fato, os sustentava tanto ou mais do que as razões materiais ou práticas, em cujo incontestado domínio acreditava, ao entrar nas favelas como neófito”. (SANTOS, 1981, p. 13).

Em oposição à utilização da técnica que considerava inadequada, ele defendia o desenvolvimento de um trabalho atento ao problema concreto, com uma “tecnologia específica para as favelas servindo os favelados em suas situações concretas de sobrevivência, sem obrigatoriamente destruí-las ou substituí-las por situações culturalmente mais pobres e mais limitantes”. (SANTOS, 2017a, p. 116).

Vista em paralelo com pensamento expresso em Aspectos Humanos da Favela Carioca, percebemos o quanto esta concepção da técnica proposta por Carlos Nelson é influenciada pelo movimento intelectual originado depois da publicação da pesquisa da SAGMACS.

Adicionalmente, para os jovens urbanistas dedicados ao tema das favelas, havia a influência teórica do arquiteto e urbanista John Turner, que durante anos trabalhou nas barriadas de Lima, no Peru, com sua perspectiva de urbanismo atenta ao modo como os estágios da urbanização se conectam com fases da vida dos habitantes das localidades, para elaborar um planejamento “de baixo para cima”, no qual as propostas de intervenção partem dos próprios moradores. (SILVA, 2002).

A influência de Turner fica evidente na atuação do grupo de arquitetos formado por Carlos Nelson, Sueli Azevedo e Rogério Aroeira, conhecido como Quadra Arquitetos Associados Ltda.

No escritório, os arquitetos usavam os conceitos de “urbanização” absorvidos de Turner para se contrapor ao programa de remoções do governo do estado, na

contramão dos relatórios técnicos enviesados, defensores da “favela problema”, o grupo Quadra percebia, longe disso, a favela como melhor solução para os problemas reais dos seus moradores. A “urbanização” feita “de baixo para cima” era, desta maneira, uma atividade que poderia contribuir, acreditavam eles “para aumentar o grau de consciência crítica do favelado em relação ao sistema urbano em que vivia”. (SANTOS, 2017a, p. 159).

Este grupo de urbanistas, lembra Carlos Nelson (2017a, p.159), era tido como raridade entre os técnicos dedicados às discussões relativas à erradicação/remoção x reabilitação/urbanização das favelas, dado que, tinham contato direto com os usuários de seus planos, senso assim, os únicos com conhecimento empírico sobre as especificidades, aspirações e expectativas da população das favelas. Expertise conquistada graças à assessoria que faziam para a FAFEG.

2.8.1. Brás de Pina – experiência aplicada

O caso vivido pelos moradores da favela de Brás de Pina foi um dos mais notáveis em se tratando da resistência dos favelados à política de remoções que os atingia na década de 1960. Suas consequências explicitaram a validade política das favelas frente aos interesses da elite carioca, possivelmente, repercutindo na derrota eleitoral de Carlos Lacerda, nas últimas eleições democráticas após a implantação da ditadura civil-militar de 1964, para o cargo de governador do estado do Rio de Janeiro, em outubro de 1965. Venceu Negrão de Lima, candidato de oposição, com apoio de organizações populares contrárias às remoções, muitas delas presentes dentro das favelas.

Lacerda, em 1964, era governador do Estado da Guanabara (atual cidade do Rio de Janeiro, transformada em cidade estado com a mudança da capital para Brasília), quando orientou a erradicação de cinco favelas da cidade. Anos antes, tinha demonstrado seu pensamento sobre as favelas durante a batalha do Rio. Sua política de habitação implantada, agora que tinha o poder nas mãos, era o principal dispositivo de reorganização do modelo metropolitano de cidade.

A solidariedade, mesmo aceitação da presença de favelados perto do centro financeiro da cidade, que respondia aos interesses de mão de obra barata da produção industrial e das classes médias altas por serviços domésticos, estava, cada vez mais, sendo substituída pelos interesses financeiros lançados sobre os terrenos

de alto valor ocupados pelas favelas, na zona sul e nas margens da Avenida Brasil, principal via de ligação entre a zona oeste e as outras regiões da cidade.

As favelas escolhidas para a remoção (Pasmado, Maria Angu, João Cândido, Esqueleto e Brás de Pina), ocupavam áreas de interesse imobiliário, cuja recuperação de posse por parte do estado significava a possibilidade de vendê-los para arrecadação de capital. Os moradores deveriam ser transferidos para as recém construídas Vila Aliança e Vila Kennedy, distantes mais de 40km do centro financeiro da cidade, na zona oeste⁴².

Brás de Pina, próxima da Avenida Brasil, era uma dessas cinco favelas, a reação dos moradores, organizados pelo padre da região foi de fincar o pé. Junto da associação de moradores passaram a discutir o que queriam, aceitavam ou não. A isto se somou uma grande rede de apoio na mídia que impediu, em grande parte, a destruição da favela. Carlos Nelson conta ter ficado sabendo sobre os acontecimentos de Brás de Pina pelos jornais: “(...) estouraram manchetes sensacionais: havia uma favela reagindo à força às tentativas de removê-la do local que ocupava.” (SANTOS, 1981, p. 32).

Depois dessa vitória momentânea os moradores de Brás de Pina perceberam que não seria possível permanecer ali sem demonstrar para o governo a disposição de abandonar a imagem de desorganização de uma favela.

Mais uma vez com a ajuda do pároco e da associação de moradores, começaram a desenvolver por conta própria um projeto de urbanização que seria financiado por eles mesmos, movimento que logo se tornou de conhecimento público e atraiu os jovens urbanistas assessores da FAFEG, o grupo de Carlos Nelson, que relata qual trabalho executariam quando de sua chegada no território:

Em termos físicos, a urbanização seria traduzível por melhorias como: aterro das áreas pantanosas; remanejamento de barracos e conseqüente rearranjo espacial; extensão, para o interior do aglomerado, das redes de esgoto, água potável e energia elétrica do bairro; redefinição e tratamento da rede viária e mudanças nas condições habitacionais. (SANTOS, 1981, p. 42).

Estes eram os aspectos técnicos do trabalho que conduziriam. Mas, em se tratando de uma favela, havia as questões econômicas e política, “os líderes não eram ingênuos. Sabiam muito bem que, mesmo que conseguissem um plano, jamais teriam

⁴² Os dois conjuntos foram construídos com recursos doados pelo governo estadunidense de John Kennedy, por meio da Aliança para o Progresso. Programa de cooperação técnica e financeira, idealizado na Guerra Fria. Apresentado como iniciativa para promover o desenvolvimento da América Latina, ao mesmo tempo que servia para conter as influências da União Soviética no continente.

condições técnicas ou financeiras para executá-lo” (SANTOS, 1981, p. 43), por isto os profissionais mais indicados para executar o planejamento era os “especialistas em favelas” da FAFEG.

Com a chegada de Carlos Nelson e seu grupo em Brás de Pina temos, pela primeira vez, a aliança do saber acadêmico com a defesa dos interesses dos moradores de favelas para questionar o tipo de políticas públicas que estavam sendo formuladas para estes territórios. Brás de Pina foi além da mera execução do que tinham aprendido na faculdade e, possivelmente, moldou seu compromisso em colocar a técnica à serviço do corpo social.

Compreendendo os favelados como agentes políticos e os sujeitos mais capacitados para produzir informações sobre o lugar onde moravam, a equipe decide quem antes de qualquer trabalho técnico, era preciso ter um diagnóstico sobre a situação territorial da favela. Os moradores, após receber formação básica, foram a campo nos finais de semana para elaborar os dados brutos, depois interpretados pelos urbanistas. (SANTOS, 1981).

A atuação do grupo QUADRA se contrapôs à tendência autoritária que via a remoção como única alternativa para as favelas que circundavam o centro e o médio subúrbio da cidade, em curso desde os anos de 1930, como vimos acima. Os arquitetos envolvidos com a urbanização de Brás de Pina inverteram a lógica que era comum no tratamento dado às favelas e aos favelados. Ali os moradores não foram objetos, mas sujeitos sociais da pesquisa arquitetônica, sua existência (real, simbólica, social) foi a grande influência para o que foi proposto em matéria de intervenção no espaço.

As movimentações para formulação do projeto urbanístico de Brás de Pina duraram do final de 1964 até 1969, quando finalmente as obras foram iniciadas, durando cerca de um ano e meio até serem concluídas.

Entre 1964-1965, há a resistência dos moradores com a ajuda do pároco, da associação de moradores e dos urbanistas da QUADRA, em um movimento autônomo. Enquanto se organizavam, do outro lado, sem que percebessem, o governo do Estado da Guanabara, já comandado por Negrão de Lima, começa a agir para conter sua independência política.

Em 1967, o governo instaura um Grupo de Trabalho, chamado GT 3881, com a incumbência de elaborar um programa estadual para as áreas de planejamento, habitação e industrialização. Este GT recebe o auxílio de uma secretaria executiva

que o assessoraria com o planejamento, coordenação e execução do programa estatal de recuperação das favelas de Brás de Pina, Morro União, Mata Machado e Guararapes, em 1968 o GT é transformado na CODESCO, empresa estatal de capital misto, encarregada de dar efetividade às propostas apresentadas pelo GT. (SANTOS, 1981).

Ironicamente, diz Carlos Nelson (1981), o início das obras na favela coincide com o esvaziamento de seu principal órgão político de representação. A entrada da CODESCO na arena de Brás de Pina gera nova configuração na dinâmica política da favela. Brás de Pina não era mais vista como um problema, agora era símbolo de ação estatal negociada com os favelados, sem violência que poderia dar certo. Imbuída deste pensamento a companhia passa a interferir diretamente na coordenação de reuniões com os moradores, atropelando a associação, que desidrata e começa a perder representatividade.

Brás de Pina poderia ser apenas um caso de política local, contudo, ao discutir em conjunto os modos de morar na cidade, se tinham ou não direito a isto, os favelados organizaram práticas efetivas de ação política contra a ordem estabelecida, questionando a identificação de problema atribuída, trazendo às claras as diversas contradições urbanas do Rio de Janeiro em meio a um período de extrema violência como foi o da ditadura civil-militar.

Nestes anos a relação da população da favela com o poder público foi sendo moldada pela sua capacidade de organização frente aos perigos da remoção. A necessidade de preservar a identidade de lugar significou um salto na compreensão dos moradores enquanto membros de uma mesma classe, movimento do qual os jovens urbanistas da QUADRA participaram como coadjuvantes, não conduzindo um trabalho acadêmico *stricto sensu*, mas, interferindo diretamente na melhoria das condições de vida dos moradores de favelas, atribuindo-lhes o protagonismo que tinham direito.

Em muitos momentos, ao revisitar na memória a experiência de Brás de Pina, Carlos Nelson insiste na exortação de que, agir assim, respeitando as identidades locais, não é uma benesse oferecida pelo pesquisador, mas uma regra a ser seguida para se fazer qualquer pesquisa/intervenção em favelas. (SANTOS, 1981; 2017a; 2017b).

Os ensinamentos aprendidos por Carlos Nelson nesta e em outras experiências de executadas nas favelas do Rio de Janeiro ultrapassaram a área do urbanismo, incorporados em sua prática como urbanista e pesquisador de favelas.

2.9. Conclusão do capítulo

Nos anos iniciais dos estudos sobre as favelas do Rio de Janeiro, não eram muitos os que se dedicavam ao tema. Encontravam-se sempre em algum dos espaços onde o debate sobre estas questões acontecia, seja na PUC/RJ, no CLAPCS, no escritório da Quadra, na CODESCO, nas reuniões de Anthony Leeds, ou no curso de Mestrado em Antropologia do Museu Nacional (UFRJ) que funcionou, nos primeiros anos, nas dependências da PUC/RJ.

Ao conviverem, liam os mesmos autores, principalmente John Turner, nos encontros promovidos por Leeds ficavam sabendo o que cada um estava fazendo em suas pesquisas, inevitavelmente partilhavam, segundo Valladares (2005), em certa medida, o interesse de desmistificar outras pré-concebidas que estimulavam o preconceito do senso comum contra os territórios.

Em conjunto, relata Valladares (2005, p. 17) estes jovens pesquisadores não viam sentido na atribuição de marginalidade às favelas. Para eles, o fato de as favelas crescerem junto com a cidade, e não como estruturas apartadas, de congregarem uma população ativa politicamente, econômica e socialmente, mesmo que agindo com características particulares em relação ao ambiente fora, as fazia parte da cidade, não marginal.

Na questão habitacional, Luiz Antonio Machado da Silva, Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Licia Valladares e tantos outros que os seguiram, perceberam o potencial do mercado interno das favelas, em sua integração assimétrica à cidade.

O posicionamento contrário dos moradores às remoções e de defesa da urbanização de seus territórios, do mesmo modo, era percebido, sendo a organização de mutirões o exemplo apontado como prova da vontade dos moradores em se integrar com os órgãos governamentais para prover serviços públicos às localidades.

Metodologicamente, o consenso entre os jovens pesquisadores era de que não haveria possibilidade de conhecer as favelas do Rio de Janeiro, não fosse através do trabalho de campo sistemático, de tipo antropológico, da mesma forma que do trabalho de assessoramento aos moradores, do modo como era defendido por John

Turner e já estava sendo feito pelo grupo de urbanistas da Quadra junto a FAFEG e moradores de Brás de Pina.

Em um período de 20 anos, de 1960-1980, as favelas do Rio de Janeiro passaram por mudanças significativas no que diz respeito a sua participação na arena política da cidade. As favelas que já existiam cresceram demograficamente, umas resistiram às tentativas de erradicação e se consolidaram como bairros, a exemplo de Brás de Pina, outras foram removidas dando origem a novos territórios nas regiões mais afastadas do centro econômico. Outras tantas surgiram diante da necessidade de moradia da população pobre do Rio que não parava de ser incorporada por migrantes vindos em busca de oportunidades.

Com a organização em associações de moradores, a luta contra as remoções, o incremento econômico de parcela dos moradores, a qual Machado da Silva (1967; 2016) chamou de “burguesia favelada”, a validade política das favelas cariocas ultrapassa o momento eleitoral, até então única hora em que seus moradores eram lembrados, com os favelados colocando-se como sujeito de direitos.

A atuação da FAFEG representa um salto na organização política dos favelados que repercutiu diretamente na vitória da população de Brás de Pina, além de indicar ao poder público a necessidade de responder a altura, o que é feito com a criação do Serfha e todo estímulo do órgão para a fundação de associações de moradores, capitaneado por Arthur Rios.

Outras tantas iniciativas estatais e paraestatais⁴³ ocorreram no período. A CODESCO e tenta dar nova configuração política para a atuação dos favelados em algumas favelas, contudo, efetivamente só consegue agir em Brás de Pina.

Situação que não seria deixada frouxa pelo governo da ditadura civil-militar. Os objetivos das remoções da ditadura de desterritorializar, despersonalizar os favelados enquanto atores sociais e políticos tiveram certo êxito causando forte refluxo no processo de organização política, percebido no enfraquecimento das associações de moradores, substituídas por lideranças locais elevadas ao posto de representantes do Estado no interior das favelas, algumas até apoiadoras das remoções. (SILVA, 1967; 2011; 2016).

⁴³ Luiz Antonio Machado da Silva na entrevista que concede e Lima e Viana (2018) cita o trabalho as pesquisas que fez para o Brasil-Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade (BEMDOC), um comitê de cooperação estadunidense que foi presidida por Anthony Leeds entre 1964-1967.

A nascente área de estudos e pesquisas sobre as favelas segue de perto estas mudanças ocorridas em seus campos de pesquisa. De 1960 com a publicação de Aspectos Humanos da Favela Carioca pela SAGMACS, até o ano de 1980, o tema das favelas passa de problema social/habitacional, debatido para sua erradicação pelas elites cariocas à problema sociológico, narrado, debatido, entendido em suas mais diversas expressões, através do uso da teoria e da metodologia empírica.

Os trabalhos sobre favela produzidos nas décadas de 1960 – 1970 fazem parte dos primeiros debates sobre habitação no Brasil. Neste momento, a favela, enquanto ambiente geográfico, cultural e social é o *lócus*, o campo empírico onde as pesquisas serão desenvolvidas. Mas a concentração específica de análise é na questão da habitação. A periferia urbana retratada nas favelas com suas moradias populares, surgidas de um processo de autoconstrução, são as lupas por onde estes cientistas sociais estão olhando a sociedade carioca de sua época.

Os reflexos dos primeiros estudos sobre as favelas do Rio dos anos de 1960 são vistos com maior profusão na década seguinte. A partir de 1970 a favela carioca se consolida como objeto de uma vasta lista de pesquisas: (PERLMAN, 1970) (BOSCHI, 1971) (NUNES, 1976) (VALLA, 1979) (VALLADARES, 1978; 1976); (LEEDS e LEEDS, 1978).

É também na década de 1970 que os estudos de pós-graduação se desenvolvem na universidade brasileira, o que fez da produção sociológica sobre as favelas torna-se parte de uma agenda científica que estimula, desde então, as pesquisas a respeito da pobreza urbana e demais temas relacionados. Para a autora, é o momento da “favela das ciências sociais”, marcado pelo “reconhecimento da favela como um tema que as ciências sociais devem estudar”, por interesses de conceitualização do objeto de pesquisa através das teorizações sobre a pobreza urbana e do debate público sobre moradia e, também, pela “consolidação e generalização de dogmas, resultantes especialmente de estudos e conclusões de pesquisas universitárias”. (VALLADARES, 2005, p. 119).

Também dentro deste cenário, no ano de 1978 há a publicação do livro “A sociologia do Brasil urbano” consequência dos anos de trabalho e interlocução do casal de pesquisadores Anthony e Elisabeth Leeds com aqueles jovens pesquisadores que começavam seus estudos sobre as favelas cariocas.

A obra do casal Leeds traz em seus capítulos importantes análises no tocante às estruturas de poder e de classes operacionalizadas a partir da história das favelas

e de outros territórios da pobreza na América Latina. Uma das conclusões do texto, segundo Anthony Leeds é que ao serem sempre mencionadas como um problema as favelas se referem principalmente a aspectos diferentes do mesmo problema - a “proletarização” dos pobres urbanos e suas consequências. (LEEDS e LEEDS, 1978).

Do ângulo teórico, é possível perceber nos primeiros estudos das décadas de 1960 – 1970 uma presença marcante da teoria da marginalidade em voga na América Latina. Uma forma de aprimoramento da dicotomia indivíduo-sociedade, esta teoria focalizava seu debate em torno da existência ou não de integração das populações mais pobres ao conjunto das sociedades latino-americanas em relação a sua situação de emprego e moradia.

Servindo de influência não tão explícita ou podendo ser facilmente percebida, como no trabalho de Janice Perlman “O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro” (1970), o “mito da marginalidade”, seu questionamento, principalmente, esteve presente na quase totalidade dos trabalhos sobre as favelas do Rio de Janeiro neste período inicial da agenda de estudos e pesquisas.

Quando estudou os estereótipos de marginalidade que apresentavam os favelados como mal adaptados à vida formal e responsáveis pela sua própria pobreza, entre os anos de 1968-1969, Janice Perlman realizou uma extensa pesquisa histórica, de campo e com entrevistas em duas favelas do Rio de Janeiro (Catacumba, removida em 1970 e Nova Brasília) e três de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Seguindo as orientações metodológicas de imersão no campo, Janice Perlman morou em alguns destes territórios durante sua pesquisa e contando com o auxílio de uma equipe de pesquisadores entrevistou 600 moradores das favelas e 150 líderes comunitários a respeito de suas histórias de vida e seus valores político-sociais.

Na sistematização das falas colhidas as discussões de seu trabalho foram se consolidando em torno da inserção das favelas na cidade formal, qual a relação que os territórios conseguiam, ou lhes era permitido ter com o poder público, as elites e o mundo do trabalho.

Ao reunir informações sobre as trajetórias, estratégias de sobrevivência, sistemas de valores, aspirações e formas de comportamento dos moradores, a autora provou que o mito da marginalidade acionado contra os favelados é estereotipado e empiricamente falso. Concluiu que os favelados, ao invés de marginais e despolitizados, eram, na verdade explorados e reprimidos em seus trânsitos na

sociedade geral, a autora demonstrou o quanto este discurso da marginalidade prejudica uma ação mais democrática do Estado nas favelas.

Perlman demonstra, ao contrário dos estereótipos de apartação entre favelados e moradores do “asfalto” presentes no mito da marginalidade que os territórios de favela, seus moradores e as sociabilidades produzidas ali dentro tinham, na verdade, uma inserção assimétrica e desigual na estrutura social da cidade.

Mesmo estando inseridos no mercado de trabalho, tendo sua produção cultural, simbólica lembrada, consumida pelas elites, em momentos específicos da história, a estes sujeitos sempre cabiam as piores posições, na hora de ocupar estes espaços. Na maioria das vezes na prestação de serviços domésticos ou na precariedade dos biscates.

A pesquisa de Perlman ajudou a criticar alguns dos estereótipos que predominavam contra os favelados desde o início do século XX, mas mesmo assim não se desvinculou de um outro discurso sobre quem seriam os moradores que apresenta uma ideia idílica de favela onde “os pequenos montes de tijolos comprados um a um e guardados no quintal para quando puderem ser usados, constituem testemunho eloquente do quanto os favelados se esforçam para alcançar seus objetivos”. (PERLMAN, 1970, p. 286).

3. Licia do Prado Valladares – círculos pioneiros, tramas e obras: a constituição de uma pesquisadora

Retomando o pensamento de Georg Simmel a respeito da circularidade da vida e de como a interação entre os indivíduos se constitui como marcador preponderante para a produção de conhecimento nas sociedades (SIMMEL, 2004; 2013), o ponto que nos interessa neste capítulo em relação ao empenho pessoal/profissional de Licia Valladares, dentro de seus círculos sociais, está na maneira como ocorre o desenvolvimento destas ligações, pois, é aí que surgem, segundo Simmel, diversos círculos, os quais proporcionam cruzamentos, trocas entre os indivíduos no curso da vida em sociedade.

Sua relação com o grupo de pioneiros da área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro a coloca em um lugar privilegiado como personagem. Personagem a partir de quem se pode entender as tramas que vêm ligando cada vez mais pesquisadores ao tema das favelas.

A quantidade e o entrelaçamento dos círculos sociais aos quais ela se uniu ao longo da vida, são parâmetros importantes para medir o grau de desenvolvimento da área de estudos e pesquisas sobre as favelas cariocas.

Como recorda Simmel, em decorrência da sua participação em círculos sociais distintos, os indivíduos vão criando um sistema referencial que lhes possibilita ampliar seu campo de atuação, a cada novo círculo no qual venham a filiar. (Simmel, 2004).

Como Licia mesma recorda na introdução de “A invenção da favela”, a ligação aos círculos sociais não ocorre de maneira causal, mas por meio dos vários fatores que intervêm na formação da identidade do pesquisador.

Na construção das representações sociais, a biografia do autor tem o seu lugar, assim como as ideias e os discursos implícitos e explícitos no contexto de sua época. O pensamento de um determinado autor só pode ser compreendido quando se leva em conta o seu tempo, origens de classe, características sociais, políticas e religiosas, além do contexto intelectual em que circulava e se inseria. (VALLADARES, 2005, p. 13)

Norbert Elias não vê também causalidade na vida social. O todo social – sociedade, grupos, individualidades, é, igualmente para ele, construído pelo conjunto de relações, sempre processuais, estabelecidas a cada momento pelos indivíduos.

Mas se não há causalidade, como acontece de surgirem formações sociais não planejadas por nenhum indivíduo? É uma pergunta que Elias também se faz, a qual responde dizendo que os:

(...) planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem sui generis, uma ordem mais irresistível (...) Essa ordem nem é "racional" - se por "racional" entendemos que ela resultaria intencionalmente da deliberação e do propósito de pessoas isoladas -nem "irracional" - se por "irracional" queremos dizer que tenha surgido de maneira incompreensível. (ELIAS, 1993, p. 194).

Para Elias, não existem leis gerais para a compreensão da realidade, mas sim modelos sociológicos processuais que podem ser utilizados para compreender os mesmos temas, ainda que estes temas aconteçam em ambientes e realidades sociais diferentes. Tais modelos seriam duplamente instrumentos que auxiliariam na investigação científica e instrumentos que auxiliariam os indivíduos no interior de seus grupos em “um processo contínuo de transmissão e crescimento do conhecimento” (ELIAS, 1994, p. 139), desde que lhes sejam creditadas as singularidades do tempo histórico, lugar e cultura onde acontecem.

Seu ponto é que o desenvolvimento do conhecimento, seja qual for, e especialmente o do conhecimento científico acerca de qualquer tema deve “ser considerado como uma transição para uma nova fase na busca geral do conhecimento efetuada pela humanidade” (ELIAS, 2008, p. 59), pois sempre está fundamentado nas experiências pessoais dos indivíduos e de seus grupos. A origem do conhecimento, portanto, para Elias, reside nos grupos aos quais os indivíduos estão filiados.

Ao pensar essa sociologia processual, Elias se coloca frontalmente em oposição às tradições sociológicas que procuram construir afirmações eternas e universais sobre a natureza da vida em sociedade. Ele busca, na descrição dos processos sociais, bem como na compreensão de seu papel em relação ao desenvolvimento das sociabilidades, articular os elementos cognitivos das personalidades dos indivíduos com as estruturas sociais. Isto é, demonstrar como os processos sociais têm sua origem e desenvolvimento nas relações de interdependência que os indivíduos estabelecem ao longo da história das sociedades.

Dessa maneira, demonstra que os processos que conduzem às diversas mudanças sociais sempre em curso nas sociedades, mesmo não possuindo uma demarcação teleológica, um objetivo ou finalidade especificamente determinados, têm um curso e regularidades passíveis de serem observadas pela sociologia a partir de pesquisas empíricas a exemplo do que fez no estudo sobre as configurações sociais

existentes nas relações de poder entre os grupos de estabelecidos e de outsiders da comunidade de Winston Parva. (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Este capítulo retomará a importância de eventos e encontros vivenciados por Licia do Prado Valladares no seu percurso de vida e profissional dedicados aos estudos urbanos, em especial ao tema das favelas cariocas.

3.1. Primeiros círculos sociais

Licia do Prado Valladares é filha de Gizella Roth e José Antonio do Prado Valladares. Sua mãe, descendente de imigrantes húngaros, cursou antropologia na universidade de Columbia, em Nova Iorque onde foi aluna de Margaret Mead e Ruth Benedict.

Ao fim do curso, no ano de 1943, quando fazia estágio no Museu do Brooklyn conheceu José, brasileiro de família tradicional baiana, bacharel em direito pela Universidade de Pernambuco (quando foi aluno de Gilberto Freyre) que naquele momento, enquanto diretor do Museu do Estado da Bahia, graças a uma bolsa recebida da Fundação Rockefeller, estava em Nova Iorque por dez meses para aprimorar sua formação em museologia em cursos de história da arte da Universidade de Nova Iorque, com estágio prático no Museu do Brooklyn. (SMITH, 1960).

Os encontros no Museu do Brooklyn se transformaram em um namoro que os levou para o outro lado do continente. Casados, José e Gizella se estabeleceram em Salvador onde ela fundou uma escola de idiomas e ele retornou a seu trabalho no Museu do Estado, em consonância com a docência da disciplina de Estética, na Universidade da Bahia (atual Universidade Federal da Bahia – UFBA). Momento em que nasce Licia, a primogênita.

A antropóloga Gizella do Prado Valladares, sobrenome que assumiu ao casar com José, ao chegar em Salvador também atuou como professora da Universidade da Bahia. Do amigo escritor Jorge Amado, Gizella recebeu o presente de ser imortalizada na personagem dona Gisa, professora, “gringa danada de sabida (...) retada nesses assuntos de psicologia e outras metafísicas” (AMADO, 2008, p. 137-138), companheira fiel de dona Flor no livro “Dona Flor e seus dois Maridos”.

Em seu trabalho na Universidade Federal da Bahia, Gizella possibilitou o contato entre a Universidade de Columbia e a instituição baiana, segundo conta Licia (VALLADARES, 2013), a mãe chegou a participar do grande projeto financiado pela

Unesco, entre 1951 e 1952, que mobilizou cientistas sociais brasileiros e estrangeiros na investigação sobre relações raciais no Brasil, do qual fez parte o professor de Columbia Charles Wagley, coordenado em Salvador por Thales de Azevedo⁴⁴.

Ainda na adolescência, na capital baiana, Licia acompanhava seu pai tirando fotos do casario antigo para o jornal “A Tarde”⁴⁵ e teve contato com intelectuais importantes, amigos de seu pai, como o artista plástico modernista Mário Cravo Junior, o pintor argentino Carybé e o escritor Jorge Amado.

Figura constante também no convívio da família o geógrafo Milton Santos a levava junto em trabalhos de campo com seus alunos da Universidade Federal da Bahia.

A relevância do pai e deste primeiro círculo social em seu percurso é sempre lembrada por Licia (VALLADARES, 2008; 2013) e não foi esquecida quando concedeu entrevista para esta tese:

Eu tenho um pai que é museólogo que estudou com Gilberto Freyre, ele foi aluno de Gilberto Freyre. E uma mãe que era antropóloga americana que meu pai conheceu nos Estados Unidos quando ele foi para os Estados Unidos, pesquisar museus americanos (...)

Então eu fui muito influenciada pelo meu pai – eu digo isso na entrevista que a Lucia Lippi fez comigo – eu fui muito influenciada por ele porque ele me levava para tirar fotografias. Ele tirava fotografias de prédios antigos da Bahia que iam ser destruídos.

(...) Então eu devo isso ao meu pai e a Milton Santos que foi um geógrafo famoso que me levava nas excursões que ele fazia com os geógrafos baianos.

(...) Eram amigos de meu pai. Mario Cravo e Carybé. E Jorge Amado era muito amigo do meu pai também.

Formado em direito no Recife, José do Prado Valladares foi aluno de Gilberto Freyre, graças a quem, ainda muito jovem, se aproximou de um importante círculo de intelectuais brasileiros e estrangeiros que já se dedicavam às expressões da questão social do país, rede de convivência que decerto moldou sua percepção intelectual e lhe rendeu laços de amizade e colaboração que foram aproveitados por sua família após seu repentino falecimento.

Quando retornou a Salvador, em 1938, com apenas 22 anos foi escolhido para ser diretor encarregado da Inspetoria de Museu e Monumentos do estado da Bahia, órgão que congregava o Museu do Estado e a Pinacoteca.

⁴⁴ Sobre o projeto UNESCO ver nota nº. 30.

⁴⁵ Uma seleção destas fotos tiradas por José do Prado Valladares pode ser vista no livro “Homenagem à Bahia antiga” publicado pela construtora Norberto Odebrecht em 1959 (1ª. edição) para ser distribuído como brinde. Através das fotografias tiradas por José do Prado Valladares, acompanhadas de legendas retiradas das crônicas que escreveu para “A Tarde”, na seção do jornal chamada “Conhece tua cidade” é possível fazer uma viagem pela arquitetura antiga da cidade de Salvador.

A necessidade de capacitação para o trabalho lhe garantiu a bolsa da Fundação Rockefeller, junto com o apoio do governo estadual e da Faculdade de Filosofia, que lhe levaram a Nova Iorque, em 1943, para cursar especialização em técnicas museológicas e história da arte.

Nos meses que passou nos EUA José do Prado Valladares e visitou 143 museus daquele país, além de instituições no México, Peru e, no Brasil, em São Paulo e Rio de Janeiro, visitadas na viagem de volta. (CERAVOLO, 2012) (PERES, 2012 (1951)).

José Valladares, considerava a si mesmo como “um homem de museu”⁴⁶, conforme pode ser lido nas crônicas que escreveu sobre o tema. Personagem da intelectualidade baiana, foi também cronista e crítico de arte.

Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte de Paris, jurado das bienais de São Paulo, organizou o primeiro Salão Baiano de Belas Artes, em 1949 e recebeu o reconhecimento de Mario Cravo, artista plástico modernista baiano, de estar sempre à disposição dos jovens artistas como “um indivíduo de comportamento sóbrio e controlado” (CRAVO, 2001, p. 121).

Apaixonado pela cidade de Salvador, José Valladares escreveu dezenas de crônicas publicadas nos jornais locais e elaborou para os irmãos o “Bêabá da Bahia: guia turístico”, um livro que guia o leitor por uma Bahia apresentada sob o olhar atento e carinhoso de quem se preocupava em preservar a história do lugar.

Com ilustrações do artista plástico Carlos Thiré (1917-1963), o guia de José Valladares apresenta ao leitor/turista de maneira sucinta a história da Bahia, o clima, as festas religiosas e pagãs, a comida, artistas locais com suas músicas e literatura, sendo celebrado na nova edição de 2012 como uma verdadeira “bibliografia baiana”, por ter transcendido a condição de mero guia turístico. (PERES, 2012 (1951)).

Foi na dedicação à museologia que José Antonio do Prado Valladares mais atuou e produziu. Sua obra mais conhecida “Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos”, publicada em 1946, reeditada em 2010, é resultado das palestras que ministrou após voltar da viagem de formação em museologia nos EUA.

O objetivo do livro, segundo o autor diz no prefácio da primeira edição, seria levar ao público mais comum os conhecimentos sobre museus, saindo da marca de ser um estudo meramente técnico.

⁴⁶ Especialmente em duas crônicas publicadas em 9 de setembro de 1951 e 8 de junho de 1952, ambas no jornal Diário de Notícias da Bahia.

Os museus estadunidenses são trazidos como exemplo de que os museus podem se tornar centros de aprendizagem e de divulgação das culturas dos povos. Os museus, no entender de José do Prado Valladares deveriam, portanto, servir ao povo, seu público, característica que os museus brasileiros deveriam incorporar pegando de exemplo os estadunidenses.

Durante os vinte e um anos em que foi diretor do Museu do Estado da Bahia (1938-1959), José Valladares manteve assíduo contato com muitos intelectuais dedicados ao tema dos museus, dentre eles Rodrigo de Melo Franco de Andrade, primeiro diretor do que se chamava Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), precursor do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A profícua vida intelectual de Prado Valladares foi precocemente interrompida em 23 de dezembro de 1959, quando apenas tinha apenas 42 anos de idade, ao sofrer um acidente de avião no Rio de Janeiro. No obituário Robert C. Smith escreveu

A sua morte foi uma tragédia não só para o seu próprio país, mas para todas as Américas, porque ele foi um dos excelentes diretores de museus deste hemisfério, que manteve estreitas relações pessoais e oficiais com um grande número de os museus da América do Norte e do Sul. Pelo grande número de colegas que o conheciam, ele era respeitado e admirado. Para um grupo de associados mais próximos, ele era constantemente inspirador, sempre compreensivo, amigo leal.⁴⁷ (SMITH, 1960, p. 435).

Licia Valladares era uma adolescente com quatorze anos quando perdeu o pai. Mas a grande rede estabelecida por José Valladares, citada por Smith na despedida ao amigo, não deixou a família desamparada, principalmente através do contato com Jorge Amado, Carybé e Mario Cravo que se fizeram muito presentes, a levando para saraus em suas casas, presenteando com livros e sendo presentes sempre que sua mãe precisava de auxílio. (VALLADARES, 2013).

As presenças do pai e da mãe são sempre lembradas por ela como modelo intelectual. José e Gizella do Prado Valladares foram responsáveis pelo rico ambiente intelectual no qual Licia viveu na infância e nos primeiros anos de sua adolescência.

Hoje ao olharmos para essas passagens de sua vida fica evidente que o ambiente de casa, com todo esse aporte econômico e intelectual, já havia começado a preparar Licia para seu percurso profissional.

⁴⁷Original: "His death was a tragedy not only for his own country but for all the Americas, because he was one of the outstanding museum directors of this hemisphere, who maintained close personal and official relations with a great many of the museums of North and South America. By the large number of colleagues who knew him he was respected and admired. To a group of closer associates he was a constantly inspiring, ever understanding, loyal friend". (Tradução do autor).

Se do pai Licia Valladares ela herda o interesse pela questão urbana, a mãe antropóloga, além de endossar este interesse, foi a principal incentivadora da curiosidade e do destemor de Licia, seja permitindo a filha viajar só de Salvador até os EUA, quando criança, ou mesmo estimulando-a quando jovem, com pouco mais de 20 anos, a residir sozinha em uma favela.

Muito possivelmente a mãe incentivou a ida de Licia para a Venezuela, quando participou de uma pesquisa com Milton Santos, da mesma maneira que esteve presente quando a pesquisadora muda-se para a França e Inglaterra em seus estudos de doutorado, episódios expostos mais à frente.

A relevância de Gizella do Prado Valladares foi demonstrada por Licia na dedicatória feita em um exemplar do livro “Repensando a Habitação no Brasil”, publicado em 1983.



Figura 8 Dedicatória de Licia Valladares a sua mãe no livro *Repensando a habitação no Brasil*. Cedida pela pesquisadora.

Do mesmo modo, nos momentos iniciais de seu percurso como pesquisadora a rede de amigos do pai, lhe foi de grande valia para a abertura de espaços e ou aconselhamentos sobre escolhas e possibilidades no mundo universitário.

Após a morte do pai, ela ainda viveu em Salvador até o fim de sua formação secundária, quando migrou para o Rio de Janeiro e prestou vestibular para Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFil), atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e Sociologia e Política na Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), optando pela segunda onde pensava haver mais liberdade intelectual.

A percepção da realidade brasileira e essa busca por liberdade já vinha se estabelecendo em Licia desde antes da graduação na PUC/RJ. Alguns meses antes de chegar no Rio, como tantos jovens que fizeram parte da sua geração, Licia, aos 18 anos, ainda vestibulanda participou em 1963, em Salvador, do “Congresso dos estudantes do mundo subdesenvolvido”.

No congresso promovido pela União Nacional dos Estudantes (UNE) conheceu o professor Pietro Ferrua⁴⁸ com quem, em 1964, após o Golpe Civil-Militar, mobilizou uma rede de atuação contra o arbítrio chamada “Liga dos Direitos Humanos”.

A iniciativa, segundo Ferrua (2012), contou com a participação apenas dos dois no início e foi responsável pela publicação internacional de um dos primeiros documentos denunciando a ditadura que se instalava no Brasil⁴⁹.

O único relato que temos desta atuação militante de Licia vem do professor Ferrua que descreve ter percebido nela, quando a conheceu com 18 anos, “uma menina muito precoce, madura, culta, inteligente, com uma grande curiosidade intelectual e uma consciência social muito desenvolvida”. (FERRUA, 2012, p. 173).

A amizade entre ambos, conta Ferrua (2012), começou efetivamente no ano de 1964, graças ao encontro entre sua esposa e Licia em uma festa no Rio de Janeiro. Visitas semanais estreitaram os laços de confiança.

Logo depois do Golpe Civil-Militar de 1964, Licia procurou a orientação do professor Ferrua para auxiliar sua prima, Katia Valladares, que era militante do movimento estudantil e estava sendo perseguida, como tantos jovens ativistas. Ferrua indicou que seria interessante procurar asilo na Embaixada do México, sugestão seguida pela prima de Licia, que conseguiu fugir do arbítrio. (FERRUA, 2012).

Foi nestas circunstâncias que Pietro Ferrua e Licia, sabendo que mais violações aos direitos humanos ocorreriam, decidem, segundo ele, fundar a organização. Elaboraram “num botequim da Praça Serzedelo Correia, na esquina da rua Domingos Passos” (FERRUA, 2012, p. 175), um documento em francês (Anexo A), anonimamente enviado para um anarquista italiano residente na Suíça de confiança de Ferrua que se encarregou da publicação.

⁴⁸ Pietro Ferrua é tradutor e professor Emérito do Lewis & Clark College, Portland (EUA). Fundador do Centre International de Recherche sur l’Anarchisme, CIRA, viveu no Brasil entre 1963 e 1969. Em 1969 foi preso pela Ditadura Civil-Militar e após sua soltura deixou o país.

⁴⁹ Cf. Apêndices.

As atividades promovidas por Ferrua e Licia duraram de abril de 1964 até dezembro do ano de 1969. Atualmente, apesar de passados 50 anos desses episódios, essa é uma história pouco conhecida e a respeito da qual Licia nunca falou publicamente. Em uma entrevista (VALLADARES 2013), quando questionada se havia se organizado contra a Ditadura ela apenas responde que sim, mas que não viria ao caso tratar naquele momento.

Comecei a abordar o assunto da Liga dos Direitos Humanos na conversa prévia da entrevista para esta tese, ela sorriu de canto de boca, perguntou como eu havia ficado sabendo, se sabia onde estava Pietro Ferrua, o que ele fazia agora e, após minhas respostas, ficamos de tratar em outro encontro, o que infelizmente ainda não ocorreu.

Não foi apenas com a instauração da Ditadura que Licia se deparou quando mudou para o Rio. Carlos Lacerda, um dos articuladores civis do golpe, era governador do Estado da Guanabara. Braço local da Ditadura, o governo Lacerda estava a todo vapor com sua política de remoções de favelas.

Ao lembrar seu ano como caloura da PUC/RJ, Licia fala do incômodo vivido no trajeto entre sua casa no Bairro de Fátima (região central da cidade) e a PUC, na Gávea (zona sul), quando perdia horas nos engarrafamentos causados pelas obras do Aterro do Flamengo⁵⁰.

Mas é a percepção do desaparecimento diário da favela do Pasmado que lhe causa mais desconforto, a cena dos tratores agindo contra as casas e as famílias precisando correr para se proteger, salvar os poucos pertences e amontoá-los nos caminhões que os levaria para os distantes conjuntos habitacionais da Vila Aliança e Vila Kennedy. Anos mais tarde ela reconheceria que o que viu ali lhe marcou pelo resto da vida. (VALLADARES, 2005).

Na PUC/RJ daqueles anos iniciais da década de 1960 os colaboradores do Pe. Lebret na SAGMACS, autores da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca eram figuras constantes. José Arthur Rios tornara-se professor da universidade. Carlos Alberto de Medina, não era professor, mas sempre estava por lá já que atuava como diretor do CERIS, instituição ligada à burocracia Católica.

⁵⁰ O Aterro do Flamengo é um complexo de lazer da cidade do Rio de Janeiro com aproximadamente 1.200 000 de metros quadrados que se estende do Aeroporto Santos-Dumont, no bairro do Centro, até o início da Praia de Botafogo, na zona sul da cidade. Projetado pelos paisagistas Carlota de Macedo Soares e Roberto Burle Marx, foi construído na gestão de Carlos Lacerda como governador do Estado da Guanabara.

O padre professor Fernando Bastos de Ávila, fundador da Escola de Sociologia e Política, é lembrado por Licia e Luiz Antonio Machado da Silva como alguém de muita importância em suas aulas de metodologia das ciências sociais. Outro que andava pela PUC era Manuel Diegues Junior, amigo de seu pai de quando foram alunos de Gilberto Freyre, que viria a se tornar diretor do CLAPCS.

Mesmo sendo uma instituição confessional, segundo Licia, a PUC/RJ daqueles anos pós golpe proporcionava um ambiente mais aberto, sob o qual sua geração pôde receber uma boa formação teórica, associada com as discussões sobre a atuação do país.

Eram tempos de muita discussão, mas, também, de muito medo, pois o regime militar e a ditadura impuseram-se de 1964 até 1978. A PUC, no entanto, por seu caráter privado e não-público, de algum modo conseguiu preservar durante este período, mantendo um certo grau de autonomia quanto à formação acadêmica de seus alunos. Foi assim que obtive uma formação sociológica clássica, na qual, além de Émile Durkheim e Max Weber, também havia um lugar reservado para Karl Marx, ao mesmo tempo em que a sociologia americana se fazia presente através de Talcot Parsons e Robert Merton. (VALLADARES, 2001, p. 14).

O curso de Ciências Sociais na época era um curso mais teórico, que era mais voltado para se pensar os problemas da América Latina e do Brasil de maneira geral. Não era muito prático, não tinha sociologia empírica, não tinha na época. Por exemplo, os alunos que frequentavam, o Sérgio Micelli⁵¹, a Lygia Sigaud⁵², que eram meus colegas, o Antônio Calmon⁵³, o Paulo Thiago⁵⁴ (...) que virou cineasta, (...) O Sidney Miller⁵⁵, que virou cantor, também. Eram todas pessoas dessa geração. Ana Clara Torres Ribeiro⁵⁶ também, que morreu recentemente. E eles discutiam muito. Era um curso em que se discutia muito. (VALLADARES, 2013, p. 7).

Durante o curso na PUC, graças à proximidade com Manuel Diegues Junior, Licia vai fazer estágio na biblioteca do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Estagiando na melhor biblioteca de ciências sociais do Rio de Janeiro da época, a estudante Licia recebe de dona Regina, bibliotecária do CLAPCS

⁵¹ Sergio Miceli Pessoa de Barros, sociólogo, professor titular da USP e membro da Academia Brasileira de Ciências.

⁵² Lygia Maria Sigaud, antropóloga, falecida em 2009, foi docente Departamento de Antropologia do Museu Nacional (UFRJ), com atuação no Programa de Pós-graduação em antropologia social, pesquisadora I A do CNPq, desenvolveu pesquisas em antropologia sobre direitos e condições sociais dos trabalhadores rurais brasileiros.

⁵³ Antonio Augusto Dupin Calmon, autor de telenovelas, diretor de cinema, roteirista, produtor de cinema e minisséries.

⁵⁴ Paulo Thiago Ferreira Paes de Oliveira, diretor, roteirista e produtor de cinema.

⁵⁵ Sidney Álvaro Miller Filho, não concluiu o curso de Sociologia e Política na PUC/RJ. Se dedicando exclusivamente a cantar e compor, participou de festivais e despontou no cenário musical brasileiro na década de 1960.

⁵⁶ Ana Clara Torres Ribeiro, socióloga, falecida em 2011, foi docente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (Ippur) da UFRJ e pesquisadora 1A do CNPq. Coordenou o grupo de trabalho da ANPOCS sobre movimentos sociais e desenvolveu pesquisas sobre ação social (reivindicações, protestos e lutas) em contextos metropolitanos.

a tarefa de elaborar resumos de livros e artigos, o que a levou a ler uma bibliografia sobre a situação brasileira e latino-americana com a qual não tinha contato no curso regular da PUC.

A este trabalho Licia também credita a influência no seu interesse por sistematização bibliográfica que a levou a criar o Urbandata-Brasil, quando já era professora do antigo IUERJ nos anos de 1980. (VALLADARES, 2013).

3.2. Início da carreira como pesquisadora e as lições da Rocinha

É também na PUC que, ao reparar das janelas do terceiro andar o Parque Proletário da Gávea, Licia começa a perceber os contrastes entre a teoria que estava estudando em sala de aula e a realidade do Brasil, e como esta teoria não estava respondendo muito bem às questões. Começa a se interessar em trabalhar sobre as favelas.

De certo modo, foi a PUC que me levou ao interesse por favela. Por quê? Porque da janela do terceiro andar da PUC, onde tínhamos aula de sociologia, víamos o Parque Proletário da Gávea. Eu me lembro que, nos intervalos, a gente ficava olhando, debruçado da janela, o que acontecia ali (...). Eu tinha um grande interesse também em favela porque a favela era algo muito desconhecido, era algo exótico. (VALLADARES, 2008, p. 157).

(...) ali e eu via de cima as favelas e isso contrastava muito com o que eu estava escutando em sala de aula. Que eram as discussões mais gerais, para essas pessoas que eu mencionei, sobre os destinos do Brasil e da América Latina. Então eu queria trabalhar um pouco sobre aquela população, e surgiu daí. (VALLADARES, 2013, p. 10).

E dali eu pensava um pouco sobre como a PUC era um pouco isolada porque a gente estava pensando nos problemas da América Latina e mais com a literatura de São Paulo e do que com a do Rio de Janeiro, e aí o meu interesse sobre favela se demonstrou porque eu as via das minhas idas e vindas. Eu morava no bairro de Fátima. Eu vi as transformações do plasmado. A remoção do Pasmado. (VALLADARES, 2018b).

Quando o interesse sobre as favelas aparece, logo após o estágio na biblioteca do CLAPCS, em 1966, Licia é contratada como pesquisadora de campo em uma pesquisa realizada pelo Cenpha, para aplicar questionários nas favelas de Brás de Pina, Mata Machado e Morro União, que posteriormente receberiam o programa de urbanização da CODESCO.

Ao ficar sabendo desta oportunidade de estágio ela relembra: “não pensei duas vezes e me candidatei. Foi nesta qualidade, e com um questionário nas mãos, que pela primeira vez pisei numa favela”. (VALLADARES, 2005, p. 15).

A pesquisa era baseada em questionário aplicado por amostragem: de tantas em tantas casas, tínhamos que bater na porta e fazer as perguntas daquele questionário. Foi aí que eu logo me dei conta, que não dá pra você chegar numa casa que você não conhece, numa favela também desconhecida, e fazer uma série de perguntas. Não fazia nenhum sentido e não funcionava. Mas, mesmo assim meu interesse pelo mundo da favela começou ali. (VALLADARES, 2008, p. 158).

O trabalho estritamente técnico, de levantamento de dados socioeconômicos não deixou muitas lembranças, além das dificuldades de acesso aos moradores, na maioria das vezes arredios em receber jovens estudantes realizando um levantamento para o governo que faziam uma série de perguntas íntimas sobre sua condição de vida, renda, realidade familiar.

Por sua natureza, o levantamento não permitia um contato mais próximo com a família selecionada pela amostra e, certamente, havia uma desconfiança quanto às nossas boas intenções em coletar informações. Para mim, o resultado da primeira experiência foi frustrante. Na minha imaginação, desejava realizar um outro tipo de trabalho na favela, um trabalho capaz de me ajudar a entender aquela realidade intrigante que continuava desconhecida, mesmo depois desse primeiro contato. Na verdade, àquela época, muitos mitos povoavam a minha cabeça. Em síntese, a favela representava o mundo popular (...). Mundo diferente concentrado nos morros, a favela me parecia estranha, bastante diversa da minha realidade de classe média brasileira e do meu modo de vida. (VALLADARES, 2005, p. 15).

No ano seguinte, em 1967, Licia teria a chance de colocar estes mitos à prova. A convite de Carlos Alberto de Medina inicia “através de um trabalho de campo, uma experiência que reuniu muitos erros e acertos” (VALLADARES, 2005, p. 15), sua primeira pesquisa empírica em favelas, na qual fez amigos de toda uma vida, no local que nunca mais deixou de frequentar, a favela da Rocinha.

A influência de Medina é atestada como fundamental, nos primeiros anos do percurso de Licia, para perceber como sua agenda de pesquisas foi se moldando em conjunto com sua inserção no campo empírico da favela, em artigo onde aborda seu percurso acadêmico e faz reflexões sobre a experiência na Rocinha ela destacou:

(...) conheci aquele que viria a ser o meu professor de pesquisa, na pesquisa que fiz na Rocinha: Carlos Alberto de Medina, hoje falecido. Foi com ele que me iniciei na pesquisa empírica e na observação participante. Foi com ele que aprendi que pesquisa se aprende fazendo, acertando e errando, na base do ensaio e do erro. Aprendi muito a partir dos erros que cometi (...). (BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018, p. 290).

Tido como especialista em favelas, após sua participação na pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca, Medina conhece Licia nas dependências do CLAPCS, o qual ambos frequentavam, ela como estagiária, ele como pesquisador.

Quando decide convidá-la para trabalhar com ele, Medina estava desenvolvendo uma pesquisa contratada ao Ceris pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), inicialmente com o objetivo de estudar as atividades religiosas católicas nas favelas.

As dificuldades de se entrar numa favela eram muitas naqueles anos de violência ditatorial no país, sentida pelos moradores das favelas nas perseguições e remoções arbitrárias. Isto gerava grande desconfiança dos moradores com a chegada de pessoas desconhecidas, pois poderiam ser agentes governamentais. Licia lembra que se deparou com esses entraves na hora de ir para uma favela começar sua pesquisa “essa época, 1967/68, era difícil, muito difícil – os anos da ditadura brasileira –, tinha muito pouca gente trabalhando em favela.” (VALLADARES, 2008, p. 159).

Mesmo assim, precisando escolher uma favela para estudar a questão religiosa, a única recomendação recebida de Medina foi que esta favela deveria ter uma igreja católica, porque o estudo deveria ser feito sobre a Igreja Católica nas favelas. Após várias tentativas de entrar em alguma favela, Licia buscou uma onde tivesse possibilidade de entrada e fosse na região da zona sul do Rio, próxima de sua casa e de seu local de estudo, a PUC/RJ, na Gávea.

Como não tinha contatos que lhe pudessem levar até uma favela, resolveu então pedir ajuda ao porteiro de seu prédio. Assim chegou até a favela da Catacumba, na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde o porteiro do prédio onde morava com sua mãe, Bernardino, era pastor de uma igreja protestante. No entanto, a visita ao templo não ocorreu como esperado.

Sobre os erros e acertos de se aprender a fazer pesquisa empírica fazendo, mencionados por Licia, o início desta pesquisa reservou-lhe no mínimo uma situação inusitada e deixou algumas lições de trabalho de campo que ela contou em entrevista (VALLADARES, 2013), e durante a palestra proferida no PPGSP/UENF, em 2016.

A experiência foi malograda, eu quase desisti de estudar a religião na favela. Eu escrevi em meu diário: Quando cheguei o culto já havia começado. Pessoas sentadas por todos os bancos mais voltados para o altar onde estava o pastor e um moço que cantava acompanhado de um violão [...]. Após a canção do moço do violão, o pastor tomou a palavra dizendo que deveríamos rezar por um menino que aniversariava, um parente enfermo de um dos féis, e pela visitante, moradora do prédio do Bernardino. Nesse caso, eu. A todos os que mencionaram pediu que se levantassem para serem vistos. [...]. Finalmente o pastor da Catacumba tomou a palavra, lendo um trecho da bíblia e comentando-o. Depois pediu para aqueles que reconhecessem Jesus para levantar o braço. Chegou a vez dos novos do grupo: praticamente todos foram forçados a dizer que “reconheciam Jesus” e foram levados para o altar. E fui levada para o altar como a novíssima “convertida”. Depois uma mocinha veio me pedir meu nome e endereço e muitos vieram me cumprimentar e dar um aperto de mão à nova colega que

reconhecera Jesus e o aceitara. (BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018, p. 301-302).

Apesar dos percalços e da conversão acidental ao evangelho, a visita à igreja protestante da Catacumba deixou lições importantes para os futuros trabalhos de campo, praticadas, desde então: “(...) então eu disse para mim: “Eu tenho que dizer quem eu sou, o que eu quero”. (VALLADARES, 2013, p.11),

O problema de qual favela onde deveria pesquisar permanecia. Contudo, agora Licia já estava treinada empiricamente sobre como se fazer uma entrada em campo de pesquisa. A nova escolha de onde tentaria entrar em campo recaí sobre a Rocinha.

A escolha se deu, segundo ela, por afinidades. A favela era próxima da PUC, onde estudava, e havia assistentes sociais que ficavam na sede de uma região administrativa também próxima à universidade.

Licia vai ao encontro dessas assistentes sociais, se apresenta, porém, indica apenas seu interesse de “fazer trabalho” na Rocinha: “As assistentes sociais disseram para mim: “A senhora espera aqui que tem carro indo lá. Já estamos indo lá. “Quer ir com a gente?” E eu disse: “Quero sim”. Aí eu fui com as assistentes sociais.” (VALLADARES, 2013, p. 12).

Sendo conduzida por estas assistentes sociais, em um carro oficial, estava solucionado o problema de entrada em campo, agora seria possível percorrer as ruas de uma favela com quem poderia lhe apresentar o território. Licia não sabia que o trabalho das assistentes sociais consistia em percorrer a favela para indicar quais barracos deveriam ser removidos.

O resultado desta primeira visita, quando decidiu voltar só na Rocinha, foi ser reconhecida pelos moradores como agente estatal, mais uma daquelas assistentes sociais responsáveis por sua remoção.

(...) evidentemente que não tinha uma camiseta escrita “pesquisador”, então as pessoas me tomaram por alguém que era assistente social ou era ligado à assistência social. E quando eu voltei de novo lá, sozinha, aí eu não fui recebida bem pelas pessoas, porque as pessoas pensaram com elas: “Essa pessoa deve ser ligada à remoção” (VALLADARES, 2013, p. 12).

A segunda tentativa malsucedida de entrar em campo lega-lhe mais duas lições no início de suas pesquisas nas favelas. É preciso que o pesquisador saiba quem é o interlocutor que o está conduzindo até o campo, a máxima “diz-me com quem andas e eu te direi quem és” deve ser aplicada, além do mais “preciso que o pesquisador diga a que veio; senão corre o risco de ser identificado com os outros membros do grupo, como eu fui”. (VALLADARES, 2018c, p. 21).

Absorvidas as lições, Licia, como já estava determinada em fazer sua pesquisa na Rocinha, não desistiu de tentar entrar em campo, desta vez sozinha toma um ônibus em direção ao lugar conhecido como curva do “S” na favela, do lado oposto ao onde foi confundida como agente da remoção. Chegando lá, se depara com a Igreja Católica local onde é recebida por Dona Miquelina, enfim estava iniciado o tão esperado trabalho de campo na Rocinha.

Este primeiro encontro foi narrado por ela em duas oportunidades:

Eu fui sozinha, me enchi de coragem e fui sozinha para a favela e bati na porta da igreja. O primeiro lugar que eu bati foi na porta da igreja. Aí conheci a dona Miquelina, que foi o meu “Doc”, o que poderíamos chamar hoje de “Doc”, e ela me recebeu muito bem. Que disse: “Ah...”. Ela trabalhava na igreja, na capela, mas ela trabalhava também em umas casinhas ao lado da capela. Ela dava cursos. Ela não era assistente social, ela era costureira da favela. Ela dava cursos na favela, ela era uma pessoa que ajudava. Então ela disse: “Ah, você é estudante da PUC?”. Eu digo: “Sou”. Então eu disse a verdade, eu disse toda a verdade, eu disse: “Eu sou estudante da religião”, que era a primeira vez. Eu disse toda a verdade, coisa que eu não tinha dito nas outras situações. E foi assim que eu comecei na Rocinha. (VALLADARES, 2013, p. 12-13).

Peguei o ônibus no final do Leblon, que tomou o caminho da av. Niemeyer e subiu pela estrada da Gávea, indo até o ponto final, onde avistei uma capela. Para lá me dirigi e conheci dona Miquelina, a quem contei do meu interesse em pesquisar as favelas, que era estudante da PUC, e que trabalhava no Ceris devendo fazer uma pesquisa sobre favela e religião. Disse toda a verdade! Finalmente as portas se abriram para mim! (VALLADARES, 2018c, p. 303).

Nas vezes em que recorda desse período Licia conta que na Rocinha conheceu Dona Miquelina sua principal interlocutora do momento exploratório da pesquisa ao apresentar a igreja e demais instituições que atuavam na favela recebendo de Licia o título de sua “Doc”⁵⁷. Outros personagens importantes nesta estadia na Rocinha foram Auri, Ariete e Seu Zé da Joia.

A vizinha Ariete, na casa de quem Licia por várias vezes almoçou e jantou, quando morou na Rocinha, apresentou-lhe a filha Sandra que conduziu Licia a visitas no terreiro de Umbanda, se tornou de informante em amiga durante toda a vida.

Auri, apresentada pelo presidente da associação de moradores foi da desconfiança do primeiro contato, quando teve medo de aquela jovem estudante ser

⁵⁷ Em referência a Doc, jovem membro de uma gangue do bairro de Cornerville, com o qual William Foote Whyte teve contato e desenvolveu uma intensa relação de amizade. Que lhe ajudou na mediação com os demais sujeitos estudados na pesquisa que deu origem ao livro Sociedade de Esquina. (WHYTE, 2005).

uma agente da Ditadura Civil-Militar ligada ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), a uma amizade constante por toda a vida.

Seu Zé da Joia seria o responsável, anos depois, por conduzi-la até a Cidade de Deus para a primeira visita que desencadeou a pesquisa de sua tese, publicada no livro “Passa-se uma casa”, de 1978.

Seus novos amigos, contudo, não sabiam exatamente quem era aquela moça socióloga e o que fazia ali. Esta foi mais uma das barreiras enfrentadas por Licia na chegada o campo, explicar o que, até para ela era algo bem difícil: o que faz um sociólogo em sua profissão, e mais ainda, o que faz uma socióloga ir parar na favela? Lembremos que era o período de ditadura no Brasil, o que garantiria que ela não era uma agente infiltrada para colher informações sobre possíveis subversivos atuando nas instituições? O fato de ser estudante da PUC, conhecida por alguns moradores que trabalhavam lá foi uma salvaguarda:

Era difícil pra mim explicar o que um sociólogo faz, explicar o que eu estava fazendo lá. E, de certo modo, o que salvou, e justificou o meu trabalho foi o fato de eu ser estudante da PUC. Muitas pessoas que trabalhavam na PUC moravam na Rocinha. Então elas podiam se certificar de que, de fato, eu era estudante da PUC e não era “agente infiltrada”, não era ninguém ligado a qualquer grupo político. Era uma época melindrosa, era uma época difícil, em que existia certa desconfiança. (VALLADARES, 2008, p. 159).

Auri foi a mais arredia em relação a isto, anos depois, na década de 1980, revelou a Licia que no primeiro contato seu maior medo era que ela fosse uma agente da repressão, dúvida sanada ao perceber que, na verdade, ela era doce, como um *drops*⁵⁸.

Revisitando o primeiro contato com Auri, Licia chama atenção para como, no contato entre pesquisador e informante, nem sempre a maneira como um pensa ser lido pelo outro é, de fato, como as coisas são. Após o primeiro encontro com Auri, a pesquisadora diz que escreveu um relato animado em seu diário de campo, acreditada que a moça havia gostado dela, visão bem diferente da de Auri, sobre isto Licia relembra como aprendeu a lição na prática:

Isso é uma coisa que nunca se sabe qual é a imagem do pesquisador, ele é um delator ou não? Ele tá sendo sincero ou não? Eu li um texto da Auri para vocês no seminário em Campos e ela me disse vinte anos depois o que ela tinha pensado de mim na primeira vez que eu fui na casa dela. Ela disse: “ela era uma intrusa”, então a gente nunca sabe o que pesquisado pensa. Nunca se sabe e eu acho isso muito importante porque os antropólogos não levam isso em conta porque estão cientes de que o papel deles está claro e nunca está claro, o papel deles não é muito claro numa pesquisa e eu aprendi isso na Rocinha. Eu aprendi isso vinte anos depois que ele me deu aquela carta que eu li para vocês. (VALLADARES, 2018b).

⁵⁸ Cf. Anexo B

A curiosidade sobre a moça interessada pela favela foi sendo amainada com a convivência. Licia começou a frequentar as atividades locais, conhecendo mais pessoas, se envolvendo com a realidade da favela. O campo se impôs, neste instante, mas o impedimento de participar de uma série de atividades ocorridas a noite demonstra ser um entreve para recolhimento de mais informações, uma decisão precisava ser tomada: continuar a pesquisa com esta lacuna ou se dedicar com mais intensidade ao trabalho, morando na Rocinha?

Morar na favela não havia sido algo planejado, porém a pesquisa, depois de iniciado o campo, foi se tornando mais ampla englobando a atuação de outros grupos religiosos não católicos e demais organizações de moradores, como as igrejas protestantes, um terreiro de umbanda, o clube comunitário Sociedade Recreativa e Educacional da Gávea, conhecida como SOREG e a associação de moradores. (VALLADARES, 1978) (VALLADARES, 2013). (VALLADARES, 2018b).

Depois de estar frequentando a Rocinha cotidianamente, fazia três meses, por sugestão de Dona Miquelina, ao perceber os impedimentos de participar mais ativamente das reuniões que aconteciam a noite, Licia decide estabelecer moradia.

Ao sair em busca de um quarto em alguma casa da favela, a pesquisadora transforma a atividade em estratégia para conhecer mais as pessoas, aumentar sua rede de relações, que lhe fez perceber o quanto a favela era uma organização heterogênea, não uma “comunidade” como é comumente imaginada. No seu diário pessoal ainda inédito Licia chamou o episódio de “operação em busca de um quarto”:

No meu diário tem uma parte chamada “Em busca de um quarto”, porque eu aproveitei a busca do quarto para ampliar os meus conhecimentos na Rocinha. (...). Eu fui conhecendo as pessoas assim, ampliando a minha rede de relações assim. (...) Eu queria ver o que era. Em geral era um quarto na casa das pessoas. Então eu resolvi alugar uma casa independente, porque eu já tinha descoberto então que as pessoas não necessariamente se davam. A favela não é a comunidade que você imagina daqui de fora. Tem muitas, muitas rixas internas. (VALLADARES, 2013, p. 14).



Figura 9- Licia Valladares na Rocinha, autor e data desconhecidos (foto cedida pela pesquisadora).

A busca por um quarto na Rocinha levou Licia à percepção da heterogeneidade, desmontando um dos mitos que carregava ao chegar no território, ao presenciar as rixas internas entre os moradores estava claro que ali havia um universo político diverso que deveria ser observado por ela com certa autonomia. Pensando assim, morar sozinha se apresentou como melhor opção para não acabar se fixando a um grupo específico e criar problemas com as pessoas, ela conta: “eu descobri, ao visitar as várias instituições, que elas não eram amigas, eram inimigas entre si, porque elas tinham uma disputa de clientela terrível”. (VALLADARES, 2013, p. 14).

Esta disputa verificada lhe deixou claro a impossibilidade de generalizar os moradores em uma mesma categoria ou mesmo entender que a associação de moradores existe para representar a todos, na entrevista para esta tese ela insistiu no assunto:

Associação de moradores é uma realidade falsa porque não são os moradores, são alguns moradores que pertencem a essas associações. Isso eu vi na Rocinha.

(...) Eu acho que a Rocinha me marcou porque me ensinou algumas coisas básicas. Uma das coisas básicas que ela me ensinou é que as associações não são de moradores, são de pessoas que têm interesses e interesses distintos e que podem ter interesses políticos distintos. (VALLADARES, 2018b).

Ao identificar as disputas internas, Licia percebeu que o mais acertado seria morar sozinha, não na casa de alguma família. Compreendeu conjuntamente seu lugar de “fora” em relação ao território. Isto lhe ensinou que precisaria saber se movimentar com o cuidado de não parecer que tinha filiação com determinado grupo de moradores, para poder conversar com todos. Revisitando a experiência ela afirma ter sido esta uma importante lição apreendida.

Sendo uma pessoa de fora, você tem que saber como se movimentar entre esses vários grupos sem criar conflitos. (...) Uma das coisas mais importantes que aprendi na Rocinha foi a importância de mediar conflitos de interesses. E sempre garantir o lugar do sociólogo. Eu aprendi que o sociólogo sempre tem o seu lugar. (VALLADARES, 2008, p.161).

Na conferência que proferiu na UENF, Licia adicionou mais um ensinamento desta etapa de entrada no campo:

Aprendi também que há redes e relações preexistentes que marcam a hierarquia de poder e estrutura social local. Muitas vezes, quase sempre. O pesquisador as desconhece. O pesquisador tem que estar atento, se não corre o risco de transitar apenas pela rede a qual teve acesso ao local pesquisado. Como faz a maioria dos pesquisadores. A maioria dos pesquisadores entra pela associação de moradores, e é apresentada ao presidente, que foi apresentado por alguém e esse presidente apresenta a outras pessoas que são da mesma rede de relações dele. Então há que conhecer várias redes de relações. (VALLADARES, 2016).

A decisão de aceitar a orientação dos novos amigos favelados de se mudar para lá mostrou-se acertada. Estar fixada na favela significou para os moradores que aquela jovem moça de classe média tinha seriedade no que estava fazendo, por isso “a pesquisa ganhou novas dimensões, porque as pessoas passaram a me ver de outra forma... Pensavam: “ah, ela não está brincando”. (BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018, p. 303).

Durante nove meses Licia viveu próxima a Soreg, na Rocinha em uma casa de tijolos, com um quarto, uma cozinha e um banheiro, verdadeiro luxo para os padrões de moradia da época em uma favela onde a maioria das casas era de madeira, pela qual pagava o aluguel de cerca 70 cruzeiros, em moeda da época.

A violência ocasionada pela guerra as drogas não era um problema verificado, lembrou Licia na conferência proferida na UENF ter feito apenas um registro da existência do jogo do bicho na favela e que, graças à ausência de violência, podia andar livremente por todo lado, um facilitador para seu trabalho de campo.

Já como proprietária de um endereço na Rocinha, a rotina de trabalho de Licia passou a ser organizada com a ida para as aulas na PUC/RJ pela manhã e a escrita do diário de campo a noite na casa da Rocinha. Ao sair da PUC/RJ na hora do almoço

passava na casa de sua mãe, onde almoçava e preparava uma quentinha para comer a noite. Ariete, a vizinha, inconformada com isto passou a lhe fornecer o jantar. (VALLADARES, 2018b).

Com o trabalho de campo em curso a figura de sua mãe, Gizella do Prado Valladares surge como complementar, na formação da jovem pesquisadora. Gizella, antropóloga de formação, leitora da Escola de Chicago desde a graduação, se incomodava com o modo como Medina havia instruído Licia a apenas ir lá na Rocinha observar o cotidiano e questionava a filha, em inglês, sobre quais as perguntas que ela fazia aos outros e a si mesma no campo.

Where, o lugar, Rocinha, onde a pesquisa estava acontecendo já estava respondido, mas “*Why?* Por quê?; *What?* O que? e *Who?* Quem?” Eram questões que, segundo Gizella, a jovem pesquisadora deveria responder para produzir um estudo com qualidade. (VALLADARES, 2013).

Vencidos todos os percalços, estes nove meses de trabalho de campo na Rocinha foram expostos no relatório de pesquisa “Favela e Religião; Um Estudo de Caso”, publicado em 1968, assinado por Medina e Licia, do qual foram feitas poucas cópias, uma das quais ela guarda com muito carinho.

No mesmo ano de 1968, a pesquisa da Rocinha resultou no primeiro artigo publicado exclusivamente por Licia. Com o título de “Una favela por dentro”, seu artigo de estreia veio à público na seção “Favelas y Villa Miséria”, no número 29 da prestigiosa revista internacional “Mundo Nuevo”⁵⁹, de novembro de 1968.

Agradecendo a Manuel Diegues Junior e Carlos Alberto de Medina pelo estímulo e orientação constantes, a jovem pesquisadora de favelas, por meio de um rico relato sócio antropológico, apresenta ao mundo a favela que viu de dentro, iniciando com um retrato global do fenômeno na cidade do Rio de Janeiro, seguido das explicações históricas comumente aceitas de seu surgimento, desde o início do século XX.

⁵⁹ A revista Mundo Nuevo, criada por Emir Rodríguez Monegal em Paris, foi uma revista de divulgação literária publicada entre os anos de 1966 e 1971. Patrocinada pela Fundação Ford Publicada em associação com o Instituto Latino-americano de Relações Internacionais (ILARI, em espanhol), Genebra, era distribuída para o mundo todo. Figuras proeminentes da literatura como Gabriel García Márquez que publicou alguns capítulos de “Cem Anos de Solidão”, Nicanor Parra, assinam textos na revista, junto com os sociólogos Roland Barthes e Oscar Lewis. Em outubro de 1966, no mesmo número que trazia um texto de Pablo Neruda, o tio de Licia, Clarival do Prado Valladares publicou um artigo sobre questão racial “Negritud o Mundo Negro”. Cópias do primeiro exemplar até o número 29 com o artigo de Licia podem ser consultadas na página de internet da Universidad de La República de Uruguay: <http://anaforas.fic.edu.uy/jspui/handle/123456789/3887>.

Partindo de uma posição que procura indicar a heterogeneidade dos territórios, Licia demonstra a preocupação de lembrar aos leitores que as favelas, mesmo constituindo-se um fenômeno alastrado por toda cidade, têm, cada uma, uma história particular. Por isso, seu relato, diz ela, busca dar uma ideia do que seria uma favela a partir de um caso não generalizável.

Através de um rigoroso detalhamento, a favela vivida por dentro por Licia vai sendo apresentada ao leitor. Para isto, inicia reconstruindo o itinerário da favela desde as primeiras ocupações de terra, no ano de 1930, quando apenas cerca de 80 lotes foram vendidos irregularmente por um empresário imobiliário, até o reconhecimento legal do poder público de seu status de bairro, na década de 1960.

Os moradores são caracterizados em três grupos distintos, a) os que compraram seus lotes no início da ocupação do morro, b) aqueles que invadiram os terrenos livres, os “favelados” propriamente e, c) um conjunto de “proprietários por autodenominação”, donos de lotes, mas sem escritura, comprados quando a Rocinha passou a ser tida como um bairro. Cada um dos grupos categorizados por Licia é descrito, desde sua chegada na favela. Suas formas de vida familiar, tipo de habitação, e, principalmente o *status* que detém dada sua condição. (VALLADARES, 1968).

Segundo Licia, as distinções por ela identificadas estavam consolidadas principalmente entre os primeiros moradores, proprietários dos lotes, que se esforçaram para manter distância dos considerados invasores, considerada a massa favelada. Entres estes dois grupos posse documental da terra, bem como a instalação em casas melhor elaboradas e a renda familiar eram os marcadores que os afastava.

Já os “proprietários por autodenominação”, no entendimento de Licia, haviam se deixado absorver pelo ambiente da favela, não possuindo distinções com os “favelados”, a não ser sua condição de terem comprado o lote, mesmo sem escritura. (VALLADARES, 1968).

A tendência ao crescimento, que faria da Rocinha dos tempos atuais uma das maiores favelas do mundo, já era percebida por Licia. Trazendo dados oficiais dos censos feitos entre 1950 e 1964, ela identifica um crescimento de 912% na quantidade de moradias, que foram de 307 em 1950 para 3.107 em 1964, a população ocupante dessas moradias seguindo o curso teria aumentado em 228%, de 4.513 moradores em 1950 para 14.793 em 1964.

Estes dados oficiais, mesmo mostrando o quão grande era a Rocinha, contrastavam com outros recolhidos pela Região Administrativa situada dentro da favela que davam conta da presença de mais de 70.000 habitantes, ocupando aproximadamente 15.000 residências. (VALLADARES, 1968).

As primeiras formas de exploração financeira dos serviços que deveriam ser públicos, como a distribuição de água e eletricidade são descritas. Item necessário à manutenção da vida das famílias, a água era gerida pelas denominadas “sociedades de água”, grupos que controlavam a distribuição e cobravam taxas mensais dos moradores, dando-lhes o direito de estender encanamentos até suas casas. Quem não pagava era obrigado a disputar espaço nas bicas existentes.

Não diferente, descreve Licia, era a situação do acesso à eletricidade. A oferta oficial do serviço pela companhia elétrica, para as poucas casas existentes, foi substituída pela partilha entre os moradores com os vizinhos que chegavam e não tinham postes em seu terreno, desse modo pequenas redes precárias de abastecimento elétrico foram surgindo.

O quadro institucional da favela é apresentado por meio da descrição das diferenciações internas percebidas. Para Licia, a Rocinha daquele momento poderia ser dividida entre, de um lado o que ela chamou de classe alta e, do outro, a favela propriamente dita. Estes dois grupos de moradores poderiam ser encontrados em dois espaços principais da favela, o primeiro e melhor situado próximo ao que era a via principal da época e o segundo mais para o interior da favela. Estes seriam os locais de circulação constante dos moradores, onde encontravam o comércio.

A escassez de serviços públicos é percebida no oferecimento da educação formal com a existência de apenas uma escola pública primária dentro da favela. Outras de ensino secundário, técnico ou de educação de adultos não existiam. Igual precariedade era vivida pelos moradores no acesso à saúde e assistência social, oferecidos no único centro assistencial da Rocinha.

A única associação de moradores, instituída pelo órgão governamental Serfha, tinha como objetivo reunir favelados e governo para debater as questões internas da favela, contudo, o que Licia identifica é o beneficiamento de um pequeno grupo, os membros da direção.

As biroskas, traduzidas por Licia para o espanhol como “*puesto*” e os Centros de Umbanda – visitados por ela acompanhada pela filha de dona Ariete durante o

trabalho de campo – recebem destaque na apresentação do quadro institucional da favela.

As biroschas (*puesto*) observadas na Rocinha, no momento da pesquisa de campo de Licia, funcionavam como um elemento fundamental da economia da favela. Construídas no prolongamento das moradias, ofereciam bebidas alcóolicas, cigarros, mas, principalmente, gêneros alimentícios dos mais variados, roupas e utensílios domésticos que os moradores adquiriam segundo suas necessidades momentâneas.

Os Centros de Umbanda, mais presentes na favela que a Igreja Católica com sua única capela, possuíam um caráter doméstico, já que surgiam como extensão de algumas moradias, a medida que cresciam eram instalados em outras construções afastadas das casas. De modo igual às biroschas, os Centros de Macumba acabavam por responder às necessidades mais urgentes dos moradores, na medida em que eram procurados para solucionar religiosamente problemas de saúde, familiares e desemprego. (VALLADARES, 1968).

Por fim, Licia Valladares ressalta o quanto as ausências de serviços públicos, bem como de um mercado de trabalho amplo, geram uma dependência da favela dos bairros vizinhos, para onde os moradores precisam acorrer para acessar estas necessidades da zona sul do Rio.

Este primeiro artigo de individual de Licia é um documento histórico sobre a Rocinha e também um relato exemplar de sua experiência pioneira de trabalho de campo em favelas. Mais do que escrito, foi por ela vivenciado quando era ainda uma jovem aprendiz de socióloga entre os anos de 1967-1968.

3.3. Primeira experiência internacional

O momento de conclusão da pesquisa na Rocinha coincide com o final do curso de graduação. No ano de 1969, graças ao conhecimento em pesquisa que já possuía, Licia tem outra experiência de trabalho e aprendizado, dessa vez com aquele que junto com seu pai lhe havia apresentado pela primeira vez o trabalho de campo, quando ainda era adolescente na Bahia, o geógrafo Milton Santos.

A convite de Milton Santos embarca para a Venezuela, para auxiliar em uma pesquisa sobre o desenvolvimento de duas cidades da região petrolífera, El Tigre e El Tigrito. Novamente, como no caso de Medina com a Rocinha, a orientação dada pelo

novo coordenador de pesquisa era perceber a realidade local a partir da sua inserção no campo:

Ele me mandou para El Tigre. E eu nunca esqueço que o Milton Santos despachou a equipe para ajudar as cidades e ele disse “Vocês vão cheirar essas cidades. Cheirar”. Então depois de duas semanas, voltamos, nos reunimos todos em Maracá, num hotel, muito bom, para dizer o que a gente tinha sentido, como a gente tinha percebido essas cidades. (VALLADARES, 2013, p. 16-17).

As lições aprendidas sobre como se aproximar dos interlocutores em campos aprendidas na Rocinha, mais uma vez foram colocada em prática. As pessoas que foi conhecendo rapidamente se transformaram em relações de amizade que lhe permitiram morar na casa de dona Marta, uma das informantes que lhe conduzia aos locais que queria visitar e apresentava pessoas interessantes de serem ouvidas. (VALLADARES, 2013).

Milton Santos foi também responsável por lhe abrir o contato com Raymond Ledrut, seu orientador de doutorado na Universidade de Toulouse, na França.

Ao chegar na França, no primeiro encontro com Ledrut, Licia lhe contou sobre sua primeira experiência de campo, mostrou o relatório da pesquisa na Rocinha para o futuro orientador, que ao ler ficou impressionado com a qualidade do material e agiu para que ela se matriculasse direto no doutorado.

Ele me disse uma frase que eu nunca esqueço: “*Mais vous avez la vocation sociologique*” (risos). Resultado: ele deixou eu me inscrever no doutorado. Ele fez com que eu tivesse, na França, a equivalência do mestrado, por conta desse relatório. (VALLADARES, 2008, p. 163).

O primeiro ano em Toulouse não foi exatamente como Licia havia imaginado que seria. Ela que idealizou ter grandes aulas com os professores franceses, chegando no país logo após os movimentos de Maio de 1968 encontrou, como consequência um ambiente de retração por parte dos seus professores, o que a levou a passar os três primeiros meses entre conversas com seus colegas nos cafés da cidade e vendo o orientador e outros docentes, na universidade, questionando os alunos sobre como deveriam ser os cursos, ao invés de efetivamente iniciá-los. (VALLADARES, 2008).

Passado o primeiro ano de aulas na França ela retorna ao Brasil para iniciar o trabalho de campo da tese. Visita a Rocinha pensando em colher mais material empírico, mas rapidamente percebe a existência de um novo campo no conjunto habitacional da Cidade de Deus, local para onde estavam sendo removidas famílias da Rocinha. Durante todo um ano ela se dedicou ao levantamento de dados e, após

este período, embarcou para mais um encontro importante em seu percurso intelectual.

O orientador, Raymond Ledrut percebeu a vontade dela em teorizar mais sobre sua experiência de campo, vendo uma ausência da literatura que tratava desse assunto em França lhe sugere entrar em contato com a professora Ruth Glass em Londres⁶⁰. (VALLADARES, 2008).

De fato, na França dos anos 1960 havia certo predomínio das teorias estruturalistas e do materialismo histórico dialético, estas teorias orientavam quase que exclusivamente os estudos urbanos por lá. Discussões mais aproximadas do que fora proposto pela Escola de Chicago nas análises dos problemas sociais só começaram a chegar na França em 1979, com a publicação da coletânea de textos “*L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*” organizada por Yves Grafmeyer e Isaac Joseph. (GRAFMEYER e JOSEPH, 1979).

Sobre a dificuldade de encontrar uma diversidade de autores das ciências sociais na França naqueles anos, Isaac Joseph salienta o que chama das imposições da escola durkheimiana, em parte responsável pela quase inexistência de traduções dos grandes clássicos para o francês. Como exemplo indica que, à exceção dos textos mais conhecidos, já naquele momento esgotados, a obra de Georg Simmel, importante pensador social lido no mundo todo só começava a ser traduzida também no ano de 1979. Mesma ocultação percebida, frisa Joseph, da produção de Gabriel Tarde (este citado apenas por Gilles Deleuze) e de Georg Herbert Mead. (JOSEPH, 2000).

Diante deste cenário que não correspondia aos interesses de pesquisa de Licia e com a anuência de seu orientador, a pesquisadora se muda para Londres para estudar com Ruth Glass, vivendo durante os três anos restantes do doutorado em trânsito entre a capital londrina e Toulouse. (VALLADARES, 2008).

A socióloga alemã, marxista, radicada na Inglaterra, com vasta experiência em pesquisas urbanas, Ruth Glass havia fundado, em 1951, na *University College London* (UCL), o *Centre for Urban Studies*, um centro multidisciplinar dedicado aos estudos urbanos.

⁶⁰ Outro responsável pelo contato com Ruth Glass indicado por Licia foi Manuel Diegues Junior, do CLAPCS. Cf. VALLADARES, 2013, p.19. BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018.

Em 1964, o *Centre for Urban Studies* publicou, sob a coordenação de Glass, “*London: Aspects of Change*”, um livro de ensaios de representantes de diversas disciplinas, dentre os quais o historiador Eric Hobsbawm, cujo objetivo era traçar um perfil social geral das mudanças vivenciadas pela metrópole britânica.

Na introdução do livro, Ruth Glass cunha o termo “gentrificação” para explicar como entendia o fenômeno de mudanças demográficas nas regiões de Notting Hill e Islington, regiões pobres, onde, nos anos 1960, as casas estavam sendo adquiridas por pessoas de classe média que lá iam residir, causando um aumento no custo de vida local, conseqüentemente “expulsando” os antigos moradores mais pobres. Sobre esta questão dizia ela:

Um a um, muitos dos bairros populares de Londres foram invadidos pelas classes médias - alta e baixa. Uma vez que este processo de 'gentrificação' começa num distrito, ele continua rapidamente até que todos ou a maioria dos ocupantes originais da classe trabalhadora sejam deslocados e todo o carácter social do distrito seja alterado⁶¹. (GLASS, 1964, p. xviii).

Ao propor o termo “gentrificação”⁶², Ruth Glass trazia a luz a identificação de um discreto, mas intrincado movimento que abrange a estrutural dos locais de moradia, troca do aluguel para propriedade documental das habitações, aumentos dos valores no mercado imobiliário, todos fatores geradores do deslocamento ou substituição da população pobre que antes residia ali pela nova classe média.

Durante os três anos restantes do doutorado Licia viveu sob a atmosfera do *Centre for Urban Studies*, Ruth Glass foi a responsável por despertar em Licia a compreensão do papel da filantropia na assistência aos pobres. (VALLADARES, 2005).

Ela me dizia: “Leia esse livro; leia aquele livro; leia aquele outro livro”. Foi graças a ela que eu li, por exemplo uma série de livros sobre a Inglaterra vitoriana, o que veio a despertar meu interesse sobre a filantropia e pobreza urbana. Na ocasião, li também alguns livros da escola de Chicago escritos por autores clássicos, como *The Polish peasant in Europe and America*, de Thomas e Zniecki. Foi a primeira vez que li *The Ghetto*, de Louis Wirth, e *The Hobo*, de Nels Anderson. (VALLADARES, 2008, p. 164).

O conhecimento adquirido na relação com Ruth Glass foi fundamental na redação da tese de doutorado “*Opération de Relogement et Réponse Sociale: le cas*

⁶¹ Original: One by one, many of the working class quarters of London have been invaded by the middle classes – upper and lower. Once this process of ‘gentrification’ starts in a district it goes on rapidly until all or most of the original working class occupiers are displaced and the whole social character of the district is changed. (Tradução do autor).

⁶² Passados 55 anos da publicação, na atualidade, a ideia de gentrificação extrapolou as análises de Ruth Glass, gerou uma extensa área de pesquisas e debates não apenas no interior dos estudos urbanos, mas extrapolando para a os movimentos sociais e para a política, abrangendo uma variedade de processos institucionais, até mesmo governamentais, para além das ações das classes médias.

des Favelados do Rio de Janeiro”, defendida na França em 1974 e publicada no livro que se tornou um dos clássicos da sociologia urbana carioca “Passa-se uma casa”, de 1978, o qual será aprofundado a seguir.

3.4. Primeiras experiências de trabalho

De volta ao Brasil, após o doutorado, Licia vai atuar no Banco Nacional de Habitação (BNH), sendo uma das primeiras sociólogas a trabalhar na entidade. Porém, após alguns meses se desliga do banco e inicia um período no Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae) da Fundação Getúlio Vargas, oportunidade na qual trava contato com Victor Vicent Valla⁶³. (VALLADARES, 2008; 2013).

No Iesae Licia, segundo informações do currículo lattes, fica entre os anos de 1976 e 1981. Envolve-se em pesquisas sobre educação no Rio de Janeiro, Piauí e Maranhão e, pela primeira vez, exerce funções como professora de pós-graduação, oferecendo a disciplina Metodologia das Ciências Sociais para os alunos do curso de mestrado.

Após esta passagem pela FGV, Licia chega ao IUPERJ para substituir Luiz Antonio Machado da Silva que estava a caminho de Nova Jersey, nos Estados Unidos da América para defender sua tese de doutorado. O convite era para substituir Luiz Antonio Machado da Silva por dois semestres dando o curso de sociologia urbana.

Enquanto estava como professora substituta o Instituto obteve financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)⁶⁴, possibilitando sua efetivação como quadro docente.

3.5. UrbanData – Sistematizando a pesquisa urbana no Brasil

Concomitantemente às aulas ministradas no IUPERJ, Licia sedimenta o interesse pela questão da habitação, tema integrante do campo de estudos compreendido pelo urbanismo.

⁶³ Pesquisador estadunidense naturalizado brasileiro, que foi professor emérito da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, dedicando-se ao estudo das experiências em educação popular e saúde pública, autor de “Educação e Favela”, (VALLA, 1986).

⁶⁴ A Finep é uma empresa pública nacional constituída em 1967, para prover de fomento à ciência, tecnologia e inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas. Vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação, sua sede é na cidade do Rio de Janeiro.

Numa retomada do que aprendera quando estagiária da biblioteca do Clapcs e fazia resumos dos textos para facilitar a indexação, Licia passa a resumir tudo que encontrava sobre o assunto da habitação no Brasil. A intensa leitura de toda bibliografia disponível sobre o assunto que encontrava culminou na publicação da primeira resenha sobre habitação no Brasil, redigida em conjunto com seu assistente de pesquisa da época Ademir Figueiredo. O texto “Repensando a habitação no Brasil: Uma introdução à literatura recente”, veio a público na edição número 11 do Boletim Informativo e Bibliográfico das Ciências Sociais (BIB), no primeiro semestre de 1981, sendo atualizado e republicado no livro “Pensando a habitação no Brasil”, coordenado por ela em 1983. Nesta resenha, afirma Licia, “está a origem do que vem a ser o UrbanData” (VALLADARES, 2008, p.170) fundado por ela, conforme veremos.

Contando com uma bibliografia levantada pelos autores a partir do início da década de 1970, o texto sobre o que estava sendo produzido de pensamento acadêmico sobre habitação no Brasil reuniu, pela primeira vez e um único catálogo, um volume considerável de pesquisadores das ciências sociais dedicados ao assunto, facilitando a interlocução e troca de ideias.

Divididos em sete áreas temáticas: 1) favela; 2) a ação governamental no campo da habitação; 3) periferia: loteamento e autoconstrução; 4) moradia e trabalho; 5) uso do solo; 6) movimentos sociais urbanos; e 7) textos de natureza geral, (VALLADARES e FIGUEIREDO, 1981, p. 25); a bibliografia apresenta a relação existente entre a evolução destas temáticas e as intensas mudanças no cenário urbano nacional.

A operação de sistematizar os textos descritos na resenha sobre habitação no Brasil foi feita por Licia e Ademir quase que totalmente de modo manual, lembremos que nestes anos iniciais da década de 1980 computadores eram equipamentos muito raros. Ao identificarem o texto este era catalogado em fichas de papel organizadas dentro das primeiras áreas temáticas definidas por eles.

Quando o luperj começa a ser informatizado Licia vê ali uma oportunidade para melhor gerir a bibliografia que não parava de crescer, segundo ela:

Então, quando o luperj estava sendo informatizado, eu chamei a Ana Caillaux e a consultei sobre a possibilidade de pegar a minha bibliografia e coloca-la em algum sistema de informação. Juntamente com a Ana Caillaux, informatizamos a bibliografia sobre favela, depois a bibliografia sobre habitação e ela foi se ampliando e acabou se tornando a bibliografia sobre estudos urbanos no Brasil. (VALLADARES, 2013, p. 170)

A primeira bibliografia digitalizada sobre os estudos urbanos no Brasil não ficaria restrita ao IUPERJ. Ao ser apresentada em encontro da Associação Nacional de Planejamento Urbano Regional (ANPUR) a iniciativa chama atenção do professor Carlos Vainer⁶⁵ que sugere dar-lhe o nome de UrbanData, ideia prontamente aceita por Licia.

O auxílio financeiro a projetos, obtido via CNPq em 1989, significou o aporte necessário para criação do UrbanData–Brasil nas dependências do IUPERJ.

Durante toda a década de 1990, em função deste financiamento e de tantos outros obtidos de agências estrangeiras, em uma época na qual ainda não existiam ferramentas dinâmicas de pesquisa bibliográfica como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos Capes, ou as plataformas Scielo, Scopus, Academia.edu e Google Scholar, o UrbanData–Brasil consolidou-se como o mais relevante banco de dados da pesquisa urbana no Brasil.

Contando com cerca de onze mil referências com resumos, classificações por área temática, disciplina e localização dos autores o UrbanData-Brasil se tornou ferramenta por meio da qual os pesquisadores poderiam encontrar informações cuidadosamente sistematizadas sobre os diversos tipos de publicações tratando do fenômeno Urbano no Brasil, além de ficar sabendo quem eram os outros pesquisadores que, como eles, se dedicavam a estes estudos. (CHINELLI, 2004).

No seminário realizado na UERJ⁶⁶ para celebrar Lícia Valladares, os participantes da mesa de debates sobre UrbanData-Brasil lembraram o extremo cuidado requerido pela professora para a identificação dos textos que compunham a base de dados.

Após identificados, estes textos eram criteriosamente indexados no interior de áreas temáticas, definidas através de discussões realizadas com pesquisadores relevantes dos estudos urbanos dentre eles: Carlos Vainer, Mauricio Abreu, Pedro Geiger e Celso Lamparelli. A busca por temas emergentes, frisaram os participantes do seminário, era algo constante.

Graças ao intenso rigor conceitual das áreas temáticas definidas por Licia Valladares, passou a ser possível relacionar as referências bibliográficas para além da fixidez das palavras-chave “Ao mesmo tempo que atravessam as disciplinas -

⁶⁵ Carlos Bernardo Vainer – Economista, sociólogo, Doutor em Desenvolvimento Econômico e Social/Université de Paris I – Panthéon/Sorbonne. Professor Titular – Colaborador do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ).

⁶⁶ Celebrando Licia Valladares, no PPCIS/UERJ no dia 05 de junho de 2019.

operando, portanto, num nível de generalização importante - (...) [tornando-se] suficientemente flexíveis para contemplar temas consolidados, quanto incorporar outros que surjam” (FREIRE-MEDEIROS e MAGALHÃES, 2019, p. 5), permanecendo relevantes até a atualidade.

No início dos anos 2000 o UrbanData-Brasil contabilizava 9.500 publicações produzidas no debate sobre o urbano brasileiro (Cf. VALLADARES e FREIRE-MEDEIROS, 2002), muitas das quais tiveram seus resumos e identificação dos pesquisadores disponibilizados em catálogos e artigos publicados pela coordenadora em conjunto com sua equipe.

O primeiro desses catálogos foi “1001 teses sobre o Brasil urbano: catálogo bibliográfico (1940-1989)”, publicado em 1991. Na sequência foi publicado “O Rio de Janeiro em Teses: catálogo bibliográfico (1960-1990)”, em 1992.

Ainda no ano de 1991 o UrbanData-Brasil contribuiu para identificar a rede socioassistencial de atendimento e garantia de direitos adolescentes e jovens em atuação no Rio de Janeiro.

A pesquisa realizada mapeou as instituições dedicadas a este serviço e as catalogou na publicação “Ação Invisível - o atendimento a crianças carentes e a meninos de rua no Rio de Janeiro”. Um exemplar do catálogo foi entregue a cada uma das instituições Atlantis junto aos adolescentes e jovens em situação de risco facilitando assim conhecimento da rede por si própria.

Os perfis dos pesquisadores foram divulgados em 2001 no catálogo “Quem faz a pesquisa urbana no Brasil? Catálogo de Pesquisadores Urbanos”, produzido por Maria Josefina Gabriel Sant’Anna e Carlos Augusto Ferreira Lima Junior. (SANT’ANNA e LIMA JÚNIOR, 2001).

Na apresentação do catálogo, Licia Valladares expõe a importância de se ter sistematizado e um único local as informações sobre grande parte dos pesquisadores dedicados à pesquisa urbana no Brasil.

O mapeamento feito pela equipe do UrbanData-Brasil neste catálogo fazia, segundo ela, um verdadeiro quem é quem da pesquisa urbana no país, na medida em que apresentava os pesquisadores, sua formação profissional, filiação institucional, áreas de pesquisa segundo a indicação do pesquisador e atuação conforme a classificação nas áreas temáticas do UrbanData-Brasil.

As publicações sobre as favelas cariocas, primeiro tema de pesquisa de Licia, foram mapeadas no catálogo “Pensando as Favelas do Rio de Janeiro 1906 – 2000 –

Uma bibliografia analítica, publicado pela coordenadora do UrbanData-Brasil, Lídia Medeiros e Filippina Chinelli, em 2003.

Um total de 668 títulos sobre as favelas do Rio de Janeiro, apresentados por data de publicação, foram reunidos no livro. As autoras indicam ser objetivo do catálogo resgatar o que já se sabia até então sobre as favelas do Rio, para assim, recuperar sua memória escrita, pouco conhecida em seu conjunto, já que apenas alguns trabalhos e autores eram repetidamente citados por quem estudava o tema.

O lançamento deste livro suscitou em Licia Valladares uma discussão. Ao ser entrevistada pelo jornal Folha de São Paulo ela declarou sua inquietação pois via na grande quantidade de estudos já existentes sobre as favelas cariocas, pouco debatidos, até mesmo esquecidos, uma saturação da área e dos moradores das favelas com os pesquisadores.

O que acontecia, segundo Licia era que os novos pesquisadores, ao invés de se debruçarem sobre o que já fora produzido, se precipitavam em fazer novos estudos, disse ela para o repórter: “A minha conclusão é: deixem as favelas um pouco em paz. A quantidade de trabalho [668 estudos]⁶⁷ mostra que há muito material sobre o qual se pode trabalhar. O momento é de reflexão”⁶⁸.

Um movimento interessante gerado pelo UrbanData-Brasil, lembrado pelos participantes do seminário em celebração à Licia na UERJ foi o fato de que, com a repercussão dos livros-catálogos, vários pesquisadores começaram a se dirigir ao UrbanData-Brasil para que seus trabalhos fossem incluídos na base de dados.

Em âmbito internacional o UrbanData-Brasil se articulou com uma rede de diversos países patrocinada pela Fundação Ford chamada Guri - *Global Urban Research Initiative*. Com o propósito de elaborar um levantamento de toda produção que existia nas regiões de atuação da Fundação, os levantamentos da Guri no Brasil e na Venezuela foram coordenados por Licia Valladares.

Os resultados obtidos sobre os dois países foram publicados no capítulo “*Urban Research in Brazil and Venezuela: towards an agenda for the 1990*”, do livro “*Urban Research in the Developing World*”, editado no Canadá em 1995. Já o levantamento específico o Brasil foi publicado por ela em francês no texto “*La Recherche Urbaine au Brésil: parcours, tendances et défis*”, parte do livro “*La recherche sur la ville au Brésil*”, editado em 1997.

⁶⁷ Este quantitativo chegou a 838 segundo apresenta a pesquisadora no livro “A Invenção da favela”. (VALLADARES, 2005, p. 136-137).

⁶⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2505200311.htm>

Em 2002, afirmando sua importância na divulgação da produção científica sobre o urbano feita no Brasil para o cenário internacional, o Urbandata-Brasil, representando o IUPERJ, desenvolveu, em parceria com a Universidade de Princeton a pesquisa *Research Project on Urbanization and Models of Development in Latin America*.

Licia Valladares coordenou a equipe brasileira, da qual fizeram parte Edmond Preteceille, Filipina Chinelli, Lídia Medeiros e Bianca Freire-Medeiros, sendo a equipe geral coordenada por Alejandro Portes da Universidade de Princeton e Bryan Roberts, da Universidade do Texas.

O projeto, um estudo comparativo, abrangeu, além do Brasil, outros cinco países latino-americanos: Argentina, Chile, México, Peru e Uruguai. Seu objetivo fora analisar as transformações ocorridas nas principais cidades desses países no período neoliberal, mirando a atenção para os aspectos de sistema urbano, mercado de trabalho, violência e formas de mobilização e organização das classes populares.

Licia Valladares e Edmond Preteceille cuidaram dos temas sistema urbano, mercado de trabalho, violência em termos quantitativos. Filipina Chinelli, Bianca Freire-Medeiros e Lídia Medeiros trataram das formas de mobilização das classes populares através de um estudo etnográfico nas favelas Borel e Rio das Pedras. (CHINELLI, 2004).

O Urbandata-Brasil seguiu sob a coordenação de Licia Valladares até o ano de 2006, quando passa ser gerido por Luiz Antonio Machado da Silva em um dos momentos mais críticos da situação financeira do IUPERJ. A escassez de recursos se refletiu nas dificuldades operacionais enfrentadas pelo novo coordenador, levando a uma obsolescência da base de dados. (FREIRE-MEDEIROS e MAGALHÃES, 2019).

Depois de um período com as atividades suspensas a coordenação do Urbandata-Brasil foi assumida pela professora Bianca Freire-Medeiros, uma das pesquisadoras que fora formada por Licia Valladares como bolsista do projeto durante a graduação.

Em 2013, Bianca Freire-Medeiros estabelece o projeto na FGV, onde estava como professora associada da Escola de Ciências Sociais. Em 2015 com sua incorporação ao quadro docente da USP, ela associa o Urbandata-Brasil ao Laboratório de Pesquisa Social/LAPS daquela universidade.

Em seu novo período sob a coordenação de Bianca Freire-Medeiro Urbandata-Brasil vem passando por atualizações do banco de dados, assim como por testagens

de novos sistemas operacionais para indexação das informações. (FREIRE-MEDEIROS e MAGALHÃES, 2019).

Este novo ciclo de vida do Urbandata-Brasil demonstra que as possibilidades de contribuição do projeto não se esgotaram com a saída de Licia Valladares do comando, as áreas temáticas identificadas permanecem enquanto marcadores singulares dos estudos urbanos.

De seu antecessor o novo Urbandata-Brasil herda a tarefa de ser responsável pelo resgate e guarda da produção da sociologia urbana praticada no Brasil. Seus mapeamentos ainda serão muito úteis para a compreensão da filiação teórica dos autores, dos círculos sociais nos quais estão entrelaçados e dos resultados que tais movimentações geram para os estudos urbanos no país.

3.6. Convênio Capes-Cofecub e Experiência internacional

A atuação no IUPERJ, seja dando aula, ou na coordenação de pesquisas ligadas ao Urbandata-Brasil foi, sem dúvida, um importante mecanismo de aprofundamento das relações de Licia Valladares no cenário internacional da pesquisa urbana.

Paralelamente à atuação profissional no Brasil, sua participação no cenário internacional como pesquisadora habilitada a falar sobre a questão urbana carioca, principalmente sobre as favelas da cidade foi crescendo na mesma medida da solidificação de sua agenda de pesquisas, e da demonstração da sua grande capacidade de articulação com outros pesquisadores estrangeiros.

Graças ao trânsito internacional, Licia pôde estabelecer relações frutíferas de cooperação internacional que trouxeram ao Brasil pesquisadores urbanos importantes como seu orientador de doutorado Raymond Ledrut e Isaac Joseph.

Uma dessas situações foi quando auxiliou na entrada do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, 1997, no acordo de cooperação internacional existente entre a Capes e o e o *Comité Français d'Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil* (Cofecub), o acordo Capes-Cofecub. Assinado por Roberto Kant de Lima pelo PPGA/UFF e por Isaac Joseph do lado francês o projeto recebeu a identificação PROJETO 240/98-I.

As relações que possibilitaram a assinatura desse acordo, contudo começaram a se estabelecer nove anos antes, em 1988 e Licia Valladares foi uma das responsáveis por colocar Roberto Kant de Lima e Isaac Joseph em contato.

Em 1998 Licia Valladares, enquanto pesquisadora do IUPERJ, coordenou, em conjunto com Edmond Préteceille, a conferência “*Urban Restructuring: Trends and Challenges*” no âmbito do comitê de pesquisa 21 (*Urban and Regional Development*) da Associação Internacional de Sociologia. Por ocasião desta conferência professor francês Isaac Joseph fora convidado para participar das discussões e proferir palestras em outros locais. (LIMA, 2011a).

Kant de Lima havia acabado de defender sua tese sobre teoria jurídica e prática judicial no trabalho policial no Rio de Janeiro e procurava espaços para divulgar os resultados de pesquisa. Procurando Licia Valladares foi prontamente aceito por ela como um dos palestrantes, recebendo, além disso, a missão de ser o cicerone do estadunidense Eric Monkkonen e de Isaac Joseph. (LIMA, 2011b).

Após a exposição feita na mesa Kant de Lima foi contestado pela plateia a respeito de suas observações etnográficas ao que respondeu com um convite inusitado à plateia: que quem quisesse poderia ir com ele visitar uma Delegacia Policial localizada ao lado da Fundação Casa de Rui Barbosa, onde acontecia o encontro. Isaac Joseph foi um dos primeiros a seguir o pesquisador brasileiro.

A visita inusitada à delegacia estreitaria os laços entre ambos e a conversa se estendeu até o final de semana passado por Isaac Joseph na casa de Kant de Lima em Itaipu, na região oceânica de Niterói. O diálogo entre ambos seguiu a distância até que em 1997, durante a segunda visita de Isaac Joseph ao país Kant de Lima expos o interesse em firmar um intercâmbio acadêmico entre o PPGA/UFF e a instituição a que Joseph pertencia. (LIMA, 2011b).

No entanto, o edital exigia a participação de uma instituição que tivesse programa de Doutorado, mas o PPGA/UFF ainda não oferecia esta modalidade de pós-graduação, entrave contornado com a entrada do IUPERJ representado por Licia Valladares no convênio. (LIMA, 2011b).

Durante o período em que participou do acordo, de janeiro de 1998 a fevereiro 2002, Licia Valladares se envolveu ativamente nas atividades propostas, sendo responsável pelo envio de alunos do doutorado em sociologia do IUPERJ para estágios de doutorado-sanduiche França, organizando conferências pesquisadores estrangeiros e desenvolvendo pesquisas.

Dentre suas ações destacam-se a organização de uma mesa redonda no 23º encontro da Anpocs, em 1999, com o tema: “A Escola de Chicago, seu impacto no Brasil e na França”, na qual dividiu espaço com Gilberto Velho, Juarez Brandão Lopes

e Mario Eufrazio e Isaac Joseph que apresentou para mais de 300 pesquisadores suas interpretações sobre a Escola de Chicago. (LIMA, 2011a).

Findado o encontro da ANPOCS o intercâmbio acadêmico entre Licia Valladares e Isaac Joseph recebeu contornos mais cariocas, digamos. Na volta para o Rio de Janeiro, Licia acompanhada de estudantes da UFF e da UFRJ foi responsável por apresentar o bairro da Lapa, região boemia do Rio de Janeiro, ao pesquisador francês.

Segundo Lima (2011a), ao longo da noite de sexta-feira (dia mais movimentado do bairro), o grupo percorreu trechos e bares simbólicos do espírito boêmio do Rio de Janeiro, como o forró Asa Branca, o restaurante Nova Capela e o Bar Semente, ambos redutos de artistas e intelectuais. Caminharam pelas ruas que eram reparadas com argúcia por Isaac Joseph numa noite que entrou pela madrugada.

Em 2000, quando da tradução do livro de Isaac Joseph “Erving Goffman e a Microsociologia” para o português, Licia Valladares e Roberto Kant de Lima realizaram, para a Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB), uma entrevista com o pesquisador sobre a recepção da Escola de Chicago na França (JOSEPH, 2000), assunto bastante explorado por ele desde a década de 1970.

Em 2002 ao apresentar um relato das atividades, Roberto Kant de Lima, apontava para a importância da participação de Licia Valladares, enquanto representante do IUPERJ, no convênio:

Como benefício inesperado desta relação, estamos estreitando ainda mais nossas relações com a Sociologia do IUPERJ e com outros centros de sociologia e urbanismo do país, como o Urbandata, o que permite maior circulação de informação e discussão dos resultados de nossas pesquisas com um público acadêmico mais amplo. (LIMA, 2003, p. 172)

3.7. O caminho de uma agenda de pesquisa

A vasta obra de Licia Valladares sobre as favelas do Rio de Janeiro estabeleceu-se como bibliografia exemplar para os estudos. De maneira encadeada é possível perceber o caminho percorrido pela agenda de pesquisas de Licia.

Este percurso se inicia em 1978 com a publicação do livro “Passa-se uma Casa”, seguido em 1981 da resenha “Habitação no Brasil: uma introdução à literatura recente” (escrita junto com Ademir Figueiredo), passa pelo artigo “Cem anos pensando a pobreza no Brasil” de 1991, por “A gênese da favela carioca - a produção anterior às ciências sociais”, de 2000, pelo livro-catálogo “Pensando as favelas do Rio

de Janeiro – uma bibliografia analítica”, de 2003 e culmina no livro “A invenção da favela – do mito de origem à favela.com” de 2005.

Adiante apresento uma análise de “Passa-se uma casa” e “A Invenção da favela”, duas das obras mais importantes para a sociologia urbana carioca dedicada ao estudo das favelas da cidade.

3.7.1. Passa-se uma casa

Quatro anos após retornar para o Brasil do doutorado, há exatos 10 anos do final de sua experiência de trabalho de campo pioneira na Rocinha, Licia Valladares estava desempenhando tarefas de ensino/pesquisa na Fundação Getúlio Vargas, quando publicou sua tese em português pelo selo Biblioteca de Ciências Sociais da Zahar Editores.

Passa-se uma casa: Análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro (VALLADARES, 1978) publicado há 41 anos, completados em 2019, ocupa lugar de referência bibliográfica indispensável para qualquer jovem pesquisador determinado a se filiar à área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro. Para além deste universo mais restrito, o livro é lido em sociologia e antropologia urbana brasileira. Tornou-se um clássico.

Escrito em francês como exigência para a defesa de tese, o texto recebeu um nome mais “frio”: *Opération de Relogement et Réponse Sociale: le cas des Favelados do Rio de Janeiro*, ao qual, na tradução para o português foi acrescida a frase que chamou atenção e motivou a pesquisadora quando fez a primeira visita ao conjunto habitacional da Cidade de Deus, zona oeste do Rio de Janeiro.

Em 1970, ao voltar para o Brasil do primeiro ano de doutorado com o intuito de iniciar uma pesquisa de campo sem ter ainda um objeto muito bem definido, apenas que a pesquisa seria sobre a política de remoções, Licia foi visitar seus amigos na Rocinha, de lá foi levada por Seu Zé da Joia para visitar pessoas que ele conhecia e haviam sido removidas para a Cidade de Deus. Ao chegar na Cidade de Deus, conta ela, acha estranho o que vê:

E quando chegamos a Cidade de Deus eu vi as placas: passa-se uma casa. Eu disse assim: “O que é isso? Passa-se uma casa?”. Então eu descobri que os moradores da favela estavam voltando para a Rocinha, para outros lugares e vendiam suas casas”. (VALLADARES, 2013, p. 20-21).

A mensagem aparente de imóveis à venda vistas pela pesquisadora nas placas eram a externalização do fracasso da política habitacional posta em curso pelo governo local. As questões a serem discutidas na pesquisa surgiram assim diante de Licia, para entender as motivações das pessoas em abrir mão de um imóvel próprio e se lançarem de volta para a favela de origem, onde não sabiam o que enfrentariam, era preciso analisar a ação política do Estado, o papel do planejamento urbano nisto, os interesses manifestos sobre o urbano, e, principalmente as relações de informalidade, não tão informais assim, acionadas pelos moradores.

Para tal empreitada Licia Valladares se valeu de dois estudos de caso. O primeiro foi aquele já feito entre 1967-1968 na Rocinha. Esta experiência exitosa lhe motivou a retomar o estudo, assim poderia voltar a conviver com os amigos e aproveitar muito material não utilizado no relatório anterior. Todavia, as mobilizações em torno das remoções conduzidas pelo governo a fizeram escolher por este tema. (VALLADARES, 1978).

Em contraste com o primeiro estudo de campo na Rocinha, voltado para as especificidades locais, o modo de funcionamento da associação de moradores, quais os vínculos mantidos por estas entre seus membros e com o universo fora da favela, este novo inseria-se em assuntos mais gerais, relacionando em seu interior urbanismo e política habitacional urbana, além da inserção das classes populares na cidade.

Para sustentar teoricamente o trabalho de campo, o ponto de partida definido foi a leitura de autores com produções relevantes sobre os fenômenos da pobreza e do urbano. Começando pelos clássicos Engels e Lefèbvre, ao quais foram adicionadas as contribuições mais contemporâneas de Manuel Castells, Ruth Glass e Raymond Ledrut. O conjunto de leituras definiu pontos basilares:

a) a questão habitacional não é uma questão isolada, não podendo ser examinada dissociada do contexto sócio-político-econômico global; b) toda política habitacional, se entendida enquanto operação de planejamento, representa antes de tudo uma medida de controle social, exercida em nome das camadas dominantes; c) toda política habitacional aparece investida de conteúdo ideológico preciso. (VALLADARES, 1978, p. 133).

Estes pontos guiaram um trabalho de campo de extrema qualidade etnográfica. A primeira pessoa transformada em informante da pesquisa foi apresentada por Seu Zé da Joia, era apenas este primeiro contato que Licia precisava mesmo, como quando de sua chegada na Rocinha, rapidamente a pesquisadora estendeu a teia de relações com outros moradores fixados no conjunto habitacional e com os que haviam vendido suas casas.

Durante oito meses visitas sistemáticas foram feitas ao conjunto habitacional para coleta de dados na sede da Cohab e para entrevistar os residentes.

Na sede da Cohab local, Licia teve a oportunidade de presenciar como se desenrolavam as transações entre funcionários da entidade e mutuários. Também teve acesso ao cadastro de moradores, lá copiou cerca de quatro mil fichas a mão com informações sobre quem morava aonde.

A catalogação destas fichas foi primordial para que pudesse perceber que a maioria das pessoas da Cidade de Deus não era mais dos removidos para o conjunto, mas uma nova população heterogênea, vinda de todo canto da cidade. (VALLADARES, 2013).

Os mutuários, segundo Lícia Valladares, teriam seu comportamento em relação ao Sistema Financeiro da Habitação, condicionado por dois fatores principais a inadequação do programa habitacional as suas baixas rendas, atrelada à natureza compulsória como os programas de remoção eram realizados.

Esses fatores, por si só, já seriam suficientes aponta Licia Valladares, para explicar o que ela classifica como práticas de distorção do sistema, colocadas em curso pelos favelados.

Tais práticas não foram inventadas pelos favelados, são características da própria “ideologia burguesa” em seu caráter “individualista” e “oportunista”. Para atestar isso a autora relembra que sempre foi comum no Brasil, à alguns, principalmente às elites, fazerem uso das instituições governamentais em benefício próprio.

Para exemplificar as práticas de distorção do sistema utilizadas nas favelas Livia Valladares recorre ao detalhamento que a pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca apresenta sobre os mercados locais de habitação e a distribuição de serviços como água e eletricidade organizadas no interior das favelas, controladas por grupos de interesse internos.

Longe de serem analisadas etnocentricamente, as práticas de distorção do sistema acionadas pelos favelados, segundo o proposto pela autora, representam, antes de qualquer coisa, um modo que encontraram de lutar pela sua sobrevivência. Não apenas no Sistema Financeiro de Habitação. Mas, sobretudo, em sua condição de mutuário, mas, principalmente, sobrevivência no sentido geral dentro da cidade. (VALLADARES, 1978, p. 125).

Em “Passa-se uma casa”, Licia Valladares vai ao encontro dos dogmas acionados as favelas. Nos demonstra que a existência destes territórios na cidade do Rio de Janeiro não é resultado apenas do déficit de moradia ou da incapacidade do mercado imobiliário em produzir um volume de habitações suficiente para suprir a carência das classes populares.

Para a autora, a favela é, na verdade, resultado significação social vivenciada pelas classes populares quando tem sua força de trabalho explorada. A favela seria, portanto, o lugar dentro do qual “as desigualdades se perpetuam e o processo de acumulação do capital é cada vez maior”.

Ademais, a favela, segundo Licia Valladares no livro, seria o resultado de uma conjuntura na qual as possibilidades de utilização do solo urbano começavam a ser cada vez mais condicionadas pelo valor que determinadas áreas dos bairros considerados nobres passaram a ter na cidade.

3.7.2. A Invenção da favela: do mito de origem à favela.com

Assim como “Passa-se uma casa”, “A Invenção da favela” vem a público primeiro na língua francesa como resultado da tese de Habilitation à Diriger de Recherches (HDR)⁶⁹ de Licia Valladares, defendida em 2011. Hoje, além da versão em português, possui uma edição em língua inglesa.

Na apresentação da obra Gilberto Velho afirma ser “A Invenção da favela” “o trabalho mais sistemático já produzido sobre o fenômeno da favela” (VELHO, 2005, p. 11), dado o volume de informações apresentadas sobre as favelas do Rio trazidas em seus cinco capítulos.

Efetivamente, após sua publicação o livro de Licia Valladares se tornou bibliografia necessária em todos os cursos de sociologia urbana que venha a tratar não apenas das favelas do Rio de Janeiro, mas dos muitos fenômenos relacionados à moradia das classes populares urbanas.

Seguindo a agenda de estudos e pesquisas na qual se enredou desde a pesquisa pioneira na Rocinha na década de 1960, mais uma vez o campo empírico de Licia Valladares é a cidade do Rio de Janeiro e suas favelas, seus interesses, de

⁶⁹ Mais alto grau universitário na França, a HDR sanciona o reconhecimento do alto nível científico do candidato, pela análise do caráter original de sua abordagem em um campo científico. Sua obtenção é condição necessária para se candidatar a um cargo de professor nas universidades francesas.

igual modo, permanecem sendo questionar os dogmas acionados contra as favelas e seus moradores.

No livro Licia Valladares acompanha a trajetória da categoria favela desde seu aparecimento na história da cidade do Rio de Janeiro, quando começa a ser tratada como “problema social” até sua transformação em objeto de estudos das ciências sociais, momento em que se torna “problema de pesquisa”.

Ao apresentar e discutir com acuidade as representações sociais da favela no imaginário carioca ao longo de mais de cem anos de sua existência, Licia Valladares aponta para a importância da construção histórica dessas representações, muitas vezes tratadas como assuntos do senso comum, mas que estão nas bases da descoberta das favelas como assunto, pelos mais variados atores sociais.

As categorias “favela” (local de moradia) e favelado (identidade imposta arbitrariamente quem mora nestes locais), bem como os acionamentos a elas fixados pelas classes dominantes estão na base dos dogmas que a autora se propõe a questionar e desfazer.

Em um movimento de autorreflexão muito particular, Licia Valladares parte da própria biografia para descrever como se deu a sua “invenção da favela”. Nisto somos apresentados à história do percurso que a autora percorreu desde sua primeira incursão a uma favela em 1966 e mesmo, antes disso, em 1964, no início da graduação, quando percebia pela janela do ônibus a remoção da favela do Pasmado. (VALLADARES, 2005, p. 14).

Os círculos sociais aos quais foi se atando desde este momento inicial do percurso acadêmico são identificados por ela como fundamentais para a formação de sua identidade de pesquisadora, foram estes encontros somados a sua intensa observação do fenômeno os responsáveis por fazê-la considerar “que as razões e modalidades da produção e da persistência dos estereótipos ligados às imagens da favela deveriam constituir um motivo de reflexão”. (VALLADARES, 2005, p. 21).

A bibliografia base para o trabalho, criteriosamente levantada pela equipe do Urbandata-Brasil, que já havia sido objeto de outra publicação (VALLADARES, MEDEIROS e CHINELLI, 2003), é retomada analiticamente em “A Invenção da favela” compondo o mosaico a partir do qual Licia Valladares explora: a gênese da favela carioca (cap. I), sua transição para as ciências sociais (cap. II), a conseqüente fixação como tema de pesquisa (cap. III), até as resistências dos territórios a uma categorização redutora (conclusão).

Escrita nos anos finais da década de 1990 a obra, não foi elaborada apenas com base em pesquisas bibliográficas. O interesse por apoiar as questões levantadas em material empírico levou Licia Valladares a uma retomada de seu trabalho de campo na Rocinha, ocasião que em 1997 passou 10 dias hospedada na casa dos antigos amigos feitos na favela na década de 1960. Neste período em campo a autora percebeu em loco as mudanças que já vinha identificando de longe na estrutura interna da favela.

O primeiro capítulo, uma versão ampliada do artigo amplamente conhecido “A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais” (VALLADARES, 2000), parte da hipótese ideias ativadas sobre as favelas cariocas na segunda metade do século XX seriam tributárias do mito fundador da favela organizado no início deste século.

Seguindo esta trilha, a autora faz uma sócio-história da categoria favela, demonstrando a transferência quase que automática dos estigmas produzidos sobre os cortiços do centro da cidade para as nascentes favelas.

O mito fundador da favela que relaciona seu surgimento com a ocupação do morro da Providência, no centro da cidade, é questionado por meio das informações trazidas por autores, os quais identificam haver ocupações semelhantes em outros pontos da cidade muito antes da migração dos soldados retornados da Guerra de Canudos e dos despejados pela Reforma Pereira Passos para a Providência.

Da análise do mito de fundação das favelas, Licia Valladares passa para o momento em que as localidades se tornam objeto de debate a respeito do futuro da cidade, analisadas pelos interpretes autorizados da época engenheiros, médicos, políticos. Todos, em alguma medida, tributários de um pensamento estigmatizante para os territórios e as classes populares de lá.

No discurso desses atores sociais, difundidos pela imprensa e debatido nos espaços públicos, Licia Valladares percebe como, de modo automático, é transferido para a favela “o postulado ecológico do meio como condicionador do comportamento humano, persistindo a percepção das camadas pobres como responsáveis pelo seu próprio destino e pelos males da cidade”. (VALLADARES, 2005, p. 28).

Vistas como exemplos do atraso da sociedade carioca, impeditivos para a entrada da cidade na modernidade, as favelas passam a ser reconhecidas juridicamente pelo Código de Obras de 1937, não por serem aceitas pelo poder

público, mas com uma indicação da necessidade de sua erradicação, conforme exposto no XV da legislação. (VALLADARES, 2005, p. 52).

Seguido ao reconhecimento jurídico de sua existência tem início um movimento com o objetivo de “conhecer para melhor administrar e controlar a favela e seus habitantes” (VALLADARES, 2005, p. 55), neste rastro são elaboradas estimativas quanto ao seu universo populacional e membros do Rotary Club indicam a necessidade de se fazer um estudo através do qual fosse possível conhecer os aspectos gerais e as particularidades das favelas. (VALADARES, 2005).

Neste panorama surge os primeiros estudos técnicos e acadêmicos sobre as favelas do Rio de Janeiro identificados pela autora, a monografia de fim de curso da assistente social Maria Hortência do Nascimento e Silva, publicada em 1942 e o relatório do médico Victor Tavares de Moura, de 1943.

A monografia de Maria Hortência do Nascimento e Silva demarca, segundo Licia Valladares, a entrada das assistentes sociais como personagens importantes no início da história do conhecimento sobre as favelas, ao lado de médicos, engenheiros, jornalista e urbanistas.

Outra questão importante para os primórdios dos estudos sobre as favelas, a necessidade de dados qualitativos foi solucionada pela prefeitura do Distrito Federal com a realização do primeiro “Recenseamento das Favelas do Rio”.

No segundo capítulo a atenção de Licia Valladares se concentra na transição da categoria favela do tratamento dado pelo senso comum, para a entrada das ciências sociais no debate com a valorização do trabalho de campo para levantamento de dados e exposição das análises.

Este novo período de produção das representações sobre as favelas, segundo a autora, dura aproximadamente 20 anos. Inicia-se no começo da década de 1950 e se estende até o fim dos anos de 1960. Seus dois traços característico principais, seriam: “a valorização da favela enquanto comunidade; e a inauguração de um verdadeiro trabalho de campo mobilizando os métodos das ciências sociais”. (VALLADARES, 2005, p. 74).

Neste capítulo, Licia Valladares recupera personagens e trabalhos que estavam, se não esquecidos totalmente, sendo em parte negligenciados pelos estudos sobre favelas atuais. Assim nos reapresenta o sociólogo francês Pe. Louis-Joseph Lebret e seus colaboradores José Arthur Rios; e o antropólogo estadunidense Anthony Leeds com seus jovens voluntários do *Peace Corps*.

O Pe. Lebret, coordenador da SAGMACS fora responsável pela contratação da importante pesquisa “Aspectos Humanos da Favela Carioca” realizada por José Arthur Rios e Carlos Alberto de Medina junto com uma equipe enorme de agentes de campo.

Assim como os coordenadores estavam esquecidos e são retomados por Licia Valladares, a pesquisa há muito tempo não era lembrada, erro que a autora corrige e vai além introduzindo o entendimento de ser “Aspectos Humanos”, o texto sociológico responsável por inaugurar o trabalho de campo sistemático dentro das favelas cariocas.

A participação de Anthony Leeds e dos *Peace Corps* neste primeiro período dos estudos sobre as favelas é recuperada, além dos importantes encontros de debate promovidos pelo antropólogo em sua residência, nos quais a autora, Luiz Antonio Machado da Silva e tantos outros que começavam a estudar as favelas participaram.

Os trabalhos dos atores descritos neste capítulo configuram, segundo a autora de “A Invenção da Favela”, as bases da pesquisa sociológica e de outras disciplinas dedicadas às favelas cariocas, interessadas em combater os dogmas acionados contra estas localidades.

Licia Valladares também ressalta as convergências encontradas nos trabalhos surgidos a partir desta época, percebidas em diversos pontos que ela elenca: a consideração da favela dentro do processo de crescimento da cidade; a consideração de diversos níveis de análise (desde variáveis macro até as de nível local) para tratar do fenômeno; a recusa ao consenso em torno dos estigmas contra as favelas; a valorização da análise dos processos internos dos territórios e a percepção da existência de uma economia interna das favelas. (VALLADARES, 2005, p. 115-116).

Pautada por estes termos a favela estava, entende a autora, pronta para se tornar efetivamente “a favela das ciências sociais”, assunto com o qual se ocupa no terceiro capítulo do livro.

Para Licia Valladares, dos anos de 1970 em diante, com o fortalecimento da pós-graduação no Brasil a favela se torna objeto amplamente explorado por “uma agenda universitária explícita, das necessidades de planejamento e de uma política científica de estímulo à pesquisa que atribuí uma atenção contínua à pobreza urbana ou a temas a ela diretamente associados”. (VALLADARES, 2005, p. 119). Um tema da moda para a universidade e, inclusive, para organizações não governamentais.

Devido ao elevado número de atores, das mais variadas áreas científicas, agora envolvidos com os estudos as favelas, diferentemente dos períodos tratados pela autora nos capítulos anteriores, ela faz neste capítulo uma “sociologia dos atores coletivos” dando ênfase às diversas tematizações surgidas em torno das localidades.

A universidade brasileira é vista pela autora como indutora fundamental da multiplicação dos estudos sobre favelas, bem contribuinte da formação e propagação das representações sobre estes territórios e seus moradores. Em contraposição aos períodos anteriores demonstrados por ela, quando as representações eram resultado dos debates realizados por agentes mais ligados ao senso comum não “científico”.

É a partir do estabelecimento da favela nas ciências sociais que os dogmas passam a ser questionados, principalmente o que associa a pobreza dos moradores de favelas à marginalidade, muito forte no início dos debates sobre as favelas e ainda persistente entre as camadas médias e altas da sociedade carioca.

As discussões feitas em torno da ideia de marginalidade nesta época, lembra a autora, passam a receber críticas explícitas. O imaginário da existência de uma classe de perigosas morando nas favelas é firmemente combatido a partir da época descrita no capítulo três.

A evolução da produção científica sobre as favelas a partir dos anos 1970 é descrita no livro recuperando informações organizadas pelo UrbanData-Brasil. Os dados expostos pela autora davam conta, no ano de redação do livro, da existência de mais de 830 textos sobre as favelas do Rio de Janeiro, produzidos entre 1900 e 2002.

As disciplinas por onde estes trabalhos estão distribuídos, quase todas as das ciências sociais e humanas, são identificadas. Do total de vinte e nove diferentes disciplinas, percebe-se a preponderância da Sociologia Urbana, Antropologia Urbana e do Planejamento como as detentoras do maior quantitativo de trabalhos escritos.

O capítulo é encerrado com uma análise de três dogmas sobre as favelas existentes no imaginário da cidade. A especificidade da favela, sua percepção como *locus* da pobreza e a ideia de unicidade da favela são combatidos por Licia Valladares.

Para a autora não há uma especificidade da favela, concepção erroneamente propagada quando a favela é vista a partir de sua história particular e de seu modo de crescimento diferentes dos outros bairros da cidade. A crítica pela propagação dentro do meio acadêmico deste dogma é dirigida aos trabalhos preocupados com a propagação de uma “cultura da favela”.

O segundo dogma, qualificador da favela como *locus* da pobreza, particularmente forte nas ciências sociais desde a incorporação da teoria da marginalidade no debate, é lembrado por Licia Valladares ao afirmar o erro que significa esta territorialização da pobreza.

A universidade, segundo a autora, ao eleger a favela como local específico de identificação da pobreza urbana, enviado para lá seus pesquisadores, seria a maior responsável pela propagação deste dogma.

O terceiro dogma estaria, portanto, atrelado ao segundo no que se refere ao tratamento analítico e ao tratamento político dado às favelas tendo-as como uma unidade estanque no tecido da cidade.

Ainda que se perceba uma realidade múltipla (população diversa, diferenças geográficas e de circulação interna) em relação às favelas, é a singularidade, no sentido de ver uma favela e se achar que é possível transportar o que se vê ali para todas as outras, que acaba sendo tida em consideração. Dentre as consequências metodológicas deste dogma estaria a homogeneização que oculta a diversidade de identidades e sociabilidades existentes dentro das favelas.

As especificidades das favelas, segundo Licia Valladares, devem ser tratadas em termos de suas características de acesso, precário ou total, a equipamentos urbanísticos e serviços públicos de coleta de lixo, água e esgoto de concessionárias privadas de eletricidade, internet e telefonia.

O choque entre a articulação dos três dogmas com a existência de uma realidade em si muito mais complexa vivenciada nas favelas do Rio, resistente à qualquer categorização redutora de suas identidades, é discutido no capítulo de conclusão de “A Invenção da favela”. Neste capítulo a autora apresenta as impressões formuladas durante os 10 dias de trabalho de campo feitos na Rocinha em 1997.

A chegada da rede mundial de computadores na favela, identifica Licia Valladares, estava mudando a maneira como poderia ser contada a história do território, agora os moradores locais por eles mesmos poderiam apresentar sua realidade. Exemplo disto era o sítio de internet da TV ROC que em 1999 contava com cerca de 1.500 acessos por mês.

A pujança econômica dos novos tempos da Rocinha é identificada no acesso dos moradores a assinaturas de Tv a cabo, na existência de lojas de *fast food*, de vendas de aparelhos celulares, agências bancárias, dos Correios, escritórios de advocacia e clínicas veterinários.

Esta Rocinha visitada por Licia Valladares divergia da encontrada em seu primeiro trabalho de campo da década de 1960, a favela agora não recebia apenas a visita de alguém interessado em percorrer suas ruas para fazer um estudo sociológico, como fora seu caso, mas também turistas brasileiros e estrangeiros curiosos sobre o local de moradia de parte dos pobres da cidade.

As iniciativas econômicas percebidas pela autora se multiplicavam na mesma medida da densidade populacional, demonstrando empiricamente a tese por ela sempre defendida de não se reduzir as favelas do Rio de Janeiro apenas a uma identificação como habitat da população pobre. (VALLADARES, 2005)

Por isso ela afirma:

Frente a esse desenvolvimento e à realidade da vida cotidiana (da qual a Rocinha é um exemplo), torna-se difícil fazer funcionar uma análise fundamentada nos dogmas acima evocados. De que especificidade estamos falando? Em que reside exatamente o corte com a cidade? É possível considerar pobre um empresário local? As diferenças sociais entre esse “pobre” e seu vizinho desempregado impedem qualquer amálgama que permita considerar a população das favelas uma categoria social única. A miséria não é, pelo menos não é mais, uma característica geral e a precariedade dos equipamentos deve ser fortemente relativizada. (VALLADARES, 2005, p. 157).

Mesmo com todas as mudanças verificada na estrutura social das favelas – da Rocinha no caso específico ali analisado – a quem interessaria a permanência destes dogmas, se pergunta a autora. Ao que responde identificando as formas de operação de tais dogmas por agentes públicos, associações locais e ONGs atuantes no território.

Na crítica a utilização dos dogmas para obtenção de interesses privados os pesquisadores não são deixados de lado pela autora. Licia Valladares já vinha falando sobre o papel dos pesquisadores desde a análise sistemática feita sobre a literatura (VALLADARES, MEDEIROS, CHINELLI, 2003), sua análise de que a aceitação destes dogmas é partilhada pela maioria dos pesquisadores permanecia a mesma.

As razões pelas quais interessaria esta perpetuação dos dogmas pelos pesquisadores seriam, segundo Licia Valladares, resultantes de quatro registros: o primeiro remeteria a convicção de parte considerável da intelectualidade brasileira de ser responsável pela solução dos problemas na nação.

O segundo registro de manutenção dos dogmas identificado por Licia Valladares é o pragmatismo de alguns pesquisadores que percebendo (ao menos naquele período estudado pela autora) a facilidade de obter financiamentos, os leva a pensar ser um bom negócio pesquisar nas favelas.

O pragmatismo também faria os pesquisadores a considerar a “tranquilidade” de os dogmas já serem categorias já conhecidas, fáceis de operar na pesquisa. Afinal, operar com o que já se conhece facilita a repetição e acumulação de dados.

Além do mais, a autora percebe este pragmatismo dos pesquisadores quando atuam como professores/orientadores veem comodidade em enviar seus orientandos para pesquisar nas favelas, tendo-as como o “meio mais econômico de “expatriar” o mestrando ou doutorando originário das classes médias, e também um meio para confrontá-los com a “diferença”, de fazê-los realizar, “no familiar”, as suas primeiras experiências de campo”. (VALLADARES, 2005, p. 161, grifos da autora).

A ideologia engajada dos sociólogos brasileiros é o terceiro registro identificado por Licia Valladares como causador da reprodução dos dogmas. Este engajamento com a questão social, analisa ela, ao invés de servir para questionar os dogmas, geraria o movimento de manutenção da percepção das favelas como locais de moradia dos pobres, ressaltando as especificidades.

Na análise do modo como os pesquisadores operam os dogmas, a autora percebe o interesse de alguns em ressaltar as favelas como locais diferentes do conjunto da cidade, “de mostrar as “comunidades” das favelas como lugares de elaboração de uma cultura diferente” (VALLADARES, 2005, p. 161, grifos da autora), atitude prejudicial ao enquadramento das favelas no conjunto da cidade.

O quarto registro feito pela autora é em relação à competição por reconhecimento acadêmico internacional na qual os pesquisadores estão enredados. As favelas da maneira como são elaboradas pelos dogmas que as especificam seriam, neste mercado, um produto fácil e interessante de ser vendida. A categoria favela, ressalta a autora, tal como construída pelos dogmas poderia ser facilmente transportada para diferentes contextos.

O empenho de Licia Valladares em questionar os dogmas sobre as favelas aponta para a necessidade de se mudar a maneira como estes territórios são tratados pelas ciências sociais. Esta mudança pode, segundo a autora, prover uma renovação necessária na área de estudos e pesquisas dedicadas o tema.

No final do livro a autora identifica alguns dos “novos personagens” do ambiente acadêmico que podem ser os catalizadores desta mudança na área de estudos, os “doutores da favela”, aqueles e aquelas moradores das favelas que conseguiram romper a barreira da segregação educacional e acessar as universidades.

Em contraste com o grupo de pesquisadores que estamos abordando aqui os “doutores *em* favelas”, todos eles oriundos da classe média, sempre tendo sido moradores do “asfalto” e que direcionam seus interesses para estudar as favelas, esta nova categoria de pesquisadores chamada de “doutores *da* favela” são aquelas e aqueles sujeitos criados no territórios favelados que atravessando as fronteiras invisíveis da exclusão têm acessado o ambiente universitário e começado a contar por si as sociabilidades vivenciadas nas favelas. (SOUZA E SILVA, 1999); (VALLADARES, 2005); (IGNÁCIO, 2011)

O itinerário de vida desses sujeitos, algo atípico para a época em que Licia Valladares escreveu seu livro, mesmo sendo a última década do século XX, limiar no novo milênio, chamou atenção da autora. Sua entrada no mundo até então bastante fechado da universidade propunha, diz a autora, uma nova questão às ciências sociais brasileiras: o desenvolvimento de uma sociologia da mobilidade social nas favelas, até então pouco aplicada.

Esta questão ainda recente na época da publicação de “A Invenção da favela” não foi aprofundada pela autora, ficando apenas a indicação do desejo de uma anova agenda de pesquisa.

Na atualidade, passados quinze anos da publicação do livro, graças a mobilidade social trazida pelas diversas políticas de ações afirmativas como as cotas raciais nas universidades públicas e privadas, os doutores da favela têm multiplicado suas vozes já significando um grupo relevante no interior da sociologia da favela.

A última frase do livro é a repetição de uma ideia já exposta por Licia Valladares quando do lançamento da bibliografia analítica sobre as favelas (VALLADARES, MEDEIROS e CHINELLI, 2003). Diante da saturação do campo, das constantes inquietações geradas nos moradores e da reprodução quase que automática dos dogmas, a autora recomenda “que as favelas deixem de ser o campo sistematicamente utilizado para estudar as mais variadas questões ligadas à pobreza. Só assim deixaremos de confundir favela e pobreza”. (VALLADARES, 2005, p. 163)

3.8. Sobre a influência da Escola de Chicago

Estas duas obras descritas acima, ambas originalmte defendidas como teses, na Franca, antes de se tornarem referências da sociologia urbana brasileira,

demonstram claramente a agenda de pesquisa de toda a vida de Licia Valladares, onde a cidade e as favelas são tratadas numa perspectiva eminentemente empírica.

Como marcador principal desta agenda de pesquisa está a Escola de Chicago, presente desde os ensinamentos absorvidos por Licia Valladares quando de seus estudos junto a Ruth Glass, durante o doutorado. Incorporados desde então no modo socioantropológico de fazer pesquisa, presente já em “Passa-se uma casa”. (VALLADARES, 1978), referência apontada por ela própria como central. (BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018).

De inspiração teórico-metodológica através da qual tem conduzido seus trabalhos, a Escola de Chicago constituiu uma referência de suas abordagens teóricas e metodológicas em suas pesquisas empíricas e nas disciplinas ministradas nos cursos de pós-graduação.

Nos cursos oferecidos em seu período de docência no IUPERJ a principal preocupação de Licia Valladares era trazer discussões contemporâneas de metodologia das ciências sociais que giravam em torno, principalmente do que fora produzido pela Escola de Chicago.

Desde então o interesse pela circulação e recepção das ideias da Escola de Chicago tem sido exposto pela pesquisadora. Em publicações e nos cursos que ministrou, como por exemplo: “A Escola de Chicago: ontem e hoje”, e “A Escola de Chicago: diálogos com a França e com o Brasil”, oferecidos no IUPERJ, na década de 1990.

No programa do segundo curso oferecido, recuperado no artigo de Blasi Cunha, Valladares, *et al.* (2018), Licia Valladares deixa expressos os objetivos: “pensar: (a) a influência e a repercussão dessa escola no Brasil, (...) (b) a leitura que hoje fazem os franceses da Escola de Chicago, percebida através das inúmeras traduções e pelo interesse em métodos ligados à pesquisa de campo”. (BLASI CUNHA, VALLADARES, *et al.*, 2018, p. 294).

Interessava à docente não apenas apresentar a seus alunos as abordagens teórico-metodológicas da Escola de Chicago, mas também debater a respeito da recepção destas teorias nos dois ambientes acadêmicos por onde transita, Brasil e França. Podemos inferir que na mobilização desta preocupação sobre a recepção da Escola de Chicago nos dois países estivesse presente a lembrança das dificuldades de acesso que ela própria teve quando estudante, na década de 1960, aqui e lá.

O interesse de Licia Valladares pela recepção da escola teórica estadunidense no Brasil e na França gerou uma aproximação intelectual com Isaac Joseph, representante do lado francês no acordo Capes-Cofecub, que havia em 1979 sido o organizador, junto com Yves Grafmeyer da primeira coletânea de textos sobre a Escola em francês (GRAFMEYER e JOSEPH, 1979).

Conforme mencionado anteriormente, a Escola de Chicago foi tema de uma mesa organizada em 1999 pela pesquisadora o encontro 23º. encontro anual da Anpocs, a mesa redonda "A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França", com a participação de Isaac Joseph, Juarez Rubens Brandão Lopes, Gilberto Velho e Mário Eufrásio.

Como desdobramento deste debate Licia Valladares, com a colaboração de Roberto Kant de Lima realizou uma entrevista com Isaac Joseph, sobre a percepção do pesquisador a respeito da recepção da escola teórica na França, publicada numa edição da Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB de 2000. (JOSEPH, 2000).

Já em 2005 a pesquisadora segue identificando os impactos desta tradição sociológica no Brasil e na França, desta vez com a publicação do livro, "A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França", com depoimentos dos participantes do debate de 1999, um texto inédito no Brasil do sociólogo francês e sua entrevista republicada. (VALLADARES, 2005).

Cinco anos depois o interesse de Licia Valladares pela circulação das ideias e pela recepção da Escola de Chicago em solo brasileiro é disposto na análise da passagem de Robert E. Park pela Bahia no final dos anos de 1930. (VALLADARES, 2005).

No artigo Licia Valladares reconstrói as cenas vividas por Park em Salvador, durante a viagem feita pelo sociólogo ao Brasil, em 1937. Sua tese é de que a partir do final dos anos de 1930 a ciência social começou a descobrir a Bahia, tendo-a transformado em laboratório, desde então em laboratório social, e a visita de Park à cidade de Salvador teria contribuído nessa definição.

Muito recentemente, Licia Valladares retornou à obra de Robert E. Park, desta vez organizando e escrevendo a introdução de "A sociologia de Robert E. Park" (PARK, 2018), uma importante coletânea de textos daquele que é descrito por ela como alguém "que foi – e é – o "pai" da sociologia urbana, o principal responsável pela

chamada Escola de Chicago e sociólogo dos mais importantes no início do século XX". (VALLADARES, 2018b, p. 11).

Até então apenas um único artigo do sociólogo havia sido publicado no Brasil: "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano", traduzido por Sérgio Magalhães Santeiro na edição da coletânea "O fenômeno urbano", organizada e apresentada por Otávio Velho em 1967.

A seleção dos textos para a coletânea começara dez anos antes, quando em 2008 Licia Valladares passou um longo período em Chicago dedicada à análise da obra do autor no *Special Collections Research Center* (centro que abriga livros raros, arquivos e coleções de manuscritos) e na biblioteca da Universidade. (VALLADARES, 2018b).

Orientada por seu ethos de socióloga urbana Licia Valladares empenhou-se em selecionar textos eminentemente voltados para a sociologia urbana de Park⁷⁰. Preocupação que lega a oportunidade de se conhecer mais sobre uma parte da obra deste pesquisador, preenchendo uma carência há muito sofrida pelos pesquisadores brasileiros voltados aos estudos urbanos.

⁷⁰ Sabe-se o quanto a obra de Park é vasta, abrangendo estudos sobre questão racial, migração e movimentos sociais, Licia Valladares ressalta esta informação, mas reafirma o interesse especificamente pelos estudos urbanos em sua seleção de textos.

Considerações finais

Georg Simmel (1986) recomenda ao sociólogo que atente seu olhar para a investigação sobre como as influências do processo de interação entre os indivíduos geram a coesão da vida social. A partir deste movimento, entende ele, será possível àqueles que estudam o social, perceberem a importância do fluxo contínuo que as inúmeras interações ativam no interior das formações, criando a sociedade tal qual conhecemos.

A ênfase de Simmel no processo de interação entre os indivíduos é um dos componentes que dão à sociologia deste autor a característica de ser uma sociologia processual relacional. Como não lhe cabem as dualidades sujeito – objeto, agência – estrutura, o social, para Simmel tem sua forma na imagem do relacional. Não é, nem a priori uma emanção de um sujeito, nem resultado de um sistema abstrato. WAIZBORT (2001).

As experiências decorrentes da interação entre os sujeitos organizam o jogo ideal de socialização. A vivência lúdica da sociabilidade é sua essência e, para Simmel, é através dela que os sujeitos podem se envolver no jogo societal, gerando a singularidade da vida social. Ou seja, a sociedade é substancialmente um conjunto cíclico de interação recíproca entre os indivíduos. Onde quer que se estabeleça uma interação entre os indivíduos, para Simmel, ali estará a sociedade.

Essa interação entre os indivíduos sempre ocorre segundo interesses determinados, com base em impulsos articulados em fluxo constante como estando no interior de um círculo, onde não há posições altas, nem baixas, mas um movimento infinito através do qual a vida social se organiza e se reorganiza. (SIMMEL, 2013).

Os processos passam a existir e deixam de existir, onde alguma coisa só “é” em relação a outra coisa que também só existe em outra teia de relação ilimitada, no que o autor identifica como a natureza sincrônica da sociedade ou a “infinitude da atividade relacional dos indivíduos” – os círculos sociais. (SIMMEL, 1986, 2004).

Nesta tese busquei analisar os círculos sociais e configurações acionadas por sujeitos envolvidos nos primeiros movimentos de pesquisa, no interior das ciências sociais, em torno do tema das favelas cariocas. Descrevi personagens e redes às quais estiveram ligados os primeiros pesquisadores do assunto.

Especificamente dei atenção ao percurso de vida e profissional de Licia do Prado Valladares, reconhecida por seus pares como uma das pessoas com mais conhecimento sobre o assunto, responsável no Rio de Janeiro, durante os mais de 20

anos em que coordenou o *Urbadata-Brasil*, pela sistematização bibliográfica e difusão da produção sobre a questão urbana brasileira.

Ao examinar personagens e suas trajetórias nos capítulos dois e três percebemos que Licia e todos os pesquisadores aqui reconhecidos como membros da primeira geração de pesquisadores da sociologia da favela têm em comum o fato de pertencerem a classe média brasileira do século XX, detentora de características econômicas e intelectuais muito específicas que lhes possibilitou o acesso direto às universidades.

O retorno às primeiras incursões destes personagens demonstrou o quanto estavam todos dentro de uma mesma rede social com diversas ramificações. Prestar atenção nas dinâmicas vivenciadas nesta época permitiu compreender a área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro numa perspectiva relacional, onde o questionamento dos dogmas acionados contra estas localidades era um dos elos de ligação entre os primeiros pesquisadores.

Para iniciar esta narrativa precisava, antes de tudo, compreender o que levou o local de moradia de parte das classes populares da cidade do Rio de Janeiro ser percebido pelas elites locais (de modo preconceituoso), transformado em problema urbano e, posteriormente, ser constituído como objeto de estudos e pesquisas das ciências sociais.

Na transformação da palavra favela em nome próprio do local de moradia de uma parcela dos pobres da cidade do Rio de Janeiro há o trânsito de histórias de vida, saberes, produção de realidades e simbolismos que organizam as sociabilidades locais. A favela nomeada aqui, neste texto, no singular, na maioria das vezes, é na verdade “as favelas”, não corresponde apenas a um único objeto empírico da história urbana do Rio de Janeiro, mas como já foi dito por Mello (2013), as favelas correspondem a “uma categoria do espírito urbano carioca”.

Pensado assim, no primeiro capítulo, recorri brevemente à história sobre como favelas se desenvolveram e espalharam por todo o Rio de Janeiro, principalmente a partir dos anos de 1930 do século passado. Recuperei autores e cenas que nos demonstraram ter sido nesta época também que a imprensa carioca passou associar o nome “favela” à territórios violentos, desajustados, local de crimes, onde o poder público só se fazia presente na figura da força policial.

Ao recuperar uma parte da história do pensamento social-urbanístico sobre as favelas, foi possível entender a evolução destas ocupações como tema debatido pelas

elites em sua íntima relação com as mudanças no cenário político e urbano da cidade do Rio de Janeiro.

Esta relação teve muita influência no acionamento de dogmas que se fizeram presentes nos primeiros estudos, não propriamente acadêmicos, os quais continuam, até hoje em dia, sendo questionados ou repetidos de alguma maneira quando, seja o pensamento sociológico, ou mesmo o senso comum fazem referência às favelas.

As favelas do Rio de Janeiro seguem as primeiras décadas do século XX sendo alvo de discursos e ações respaldados no pensamento social-urbanístico da época. Tratadas como problema da cidade, a solução imediata sempre proposta por membros da elite política era sua eliminação.

De problema da cidade as favelas se tornam tema de pesquisa para as ciências sociais a partir do início da segunda metade do século XX, após a realização e publicação da pesquisa Aspectos Humanos da Favela Carioca, conduzida pelos sociólogos José Arthur Rios e Carlos Alberto de Medina no âmbito do escritório de planejamento urbano SAGMACS, criado pelo padre pesquisador Louis-Joseph Lebet.

O estudo da SAGMACS, dado seu caráter eminentemente sociológico, é identificado como o ponto de partida da área de estudos e pesquisas organizada em torno das favelas do Rio de Janeiro (MELLO, MACHADO DA SILVA, *et al.*, 2012); (VALLADARES, 2012), por isto foi o marco que defini para recuperar os círculos sociais e os personagens envolvidos nesta rede, responsáveis pela consolidação da área de estudos.

Em grande medida esquecidos pelos novos pesquisadores que se agregam aos estudos sobre as favelas cariocas, estes personagens e suas obras foram responsáveis por uma ruptura epistemológica no que diz respeito ao emprego de teoria e método científicos para pensar o fenômeno das favelas. Ademais, envolveram-se diretamente no questionamento dos dogmas acionados contra as localidades.

Orientado pelo conceito de figuração de Norbert Elias, busquei analisar a área de estudos sobre as favelas cariocas como produto de uma sociologia elaborada de modo relacional, co-determinada pela transmissão de conhecimento entre os muitos sujeitos que dela participam.

Através da recuperação da história dos percursos individuais e dos círculos sociais vivenciados por estes pesquisadores, feita no segundo capítulo, foi possível identificar os fios da trama de instituições que envolve a área de estudos e pesquisas

sobre as favelas do Rio: a SAGMACS, a PUC/RJ, o Claps, sua revista América Latina; o Bemdoc, a CODESCO, o grupo Quadra, as reuniões na casa de Anthony Leeds, o grupo *Peace Corps*, o mestrado em Antropologia do Museu Nacional.

Nestes círculos sociais, dentre outros tantos, onde transitavam, graças à intensa interlocução vivenciada, foi-se moldando uma rotina de trabalho intelectual e científico, por meio da qual comungavam com o interesse de desmistificar as ideias pré-concebidas, estimuladoras do preconceito do senso comum contra os territórios favelados.

A análise dos personagens e tramas dos primeiros anos dos estudos sobre favelas aproximou-me mais uma vez da visão geral de Simmel sobre a sociedade. Olhar para estes círculos sociais demonstrou o quanto de um lado a sociedade é a conjunção de indivíduos em interação, e de outro é também o somatório das suas ações, as mais corriqueiras, as quais estabelecem a unidade social. (SIMMEL, 1986).

Assim como a sociedade, e suas instâncias sociais não acontecem por sobre os indivíduos, como alguns pensam, mas entre os indivíduos, a partir das suas interações que ciclicamente os ligam uns aos outros, a área de estudos e pesquisas sobre as favelas do Rio de Janeiro surgiu e desenvolveu-se entre o percurso de vida e profissional dos pesquisadores. (SIMMEL, 2004).

Conforme foram se desenrolando as trocas relacionais dentro dos círculos sociais os sujeitos foram sendo formados e aderindo aos interesses de pesquisa sobre as favelas. Neste movimento de transmissão de conhecimento estava inserida Licia do Prado Valladares, sua vida profissional se entrelaça com a área de estudos e pesquisas.

Percebida como personagem relevante no movimento de configuração da área de estudos sobre as favelas Licia Valladares teve seus percursos de vida e profissional descritos no terceiro capítulo. Foi possível ver como a pesquisadora e seus estudos são exemplares do exercício de questionamento dos estigmas elaborados contra os territórios de favelas.

Os círculos sociais vivenciados por Licia Valladares são importantes porque retratam o percurso de uma intelectual que viveu intensamente o florescimento da área de pesquisas urbanas no Rio de Janeiro, ainda como estudante e se engajou ativamente na sua consolidação, sistematização e divulgação.

O ambiente familiar, primeiro círculo social por ela vivenciado, possibilitou, ainda na adolescência, desenvolver o interesse pela questão urbana. Com seu pai e

com o geógrafo Milton Santos tem as primeiras experiências de trabalho de campo ao acompanhá-los em incursões de pesquisa.

Já como aluna da PUC/RJ Licia Valladares vivenciou o início da área de estudos e pesquisas sobre as favelas no Rio de Janeiro. Junto com as aulas da graduação, obteve, nos encontros intelectuais vividos no Clapcs e com Carlos Alberto de Medina no mesmo Centro de Pesquisa e no Ceris, a primeira formação em pesquisa, colocada em prática antes mesmo de se formar na universidade.

Na primeira pesquisa empiricamente orientada realizada na Rocinha, a pesquisadora começou a desenvolver o ofício de socióloga, absorveu lições que carrega para a vida toda, as quais vêm mobilizando sua maneira de investigar as diversas temáticas da questão urbana.

Graças ao intenso trabalho de sistematização da bibliografia produzida sobre a habitação e das pesquisas urbanas no Brasil, a pesquisadora tem sido a principal responsável por difundir a sociologia da favela realizada no Rio de Janeiro.

Ao longo de mais de 50 anos de trabalho Licia Valladares solidificou uma agenda de pesquisas dedicada à produção de conhecimento sobre pobreza, habitação e favelas do Rio de Janeiro. Com sua agenda de estudos e pesquisas demonstra como os problemas relacionados às formas de moradia das classes populares urbanas da cidade foram sendo construídos, antes e depois de as ciências sociais se dedicarem a eles, como objetos propriamente ditos.

A junção da dedicação de Licia à pesquisa empírica, com o grande conhecimento adquirido sobre o urbano no Brasil possibilita até hoje, aos numerosos alunos e interlocutores que com ela travam contato, acesso a ensinamentos privilegiados os quais vêm, desde então, moldando o pensamento de todo uma área de estudos no Rio de Janeiro e no país.

Ao tematizar as favelas como objeto de estudos pelas ciências sociais, Licia Valladares propõe uma problematização teórica e metodológica sobre as favelas e o papel dos cientistas sociais em relação a este objeto de estudo.

Seu percurso apresentado aqui pode ser visto como um arquétipo da compreensão de Simmel (2013), sobre a vida em sociedade ser o ambiente de agregação dos círculos sociais formados pelos indivíduos, só existente em virtude da circulação desses mesmos indivíduos nos mais diversos círculos sociais que formam e fazem parte.

Referências

ABREU, M. D. A. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. Espaço & Debates, São Paulo, v. 14, n. 37, p. 34-46, 1994.

ABREU, M. D. A. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

AGACHE, D. A. Cidade do Rio de Janeiro Remodelação - Extensão e Embelezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em: <<http://planourbano.rio.rj.gov.br/DocReadernet/docreader.aspx?bib=PlanoUrbano&p esq=>>>.

AMADO, J. Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor. 2a. reimpressão. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMMANN, S. B. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. 12a. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ANGELO, M. R. D. Louis-Joseph Lebreton e a SAGMACS: A formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil. São Paulo : Alameda, 2013.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 13ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BALTAR, A. B. Introdução. In: LEBRET, L. J. Estudo sobre desenvolvimento e implantação de indústrias, interessando a Pernambuco e ao Nordeste. Recife: Revista do CONDEPE, 1954.

BARBOSA, J. L.; SOUZA E SILVA, J. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 115-126, fev 2013.

BARCELLOS, F. A. V. F. As populações das "favelas". Monografia (Bacharelado em Filosofia). Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1945.

BARCELLOS, F. A. V. F. As favelas: um estudo sociológico. Niterói: Livraria Universitária, 1951.

BECKER, H. Conferência: A Escola de Chicago. Mana, Rio de Janeiro, p. 177-188, Out 1996.

BLASI CUNHA, J. et al. Encontros com Licia do Prado Valladares: biografia, trajetória acadêmica e reflexões metodológicas sobre o seu trabalho de campo na Rocinha em 1967-1968. Antropolítica, Niterói, n. 44, p. 282-313, 1. sem 2018.

BOSCHI, R. Marginalidade Urbana, Educação e Aspiração: um a contribuição à teoria de comportamento político. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado) IUPERJ, 1971.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. D. M. Usos e abusos da história oral. 8ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BURGOS, M. B. Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, A. E. A. M. (). Um Século de Favela. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BURGOS, M. B. Favela e luta pela cidade: esboço de um argumento. In: SILVA, J. S. E. (). O que é a favela, afinal? Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009. p. 52-53.

CAMPOS, A. Do quilombo à favela. A produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. [S.l.]: Bertrand Brasil, 2010.

CERAVOLO, S. M. Uma análise sobre museus na década de 1940: o estudo de José Antonio do Prado Valladares. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 769-773, abr-jun 2012.

CHINELLI, F. UrbanData Brasil: pioneirismo na documentação sobre as favelas cariocas. A memória das favelas - Comunicações do Iser n.59, Rio de Janeiro, p. 44, 2004.

COSTALLAT, B. Mistérios do Rio. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. (Biblioteca Carioca, V.14), 1990.

CRAVO, M. José Antonio do Prado Valadares. Lembrança do crítico e museólogo. In: OMAR, G. O desafio da escultura. Salvador: [s.n.], 2001. p. 121-123.

DIEGUES JÚNIOR, M. Apresentação. Revista América Latina, Rio de Janeiro, p. 3-6, jul./set 1969.

DONAHUE, K. C. Anthony Leeds: Beyond Brazil. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 807-830, Set./Dez. 2018.

ELIAS, N. O Processo Civilizador, volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993.

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. O Processo Civilizado, volume 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1994.

ELIAS, N. Teoria Simbólica. Oeiras: Celta Editora, 1994.

ELIAS, N. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: _____ Escritos e ensaios 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. p. 167-196.

ELIAS, N. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. Os Estabelecidos e os Outsiders. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERRUA, P. A fundação da liga dos direitos. *Verve*, São Paulo, n. 21, p. 172-183, 2012.

FREIRE, A.; OLIVEIRA, L. L. Capítulos da memória do urbanismo carioca. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FREIRE-MEDEIROS, B.; MAGALHÃES, A. O urbano paulista em foco: Sete décadas de reflexões produzidas no contexto da pós-graduação do Estado de São Paulo. 19º Congresso Brasileiro de Sociologia - Grupo de Trabalho Cidades no Século XXI, Florianópolis, p. 1-19, 9 a 12 jul 2019.

GLASS, R. Introduction. In: GLASS, R. London: Aspects of Change. London: MacGibbon & Kee, 1964.

GOMES, M. As Lutas do Povo do Borel. Rio de Janeiro: Muro, 1980.

GONÇALVES, R. S. FAVELAS do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2013.

GRAFMEYER, ; JOSEPH, I. L'École de Chicago, naissance de l'écologie urbaine - Textes rassemblés et présentés par Y. Grafmeyer et Isaac Joseph. Paris: Editions du Champ urbain, 1979.

GRISENDI, E. El Centro de la periferia: Internacionalización de las Ciencias Sociales y redes académicas latinoamericanas. Manuel Diegues Junior y los avatares de la sociología del desarrollo. *Crítica e Sociedade*, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 148-167, dez 2014.

GUIMARÃES, A. P. As favelas do Distrito Federal no censo demográfico de 1950. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, p. 54. 1953.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação sócio-histórica. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IGNÁCIO, J. D. A. "Doutores", mas "não-cidadãos"? Trajetórias de vida de egressos do ensino superior, moradores da favela do Jacarezinho. Rio de Janeiro de 2000 a 2009. Rio de Janeiro: Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2011.

ISABELLE, A.; JEAN-FRANÇOIS, L. La notion de communauté dans les enquêtes sociales sur l'habitat en France. *Genèses*, Paris, p. 81-106, sept 1991.

JOSEPH, I. A Escola de Chicago: Entrevista com Isaac Joseph - concedida a Lúcia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, Rio de Janeiro, n. 49, p. 3-13, 1º semestre 2000.

KNAUSS, P.; BRUM, M. S. Encontro marcado: a favela como objeto da pesquisa histórica. In: MELO, M. A. D. S. Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 121-140.

LEEDS, A. Poder local em relação com instituições de poder supralocal. In: LEEDS, A.; LEEDS, E. A sociologia do Brasil Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 26-54.

LEEDS, A.; LEEDS, E. A Sociologia do Brasil Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEEDS, E. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 233-276.

LEME, M. C. D. S. The Economie et Humanisme Movement: the politicization of urban planning in Brazil after the Second World War. 14th International Planning History Society Conference, Istanbul, p. 1-10, jul 2010. Disponível em: <<http://www.iphs2010.com/abs/ID117.pdf>>. Acesso em: 16 jan 2019.

LENNON, J.; MCCARTNEY, . Blackbird. Londres: Abbey Road Studios, 1968.

LESSA, C. O Rio de Janeiro de todos os Brasis [Uma reflexão em busca de auto-estima]. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

LIMA, N. T. Campo e cidade: veredas do Brasil moderno. In: BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 68-79.

LIMA, N. T.; MAIO, M. C. Ciências sociais e educação sanitária: a perspectiva da Seção de Pesquisa Social do Serviço Especial de Saúde Pública na década de 1950. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 511-526, abr/jun 2010.

LIMA, N. T.; VIANA, R. D. A. Anthony Leeds: Antropologia das Interações ecológicas e estudos urbanos. Entrevistas com Elizabeth Leeds e Luiz Antonio Machado da Silva. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, p. 735-768, set./dez 2018a.

LIMA, N. T.; VIANA, R. D. A. Entre latifúndios e favelas: o Brail urbano no pensament de Anthony Leeds. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, p. 771-805, set./dez 2018b.

LIMA, R. K. D. Convênio CAPES/COFECUB (PROJETO 240/98-I) - Janeiro de 1998 a fevereiro de 2002. Antropolítica, Niterói, p. 161–194, 1 sem 2003.

LIMA, R. K. D. Isaac Joseph: diário de bordo, percursos, experiências urbanas e impressões de pesquisa. In: CEFAÏ, D., et al. Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EDUFF, 2011a. p. 479-515.

LIMA, R. K. D. Choques e fusões simétricas e Criativas: a internacionalização da antropologia no quadro de um acordo Capes-CofeCub (PPGA/UFF/Sociologia/NANTERRE). Antropolítica, Niterói, p. 199-207, 1 sem 2011b.

LOPES, T. D. C. Em busca da sociedade civil: Reforma agrária, organização de comunidades e democracia nas sociologias de T. Lynn Smith e José Arthur Rios (1940-1950). 10o. Encontro da Associação de Ciência Política Brasileira - Ciência Política e a Política: Memória e Futuro, Belo Horizonte, 2016.

MAIO, M. C. O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil nos anos 40 e 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, out 1999.

MAIO, M. C.; LIMA, N. T. D. Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança? Cientistas sociais, educação sanitária rural e resistências culturais (1940-1960). Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 2, p. 529-561, maio/ago 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/08.pdf>>.

MARINS, P. C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópolis brasileiras. In: SEVCENKO (ORG.), N. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998. p. 131-214.

MARX, K. O Capital, livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 1975.

MATTOS, R. C. Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na primeira República. Niterói: Tese (Doutorado) - PPGH/UFF, 2008.

MATTOS, R. C. As "classes perigosas" habitam as favelas: um passeio pela crônica policial no período das reformas urbanas. Desigualdade & Diversidade - Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, p. 149-170, jul-dez 2009.

MELLO, M. A. [prelha do livro]. In: GONÇALVES, R. S. Favelas do Rio de Janeiro: história e direito. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2013.

MELLO, M. A. D. S. et al. Favelas cariocas ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. M. Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

NEDER, G. Cidade, Identidade e Exclusão Social. Tempo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 106-134, 1997.

NUNES, G. Rio, Metrópole de 300 Favelas. Petrópolis: Vozes, 1976.

OLIVEIRA, F. L. D. UPPs, direitos e Justiça: um estudo de caso das favelas do Vidigal e do Cantagalo. Rio de Janeiro: FGV, 2012. 200 p. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10362>>.

PARISSE, L. Bibliografia Cronológica sobre a Favela do Rio de Janeiro, a partir de 1940. América Latina, Rio de Janeiro, n. 3, p. 221-232, jul-set 1969a.

PARISSE, L. Favelas do Rio de Janeiro: Evolução, sentido. Cadernos do CENPHA, Rio de Janeiro, n. 5, 1969b.

PARISSE, L. Favelas de L'agglomération do Rio de Janeiro, leur place dans le processus d'urbanisation. Strasbourg: Tese (Doutorado) III Ciclo, Centre- de Geographie Appliquée, 1970.

PARK, R. E. A sociologia de Robert E. Park. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

PELLETIER, D. Économie et humanisme: De l'utopie communautaire au combat pour le tiers-monde (1941-1966). Paris: Éditions du Cerf, 1996.

PERES, F. D. R. Prefácio. In: VALLADARES, J. A. D. P. Bêabá da Bahia: guia turístico. Salvador: EDUFBA, 2012 (1951). p. 15-17.

PERLMAN, J. O Mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1970.

RIBEIRO, L. S. Processo e Figuração: Um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias. Campinas: Tese de Doutorado - Unicamp, 2010.

RIOS, J. A. Aspectos Humanos das Favelas Cariocas - 50 anos: uma avaliação. In: MELLO, M. A. D. S.; ET ALL Favelas cariocas ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 35-50.

RIOS, J. A. Seminário "O Rio que se queria negar". Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B_nu81_Ur5w>. Acesso em: 22 maio 2019.

RODRIGUES, R. I. Aspectos Fundiários da Política Governamental para as Favelas do Rio de Janeiro nas Décadas 1940 E 1950. Anais Encontros Nacionais ANPUR, Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4593/4462>. Acessado em 27 de maio de 2014 às 16h41min, v. 15, 2103.

SAGMACS, S. D. A. G. E. M. A. A. C. S. Aspectos humanos da favela carioca. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1960.

SANT'ANNA, M. J. G.; LIMA JÚNIOR, C. A. F. Quem faz a pesquisa urbana no Brasil? catálogo de pesquisadores. Rio de Janeiro: URBANDATA-BRASIL (UCAM), 2001.

SANTOS, B. D. S. The law of the oppressed: the construction and reproduction of legality in Pasargada. Law and Society Review, v. 2, n. 1, 1977.

SANTOS, C. N. F. D. Volviendo a pensar en 'favelas' a causa de las periferias". Nueva Sociedad, n. 30, p. 22-38, mai-jun 1977.

SANTOS, C. N. F. D. Estarão as pranchetas mudando de rumo?. Chão, n. 1, p. 22-31, 1978.

SANTOS, C. N. F. D. Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SANTOS, C. N. F. D. Sementes Urbanas 1. Niterói: Eduff e Casa 8, 2017a.

SANTOS, C. N. F. D. Sementes Urbanas 2. Niterói: Eduff e Casa 8, 2017b.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, L. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SILVA, L. A. M. D. A política na favela. In: SILVA, L. A. M. D. Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas. Rio de Janeiro: Mórula, 1967; 2011; 2016. p. 33-47.

SILVA, L. A. M. D. A continuidade do “problema favela”. In: OLIVEIRA, L. L. Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, L. A. M. D. Entrevista com Luiz Antonio Machado da Silva - realizada por Juliana Athayde e Marcella Carvalho. Habitus - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 142-147, nov 2010.

SILVA, L. A. M. D. Uma vida e uma obra dedicadas à favela e às ciências sociais: Entrevista comemorativa de 70 anos de Luiz Antônio Machado da Silva - Condedida a Michel Misse, Alexandre Werneck, Alba Zaluar, Márcia Pereira Leite, Neiva Vieira e Gabriel Feltran. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 663-698, out/nov/dez 2011.

SILVA, L. A. M. D. A partir do relatório SAGMACS: as favelas, ontem, e hoje. In: MELLO, M. A. D. S.; ALL, E. Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 51-63.

SILVA, L. A. M. D. Anthony Leeds, visto por um filhote ligeiramente rebelde. In: LEEDS, A.; LEEDS, E.; LIMA, N. T. (. A Sociologia do Brasil Urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. p. 17-38.

SILVA, L. A. M. D. Fazendo a cidade - trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

SILVA, L. A. M. D. O mundo popular: trabalho e condições de vida. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

SILVA, M. L. P. O arquiteto que virou antropólogo: Carlos Nelson Ferreira dos Santos - Depoimento de Maria Laís Pereira da Silva. In: FREIRE, A.; OLIVEIRA, L. L. Capítulos da memória do urbanismo carioca: depoimentos ao CPDOC / FGV. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002. p. 106-117.

SILVA, M. L. P. D. Favelas cariocas: 1930-1964. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SILVA, T. E. M. Trajetórias da Sociologia Brasileira: considerações históricas. Cronos, Natal-RN, p. 429-449, jul-dez 2007.

SIMMEL, G. Georg Simmel: Sociologia / Organizador: Evaristo de Moraes Filho. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli e et al. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, G. Sociologia, 1 Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

SIMMEL, G. The Philosophy of Money. Londres: Routledge, 2004.

SIMMEL, G. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, Out 2005.

SIMMEL, G. O cruzamento de círculos sociais. In: CRUZ, M. B. Teorias sociológicas: os fundadores e os clássicos. 7a. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 573-578.

SMITH, R. C. Obituário de José Antonio do Prado Valladares ((1917-195). The Hispanic American Historical Review, Durham, v. 40, n. 3, p. 435-438, ago 1960. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2509959>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SOUZA E SILVA, J. Porque uns e não outros? Caminhada de estudantes da Maré para a universidade. Rio de Janeiro: Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 1999.

TABAK, F. Instituto de Direito Público e Ciência Política para a formação de pesquisadores em ciências sociais em conjunto com o Instituto Universitário de Pesquisas, a Pontifícia Universidade Católica e o Centro Latino-Americano de Ciências Sociais. Revista Ciência Política, Rio de Janeiro, p. 157-168, out/dez 1971.

TSEKERIS, C. Norbert Elias on Relations: Insights and Perspectives. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, Conceptualizing Relational Sociology: Ontological and Theoretical Issues. New York: Palgrave Macmillan , 2013. p. 87-104.

VALLA, V. Educação e Favela. Petrópolis: Vozes, 1986.

VALLA, V. V. Ideologia, Educação e as Favelas do Rio de Janeiro, 1886-1945. Comunicação apresentada no X Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, Niterói, jul 1979.

VALLADARES, L. A Gênese da Favela Carioca. A Produção Anterior às Ciências Sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 15, n. 44, out. 2000.

VALLADARES, L. Anthony Leeds: o esquecimento e a memória. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1027–1058, set./dez 2018.

VALLADARES, L. D. P. Una favela por dentro. Mundo Nuevo, Paris, p. 19-27, nov 1968.

VALLADARES, L. D. P. Favela, Política e Conjunto Residencial. Dados , Rio de Janeiro, n. 12, p. 74-85, 1976.

VALLADARES, L. D. P. Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1978.

VALLADARES, L. D. P. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, R. Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço político no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo e IUPERJ, 1991. p. 81-112.

VALLADARES, L. D. P. Que favelas são essas? Insight, Rio de Janeiro, p. 64-68, ago/set/out 1999.

VALLADARES, L. D. P. A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França. Belo Horizonte: Editora da UFMG/IUPERJ, 2005.

VALLADARES, L. D. P. A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VALLADARES, L. D. P. Entrevista a Américo Freire e Lúcia Lippi. In: FREIRE, A. O. G.; LIPPI, Novas memórias do urbanismo carioca. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 156-187.

VALLADARES, L. D. P. A visita do Robert Park ao Brasil, o "Homem Marginal" e a Bahia como laboratório. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 35-49, jan/abr 2010.

VALLADARES, L. D. P. A descoberta do trabalho de campo em "Aspectos humanos da favela carioca". In: MELO, M. A. D. S. Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 65-99.

VALLADARES, L. D. P. Lícia do Prado Valladares (depoimento, 2013). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2013. 37 p. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas_sociais/licia_valladares/Transcricao_LiciaValladares.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

VALLADARES, L. D. P. Conferência proferida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016.

VALLADARES, L. D. P. Entrevista concedida a Gustavo Santana em, 05 de maio 2018b.

VALLADARES, L. D. P.; FIGUEIREDO, A. Habitação no Brasil: Introdução á literatura recente. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB, Rio de Janeiro, n. 11, p. 11-49, 1o. semestre 1981.

VALLADARES, L. D. P.; MEDEIROS, L.; CHINELLI,. Pensando as Favellas do Rio e Janeiro: 1906-2000 - uma bibliografia analítica. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ/URBANDATA, 2003.

VAZ, L. F. Contribuição ao estudo da produção e transformação do espaço da habitação popular: as habitações coletivas do Rio antigo. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.

VAZ, L. F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos - a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social*, Lisboa, v. XXIX, n. 127, p. 581-597, 1994.

VELHO, G. Apresentação. In: VALLADARES, L. D. P. *A Invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 11-12.

VELHO, G. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *MANA*, Rio de Janeiro, p. 161-185, 2011.

VELHO, O. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, O. G. C. A. Otávio Velho: trajetória e percurso acadêmico - Entrevista concedida a Carlos Steil, Sérgio Teixeira, Bernardo Lewgoy e Cornelia Eckert. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, p. 481-506, jul/dez 2010.

VENTURA, Z. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIANA, R. D. A. *Antropologia, desenvolvimento e favelas: a atuação de Anthony Leeds na década de 1960*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

YAZBEK, M. C. O significado sócio-histórico da profissão. In: *CFESS/ABEPSS Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS/Abepss, 2009.

APÊNDICE A - Entrevista com Licia Valladares

Numa terça-feira de maio de 2018 Licia do Prado Valladares me recebeu em seu apartamento em Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro. Com a entrada principal interditada por conta de obras no prédio Licia me esperava na porta da cozinha assim que sai do elevador, já no interior me ofereceu suco e torta de limão, me orientou onde estavam a louça e os talheres e a abrir a geladeira e escolher o tamanho do pedaço que desejasse da torta. Peguei meu pedaço de torta de limão e fui conduzido por ela até uma sala onde as paredes estão tomadas por sua biblioteca, sentamos no sofá, Licia me perguntou se a torta estava gostosa e assim iniciamos o encontro que, em algum momento antes de chegar ali, imaginei que seria uma entrevista formal e burocrática para esta tese, mas seguiu como uma agradável conversa sobre momentos que entrelaçam sua vida pessoal e sua carreira na sociologia urbana carioca e nos estudos sobre as favelas do Rio de Janeiro.

Na verdade, foi uma conversa itinerante pelas estantes de livros, pois a cada assunto abordado ao responder minhas perguntas Licia se remetia a um livro ou capítulo que me indicava a leitura, levantávamos e, caminhando entre a conversa íamos até onde estava tal livro, ela pegava e abria exatamente no texto recomendado.

Qualquer transcrição desta conversa não conseguiria representar a riqueza do momento. O texto que segue não conseguirá representar todo o respeito e atenção a mim dedicados por Licia Valladares durante as horas em que estivemos juntos, mas ajuda a conhecer mais um pouco desta importante pesquisadora.

Vejamos como foi este encontro com a professora:

Gustavo Santana – Boa tarde, professora Licia minha ideia aqui é fazer um percurso no qual possamos falar sobre a sua carreira sobre e sobre sua contribuição no campo de formulação dessa disciplina da sociologia urbana. E, pensando nesse entrelaçamento de vida e carreira que é muito próprio da vida de um sociólogo queria pedir primeiro que a Sr.^a falasse um pouco sobre a sua origem...

Licia Valladares – Eu tenho um pai que é museólogo, que estudou com Gilberto Freyre, ele foi aluno de Gilberto Freyre. E uma mãe que era antropóloga americana que meu pai conheceu nos Estados Unidos, quando ele foi para os Estados Unidos pesquisar museus americanos. Ele escreveu um livro chamado Museus para o povo e que eu vou te dar uma cópia também...

Então, eu fui muito influenciada pelo meu pai – eu digo isso na entrevista que a Lucia Lippi fez comigo – eu fui muito influenciada por ele porque ele me levava para tirar fotografias. Ele tirava fotografias de prédios antigos da Bahia que iam ser destruídos. Eu posso te dar um livrinho antigo dele: Homenagem a Bahia Antiga.

[Nesse momento ela vai até as estantes para procurar os dois livros citados, gesto que se repetiu durante toda a entrevista quando se lembrava de alguma referência que julgava importante para me indicar a leitura]

Continua:

(...) Então eu devo isso ao meu pai e a Milton Santos que foi um geógrafo famoso que me levava nas excursões que ele fazia com os geógrafos baianos.

GS – E nesse tempo a Sr.^a também tinha contato com outras figuras importantes que estavam na Bahia?

LV- Tinha. Mario Cravo, Carybé, Djanira que foi na Bahia ...

GS- Todos eles eram amigos do seu pai?

L- Eram amigos de meu pai. Mario Cravo e Carybé. E Jorge Amado era muito amigo do meu pai também

G- Então neste momento a Sr.^a começa a olhar cidade? Seria, talvez o primeiro momento de olhar pela cidade?

L- O meu interesse pela cidade foi marcado aí e aí Milton Santos também marcou o interesse pela cidade

G- Com as visitas que a Sr.^a fazia com ele nos trabalhos de campo?

L- É.

G- Mas a Sr.^a chegou a participar de algum estudo neste período ou só acompanhava mesmo?

L- Eu só acompanhava ele e as geógrafas com quem ele trabalhava

G- E essas experiências foram fatores que influenciaram sua escolha pelo curso de Sociologia e Política aqui na PUC?

L- Foi sem dúvida um dos fatores que influenciou. Porque eu estava entre fazer Ciências Sociais e aquele curso que se faz no Itamarati, como é que se chama?

GS – Rio Branco.

LV – Rio Branco. Então eu queria conhecer os problemas do país para melhorar a situação do país e eu vivia em 64 na Bahia e eu vim em 64 pro Rio de Janeiro pra estudar.

GS – Antes de 1964 e de começar seu curso na PUC a Sr.^a participou do Encontro dos Estudantes do Mundo Subdesenvolvido, em 1963 em Salvador.

LV – É...

GS – Essas questões de querer conhecer o Brasil e contribuir já estavam presentes?

LV – Já estavam presentes... Esse encontro é narrado por Pietro Ferrua...

Eu fiz o vestibular do IFCS e da PUC e escolhi a PUC porque a PUC me parecia mais aberta do que o IFCS. Eu passei nos dois vestibulares e eu escolhi a PUC porque tinha lá o padre Hosanan e o padre Ávila que eram pessoas que estavam mais abertas e a PUC era uma universidade que tinha sofrido menos com a repressão.

G- A Sr.^a diz mais aberta do ponto de vista político e no teor das disciplinas também?

L- Nas disciplinas tinham o Candido Mendes que era mais ou menos aberto. O padre Hosanan que era bem de esquerda também.

E dali eu pensava um pouco sobre como a PUC era um pouco isolada porque a gente estava pensando nos problemas da América Latina e mais com a literatura de São Paulo do que com a do Rio de Janeiro, e aí o meu interesse sobre favela se demonstrou porque eu as via das minhas idas e vindas. Eu morava no bairro de Fátima. Eu vi as transformações do plasmado. A remoção do Pasmado.

G- É inclusive ainda durante a sua graduação que a senhora tem a sua primeira experiência de trabalho em sociologia?

L- É. Como socióloga porque eu trabalhei primeiro no Centro Latino Americano e depois com o Carlos Alberto de Medina no Ceris.

GS – É o momento em que a Sr.^a conhece o Carlos Alberto...

LV – O Carlos Alberto de Medina que eu falei dele na minha experiência da Rocinha.

G- Sim. Essa foi sua primeira experiência de trabalho de campo na Rocinha. Mas além da Rocinha, a Sr.^a a senhora também já relatou uma outra primeira experiência de tentativa de trabalho de campo na favela da Catacumba. Dessas experiências iniciais qual foi as lições que a Sr.^a tirou de como entrar no campo, de como se aproximar dos informantes? A Sr.^a agora olhando com distanciamento vê as lições que pode ter tirado desse início de carreira?

LV – Vejo. Eu escrevi um artigo sobre os dez mandamentos da observação participante. É a resenha do *Street Corner Society*. E ali eu digo: diz-me com quem

anda eu te direi quem és. Eu tive essa experiência. Diz-me com quem andas e eu te direi quem és. Eu aprendi a não entrar na casa dos moradores antes de eles me convidarem. Eu acho que isso é uma coisa que se faz, que as pessoas fazem e não se tocam como isso é errado. Acabam ultrapassado o espaço do morador.

GS – Nessas suas experiências a Sr.^a considera que seu lugar de classe pode ter interferido ou influenciado na sua aproximação com as pessoas?

L- Não. Eu via o meu lugar de classe social na Rocinha, sim porque eles queriam visitar a minha mãe e diziam assim pra mim: “por que você não traz a sua mãe aqui?”. Então aí que eu levei a minha mãe lá, porque eles queriam saber quem era a minha mãe. Eles achavam estranho porque é que uma mãe deixava a filha morar num ambiente como aquele e como ela não queria ver como é que a filha morava. Então eu levei minha mãe lá e eu fiz uma grande amizade na Rocinha com a Ariete que foi minha vizinha da Rocinha e com quem eu almoçava e jantava todas as noites. Ela me via levar uma cumbuca de casa e ela dizia assim: “você não vai comer isso!” Aí ela fazia comida pra mim. E eu almoçava e jantava na casa dela.

G- Então a senhora tinha essa convivência de almoçar e jantar na casa dela. E como era a sua rotina de moradia e pesquisa lá? A Sr.^a. percorria a favela e depois fazia relatórios?

L- Eu ia na casa das pessoas que me convidavam e eu ia visitar as instituições e nas instituições eu conheci pessoas, nas principais instituições da Rocinha. Tinha a Soreg que não existe mais que era a Sociedade Educativa e de Recreação da Gávea que não existe mais; a dona Miquelina que não existe mais; a dona Maria Aparecida, o seu Zé da Joia; o presidente da associação de moradores que não existe mais. Então eu ia nas instituições. Eu ia na Igreja Católica e nas igrejas protestantes. Eu ia de dia lá. Eu almoçava em casa e ia pra lá e visitava as pessoas. Eu visitava as pessoas a partir dessas conversas que eu tinha com elas e por conhecer antes as instituições.

GS – Então como que numa bola de neve onde uma instituição levava a outra instituição e uma pessoa levava à outra que a Sr.^a. foi construindo o grupo de pessoas que estavam lhe davam as informações. Já com alguma influência das metodologias da Escola de Chicago?

LV – Já com alguma influência da metodologia da Escola de Chicago que me dava o Medina, o Medina me fez ler muitas coisas da Escola de Chicago. O Medina me fez ler esses textos, ele era uma pessoa muito culta, muito culta mesmo e ele

conhecia a literatura e então ele me emprestava os livros. E eu tenho que dizer uma coisa: eu saía da Rocinha, batia a máquina um relatório e entregava uma cópia ao Medina e a gente discutia os relatórios cada um que eu fazia e ele dizia: “você vai lá de novo” e me dava as instruções do que eu devia fazer.

GS – Sempre a cada período?

LV – Sempre a cada período.

GS – E durante quanto tempo a Sr.^a. trabalhou com o Carlos Alberto de Medina?

LV – Trabalhei com ele 9 meses, foi quando eu fui morar na Rocinha. Após os primeiros 4 ou 5 meses eu fui morar na Rocinha e morei na Rocinha 9 meses.

GS – Pensando nisso hoje qual a Sr.^a. acha que foi a influência dele no início da sua carreira, na formulação da sua carreira como pesquisadora?

LV - Foi muito marcante a influência dele... A influência dele foi muito marcante! Eu me lembro das gargalhadas dele, ele ria as gargalhadas, ele ria muito com o que eu contava para ele. Ele ria muito...

GS – No texto que Sr.^a. publicou no livro “Favelas cariocas ontem e hoje” que é um texto sobre o relatório da SAGMACS a Sr.^a. coloca o relatório como marco inicial dos estudos de sociologia da favela do Rio de Janeiro e o Medina participou desse estudo...

LV – E o Medina já tinha morrido quando foi organizado esse colóquio pelo Marcos Melo...

GS – Sim. E nessa época que a Sr.^a. estava iniciando as suas pesquisas sobre favela no Rio de Janeiro havia acabado de ser publicado o relatório da SAGMACS, o Medina já era um pesquisador experiente, também estava aqui no Rio de Janeiro um pesquisador muito importante...

LV – O Leeds. O Anthony Leeds

GS – Sim. Nesse momento a Sr.^a teve algum contato com ele?

L- Tive. O Anthony Leeds foi um grande pesquisador. Eu tive contato com ele no Centro Latino Americano de Pesquisas Sociais que era dirigido pelo Manoel Diegues Junior e onde eu conheci o Machado. Eu conheci o Leeds e o Machado no Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais, eu conheci também o Lucien Parise que foi importante na época.

GS – A Sr.^a chegou a participar dos seminários que o Anthony Leeds fazia no apartamento dele?

LV – Participei dos seminários que ele fazia no apartamento dele. Eu vou publicar um artigo sobre o Leeds agora.

GS – Além do centro Latino Americano e desses encontros no apartamento do Leeds exista algum outro lugar onde vocês que estavam começando os estudos sobre favela se reuniam? Vocês tinham hábito de debater as questões que estavam encontrando em algum lugar?

LV – Tinha o Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais que era o centro onde o Mestrado de Antropologia Social do Museu Nacional foi criado. Foi ali que funcionou o mestrado de Antropologia do Museu, foi ali que começou.

G- E lá já estavam a Sr.^a, o Machado, o Carlos Nelson também?

L- Não, não estava o Carlos Nelson. O Carlos Nelson eu conheci com o Machado que me levou lá no Carlos Nelson na QUADRA que Carlos Nelson dirigia. A QUADRA era o Carlos Nelson, Aroeira... E Carlos Nelson foi uma pessoa marcante que tinha publicado muita coisa sobre favela.

G- Mas o que era a QUADRA?

L- QUADRA era escritório do Carlos Nelson que a CODESCO encampou. A CODESCO fez um acordo com a QUADRA e o Carlos Nelson foi responsável por Brás de Pina.

GS – E nesse momento é o momento que a Sr.^a está terminando a graduação na PUC, né?

LV – Eu fui pra França. Eu fui pra Venezuela primeiro e fui pra França depois e na Venezuela eu conheci o Hugo Chávez que colocou a Venezuela nesse estado atual que você conhece... O Chávez é um francês que eu conheci na Venezuela que trabalhava com os lanomâmis. E eu tive uma experiência com os lanomâmis. Ele me levou para um agrupamento lanomâmi.

GS – E isso tudo graças a sua relação com o Milton Santos, né? A Sr.^a foi trabalhar com o Milton Santos lá.

Nesse momento na Venezuela a Sr.^a conversava com o Milton Santos sobre seus interesses de pesquisa, sobre o que queria fazer

LV – Eu conversava com ele e ele me recomendou ao Raymond Ledrut com quem eu fiz a pesquisa. O Raymond Ledrut estando na França me dirigia no Brasil.

GS – E foi assim que surgiu então “Passa-se uma casa”?

LV – É. Foi fruto do resultado do meu doutorado na França com o Raymond Ledrut.

GS – Após o doutorado Sr.^a volta...

LV – Eu trabalho no BNH por nove meses e eu não aguento o BNH e eu deixo o BNH e vou para o lesai na Fundação Getúlio Vargas aonde eu ensino e eu conheço pessoas que me levaram ao Iuperj.

GS – E quem lhe levou ao Iuperj?

LV – Foi o Machado da Silva. O Luiz Antonio achado que estava na época defendendo a tese nos Estados Unidos e que me convidou para dar o curso dele no IUPERJ.

GS – E vocês já se conheciam de antes...

LV – Do Carlos Nelson.

GS – Do escritório do Carlos, dos encontros no apartamento do Leeds... Nos agradecimentos do livro recente que publicou o prof. Machado diz o seguinte sobre a senhora: “A Licia Valladares... talvez a pesquisadora com o mais completo conhecimento sociológico das favelas colega de uma permanente interlocução que já dura várias décadas.

LV – Eu não conheço isso...

GS – Está nos agradecimentos de “Fazendo a Cidade”, o livro mais recente dele. Ele diz que a Sr.^a é “uma colega de permanente interlocução que já dura há várias décadas”. Ao longo desses anos com tem sido como essa interlocução entre vocês a respeito do tema das favelas?

LV – A gente participou muito dos encontros com o Carlos Nelson e com o Leeds.

GS – Quando a Sr.^a chega no Iuperj para dar aula, quais as questões de pesquisa que foram se formulando para a Sr.^a?

LV – Habitação no Brasil e favelas depois, eu retornei à favela quando eu vi que a favela se transformar num estudo moda, num modismo de favela e só favela, favela, favela... e não se estudava os pobres. Porque uma das coisas que aprendi com o Leeds foi que havia casas de cômodo não estudadas e o pobre das periferias urbanas não eram estudados e o morador de rua não estudados e então eu fui estudar.

GS – E nesse período começa a surgir também o seu interesse sobre a recepção da escola de Chicago no Brasil?

LV – Começa. Eu dei vários cursos sobre a Escola de Chicago no Iuperj.

GS – Ao longo desses anos quando a sra...

LV – Eu trabalhei no Urbandata também, fui fundadora do Urbandata e o Urbandata não está aí entre as suas preocupações.

GS – Eu ia perguntar sobre ele exatamente agora porque me parece que...

LV – O Urbandata é pesquisa urbana no Brasil. Era um estudo sobre a pesquisa urbana no Brasil e na América Latina e esses livros que eu lhe dei aí são frutos desse meu interesse. Eu ampliei os meus estudos de favela para pesquisa urbana no Brasil e na América Latina.

GS – Então o Urbandata surge dessa necessidade de se conhecer a biografia do campo?

LV – É... Da necessidade de se conhecer a biografia do campo.

GS – Outra característica da sua agenda de pesquisa também é o estudo sobre aqueles que, como a senhora, estudam as favelas. Por que é importante estudar os pesquisadores?

LV – Porque os pesquisadores dizem muito sobre a favela. Os pesquisadores dizem muito sobre a favela...

GS – Outro tema que a senhora vem explorando também a mobilidade social via educação, mais especificamente em relação aos jovens universitários de favela. A Sr.^a. pode falar um pouco sobre as ideias que vem construídos sobre esse tema sobre tema?

LV – Posso. Os jovens pesquisadores de favela são os jovens que querem pesquisar a favela. São os jovens que querem pesquisa a favela porque a favela é uma questão que lhes interessa de fundo e então eu estou pesquisando os universitários da favela porque eles são uma alternativa à violência, eles são uma alternativa aos jovens que são contrários a violência

GS – Em 2003 quando a Sr.^a publicou a bibliografia dos estudos sobre a favela a senhora chegou a falar numa entrevista à Folha de São Paulo, em de maio de 2003 a senhora disse “As pessoas estão um pouco saturadas com os pesquisadores. E acho que tem muita gente que vai para a favela porque acha a favela interessante, porque acha exótica. A minha conclusão é: deixem as favelas um pouco em paz. A quantidade de trabalho [naquela época 668 estudos] mostra que há muito material sobre o qual se pode trabalhar”.

Considerando esses quinze anos passados da publicação da bibliografia sobre favelas e dessa sua declaração, a Sr.^a acha ainda que devemos deixar as favelas um pouco em paz?

LV – Acho. Deixem as favelas um pouco em paz porque o interesse é só nelas favelas e eu acho que os pobres não estão mais morando nas favelas. As favelas são assunto de mobilidade social.

GS – Nessa conjuntura: poder público, elites políticas, econômicas, religiosas da cidade, movimentos sociais, moradores...

[Me interrompe]

LV – Moradores é falso. Porque é uma generalização. Não se pode generalizar pra todos os moradores de favela. Não se pode generalizar. Associação de moradores é uma realidade falsa porque não são os moradores, são alguns moradores que pertencem a essas associações. Isso eu vi na Rocinha.

GS – Sim.

LV – Eu acho que a Rocinha me marcou porque me ensinou algumas coisas básicas. Uma das coisas básicas que ela me ensinou é que as associações não são de moradores, são de pessoas que têm interesses e interesses distintos e que podem ter interesses políticos distintos.

GS – Hoje os estudos sobre favelas já ultrapassaram esses 668 que a Sr.^a catalogou. Depois desses inúmeros textos, disciplinas, seminários será que é possível dizer para quem e para que servem as pesquisas sobre as favelas no Rio de Janeiro?

LV – Não serve pra nada. Não serve pra nada porque os políticos não consideram os pesquisadores como pessoas legais. Não consideram.

GS – Mas durante muito tempo eles também vêm se apropriando do que os pesquisadores produzem. Talvez estejam aplicando de maneira equivocada?

LV – Os políticos fazem o que querem e não dão relevância aos pesquisares. Veja-se o exemplo do IPLANRIO⁷¹. O IPLANRIO fez a UPP Social e a UPP Social não deu certo. Não deu certo porque? Os políticos não acreditavam no que os pesquisadores diziam. Não absorviam as informações.

GS – Se as pesquisas não servem para nada, se não recebem tanta relevância dos políticos. Qual seria então a relevância da favela hoje?

LV – A relevância da favela?

GS – Enquanto local de moradia dos pobres urbanos?

LV – A favela não é o local de moradia dos pobres urbanos porque os pobres urbanos também moram na rua, na periferia e em conjuntos habitacionais. Eu fiz uma viagem pela periferia urbana do Rio de Janeiro e me surpreendi porque eu estava com

⁷¹ Na verdade, está se referindo ao Instituto Pereira Passos.

uma pessoa que estuda favela e não tinha estudos sobre os conjuntos, não tinha estudos sobre os moradores de rua, não tinha estudo sobre nada e só se estuda favela, favela, favela. Então há que se colocar um basta nisso.

GS – Só tenho mais duas perguntas... A Sr.^a citou os dez mandamentos do estudo participante que a Sr.^a cita na resenha do livro Sociedade de Esquina. Depois dessa longa trajetória de trabalho, de pesquisa e de docência quais seriam, além desses dez mandamentos da observação participante, as recomendações de Licia Valladares para nós novos pesquisadores das ciências sociais?

LV – Isso é uma coisa que nunca se sabe qual é a imagem do pesquisador, ele é um delator ou não? Ele está sendo sincero ou não? Eu li um texto da Auri para vocês no seminário em Campos e ela me disse vinte anos depois o que ela tinha pensado de mim na primeira vez que eu fui na casa dela. Ela disse: “ela era uma intrusa”, então a gente nunca sabe o que pesquisado pensa. Nunca se sabe e eu acho isso muito importante porque os antropólogos não levam isso em conta porque estão cientes de que o papel deles está claro e nunca está claro, o papel deles não é muito claro numa pesquisa e eu aprendi isso na Rocinha. Eu aprendi isso vinte anos depois quando ela me deu aquela carta que eu li para vocês.

GS – Tem mais alguma memória da sua que a Sr.^a gostaria de deixar registrada nessa conversa?

LV – Ah! Minha experiência internacional. Porque a minha experiência internacional contou muito, contou com Edmund Preteceli, meu marido atual. E tem os acordos que eu trouxe, os acordos da CAPES e CNRS⁷² pro Brasil. Eu trouxe o Alain Bourdin, eu trouxe o Raymond Ledrut, o Edmond, o Topalov que agora é professor na École des Hautes Études, em Paris. Trouxe a Michele Ferran também, eu trouxe o Alain Bourdin um dos diretores da escola de urbanismo de Paris, se não o diretor.

Eu trouxe eles e aprendi muito com eles. Eu aprendi muito com o Ledrut, eu aprendi muito da minha história na França, eu li os franceses, o Bourdieu, eu li o marxismo francês, eu li os não marxistas franceses também como Derrida, como os mais novos que eu tenho os livros aqui...

Neste momento Licia me estende o braço para que levantemos e caminhemos em direção as estantes, acabei esquecendo o gravador no sofá e não foi possível

⁷²Centre National de la Recherche Scientifique, maior órgão público de pesquisa científica francês.

gravar o momento que ela ao caminhar em frente aos livros continuou a falar das interlocuções que teve e se referiu à contribuição de Ruth Glass em seus estudos iniciais sobre a Escola de Chicago. Durante esta conversa a gravação foi interrompida.

APÊNDICE B – Publicações de Licia do Prado Valladares⁷³

Tese de doutorado

Opération de Relogement et Réponse Sociale: le cas des Favelados do Rio de Janeiro. 1974. Tese (Doutorado em Sciences Sociales)- Université Toulouse 1 Capitole, Toulouse, 1974.

Tese de Livre Docência

L' Invention de la favela. 2001. Tese (Livre-docência) -Université Lumiere Lyon 2, Lyon, 2001.

Livros publicados/organizados ou edições

Passa-se uma casa. Análise do programa de remoção de favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. v. 1. 142p.

Habitação em Questão. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 196p.

Repensando a Habitação no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 199p.

La Recherche Urbaine au Brésil: un état de la question.. Bordeaux: CEGET/CNRS/ORSTOM, 1988. 112p.

Reestruturação Urbana: tendências e desafios. São Paulo: Nobel, 1990. 227p.

Ação Invisível - o atendimento a crianças carentes e a meninos de rua no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991. 224p .

Invisible Action. A guide to non-governmental assistance for underprivileged and street children of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1992. v. 1. 224p.

A sociologia urbana de Robert E. Park. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. (Organização e Introdução).

Urban Restructuring and Social Change in Brasil. Oxford: Basil Blackwell Publishers, 1995.

⁷³ Informações extraídas do currículo lattes da pesquisadora, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4311938082985278>. Acessado em 17 de julho de 2019, às 18h e 12min. A última atualização no currículo feita pela pesquisadora foi em 28/02/2015, diante disto foram inseridas informações de publicações mais recentes.

Governabilidade e Pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 348p.

Pensando as Favelas do Rio de Janeiro (com Lídia Medeiros e Filipina Chinelli.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 479p .

A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França. 1. ed. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da UFMG / IUPERJ, 2005. v. 1. 133p.

A Invenção da Favela. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005. v. 1. 204p .

La favela d'un siècle à l'autre: mythes d'origine, discours scientifiques et représentations virtuelles. 1. ed. Paris: Editions de la Maision des Sciences de l'Homme, 2006. v. 1. 229p.

Artigos completos publicados em periódicos

Una favela por dentro. Mundo Nuevo, Buenos Aires, n.29, p. 19-27, 1968.

Au Venezuela: les villes du diamant. Cahiers de Géographie de Québec, Canadá, n.35, p. 396-402, 1971.

Associações Voluntárias na Favela. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 29, n.12, p. 1390-1403, 1977.

Favela, Política e Conjunto Residencial. Dados (Rio de Janeiro) JCR, Rio de Janeiro, n.12, p. 74-85, 1978.

Working The System: squatter response to resettlement in Rio de Janeiro. International Journal of Urban and Regional Research, London, v. 2, n.1, p. 12-25, 1978.

Quebra-Quebras na Construção Civil: o caso dos operários do metrô do Rio de Janeiro. Dados (Rio de Janeiro) JCR, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p. 61-74, 1981.

A Propósito da Urbanização de Favelas. Espaço & Debates, São Paulo, v. 1, n.2, p. 5-18, 1981.

Housing in Brazil: an introduction to recent literature. Bulletin of Latin American Research, Oxford, v. 2, n.2, p. 69-91, 1983.

Problemas Teóricos na Análise de Movimentos Sociais: comunidade, ação coletiva e o papel do Estado. *Espaço & Debates*, São Paulo, n.8, p. 64-77, 1983.

Les Couches Moyennes, Le Pouvoir Local Et La Ville - le cas de Rio de Janeiro. *Revue Tiers Monde*, Paris, v. XXVI, n.101, p. 143-153, 1985.

Políticas Alternativas de Habitação Popular. *Espaço & Debates*, São Paulo, v. Ano 5, n.16, p. 33-51, 1985.

La Recherche Urbaine Au Bresil: Bref Apercu de Son Evolution. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, n.1, p. 1-51, 1987.

Urban Sociology in Brazil: a research report. *International Journal of Urban and Regional Research*, London, v. 12, n.2, p. 285-302, 1988.

Infância e Sociedade no Brasil: uma análise da literatura. *Boletim Bibliográfico (ANPOCS)*, Rio de Janeiro, v. n. 26, n.2º semestre, p. 3-37, 1988.

Familj och barnarbete i en favela. *Haften for Kristiska Studier*, Stockholm, v. 1, p. 58-72, 1990.

The Return Of The Favela: recent changes in intrametropolitan Rio. *URBANA*, v. 14-15, p. 59-73, 1994.

Urban Research In Latin America. *MOST - Discussion Paper Series*, n.4, p. 2-39, 1995.

La Investigación Urbana en América Latina: tendencias actuales y recomendaciones. *Cadernos IPPUR/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. Ano X, n.1, p. 103-141, 1996.

Representações da Pobreza no Brasil Urbano: da vadiagem à exclusão social. *Revista Vivência*, v. 10, n.1/2, p. 129-141, 1996.

Uma Outra Brasília. *Cadernos do CRH (UFBA)*, Salvador, n.30/31, p. 369-381, 1999.

Que favelas são essas? *Insight*, Rio de Janeiro, v. 8, Ano 2, p. 62-68, 1999.

Qu' est-ce qu'une favela? *Cahiers des Amériques Latines*, Paris - IHEAL, n.34, p. 61-72, 2000.

A Escola de Chicago: entrevista com Isaac Joseph. *Boletim Bibliográfico (ANPOCS)*, Rio de Janeiro, v. 1º sem, n.49, p. 3-13, 2000.

A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às Ciências Sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n.44, p. 5-34, 2000.

Louis-Joseph Lebret et les favelas de Rio de Janeiro (1957-1959): enquêter pour l'action. *Genèses* (Paris), v. 60, p. 31-56, 2005.

Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (Impresso), v. 22, p. 153-155, 2007.

Le développement urbain durable: best practice ou leurre méthodologique? (com Navez-Bouchanine, F.). *Espaces et Sociétés*, v. 4, p. 4-9, 2007.

Educação e Mobilidade Social nas favelas do Rio de Janeiro: o caso dos universitários (graduandos e graduados) das favelas. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 2, p. 153-172, 2010.

A Visita do Robert Park ao Brasil, o homem marginal e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH* (UFBA. Impresso), v. 23, p. 35-49, 2010.

Anthony Leeds: o esquecimento e a memória. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n.3, p.1027-1058, set/dez de 2018.

Encontros com Licia do Prado Valladares: biografia, trajetória acadêmica e reflexões metodológicas sobre o seu trabalho de campo na Rocinha em 1967-1968, 2018. *Antropolítica*, n. 44, 1 sem. 2018. (com Juliana Blasi Cunha, Wania Amélia Belchior Mesquita e Luciane Soares da Silva).

Capítulos de livros

Movimentos Associativos de Camadas Populares: análise comparativa de seis casos. In: BOSCHI, Renato. (Org.). *Movimentos Coletivos no Brasil Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p. 103-143.

Popular housing in Brazil: a review. In: Van Vliet, William; Huttman, Elizabeth; Fava, Sylvia. (Org.). *Housing Needs and Policy Approachs: trends in thirteen countries*: Durham, Duke University Press, 1985, p. 222-235.

Nouvelles Formes d'Intervention das les Favelas: le cas de Rio de Janeiro. In: Haumont, Nicole; Marie, A. (Org.). *Politiques et Pratiques Urbaines dans les Pays en Voie de Développement*. Paris: L'Harmattan, 1987.

Pobreza Urbana e Mercado de Trabalho: uma análise bibliográfica. O Que se Deve Ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1987, p. 206-242.

Habitação no Brasil: uma introdução à literatura recente. O Que se Deve ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1987, p. 38-78.

Rio de Janeiro: la vision de los estudiosos de lo urbano. In: LOMBARDI, Mario; VEIGA, Danilo. (Org.). Las Ciudades en Conflicto: una perspectiva latinoamericana. Montevideo: CIESU, Ediciones de la Banda Oriental, 1989, p. 195-222.

Family and Child Work in the Favela. In: Datta, Satia. (Org.). Third world urbanization; reappraisals and new perspectives. Stockholm: HSFR (Swedish Council for Research in the Humanities and Social Sciences, 1990, p. 149-167.

"La investigación urbana en Brasil, una breve revision.". In: Carrion, Fernando. (Org.). La investigación urbana en América Latina: caminos recorridos y por recorrer, una aproximación desde los países. Quito: 1990, p. 237-260.

Cem anos pensando a pobreza urbano no Brasil. In: Boschi, Renato. (Org.). Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991, v. 1, p. 81-112.

Urban Research in Brazil and Venezuela: towards an agenda for the 1990' s. In: STREN, Richard. (Org.). Urban Research in the Developing World. Toronto: University of Toronto Press, 1995, v. 3, p. 45-142.

"Habitação". IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Brasil em Números. Rio de Janeiro: IBGE, 1997, v. 3, p. 75-83.

La Recherche Urbaine au Brésil: parcours, tendances et défis. La recherche sur la ville au Brésil. Actes des Journées Franco-Brasiliennes du PIR-VILLES. Paris: CNRS Editions, 1997.

A Desigualdade entre os Pobres - favela, favelas. In: HENRIQUES, Ricardo. (Org.). Desigualdade e Pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 2000, p. 459-485.

Favela, Favelas: unidade ou diversidade da favela carioca. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (Org.). O Futuro das Metrôpoles: desigualdades e governabilidade. Rio de Janeiro: REVAN/FASE, 2000, p. 375-403.

Olhares Sociológicos sobre o Brasil Urbano; uma visão a partir do Urbandata-Brasil (com FREIRE-MEDEIROS, B.). In: Lucia Lippi Oliveira. (Org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 60-83.

Le langage de la coopération internationale. Peace Corps et ONGs dans les favelas à Rio de Janeiro. In: Daniel Cefai; Isaac Joseph. (Org.). L' Heritage du Pragmatisme; conflits d'urbanité et épreuves de civisme. Paris: Le Moulin du Château, Editions de l' Aube, 2002, p. 175-191.

Favelas, mondialisation et fragmentation. In: Françoise Navez-Bouchanine. (Org.). La Fragmentation en Question: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale? Paris: L' Harmattan, 2002, p. 209-221.

Favela.com. In: Fernandes, Ana; Gordilho, Angela. (Org.). Habitação no Brasil: reflexões, avaliações e propostas. 1ed.Salvdor: FAUFBA/PPGAU, 2004, v. 1, p. 121-136.

Rio de Janeiro en el viraje hacia l nuevo siglo : mercado de trabajo, violencia y formas de movilizacion y accion colectivas (com Edmond Preteceille ; FREIRE-MEDEIROS, B. ; CHINELLI, F.). In: Portes, A.; Roberts, B.; Grimson, A. (Org.). Ciudades latinoamericanas: un análisis comparativo el el umbral del nuevo siglo. 1ed.Buenos Aires: Prometeo, 2005, v. 1, p. 149-216.

Si tu vas à Rio! L expérience brésilienne d Isaac Joseph (com MELLO, M. A.; LIMA, Roberto Kant de; VEIGA, Felipe Berocan). In: Cefai, Daniel; Saturno, Carole (eds.). (Org.). Itinéraires d un pragmatiste; autour d Isaac Joseph. Paris: Economica, 2007, p. 235-259.

Les trois dogmes de la pensée savante sur la favela. In: Jean-Yves Authier; Marie-Helene Bacque; France Guerin-Pace. (Org.). Le quartier : enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. 1ed.Paris: La Decouverte, 2007, v. 1, p. 52-64.

Favelas e a crise do urbanismo modernista depoimento. In: Freire, Américo; Oliveira, Lucia Lippi. (Org.). Novas Memorias do Urbanismo Carioca. 1ed.Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 155-187.

Favela. In: Topalov, Christian; Coudroy de Lille, Laurent; Depaule, Jean Charles; Marin, Brigitte. (Org.). L aventure des mots de la ville à travers le temps, les langues, les sociétés. Paris: Robert Laffont, 2010, p. 469-475.

A descoberta do trabalho de campo em "Aspectos Humanos da Favela Carioca". In: Mello M. A. S., Silva L. A. M., Freire L. L., Simões S. S. (Org.). Favelas cariocas ontem e hoje. 1ed.Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 65-99.

Verbetes Favela. In: Ivo, Anete B. L. (Org.). Dicionário Temático Desenvolvimento e Questão Social, 81 problemáticas contemporâneas. 1ed.Sao Paulo: ANNABLUME, 2013, v. 1, p. 11-559.

Favela. In: TOPALOV, C; BRESCIANI, S; et ali. (Org.). A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades. 1ª. Ed. São Paulo: Romano Guerra, 2014, p. 327-339.

ANEXO A – Documento em defesa dos Direitos Humanos no Brasil
elaborado por Licia Valladares e Pietro Ferrua

Documento: Violação dos direitos humanos no Brasil

Depois da queda do presidente Goulart assistimos a uma terrível reação no país no desprezo da Declaração dos Direitos Humanos e da mesma Constituição dos Estados Unidos do Brasil, que entrou em vigor em 1946. Além dos direitos fundamentais que a lei garante a seus cidadãos: livre expressão do pensamento, liberdade de consciência e de reunião, inviolabilidade da residência, habeas corpus (art. 141), livre saída do país (art. 142) etc., que são diariamente e ignobilmente desrespeitados sem que o estado de sítio, que poderia legalmente suprimi-los, tenha sido declarado, verificam-se ainda as violações seguintes:

- eleição antecipada do novo Presidente da República (com um único candidato militar), enquanto o art. 79, parágrafo 2 estipula um prazo de 30 dias após a disponibilidade do cargo;

- escolha de um candidato legalmente inelegível por incompatibilidade (art. 139) na pessoa do general Castelo Branco, atualmente Chefe de Estado-Maior.

Esta é a curiosa "democracia" que querem nos impor os golpistas.

As pessoas presas se contam por dezena de milhares sem que se saiba onde se encontram: não foram respeitados nem deputados, nem senadores, nem governadores, nem ministros; foram devastadas sedes de agências de imprensa estrangeiras (France-Press e Unipress), nem foi respeitada a imunidade diplomática (irrupção policial na Embaixada da Hungria).

É necessário que os organismos que lidam com os direitos humanos: Ligue des Droits de l'Homme, O.I.T., O.N.U., Commission Internationale des Juristes sejam informados e tomem as medidas que julgarem oportunas.

Um representante da Liga Internacional dos Direitos Humanos

[Redigido em francês por Pietro Ferrua e Licia do Prado Valladares e despachado anonimamente para Claudio Cantini, cujo endereço atual é LA CHERCOTTAZ 1606 FOREL/LA VAUX SUÍÇA].

ANEXO B – Fragmento da carta entregue a Licia Valladares por Auriete, uma de suas principais interlocutoras na Rocinha e amiga por mais de vinte anos. Lida por Licia em abril de 2016, durante o seminário no PPGSP/UENF.

Uma agente que era um drops

Aconteceu na Rocinha, faz uns 20 anos. O presidente da associação de moradores me avisou que uma moça me procuraria, eu era uma espécie de quase secretária da associação de moradores. Disse-me que tivesse cuidado com a moça, talvez ela quisesse informações sobre o movimento de trabalhadores da favela.

Era pra ter cuidado, era pra dar um jeito de manda-la para fora dali o mais rápido possível.

Não sei porque que ele achou que eu era a indicada para tal serviço. Na verdade, era um tempo de medo, uma época de muita insegurança e as pessoas viam sombras da ditadura por toda parte.

Passou-se um tempo e eu até já ia me esquecendo da moça, mas um dia a tarde enquanto eu me arrumava para ir a escola o mano veio me dizer que havia uma moça na varandinha da nossa casa que queria falar comigo, sai um pouco desconfiada. Falar comigo?

Toda a história do professor Silva me dissera veio a tona, era a intrusa. Todo cuidado seria pouco. Cheguei a sala e lá ao pé da porta estava aquela moça, alta magra e de cabelos longos escuros. Ela me olhou e sorriu: “Auri? Eu sou a Licia. O professor Antonio Silva disse para eu te procurar”. Acho que não deixei que ela falasse mais nada, meu rosto transfigurou-se, eu não podia tratá-la bem, era uma intrusa, uma agente da CIA, uma ameaça qualquer, ela me assustava mesmo com aquele sorriso de dentinhos curtos.

Licia entrou e não me lembro bem. Ficamos sentadas no sofá da nossa sala, ela falava. Era aluna da PUC, fazia um curso que a primeira vista pensei ser Serviço Social, mas logo percebi que não era. Eu não entendi bem o que ela dizia, eu estava muito assustada com aquela moça, com as histórias do professor Silva. Ela continuou a falar sobre uma pesquisa, um trabalho que tinha para fazer para a universidade e eu não dizia nada. Eu não podia entender como alguém se interessar por pesquisar na favela. Ela queria conversa com as pessoas, queria saber como vivíamos, o que fazíamos, como tínhamos ido parar ali. O que queria realmente aquela moça? Parecia uma história mal contada e o professor Silva tinha razão.

Sei que fui muito agressiva com Licia. Fiz o possível para que ela fosse embora, mas ela estava firme, sabia o que queria e continuou a procurar, não só a mim, mas a outras pessoas na favela. Assim foi entrando em nossas vidas, passando a viver entre nós com aquele sorriso de dentes curtos, sotaque de baiana e muita seriedade, muita disposição para trabalhar.

Fui conhecendo e aceitando a intrusa, acabei gostando muito dela. Hoje quando falamos dessas coisas de agente da CIA, do DOPS damos as maiores gargalhadas. Licia ainda é uma estudiosa da Rocinha, muitos outros estiveram por lá depois dela. A favela mudou muito, todos sabem. Nós, eu e Licia e todo pessoal de vinte anos atrás lamentamos, é muito grande a mudança.

Gosto de falar de Licia. Licia é hoje para mim a pessoa que vê e mostra que há flores e que tímidas ainda apontam em meio a sujeira do grande valão é também uma grade amiga.

Auri, 21/05/1988.